

MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS CARNAVALESCAS. O ENTRUDO EM TIBALDINHO

Lídia Marisa Arrais Morais Rodrigues

Trabalho de Projeto apresentado ao Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Animação Artística, realizado sob a orientação científica e metodológica do Prof. Doutor José Manuel Azevedo e Silva, Professor Jubilado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e com a co-orientação da Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão, Professora coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Dedicatória

À memória de minha mãe que não chegou a ver este trabalho terminado.

À minha família que tem orgulho em que tenha feito este trabalho.

O júri

Presidente

Professor Doutor Domingos Fernando da Cunha Santos

Professor adjunto da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Instituto Politécnico de Castelo Branco

Arguente

Professor Doutor Ernesto Candeias Martins

Professor adjunto da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Instituto Politécnico de Castelo Branco

Orientador

Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva

Professor Jubilado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Co-orientadora

Professora Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão

Professora coordenadora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Instituto Politécnico de Castelo Branco

Agradecimentos

Agradeço a todos os que colaboraram para que este trabalho se tornasse possível.

Agradeço ao Presidente da Junta de Freguesia de Alcaface pelas sugestões que me deu relativamente às pessoas a inquirir na freguesia e por me ter posto em contato com os outros presidentes de junta que conhecia.

Agradeço também ao Presidente da Junta de Lobelhe do Mato, por ter ajudado também a fazer os inquéritos.

Agradeço ao Presidente da Junta de Fragosela e ao Sr. Diogo por terem colaborado na aplicação dos inquéritos com o grupo de idosos com quem trabalham.

Retribuo a compreensão do Presidente da Junta de S. João de Lourosa que, apesar de lhe ter pedido ajuda para a realização dos inquéritos na sua freguesia, tal não foi possível por ser uma das freguesias maiores e com povoações dispersas e distantes. Agradeço a amabilidade que teve em me oferecer um livro sobre a sua freguesia que permitiu, de certo modo, colmatar a referida dificuldade na realização dos inquéritos naquela freguesia.

Gratifico o trabalho dos meus amigos Aurélio Sampaio de Santar, pela ajuda que me deu na elaboração dos inquéritos em Santar e em Vilar Seco e da minha amiga Ana Cristina Monteiro, pela colaboração que me deu na freguesia de Fornos de Maceira Dão, também uma das freguesias de maior dimensão. Estes dois amigos estiveram comigo presentes no trabalho de campo nestas freguesias. Muito obrigada aos dois.

Agradeço aos que, na minha freguesia, se mostraram disponíveis para preencher os inquéritos.

Agradeço também ao povo de Tibaldinho, minha terra natal e a todas as pessoas que tornaram possível este trabalho.

Claro que não posso deixar de agradecer à minha família depois dos momentos menos bons passados e que sempre me apoiaram para chegar com esta investigação ao fim.

Ao meu orientador, agradeço a orientação científica e metodológica, bem como por todo o apoio e incentivo dado durante esta orientação, nos bons e nos maus momentos da minha vida mais recente.

Agradeço ainda à minha co-orientadora e a todos os professores que me acompanharam neste mestrado.

Por fim, não posso deixar de agradecer aos amigos e colegas de mestrado que também me acompanharam em todo o processo de formação e nos momentos mais difíceis desta etapa: Juliana Silves, Bruno Trindade e Abel Luís.

A todos, a minha gratidão.

Palavras-chave

Tradições, cultura, arte, Carnaval, histórias, jogos tradicionais, animação artística, animação comunitária.

Resumo

Como o desconhecimento é o primeiro passo para a desvalorização, e porque é importante preservar a nossa história e a nossa identidade, decidiu-se recuperar o que de melhor havia em todas as tradições de Carnaval na aldeia de Tibaldinho, nos anos 50/60, fazendo a comparação com as freguesias limítrofes de Fornos de Maceira Dão, Lobelhe do Mato, Vilar Seco, Santar, S. João de Lourosa, Fragosela, assim como com localidades do distrito de Viseu e do resto do país.

No âmbito do Mestrado em Animação Artística, este trabalho apoiou-se na comparação de inquéritos com nove pontos em que nos baseámos e no que, no decurso do tempo, se passou na aldeia em estudo - Tibaldinho, freguesia de Alcafache e freguesias limítrofes, abordando ainda algumas localidades do distrito de Viseu e do País. Pretendeu-se saber os usos e costumes sobre a matança do porco, o jogo da bexiga, o jogo do cântaro ou púcaro, as cegadas, as danças e cantares, o borralheiro, os mascarados e “travestidos”, os casamentos, o “enterro do entrudo” e ainda outros aspectos (ponto aberto) que não se incluísem nos pontos precedentes e onde os inquiridos tivessem a oportunidade de expressar o seu pensamento e relembrar outras tradições que não fossem usuais em Tibaldinho, mas que existiam em cada uma dessas freguesias.

Abstract

Keywords

Traditions, culture, Carnival, storytelling, traditional games, artistic animation, community animation

Summary

As ignorance is the first step for devaluation, and because it is important to preserve our history and our identity, we've decided to recover what was the best in all Carnival traditions in the *Tibaldinho* village, during the 50s and 60s, comparing them with the neighbouring parishes of *Fornos de Maceira Dão*, *Lobelhe do Mato*, *Vilar Seco*, *Santar*, *S. João de Lourosa*, *Fragosela*, as well as localities belonging to the district of *Viseu* and to the rest of the country.

On what the Master in Animation Arts is concerned, this study relied on the comparison of inquiries that contained nine points. We were based on these aspects to study what happened in the *Tibaldinho* village, parish of *Alcafache* and the neighbouring parishes, as well as some localities in the district of *Viseu* and of the country. We intended to learn the customs and traditions related to the pig slaughter, the bladder game, the pitcher game, the *cegadas* (blinded), the dances and the songs, the *borralheiro*, the masked and “*travestidos*”, the weddings, the Shrovetide's burial and other aspects (open point) that weren't included in the preceding points and where the respondents had the opportunity to express their thoughts and recall other traditions that weren't usual in *Tibaldinho*, but that existed in each one of those parishes.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória.....	i
Agradecimentos	iii
Palavras-chave	iv
Resumo	iv
Abstract	v
Keywords	v
Summary.....	v
ÍNDICE GERAL.....	vi
Índice de figuras	ix
Figura nº 1- Métodos de pesquisa etnográfica	ix
Figura nº 3 - Canção de Carnaval “ó entrudo, ó entrudo”	x
Figura nº 4 - Canção de Carnaval “anda o sol atrás da lua”	x
Figura nº 5 - O borralheiro e uma das suas vítimas	x
Figura nº 6 - Grupo de travestidos.....	x
Figura nº 7 - Par de matrafonas, mascaradas (os) com uma meia enfiada na cabeça	x
Figura nº 8 - Dança dos cúis - Cabanas de Viriato.....	x
Figura nº 9 - Caretos de Podence	x
Figura nº 10 - Figuração da morte e do diabo	x
Índice dos mapas.....	x
Mapa 1 - Freguesia de Alcafache.....	x
Mapa 2 - Freguesias do concelho de Mangualde	x
Mapa 3- Alcafache e freguesias limítrofes.....	x
Índice de quadros	x
Quadro I - Quadro comparativo das manifestações Carnavalescas das localidades estudadas.....	x
Quadro II - Projeto de recuperação - Tradições Carnavalescas em Tibaldinho	x
INTRODUÇÃO.....	1
1 . Animação Artística e Comunitária	1
2 . Finalidade, objeto e metodologia do estudo	7
a) - Finalidade	7
c) - Definição da população da Amostra	7
d) - Metodologia de investigação	7
a) Recolha de dados.....	11
3 . Manifestações Carnavalescas de Tibaldinho.....	11
Capítulo Primeiro	15

O ENTRUDO EM TIBALDINHO	15
1 . Caracterização socioeconómica de Tibaldinho	15
2. Manifestações Carnavalescas	20
2.1 - A matança do porco	20
2.2 - O jogo da bexiga	22
2.3 - O jogo do cântaro ou púcaro.....	23
2.4 - As cegadas	23
2.5 - As danças e cantares (Redondeiro).....	25
2.6 - O borralheiro	27
2.7 - Os mascarados e os “travestidos”.....	28
2.8 - Os casamentos.....	28
2.9 - O “enterro do Entrudo”	30
3. O Entrudo nas restantes povoações da freguesia de Alcafache	31
3.1 - Aldeia de Carvalho.....	31
3.2 - Casal Mendo	33
3.3 - Casal Sandinho	34
3.4 - Termas de Alcafache.....	35
Capítulo Segundo	37
COMPARAÇÃO DO ENTRUDO EM TIBALDINHO COM O DAS FREGUESIA LIMÍTROFES.....	37
1. Fornos de Maceira Dão	37
2 . Lobelhe do Mato.....	45
3 . Vilar Seco	49
4 . Santar	52
5 . S. João de Lourosa	57
6 . Fragosela	60
Capítulo Terceiro	65
COMPARAÇÃO COM OUTRAS LOCALIDADES DO DISTRITO DE VISEU E DO PAÍS	65
I - Distrito de Viseu	65
1 . Cabanas de Viriato - dança dos cú ou dança grande.....	65
2 . Lajeosa do Dão, concelho de Tondela.....	66
2.1 - Domingo Gordo e dia de Carnaval.....	66
2.2 - A queima do Entrudo	66
3. Lazarim - Lamego	67
3.1 - Semanas dos compadres e das comadres	67
3.2 - Caretos e senhorinhas	68
3.3 - Os testamentos da comadre e do compadre	69
4 - S. Pedro do Sul.....	70
II. Outras regiões do País	70
1 . Caretos de Podence - Trás -os-Montes	70
2 . Dia dos Diabos - Vinhais	72
3 . Outras localidades	73
3.1 - Castelo Branco	73

3.2 - Alcains	74
a) - Chorar o Entrudo.....	74
b) - As caqueiradas	74
c) - Outros costumes	74
3.3 - Oleiros e Sertã.....	74
a) - A divisão do burro	74
b) - As cegadas	74
c) - Enterro do Entrudo	74
3.4 - Monsanto	75
3.5 - Idanha-a-Velha.....	75
Capítulo Quarto	77
UMA VISÃO DE CONJUNTO SOBRE O COMUM E O DIFERENTE NAS LOCALIDADES OBJETO DE ESTUDO	77
Quadro I - Quadro comparativo das manifestações Carnavalescas das localidades estudadas.....	78
1 . Manifestações carnavalescas	85
2 . Danças e cantares (Redondeiro)	88
3 . Explicação de algumas das danças de Tibaldinho	89
3.1 - O sapatinho me aperta	89
3.3 - O ladrão ou ladrãozinho.....	90
3.4 - Encadeia meu encadeado.....	90
3.5 - A lenha da macieira	90
3.6 - As rendas e os calções.....	90
CONCLUSÃO	91
1.Projeto de Animação: “Reavivar as Tradições Carnavalescas em Tibaldinho”	92
1.1 - Enquadramento da aldeia de Tibaldinho nos dias de hoje	92
1.2 - Finalidade e desenvolvimento do projeto de Animação	93
Quadro II - Projeto de Recuperação das Tradições Carnavalescas em Tibaldinho	95
Bibliografia.....	98
Anexo nº 1.....	102
a) Largo do Pinôco onde se passava a maioria das brincadeiras.....	102
Anexo nº2	102
b) A desmancha do porco.....	102
Anexo nº3	102
c) Variante do jogo da bexiga Parque da União	102
Anexo nº4	103
Algumas das danças e cantares (Redondeiro).....	103
a) O Ladrãozinho	103
b)As rendas e os calções	103
c) A lenha da macieira	104
d) O sol se esconde	105
e) Encadeia	106
f) O Sapatinho me aperta	107

g) Hino de Tibaldinho e da orquestra	107
h) Marcha de Tibaldinho	109
Anexo nº5	110
Exemplo de uma dança no Largo do Redondeiro	110
Anexo nº6	110
Os postos dos casamentos em Tibaldinho	110
Anexo nº7	110
Enterro do Entrudo em Tibaldinho.....	110
Anexo nº 8.....	112
Canção do jogo da panelinha em Santar.....	112
Anexo nº9	112
As cegadas (contradanças) - Santar	112
Anexo nº10	113
Máscaras de Lazarim	113
Anexo nº11	114
Exemplo de um testamento dos compadres	114
Anexo nº12	118
Exemplo de um testamento das comadres	119
Anexo nº13	124
Malpica do Tejo	124
Anexo nº 14	125
Canção de Entrudo em Penha Garcia	125
Anexo nº15	126
O Tempo de Entrudo - Granja de Mourão - Évora	126
Anexo nº16	127
INQUÉRITOS	127
Ordem dos grupos de inquéritos	127

Índice de figuras

Figura nº 1- Métodos de pesquisa etnográfica

Figura nº 2 - Ciclo da Pesquisa Etnográfica. Fonte: SPRADLEY, J. (1980, p.29).

Figura nº 3 - Canção de Carnaval “ó entrudo, ó entrudo”

Figura nº 4 - Canção de Carnaval “anda o sol atrás da lua”

Figura nº 5 - O borralheiro e uma das suas vítimas

Figura nº 6 - Grupo de travestidos

Figura nº 7 - Par de matrafonas, mascaradas (os) com uma meia enfiada na cabeça

Figura nº 8 - Dança dos cúis - Cabanas de Viriato

Figura nº 9 - Caretos de Podence

Figura nº 10 - Figuração da morte e do diabo

Figura nº 11 - Localização de Tibaldinho

Índice dos mapas

Mapa 1 - Freguesia de Alcaface

Mapa 2 - Freguesias do concelho de Mangualde

Mapa 3- Alcaface e freguesias limítrofes.

Índice de quadros

Quadro I - Quadro comparativo das manifestações Carnavalescas das localidades estudadas

Quadro II - Projeto de recuperação - Tradições Carnavalescas em Tibaldinho

INTRODUÇÃO

Esta dissertação inscreve-se no âmbito do Mestrado em Animação Artística, ministrado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

1 . Animação Artística e Comunitária

A palavra **Animação** provém do latim "*Anima*", que significa "Alma", não é mais nem menos do que "*animar, dar vida, dar movimento ao que está parado*".¹

Jaume Trilla tenta dar um significado ao termo Animação Sociocultural. Sendo um termo polissémico, o autor começa por nos dizer o significado de um simples dicionário, aí o mesmo apresenta-se como "*ação e efeito de animar ou animar-se*". Se passarmos à definição do verbo "*animar*" este apresenta-se com o sentido de "comunicar com alma/comunicar força e atividade a coisas inanimadas/comunicar alegria e movimento a uma competição de pessoas"². Trilla refere ainda que a Animação sociocultural aparece como "acção, intervenção, atuação..." este termo é tão amplo que não se consegue só uma definição. Para o autor, a Animação Sociocultural implica uma atividade ou prática social, esta é desenvolvida pelo animador (agente) e pelos destinatários, ou seja, a comunidade (indivíduo, instituições...). A animação Sociocultural pode ainda representar um "*método, uma maneira de proceder ou uma técnica, um meio ou um instrumento*".

Segundo Quintas e Castaño (1998), citado por Jacob³, "*a animação é uma atividade interdisciplinar e intergeracional que atua em diversas áreas e que influência a vida do indivíduo e do grupo*". O mesmo autor refere que as atividades da animação se podem desenvolver em quatro modalidades: cultural, educativa, económica e social.

A **Animação Sociocultural** assume múltiplas definições. Pode ser vista como uma intervenção dialética dos indivíduos e dos grupos com o seu meio e consigo mesmos, contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida.⁴ Já Martins⁵ propõe oito variáveis base para o significado do termo de Animação Sociocultural, das quais se apresentam sete:

- Apoia-se na participação voluntária

¹ Luís Jacob, *Animação de Idosos*, Coleção Idade do Saber, nº 6, Ambar, 3ª edição, 2007.

² Jaume Trilla, *Animação sociocultural - teorias e práticas, programas e âmbitos*; Lisboa; Instituto Piaget, 2004, pp. 24 e 25.

³ *Ibidem*, pp. 22-23.

⁴ Luís Jacob, *Animação de Idosos*, Coleção Idade do Saber, nº 6, Ambar, 3ª edição, 2007 (referido por Viché, 1998, em Quintas e Castaño (1998).

⁵ Ernesto Candeias Martins, "*Fundamentos de animação sociocultural no "território ou comunidade"*", Ler Educação nº 16, Janeiro/Abril - ESE Beja, 1995, p. 88.

- É um processo de comunicação interpessoal fortalecendo a coesão nos grupos e nos indivíduos
- Utiliza técnicas sociais globalizadoras e integrais
- É festiva, lúdica, recreativa e desportiva orientada ao encontro da “pessoa” com ela própria, com as suas potencialidades criativas, de aptidão e imaginação
- A ação abarca todos os âmbitos da vida social e cultural de um “território” e/ou “comunidade” e região
- Retoma as tradições, os costumes populares e artísticos, a ocupação da “rua” como espaço de relações e lugar de encontro
- Do processo de animação toma-se consciência sobre a realidade, motiva-se os indivíduos na procura de soluções, promovendo-se as capacidades de decisão que facilitem as mudanças sociais e educativas.

Outra das tentativas de definição de Animação Sociocultural será a que é criada entre gerações. Não importa a idade mesmo que se fale de animação juvenil, de adultos ou de animação na terceira idade. Aqui a Animação Sociocultural será multigeracional.⁶

Para Trilla⁷ “a Animação Socio Cultural é um tipo de ação comunitária que tem por propósito principal a promoção nas pessoas e nos grupos de uma atitude de participação ativa do seu próprio desenvolvimento”. Define- a ainda como o conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou setor da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural.⁸

Na mesma linha de pensamento Ander- Egg, entende a Animação Sociocultural como um conjunto de técnicas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, tem por finalidade promover práticas e atividades voluntárias, que com a participação ativa dos indivíduos, se desenvolvem no seio de um grupo ou determinada comunidade, e se manifestam nos diferentes âmbitos das atividades socioculturais que procuram o desenvolvimento da qualidade de vida.⁹

Segundo Ernesto Martins, “*O homem nasce e amadurece dentro de uma determinada especificidade cultural*”,¹⁰ . A cultura atravessa muros e gerações, acompanhando o individuo nas suas emoções. Muitas vezes as associações culturais não vão para a frente porque não se libertam da política e das suas mudanças de posição.¹¹

A OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico) e o Conselho de Europa (Comité de Cooperação Cultural), citado por Martins, “*concebem e realizam a criação cultural, distinguindo (...) a animação cultural como participação ativa dos cidadãos nos processos de expressão e criação, convertendo-se em criadores de cultura pela manipulação do mundo da criatividade.*”¹²

⁶ Ernesto Candeias Martins, *ob. cit.*, p. 92.

⁷ Jaume Trilla(coord); “*Animação sociocultural - teorias e práticas, programas e âmbitos*, Lisboa; Instituto Piaget, 2004.

⁸ *Ibidem.* p. 26.

⁹ ANDER EGG, E. “*Metodología y práctica de la Animación Sociocultural*”. Madrid: Editorial CCS, 2000, p.100.

¹⁰ *Ibidem*, p. 100.

¹¹ Víctor J. Ventosa, “*Perspectivas actuales de la animación sociocultural*”, Madrid: CCS,2006; Ventosa citando Raibaud.

¹² *Ibidem*, pp.,100 e 101.

Vítor Melo¹³ no seu livro resenha “*Animação cultural: conceitos e propostas*” considera a animação cultural como “uma ferramenta pedagógica que pode ser empregada em diferentes espaços sociais e que possui uma finalidade clara de intervenção social.” Clarifica ainda que “se estabelece a partir do desejo de modificar a realidade e da compreensão de que uma atuação dentro desta perspetiva pode ser uma importante ferramenta para essa conquista”. Segundo o referido autor, a animação cultural é “uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica) ...¹⁴

Numa perspetiva mais ampla da Animação Sociocultural poderemos enquadrá-la em vários setores de atividades e de realidades diversas. Martins¹⁵ refere que “integram formas variadas de ocupação de tempos livres e de ócio, ações de alfabetização, de animação recreativa e desportiva, de preservação e recuperação do património natural, cultural e artístico (...). Uma das funções da Animação Sociocultural será a resolução de problemas muito concretos de um local específico, que poderá ser o território de que nós gostamos, ou onde vivemos ou com que nos identificamos.

Tendo a Animação Sociocultural um papel multifacetado, compete ao animador intervir de modo a conhecer os locais de intervenção e a permitir uma mudança já que a sociedade muda a um ritmo acelerado, promovendo o desenvolvimento da comunidade fomentando a solidariedade e a ajuda mútua, assim como a participação. Assim sendo, a animação implica por um lado a participação ativa entre os indivíduos e por outro une-se ao desenvolvimento pessoal e social, melhorando a qualidade de vida e o bem - estar das populações.

A Animação Sociocultural é uma estratégia de intervenção para o **desenvolvimento local/comunitário**, promovendo a participação e a dinamização social. É com a partilha de saberes e valores, com a participação social que podemos alcançar uma mudança e uma transformação nos territórios de intervenção.

Peres afirma que é “pensando o agir local e agindo o pensar global que poderemos recuperar a identidade comunitária”¹⁶, ou seja, é partindo da própria realidade social que se devem encontrar soluções onde haja a participação de todos, soluções essas que sejam integradoras, valorizando todos os recursos. As pessoas e comunidades locais são o espaço prioritário para o desenvolvimento. Este torna-se assim num exercício de cidadania e resulta da participação e envolvimento das pessoas.

A animação acontece quando através de um conjunto de iniciativas, e de grupos se consegue um envolvimento ativo e participativo de toda a comunidade. Segundo Albino Luís Nunes Viveiros¹⁷, a Animação Comunitária “*encontra um campo fértil de atuação no fomento do associativismo, nas atividades de voluntariado e do trabalho juvenil (...) nas iniciativas que promovem a identidade comunitária, nomeadamente a promoção do património cultural e natural, símbolo vivo da cultura*”. Aqui têm papel fundamental as coletividades e associações locais que deverão ser elas os agentes da valorização e preservação da cultura popular e

¹³ Victor Andrade de Melo, resenha do livro “A animação cultural: conceitos e propostas”, Porto Alegre, Movimento, v.15, nº 3, pp. 3357-371, julho/Setembro de 2009.

¹⁴ *Ibidem* p. 358.

¹⁵ *Ibidem* p. 88.

¹⁶ Américo Nunes Peres e Marcelino Sousa Lopes (coordenadores); “Animação Sociocultural - novos desafios”; APAP, 2007.

¹⁷ Nunes Viveiros e Albino Luís; “O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios”, em <http://quadernsanimacio.net>; nº 8; JULIO de 2008; ISSN 1698-4044, p. 8).

contribuírem para uma mudança social, mesmo que isso demore algum tempo. É através da animação cultural que se pode ir ao encontro do desenvolvimento da comunidade. A cultura ligada aos antigos modos de vida, se ainda não desapareceram de todo não poderão sobreviver e só se renovam com iniciativas exteriores, sejam elas públicas ou privadas.

Segundo Raibaud citado por Ventosa (2006)¹⁸, a cultura é considerada como um elemento de suporte importante para a coesão social. Logo, a animação cultural pode ser uma associação entre a cultura e o território, *“esta é uma linguagem que descreve o território”*.

A cultura tem um papel importante na construção do espaço, espaço esse que pode ganhar autonomia e construir uma realidade local mais satisfatória. O local não é só o espaço físico, é o lugar onde tudo acontece, tem características próprias que o distinguem de outro local. Segundo Silva¹⁹ *“É no nível local que as particularidades se expressam, que os atores sociais interagem (...) enfim, que as ações efetivamente se realizam”*.

Ander- Egg citado por Viveiros²⁰ refere *“que o local é o âmbito mais adequado para se desenvolver programas de desenvolvimento da comunidade”*. É no próprio local que se trabalha com a participação da comunidade. É aí que deve nascer o verdadeiro diagnóstico da realidade onde se pretende intervir, procurando colmatar as necessidades da população, procurando responder às expectativas das mesmas.

Gómez, Freitas e Callejas²¹ concebem o **desenvolvimento** como *“um processo de mudança estrutural que procura a sustentabilidade de melhores condições de vida a partir da «ação» concreta e eficaz das pessoas a nível local e global”*. Para os mesmos autores o desenvolvimento é *“um modelo de vida”*, pois implica uma forma de fazer as coisas e de participar nas mesmas. *“É uma maneira de organizar e gerir recursos e de satisfazer necessidades. Este desenvolvimento expressa uma ação de mudança social, de cultura ao modo de vida das pessoas”*, contribuindo para uma melhoria da vida social.

Não há **desenvolvimento local** sem a participação dos habitantes *“ na deteção dos problemas, na procura e concretização de soluções, na avaliação dos resultados...”* Soares²². Assim sendo, podemos dizer que para que haja um desenvolvimento local é necessário um esforço contínuo por parte dos habitantes de uma localidade no sentido de se identificarem os problemas e as aspirações dos mesmos. Este realiza-se com a participação da comunidade. Todo ele deve nascer do diagnóstico elaborado no território, procurando responder às expectativas da população e colmatar as necessidades mais urgentes, onde a mudança e a actualização serão o êxito dessa própria comunidade.

Mascareñas (1996), citado por Gómez, Freitas e Callejas, resume desenvolvimento comunitário a um processo educativo destinado a provocar mudanças qualitativas nas atitudes e comportamentos da povoação; sendo uma técnica de ação social. Tem como principal objetivo a obtenção do bem - estar social e a melhoria da qualidade de vida da população, requerendo a participação voluntária de todos na resolução dos seus próprios problemas.

¹⁸ Victor Ventosa, “Perspectivas actuales de la animación sociocultural”, Madrid. CCS, pp. 252-260.

¹⁹ Silva in Lopes, Peres, 2009, p.72.

²⁰ *Ibidem*, p. 3.

²¹ José António C. Gómez, Orlando M. P. Freitas e Callejas, “Educação e desenvolvimento comunitário”, Profedições, 2008, p. 90.

²² M.P Soares (coord.), *“Formação para o desenvolvimento formação/inserção profissional territorializada”*, Associação IN LOCO, Faro, 2001, pp. 15-18.

Outros autores corroboram com a opinião dos anteriormente citados ou consideram alguns aspetos em comum. Caballo, Candia, Caride e Meira (1997), citados por Gómez, Freitas e Callejas definem **desenvolvimento comunitário** como “*processo holístico de ação social que integra diferentes estratégias práticas com o objetivo de promover o bem-estar social e a melhoria da qualidade de vida dos membros de uma comunidade ...*”²³ Também Marchione (1999) citado por por Gómez, Freitas e Callejas é da mesma opinião. Define-o como “*um processo de melhoria das condições de vida de uma determinada comunidade ...*”

Para haver **desenvolvimento local** e sustentabilidade não se pode “*aplicar no presente as soluções que há dez anos atrás pareciam lógicas*”. Será importante ver as soluções que existem entre a tradição e a modernização, pois vistas as coisas desta forma será importante que “*grande parte do trabalho de desenvolvimento local assente em ajudar as populações a construir pontes muitas vezes ausentes, entre a tradição e a modernização*”.²⁴ O desenvolvimento local assume-se com preservação/conservação ambiental, identidade cultural, produtividade e desenvolvimento participativo e qualidade de vida. Deste modo, o efeito multiplicador da atividade comunitária associada à variante turística pode gerar consequências positivas para o desenvolvimento local.

Em remate “*trabalhar em Animação Sociocultural é promover a participação; a comunicação entre pessoas e grupos; a transformação social e cultural, valorizando o património; a melhoria da qualidade da vida; a consciencialização; a integração social; o desenvolvimento pessoal e grupal; o desenvolvimento e dinamização social e cultural; a democracia e democratização cultural, social e educativa.*”²⁵

A definição de **animação artística** ainda não aparece muito referenciada. Porém, pode dizer-se que a animação artística é uma vertente da animação sociocultural envolvendo projetos com as áreas artísticas numa perspetiva interdisciplinar (música, teatro, dança, artes plásticas e audiovisual, fotografia e cinema), numa perspetiva que integre a criatividade, a imaginação e o desenvolvimento cultural.

A animação artística pode ser considerada como uma “prática de intervenção cultural ou sociocultural que recorre, prioritariamente, a atividades expressivo-criativas de diferentes áreas artísticas, com a finalidade de aperfeiçoar dinâmicas sociais de grupos ou comunidades e de desenvolver competências pessoais no domínio das linguagens artísticas e de outros domínio gerais ou específicos” . (Madalena Leitão, 2011)²⁶. Se tomarmos a opinião de Loureiro (s/d), vemos que define animação artística “como uma metodologia que intervém e recorre do conjunto de recursos, em especial, de expressões artísticas como a dança, a música, o teatro, a literatura, a pintura, entre outras, e assumem um papel catalizador de sinergias, valores, atitudes, demandas e vontades entre o animador sociocultural e a comunidade onde este exerce a sua coordenação e empenho”.

A Animação Artística tem, assim, como principais objetivos o desenvolvimento da criatividade, da expressão e criação cultural ou artística, metodologicamente centradas na

²³ *Ibidem*, p. 121.

²⁴ António Fragoso, “Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: um ensaio baseado em experiências investigativas”, Revista Lusófona de Educação, 5, 2005, p. 71.

²⁵ Ana da Silva, Projeto “solidariedade cidadã, uma experiência partilhada”, Associação in Loco, Junho de 2009, p. 15.

²⁶ Madalena Leitão, apontamentos da unidade curricular de Seminário, no ano lectivo 2011-2012.

atividade e visa desenvolver capacidades artísticas e criativas nas pessoas, através da prática. Assim sendo, afirma-se como uma oportunidade para a mudança social, sendo um recurso para a construção de um modelo de desenvolvimento cultural e artístico e para a capacitação dos indivíduos, através das várias manifestações artísticas.

Podemos dizer que a animação artística tem por finalidades:

- ✓ possibilitar o acesso às áreas artísticas (conhecimento da própria arte);
- ✓ permitir o bem-estar social, ou seja, o desenvolvimento e a realização pessoal;
- ✓ proporcionar a mudança e a integração social;
- ✓ fomentar o desenvolvimento cultural;
- ✓ inculcar valores através da arte;
- ✓ promover e valorizar as expressões artísticas (valorização pessoal).

Uma das funções da Animação Sociocultural é a resolução de problemas muito concreto de um local específico, que pode ser o território de que nós gostamos, ou onde vivemos ou com o qual nos identificamos.

Concretamente, Tibaldinho foi onde nasci, cresci e vivo, sendo este o território com o qual me identifico.

Tendo a Animação Sociocultural um papel multifacetado, compete ao animador intervir de modo a conhecer os locais de intervenção e a permitir uma mudança, já que a sociedade muda a um ritmo acelerado, promovendo o desenvolvimento da comunidade e fomentando a solidariedade e ajuda mútua, assim como a participação. A Animação Sociocultural é, pois, uma estratégia de intervenção para o desenvolvimento local/comunitário, promovendo a participação e a dinamização social. É com a partilha de saberes e valores, com a participação social que podemos alcançar uma mudança e uma transformação nos territórios de intervenção.

As pessoas e as comunidades locais são o fator prioritário para o desenvolvimento. Este torna-se, assim, num exercício de cidadania e resulta da participação e envolvimento de todos.

As tradições são um elemento importante na identidade dos povos. Elas são a argamassa que une as pessoas em torno de algumas ideias, preconceitos, religiões ou costume. São inúmeras as formas de viver a tradição, desde as tradições locais às tradições nacionais.

No que respeita à cultura popular, poucas são as regiões “desfavorecidas”: todas elas, de uma maneira ou de outra, são depositárias de histórias e tradições, construídas pelo trabalho de gerações de homens e de mulheres, possuindo normalmente um património rico e uma identidade cultural própria. A cultura local pode ser uma fonte de atividades, de orgulho e de bem-estar de uma comunidade, contribuindo para o seu desenvolvimento.

É um pouco da cultura da aldeia de Tibaldinho que iremos apresentar neste trabalho, concretamente as manifestações carnavalescas.

2 . Finalidade, objeto e metodologia do estudo

O primeiro passo consiste em definir e conhecer o território de intervenção, para tal, é conveniente reunir um conjunto de informações disponibilizadas quer pelos intervenientes, quer através do levantamento informativo em publicações, imagens e outros documentos que possam ajudar a explicar as características da localidade.

Depois de uma breve análise da realidade da aldeia, de um melhor conhecimento da mesma, decidiu-se reavivar as tradições de carnaval que este povo de Tibaldinho tão bem conhece, embora hoje esquecidas.

a) - Finalidade

Este Trabalho de Projeto tem como principal finalidade a valorização e o desenvolvimento de todas as tradições de festejos carnavalescos no espaço onde eram feitas antigamente e a sua gravação em audiovisual e registo em livro.

b) - Objetivos

- Recuperar práticas e tradições culturais da aldeia de Tibaldinho;
- Valorizar a cultura local;
- Preservar a nossa história, o nosso passado.

c) - Definição da população da Amostra

A população-alvo da amostra são pessoas com 65 anos ou mais. Esta seleção foi feita de acordo com a idade porque na altura seriam pessoas que viveram nos anos 50 todas as tradições carnavalescas, durante a sua mocidade. A amostra é constituída por homens e mulheres e foi feita uma distribuição de 10 inquéritos por cada freguesia em que se pretendia a obtenção de dados e a respetiva comparação entre elas.

Não nos foi possível obter informação através de inquérito na freguesia de S. João de Lourosa, por ser uma das maiores e com os povos mais pequenos e distantes. Contudo foi-nos facultado um livro sobre a freguesia, pelo presidente da mesma, o qual continha a informação desejada e a quem agradecemos.

Em Lobelhe do Mato também não nos foi possível concluir os 10 inquéritos, pois não havia população disponível na altura em que os mesmos foram feitos.

d) - Metodologia de investigação

Arilda S. Godoy (1995a) citado por Maria de Nazareth Agra Hassen refere que *“a pesquisa qualitativa parte de questões amplas, que se definem ao longo do estudo, não havendo hipóteses estabelecidas a priori, separação sujeito-objeto, neutralidade científica, generalização, manipulação de variáveis...”* Este tipo de abordagem caracteriza-se pela obtenção de dados descritivos, procurando *“compreender os fenómenos estudados segundo a perspetiva*

dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (GODOY, 1995b, p.58). Outra característica importante apontada é o facto da pesquisa qualitativa procurar os dados no seu ambiente natural e, portanto, a habilidade e a experiência do investigador são fundamentais na recolha destes dados. Os dados recolhidos podem incluir entrevistas, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 12).



Figura nº 1 - Métodos de pesquisa etnográfica

A **metodologia qualitativa** caracteriza-se, entre outras coisas, pelo uso de uma combinação de técnicas de investigação. Esse procedimento é recorrente em pesquisas qualitativas, visto que estas têm a preocupação de associar os objetivos da investigação a técnicas de pesquisa culturalmente apropriadas. A etnografia relaciona-se com a observação sistemática, entrevistas com diferentes atores sociais, histórias de vida.

A atividade humana pode ser analisada utilizando o sistema da atividade proposto por Engeström, composto de 7 elementos²⁷, os quais traduzimos para a aldeia em estudo:

Toda atividade humana tem como objetivo a transformação de algo que interessa às pessoas. Esse algo é chamado objeto. As pessoas utilizam instrumentos para transformar o objeto de modo a atingir um resultado. Mesmo que uma pessoa esteja agindo sozinha numa atividade, ainda assim ela estará inserida numa comunidade, com características culturais próprias. Dentre essas características é relevante analisar a aplicação das regras e da divisão do trabalho na atividade, como refere o autor.

Encontrar as pessoas certas num curto espaço de tempo foi difícil. Muitas não se encontravam na aldeia, outras não preenchiam os requisitos da população alvo e outras por qualquer motivo não estavam disponíveis para ajudar nesta pesquisa.

O resultado de uma entrevista traduz-se em observações ricas e significativas que constroem uma biografia do participante. As histórias podem ser apoiadas e enfatizada por imagens e clips de vídeo, como nos é referido no documento “*Métodos de pesquisa etnográfica*”

²⁷ Métodos de pesquisa etnográfica [Fonte: www.fabrerludens.com.br]

p. 6. O mesmo documento refere que “A *etnografia* consiste em um método derivado da antropologia e significa literalmente “descrever a cultura”.

Mas, afinal, o que deve entender-se por Etnografia? Leite de Vasconcelos define-a como “a ciência que descreve os usos e costumes dos povos”²⁸. Outros dizem tratar-se de uma “disciplina que tem por objecto a recolha e descrição dos usos, costumes, língua, religião, mentalidades, instituições... dos diversos grupos humanos”²⁹. Para Orlando Ribeiro, “o povo, mesmo pobre e analfabeto, é um repositório de autêntica ságeza, na riqueza da tradição que não exclui inovação e adaptação e na força criadora da poesia, da música, dos contos, das adivinhas, dos ensalmos, do fabrico de artefactos, completamente desconhecida da gente das cidades, mas que constitui o cerne da Nação”³⁰. A UNESCO define-a como “o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade, enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e valores transmitem-se oralmente, por imitação ou de outras maneiras. As suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitectura e outras artes”³¹. A etnografia é definida como “ciência da descrição cultural”. GEERTZ (1989,p.17) aponta que o que define a etnografia “é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção emprestada de Gilbert Ryle”. SPRADLEY propõe o seguinte ciclo para a pesquisa etnográfica:

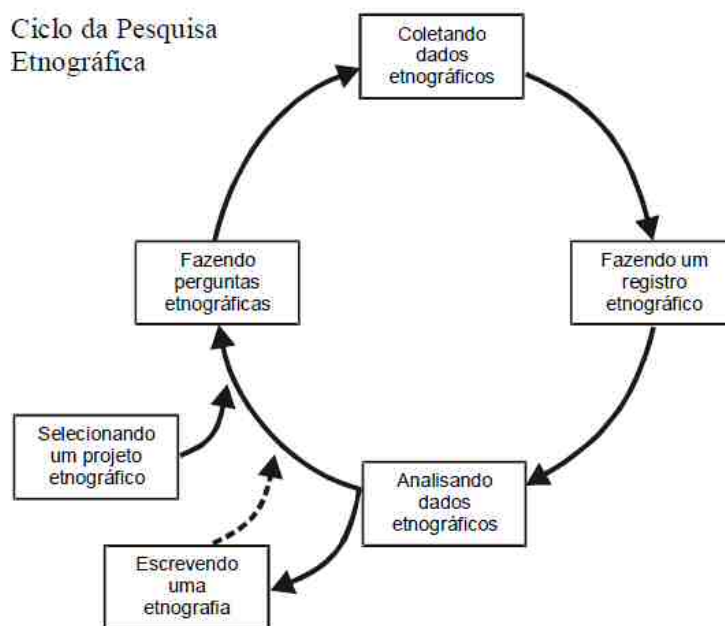


Figura nº 2 - Ciclo da Pesquisa Etnográfica. Fonte: SPRADLEY, J. (1980, p. 29).

Este trabalho assenta nesta base. Além da observação, foram feitas também entrevistas semi-estruturadas com a população - alvo e ainda a pesquisa em artigos, livros e outros

²⁸ FOCUS - Enciclopédia Internacional, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1966, vol. II, p. 511. Cf. J. Leite de Vasconcelos, 3 vols., *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, vol. I, pp. 1-7.

²⁹ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa - Verbo, vol. I, p. 1093.

³⁰ Jorge Dias (Nota Preliminar de Orlando Ribeiro), *Vilarinho da Furna. Uma aldeia comunitária*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, p. 11.

³¹ UNESCO, *Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, de 15 de Novembro de 1989.

documentos escritos. O registo etnográfico inclui notas (das observações e também registos teóricos e metodológicos), fotografias, filmagens, mapas, documentos, entrevistas...).

A importância da linguagem fotográfica na visão deste tipo de trabalho tem uma linguagem própria: a de acrescentar, narrar, de uma forma especial, um determinado aspeto especial: a cultura. Segundo Achutti, 1997, pp. 38-9^a, citado por Maria de Nazareth Agra Hassen. A construção de narrativas através da imagem fotográfica vem, ao ser articulada como texto verbal e a legitimidade que este alcançou, contribuir no sentido de enriquecer e agregar (...) complexidade aos esforços de interpretação de universos sociais cada vez mais densos e complexos, onde as imagens por sua vez se tornam cada vez mais um elemento da própria sociedade.

Uma vez que se utiliza a fotografia como recurso por vezes narrativo, a imagem deverá ser usada com o objetivo de mostrar visualmente algumas ideias de como eram as tradições na época em estudo. Por essa razão, as sequências são importantes, não só na importância temporal, mas na exposição de imagens relacionadas a uma ideia ou informação.³²

Uma das questões principais na metodologia deste tipo de investigação é a participação e esta será o centro do trabalho a realizar, isto porque terá de haver um envolvimento (mais ou menos interventivo) de todos os membros da comunidade. Este é um requisito imprescindível.

A investigação participativa atribui grande importância ao dia a dia das pessoas e ao seu papel na comunidade. Esta tem como principal objetivo beneficiar a população, implicando-a em todo o processo de investigação e recolha de dados, assim como na respectiva apresentação³³. Como refere Soares³⁴, *“a participação não é um dado de partida, é uma dinâmica, em que progressivamente: aumenta o número de pessoas envolvidas, cresce a intensidade do seu comportamento e sobem os níveis de responsabilidade assumidos”*.

A metodologia a utilizar na elaboração e concretização deste projeto vai assentar numa lógica de planeamento participado e descritivo, baseada na realização de sessões a diferentes grupos de pessoas e de entrevistas individuais. Nestas sessões serão ouvidas as pessoas mais idosas, capazes de recordar as tradições de Carnaval e muitas das “estórias” que terão para nos contar, bem como dos grupos então existentes (Banda Filarmónica, Rancho e orquestra “Os Teimosos”), sendo recolhidas algumas das canções da época (principalmente as canções tradicionais, cantadas e dançadas no Largo do Redondeiro).

A cultura materializa-se num conjunto de práticas sociais e culturais identitárias de uma comunidade e do território. Ela é constituída por artefactos construídos e trabalhados pela comunidade, é um património rico em diversidade cultural e símbolo material da memória coletiva. A cultura é um recurso endógeno do território e das suas comunidades, ela poderá ser potenciadora de novas dinâmicas socioculturais³⁵.

³² Maria de Nazareth Agra Hassen, “Metodologia. ETNOGRAFIA: NOÇÕES QUE AJUDAM O DIÁLOGO ENTRE ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO”, s/d.

³³ Serrano, in Jaime Trilla, *Animação Sociocultural - teorias e práticas, programas e âmbitos*, Lisboa, Instituto Piaget, 2004.

³⁴ *ibidem*, p. 17.

³⁵ Albino Luís Nunes Viveiros, “O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios”; in <http://quadernsanimacio.net>; nº 8; JULIO de 2008; ISBN 1698-4044, p.11.

a) Recolha de dados

Segundo s/a ³⁶ “quando o investigador tem clareza sobre seus objetivos, sabe que terá de reunir registos de diferentes naturezas (por exemplo, observação direta, entrevistas, fotos, gravações de áudio e de vídeo etc.). Esses registos de diferentes naturezas vão permitir a triangulação³⁷ dos dados.”

Os dados de uma pesquisa qualitativa podem ser de diversas naturezas: notas de campo (NC), comentário de entrevista (CE), documentos recolhidos no local (DL) ³⁸, fotografias e mesmo testemunhos orais.

Os instrumentos a utilizar para a recolha e análise dos dados serão o inquérito por entrevista e conversas informais.

3 . Manifestações Carnavalescas de Tibaldinho

Sendo o Carnaval uma época de alegria e principalmente de diversão, todas as pessoas participam, até aquelas que não têm muita disposição para isso, pois interessa divertirem-se, cada uma à sua maneira, preservando naturalmente as tradições. É aqui que entra o povo de Tibaldinho, com as suas manifestações tradicionais, hoje bastante esquecidas e que queremos reavivar.

As festas carnavalescas de Tibaldinho tinham início no domingo da Septuagésima, decorriam de forma mais exuberante no domingo magro e no domingo gordo e culminavam na terça-feira de Carnaval. Toda a gente se divertia, ora jogando ao jogo da bexiga, ora ao jogo do cântaro ou púcaro, passando pelas danças e cantares no largo do Redondeiro, o borrarheiro, as cegadas, os “mascarados e travestido”, os casamentos, o enterro do entrudo. São inúmeras e variadas as formas de viver estas tradições, desde as locais às nacionais. As pessoas pregavam partidas, gozavam e reinavam umas com as outras. Algumas mascaravam-se e, estando disfarçadas, podiam fazê-lo sem serem reconhecidas.

Alguns dos usos e costumes de Tibaldinho têm vindo a ser preservados, através de ações atividades e eventos realizados pelas Associações locais e por grupos de voluntários.

A maioria das características que nos identificam, enquanto elementos pertencentes a um determinado grupo social e a um local específico, foi fortalecido através dos tempos e transmitido, através das sucessivas gerações, por grupos, famílias, vizinhos, escola, trabalho, etc.

As gentes e comunidades locais são o espaço prioritário para o desenvolvimento. Este torna-se assim, num exercício de cidadania e resulta da participação e envolvimento das pessoas. Não há desenvolvimento local sem a participação dos habitantes. Assim sendo,

³⁶ S/A, “PROJETO DE ETNOGRAFIA, Título: Letramento no Ensino Fundamental, Sigla: LEF, p. 15.

³⁷ A triangulação é um recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou negar uma afirmação ou ideia.

³⁸ *Ibidem*, p. 17.

podemos dizer que, para que haja um desenvolvimento rural, é necessário um esforço contínuo por parte dos habitantes de cada localidade, no sentido de se identificarem os problemas e as aspirações dos mesmos. Tal desenvolvimento só se pode realizar com a participação da comunidade. Todo ele deve nascer do diagnóstico elaborado no território, procurando responder às expectativas da população e colmatar as necessidades mais urgentes, onde a mudança e a atualização serão o êxito dessa própria comunidade. É dessa comunidade que recebemos grande parte dos testemunhos materiais e as memórias intocáveis ou imateriais. Esses testemunhos fazem parte do património que herdámos, o património cultural e histórico que recebemos como herança dos nossos antepassados, mas a herança cultural e histórica, como qualquer outra, pode e deve ser acrescentada, pois cada geração é responsável por juntar-lhes as marcas do seu tempo, assim como a cultura, a tradição e o património cultural, sendo estas expressões de identidade comunitária que vão de alguma forma sofrendo algumas alterações com o decorrer dos tempos.

Sendo o tema central desta dissertação *As manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho*, começámos por pôr em prática uma ampla investigação exploratória. S/a, apresenta algumas características deste tipo de investigação, considerando-a como investigação etnográfica, investigação essa que o autor mesmo que desconhecido aponta as seguintes características sobre a mesma: ³⁹ “*Acontecem em ambiente natural; é aberto as mudanças e refinamento conforme a recolha de dados corre no tempo. É, portanto, iterativo; combina métodos como observação e entrevistas semiestruturadas; tem objetivo de ser mais exploratória que avaliativo*”.

Sendo a investigação etnográfica um “*estudo descritivo das culturas, das comunidades, dos meios(...)*”⁴⁰, a realização deste trabalho tem como objetivo principal reavivar as tradições de Carnaval, recuperar práticas e tradições culturais, valorizar a cultura local, preservar a nossa história, o nosso passado, o qual tem um grande potencial cultural que não se pode deixar esquecido. Outro dos objetivos era recriar todas as atividades nos espaços onde eram realizadas (Largo do Pinôco, Largo do Redondeiro).

Devemos empenhar-nos para que estas e outras tradições não caiam no esquecimento das populações mais jovens, sendo assim transmitidas de geração em geração, para que os vindouros possam conhecer melhor estes verdadeiros “tesouros” bem guardados dentro do sentimento popular.

Tendo nascido, crescido e vivido na aldeia de Tibaldinho, muitas dessas tradições são para mim de grande interesse e não podem cair no esquecimento. A escolha do meu orientador não foi por acaso. Também ele nasceu e viveu em Tibaldinho até ir para a tropa, nos finais dos anos 50, continuando a manter contato assíduo com a sua aldeia na década de 60, a época mais exuberante desta tradição: o Entrudo. Também ele foi um testemunho muito importante para este estudo, assim como a sua bibliografia. De qualquer forma, passámos por determinadas tradições que nos marcaram a nível pessoal.

Com esta investigação, pretendemos, de alguma forma, contribuir para que, pelo menos a nossa matriz cultural tenha continuidade.

Não restam hoje dúvidas de que algumas tradições populares podem ser rentabilizadas

³⁹ Métodos de pesquisa etnográfica, [Fonte: www.faberludens.com.br].

⁴⁰ Marie - Fabienne Fortin, Ph.D, “o processo de investigação - da concepção à realização”, Lusociência, 1999, p. 371.

como fins turísticos.

Apresentamos, assim, o resultado de um ano de trabalho que terminou na elaboração desta tese. Antes de mais, fazemos uma síntese da sua estrutura, contituída por quatro capítulos.

O primeiro capítulo trata da contextualização da aldeia de Tibaldinho, de considerações históricas e, fundamentalmente, das tradições carnavalescas nesta localidade.

O segundo capítulo faz a comparação do Entrudo em Tibaldinho com o das restantes povoações da freguesia de Alcaface e das freguesias limítrofes.

No terceiro, apresenta-se a obtenção e explicação de dados de comparação entre algumas localidades do distrito de Viseu e do resto do País.

No quarto capítulo, apresentamos uma visão de conjunto sobre o comum e o diferente nas localidades objeto de estudo.

Como não podia deixar de ser, apresenta-se também a introdução, a conclusão e o projeto de animação “Reavivar as Tradições Carnavalescas em Tibaldinho”, a bibliografia e um anexo documental.

Devido à sua abrangência, foi preciso começar por uma fase exploratória, tendo sido dedicado bastante tempo ao trabalho de campo e, com algum poder de síntese, poder apresentar, de forma escrita, os resultados da ampla informação recolhida. Um dos principais meios na metodologia de investigação foi a participação das pessoas inquiridas.

A investigação participativa atribui grande importância ao dia-a-dia das pessoas e ao seu papel na comunidade. Esta tem como principal objetivo beneficiar a população, implicando-a em todo o processo de investigação e recolha dos dados. A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho assentou, poi, numa lógica de planeamento participado e descritivo, baseada nos inquéritos feitos em todas as freguesias envolvidas e na bibliografia existente.

O presente trabalho pretende contribuir para o desenvolvimento de projetos artísticos e culturais que promovam na comunidade aquilo que é o objetivo da Animação Sociocultural e Artística, a melhoria social, o aumento da autoestima individual e coletiva, o desenvolvimento da capacidade participativa e interventiva de cada indivíduo, no sentido de o projetar no seu próprio processo de desenvolvimento.

Neste sentido, a Cultura Artística surge como um instrumento que pretende promover a ação do indivíduo de forma abrangente, inclusiva e democrática, fomentando a sua autoestima, através da acreditação das suas capacidades, e estimulando à intervenção, no sentido da participação ativa.

Está na altura de recolher informação de tudo o que existiu, reavivar e recriar tudo o que faz parte da nossa cultura local/tradicional, usos e costumes da nossa terra. Amanhã pode ser tarde demais.

Capítulo Primeiro

O ENTRUDO EM TIBALDINHO

1 . Caracterização socioeconómica de Tibaldinho

Tibaldinho é uma pitoresca aldeia da freguesia de Alcafache, concelho de Mangualde e distrito de Viseu. Uma curiosidade tem assaltado o nosso espírito. Qual a origem toponímica de Tibaldinho? Vamos em busca da explicação. Nos séculos IV e V, povos bárbaros do leste euro - asiático e do norte europeu invadiram o Império Romano, acabando Roma por cair às mãos de Odoacro, chefe das hostes germânicas, no ano de 476 d.C. É naturalmente aceitável que muitos dos germanos vencedores tenham ficado por cá, apossando-se de propriedades e fundando povoados.

Nos anos 30 do século passado, Joseph Piel estudou 1404 topónimos portugueses de origem germânica, entre os quais Tibalde e Tibaldinho. Seguindo a sua explicação, vemos que Tibalde provém de *Teobalde*, genitivo do nome *Teodebaldus*, composto pelos elementos *Tiuda* (povo) e *bald* (audaz). Tibaldinho nasceu como pequena localidade anexa de Tibalde e tem, como já vimos, a mesma origem e a mesma explicação filológica, havendo apenas a acrescentar-lhe o sufixo diminutivo *inho*. Pela explicação que o insigne germanista nos dá acerca do sentido das duas componentes do vocábulo *Teodebaldus*, ficamos a saber que os topónimos Tibalde e Tibaldinho significam *povo audaz*⁴¹.

Tal como é comum acontecer entre as pessoas, em que muitas vezes os filhos crescem mais que os pais, assim aconteceu também com Tibaldinho que, desde há vários séculos, se tornou uma povoação bastante mais populosa que Tibalde. Com efeito, pelo *Cadastro da População do Reino de 1527*, também conhecido por *Numeramento*, o concelho de Mangualde tinha 931 moradores (fogos ou famílias), o «lugar de teyvaldinho» tinha 48 e o «lugar de teyvalde» 21⁴². E, nos dias de hoje, a proporção é semelhante. Tibaldinho era, então, o terceiro povoado mais populoso do concelho, apenas superado pelo «lugar da freyxiosa» com 50 e pelo «lugar da povoaa», com 55 famílias.

⁴¹ Joseph M. Piel, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1937, pp. 281 e 282.

⁴² Américo Costa, *Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular*, com Prefácio de Joaquim Nunes, 12 vols., Porto, Tipografia e Encadernação Domingos d'Oliveira - Livraria Civilização, 1929-1949, vol. VIII, pp. 991 e 992.

Topónimo de grafia semelhante e com a mesma origem de Tibalde e Tibaldinho é a aldeia de Teivas, da vizinha freguesia de São João de Lourosa⁴³. Retenha-se que, na antroponímia portuguesa, existe o sobrenome Teive. Aliás, segundo Valentim da Silva, o topónimo Mangualde, é igualmente de origem germânica. Repare-se que lá está a componente «alde» como em Tibalde⁴⁴.

A freguesia de Alcafache é composta por seis aldeias: Tibaldinho, Mosteirinho, Aldeia de Carvalho, Casal Mendo, Casal Sandinho e Banho (Termas), não havendo nenhuma delas que se chame Alcafache. Em cada um dos povos existe, pelo menos, uma capela: em Tibaldinho, a de S. Lourenço e outra particular (capela de Santa Eufémia), junto à própria casa solarenga da família Sacadura Botte; em Casal Mendo, S. Frutuoso; em Casal Sandinho, Nossa Senhora da Piedade; em Aldeia de Carvalho, Nossa Senhora dos Prazeres e Santa Cruz; no Banho, Nossa Senhora de Fátima construída nos meados do século passado e outra particular que, no século XVIII, era dedicada a Nossa Senhora da Pureza, mas mais tarde foi-lhe mudada a invocação para Nossa Senhora da Saúde; Mosteirinho já não tem capela, mas teve a capelinha de S. Miguel, que ruiu há uns anos.



Mapa 1 - Mapa das freguesias do concelho de Mangualde

Alcafache pertencia, assim, ao antigo concelho de Azurara. A origem da toponímia de Alcafache, como explica Azevedo e Silva, tem a ver com a permanência dos romanos nas termas naturais de água sulfúrea que brota da rocha granítica a 50º C, existentes junto ao rio Dão (onde construíram uma ponte sobre a qual passava uma estrada romana). A esse local terão chamado *Calefatio*. Com efeito, *calefatio, onis* significa, quentura, aquecimento. No século VIII, chegaram os árabes e juntaram como prótese o seu artigo *al*, formando *Alcalefatio* de que proveio Alcafache⁴⁵.

⁴³ Joseph M. Piel, *ob. cit.*, p. 279.

⁴⁴ Valentim da Silva, *Concelho de Mangualde (Antigo Concelho de Azurara da Beira)*, 2ª edição, Viseu, Éden Gráfico, L. da, 1978, pp. 65-71.

⁴⁵ Ver, sobre este assunto, José Manuel Azevedo e Silva, *Notícias e Memórias Paroquiais de Mangualde*, Coimbra, Palimage - Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2009, pp. 42 e 43.

Esta freguesia chegou a ser um “micro - concelho da Ordem de S. João de Malta, uma vez que se sabe ter recebido foral de D. Sancho I e se conhece o teor do foral novo que lhe foi dado por D. Manuel, em 6 de Maio de 1514”⁴⁶.

O concelho de Mangualde tem uma área de 220,72 km², passando a ter esta designação pela reforma administrativa realizada no país, nos meados do século XIX, resultando da fusão dos então concelhos de Azurara e de Tavares. As dezoito freguesias existentes nessa época mantiveram-se inalteráveis até aos dias de hoje.

Como se pode ver no mapa 1, o território do concelho de Mangualde tem por limites naturais o rio Mondego a Sueste e o rio Dão a noroeste, confrontando ainda com os concelhos de Nelas, de Pernalva do Castelo e de Fornos de Algodres. O solo desta região é de natureza granítica e a evolução da sua paisagem acompanhou as mudanças climáticas do território português ao longo dos tempos. Esta foi-se modificando pelas alterações da vegetação⁴⁷ e pela ação da atividade agrícola.

Situando-nos, concretamente, em Tibaldinho, nos espaços com boa exposição solar, temos a plantação da vinha (produção da região demarcada do vinho do Dão).

Quanto ao clima, pode classificar-se de ameno na primavera e no outono, quente e seco no verão, exigindo a rega das culturas, e bastante frio no inverno, com a formação de intensas geadas. Em alguns invernos, caem fortes nevões. Hoje, as alterações atmosféricas estão a mudar bastante o clima.

Em tempos idos, as principais produções agrícolas eram os cereais de inverno (trigo, centeio e cevada), a castanha, o vinho, o azeite, as frutas, as leguminosas e as hortícolas. Mais tarde, no século XVIII, foi sendo gradualmente introduzido o milho grosso de maçaroca, seguido da batata, originários do Novo Mundo.

Por outro lado, a pastorícia e a criação de gado eram outras das atividades de relevo (produção de carne, leite, queijo e requeijão e a lã, no caso do gado ovino).

Para a maior parte da população, a economia era praticamente de subsistência, complementada com o pagamento da jorna por parte dos patrões, mas havia médios e grandes lavradores que vendiam os seus excedentes. O recurso à recolha de frutos silvestres, pinhões, cogumelos, miscalos eram também utilizados na alimentação, outras espécies eram usadas como mezinhas⁴⁸.

Existia também uma assinalável atividade artesanal, baseada nos ofícios de tecnologia tradicional e na transformação dos produtos da terra. Com efeito, havia pedreiros, carpinteiros, marceneiros, tanoeiros, serradores, sapateiros, alfaiates, costureiras, padeiros, barbeiros. Havia também teares para tecer a lã e o linho, pisões, moinhos, lagares de azeite e de vinho⁴⁹. Hoje, com a criação de cooperativas, poucos são os lagares que existem, mas ainda há quem mantenha a tradição e faça o vinho em casa. São hoje poucos os que ainda pisam as uvas com os pés no lagar, pois a grande maioria são esmagadas no lagar da Adega Cooperativa de Mangualde.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 18.

⁴⁷ A paisagem caracteriza-se por terras de culturas, de vinha, de olival e de vastas áreas de pinhal e de matos, como a giesta branca e amarela, o tojo rasteiro e alto, o rosmaninho, o sargaço, a esteva, a urze, o fetó, a gilbardeira, o azevinho e outras espécies menos frequentes.

⁴⁸ José Manuel Azevedo e Silva, *ob. cit.*, pp. 73-76.

⁴⁹ *Ibidem*, pp. 78 e 79.

As gentes desta aldeia rural eram uma verdadeira comunidade. Azevedo e Silva, em 1983, refere que “os problemas de cada um eram vividos e sentidos por todos. Existia um verdadeiro espírito de solidariedade”⁵⁰. Os rapazes e as raparigas da aldeia casavam, normalmente, na terra natal, formando assim como que uma grande família e, se não estavam ligados por grau de parentesco, tornavam-se compadres.

Nesta aldeia desenvolveram-se dois tipos de artesanato: a olaria e os bordados.

Da olaria, ninguém se lembra da sua existência. Esta desapareceu não se sabe quando, nem porquê. Certo é que ela existiu. Prova disso é a permanência de uma rua com o nome de “Quelha da Soenga”. Ora, segundo Azevedo e Silva, “soenga é um fosso de forma circular, cavado no solo, onde o oleiro procedia à operação de cozedura das suas peças de barro”⁵¹. Pois é, ninguém se lembra, mas a soenga, em 1983, lá estava, no meio de um mimosal, rodeado de olivais e de uma pequena vinha. Recentemente, no sítio da soenga foi construída uma vivenda, mas felizmente ficou o seu registo escrito. A prova da existência do oleiro pode estar também ligada a uma família de Tibaldinho com a alcunha de “panelas ou púcaros”. Serão estes os descendentes da família dos oleiros de Tibaldinho?

Quanto ao bordado de Tibaldinho, perde-se no tempo a tradição dos bordados a fio de algodão. Ora, tanto no risco como no próprio processo de execução, os bordados regionais de Tibaldinho apresentam características próprias e que são de fácil identificação. Há quem diga que, pelo seu aspeto geral, tem semelhanças com o bordado de outras regiões portuguesas como são os casos de Castelo Branco, Guimarães, Viana do Castelo, Caldas da Rainha e ilha da Madeira. O certo é que os especialistas do tema dizem que o mais provável é terem origem no antigo bordado inglês.

Pessoalmente e como tibaldinhense nata, entendo que, se os nossos bordados têm algumas semelhanças com os de outras regiões, o facto é que o Bordado Tibaldinho Regional tem motivos decorativos muito próprios. É, por isso, único no Mundo. Além de incorporar motivos genuínos (abertos e fechados), o Bordado de Tibaldinho utiliza a linha branca de algodão sobre o pano de linho ou algodão branco. No dizer de Azevedo e Silva, é “**a arte do branco sobre o branco**”.

De certa maneira, pode dizer-se que os bordados influenciaram o modo de vida desta aldeia beiraltina. Neles participavam quase todas as mulheres dos diferentes estratos sociais. Muitas vezes, “quando as senhoras ricas da região ou da cidade queriam fazer ou reforçar os seus enxovais com bordados de Tibaldinho ou conseguir o enxoval das filhas casadoiras e dos bebés, contratavam para o efeito uma rapariga de Tibaldinho a quem davam cama, mesa e o salário combinado”. Era frequente as moças solteiras e habilidosas irem semanas e até meses para as cidades de Viseu, Coimbra e Lisboa ou para casas ricas da Beira bordarem os enxovais às senhoras⁵². Lembro-me bem da minha avó contar alguns episódios, pois também ela foi uma das mais afamadas bordadeiras da terra.

Mas o artesanato não fica por aqui. Existe na aldeia a Quinta de Santa Eufémia, pertencente à família Sacadura Botte, como atrás se disse, com casa solarenga e capela

⁵⁰ José Manuel Azevedo e Silva, “Bordados de Tibaldinho”, Separata de *Mundo da Arte*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, L. da, 1983, p. 53.

⁵¹ *Ibidem*, p. 45.

⁵² Sobre este tipo de bordados, único no Mundo, veja-se José Manuel Azevedo e Silva, *Bordados de Tibaldinho. Artesanato Regional Beiraltino*, Mangualde, Câmara Municipal de Mangualde, 2003.

privativa. Azevedo e Silva e outras pessoas idosas e idóneas da aldeia dizem-nos que muitos dos seus moradores eram rendeiros ou jornaleiros de alguns grandes lavradores e, principalmente, da referida Quinta, que tinha o seu feitor, pois esta família era detentora de grande parte das terras da região. As próprias mulheres dos jornaleiros que não tinham terras para cultivar, para além de fazerem as lides domésticas e tratarem dos filhos, levavam também o almoço ao seu marido e passavam grande parte do dia e todo o serão a bordar. Algumas delas, assim como as suas filhas, andavam ao dia fora. A casa Sacadura Botte também participava no artesanato. As “senhoras da quinta”, como eram chamadas, faziam encomendas ou levavam bordadeiras para trabalharem em sua casa. Foram estas senhoras que introduziram na aldeia, pelos meados do século passado, outro tipo de bordado, os tapetes «tipo arraiolos». Por seu intermédio, Tibaldinho terá sido das primeiras localidades de todo o País a fazer este tipo de bordado fora de Arraiolos. Durante muitos anos, tiveram muitas mulheres da aldeia e arredores a trabalhar diariamente para elas. Hoje, continuam, mas com menos frequência de encomendas.

A dedicação das mulheres da aldeia aos bordados era intensa. Estas, durante o dia, juntavam-se normalmente em grupos, sentando-se nos degraus das mais soalheiras escadas exteriores das casas da aldeia e até na escadaria da capela.

À noite, juntavam-se em casa umas das outras para o serão. Bordavam à luz da candeia (no inverno, à volta da braseira ou com os pés na escalfeta) e conversavam sobre os problemas pessoais ou até da própria comunidade. Contavam anedotas, contos, histórias, adivinhas ou cantavam as canções tradicionais e populares. E assim passavam os serões⁵³.

Quanto aos homens, o serão tinha várias alternativas: ou se juntavam em casa dos vizinhos ou amigos, ou iam para a taberna (havia na aldeia três tabernas e chegou a ter quatro) ou, em último caso, faziam companhia às suas mulheres em casa. Por outro lado, após a fundação da Banda Filarmónica de Tibaldinho, em 24 de dezembro de 1901, que continua a existir, os seus elementos tinham, à noite, os ensaios da música, duas ou três vezes por semana. Deve dizer-se que Tibaldinho tem entranhadas tradições musicais. Antes da fundação da Banda, existiu uma Tuna. Depois, teve a orquestra “Os Teimosos” e o “Conjunto Juventus”, além de bons executantes de instrumentos de cordas, individualmente ou em grupo.

Convém relevar que, ao contrário de muitas outras aldeias da região, Tibaldinho tinha intensa vida noturna, pelos motivos atrás expostos, principalmente, pela tradição do artesanato dos bordados e da música.

A este propósito, Azevedo e Silva, em 1983, afirma que *“tradição não é passado, é futuro”*. Para o autor, *“manter a tradição é absorver a seiva pelas raízes para produzir as flores e os frutos novos”*. Refere ainda que a *“tradição admite e exige evolução, sopro dinâmico e criatividade”*, consente mesmo o avanço da ciência e da técnica. Mas, para o referido autor, *“tradição não é traição”*. Afirma que não se pode *“confundir evolução com deturpação”*. Para se manter viva a tradição há que ter em conta o passado e a sua evolução. É necessário respeitar os princípios e as principais características daquilo a que se quer dar continuidade e manter viva a

⁵³ *Ibidem.*

tradição. O mesmo autor considera, assim, a tradição como “um olhar atento para o futuro”, sendo uma inesgotável fonte de inspiração para novos rumos⁵⁴.

2. Manifestações Carnavalescas

Embora não haja unanimidade quanto à origem do termo Carnaval, prevalece a interpretação de que deriva da expressão latina *carne vale* (adeus à carne) ou de *carne levamen* (supressão da carne), o que nos aponta para o tempo dos jejuns do período da Quaresma. A própria designação de Entrudo, ainda muito utilizada entre nós, vem do latim *introitus* que significa entrada no tempo da Quaresma e no equinócio da Primavera.

Uma das nossas Enciclopédias⁵⁵ explica um pouco o que se passava ao nível do Carnaval. Considera este tempo festivo como uma “época de divertimento e folias, que começa no Dia de Reis e vai até a Quaresma. Diz-se especialmente dos três dias chamados gordos (domingo, segunda e terça feira) que antecedem o Dia de Cinzas em que são contínuos os folguedos: divertiu-se muito pelo carnaval.... O mesmo que entrudo, tempo em que se come carne por oposição à Quaresma”.

Esclarece a Enciclopédia em nota infrapaginal que “as máscaras de carnaval também têm, na sua origem, carácter religioso-espiritual...”⁵⁶. “Acendem-se grandes fogueiras, onde se queima um boneco”. E acrescenta: “hoje, o carnaval é uma série de festas de regozijo público que se celebram nos dias que precedem a quarta feira de cinzas, princípio dos jejuns quaresmais”.

Podemos ainda referir algum significado cultural dos símbolos existentes no Carnaval de Tibaldinho. Ora, os casamentos do Entrudo representam um ritual iniciático do sacramento matrimonial.

A cinza utilizada pelo borralheiro é o resíduo do fogo purificador.

A máscara vem do latim “*persona*” e simboliza o disfarce da personalidade de uma pessoa enquanto a usa.

O jogo da bexiga confirma o adágio popular de que “do porco tudo se aproveita”, neste caso, até a bexiga para jogar pelo carnaval.

Quanto ao enterro do Entrudo significa o final do tempo carnavalesco e a entrada no tempo quaresmal⁵⁷.

2.1 - A matança do porco

A maioria das pessoas inquiridas refere que a matança do porco era feita entre o Dia de Reis e o Carnaval, por ser um período frio. Normalmente feito por cada família que criava o

⁵⁴ José Manuel Azevedo e Silva, “Bordados de Tibaldinho”, Separata de *Mundo da Arte*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, L. da, 1983, p. 58.

⁵⁵ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa /Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia. Lda, 1987, vol. 5, pp. 960-961.

⁵⁶ *Ibidem* p. 961.

⁵⁷ José Manuel Azevedo e Silva, elementos fornecidos oralmente pelo orientador e que estão expressos no seu livro “Etnografia do Planalto Beirão”, a aguardar publicação.

animal para “governo” de casa, era também uma forma de juntar a família e haver convívio. Chamava-se um matador que vinha fazer a matança. Aí, o porco era deitado e amarrado sobre uma carroça, sobre uma das chedas e o toíço poisado no chão de um carro de bois ou sobre um banco grande, até que chegava a hora de espetar a faca na goela do animal. Duas mulheres já estavam preparadas para apanhar o sangue no alguidar para fazer as morcelas. Ao mesmo tempo que faziam a recolha, iam deitando na referida vasilha uns grãos de sal grosso, mexendo continuamente com uma colher de pau de cabo comprido para o sangue não coalhar.

Depois disso, o pêlo do porco era queimado com palha de centeio e raspado com uma telha e água, para a pele ficar bem limpa. De seguida, era pendurado no chamberil e, de imediato, extraídas as vísceras recolhidas num tabuleiro de madeira e alguma carne para guisar e fazer os torresmos, levada à pressa à cozinha para ser confeccionada a refeição da festa da matança do porco.

A D. Lurdes Santos confirma-nos esta tradição com apenas algumas alterações (inquérito nº 4, de Tibaldinho). Diz ela que matavam o porco e “depois deitavam fogo à palha para o estonar”. A seguir, “os homens raspavam o coiro do porco com sachadeiras” (outras pessoas referiram as telhas, apenas difere o objecto). Ao fim de rasparem o porco, “era lavado com umas escovas e água para o coiro ficar limpo” e, a seguir, o animal era pendurado num gancho de ferro (chamberil). Os matadores punham um padelo (normalmente de barro) debaixo da cabeça do porco para o sangue escorrer. Esse sangue era junto ao do alguidar, mas, antes de o sangue começar a escorrer, “o matador deitava pela goela abaixo do porco uma garrafa de vinho tinto”. Esta é umas das curiosidades que mais ninguém refere, mas que certamente era feito nesta família ou então, por esquecimento, ninguém fez esta referência.

No dia seguinte, o matador, ajudado pelas pessoas da casa, procedia à “desmancha” do porco (anexo nº 2): pás e presuntos para um lado, lombo para outro, cabeça bem amanhada para outro, costeletas para outro, toucinho para outro, tudo preparado para “arrumar” na salgadeira, reserva do consumo de todo o ano. Também havia quem conservasse alguns torresmos em “vinha-d’alhos” (vinho e alhos) para consumir nos tempos imediatos.

As tripas, bem lavadas num curso de água corrente (rio, ribeiro, regato), serviam para fazer as morcelas e as chouriças. Depois deste trabalho concluído, as tripas grossas (do intestino grosso) eram cheias com sangue, gorduras e massa de pão para fazer as morcelas. Quanto às tripas delgadas (do intestino delgado), umas eram cheias com os pulmões do porco cortado aos bocados (chouriço do bofe); outras com pedacinhos de carne (chouriços de carne), depois de bem temperados com sal, vinho tinto e especiarias a gosto.

A D. Clarisse (inquérito nº 2, de Tibaldinho), ao referir-se à bexiga, afirma que “nesta família era hábito enchê-la com carne em vinha de alhos”. Ora, esta passava a ser menos uma para jogar pelo Entrudo. A D. Encarnação (Inquérito nº 6, de Tibaldinho) afirma que a sua mãe “secava a bexiga e no fim de seca enxia de chouriças de boche (sic) no dia da outra matança é que se comia”.

2.2 - O jogo da bexiga

Era uma tradição deste povo. Quem matava o porco guardava a bexiga que era cheia de ar com uma cana fininha, atada com uma guita e pendurada, ficando a secar na cozinha até à chegada dos festejos carnavalescos da aldeia. Era um divertimento.

O Largo do Pinôco era um dos largos mais importantes da aldeia e onde era feita a maioria dos divertimentos. Este jogo era feito em roda e jogado só por homens, fossem casados ou solteiros. A bexiga transformava-se em bola e era lançada ao punho como se fosse um jogo de voleibol sem rede, como refere José Manuel Azevedo e Silva⁵⁸. O autor refere que “a meio da manhã, os rapazes abriam os folgedos no largo central da aldeia, frente ao chafariz, com o tradicional jogo da bexiga. No ato da matança do porco, enchia-se a bexiga do suíno bem cheia, punha-se a secar pendurada na cozinha e guardava-se para o carnaval”. As regras eram simples, não havia equipas nem adversários, até porque era um jogo de roda. Não havia limite de participantes, estes entravam e saíam a qualquer momento. A bexiga só podia ser jogada com a mão, mas geralmente de punho fechado (anexo nº 3 - variante do jogo).

Segundo o autor supracitado, este não era um “jogo viril nem competitivo. O importante era que o jogador conseguisse socar a bexiga com mais força e o mais alto possível. O herói seria aquele que conseguisse rebentar a bexiga”⁵⁹. Claro que os mais fortes e mais hábeis zombavam dos “azelhas”. Mas era o momento asado para a rapaziada dar largas à sua natural alegria e boa disposição, próprias da juventude.

Quando a bexiga rebentava, iam pedir outra a casa de outra família, pois estavam guardadas de propósito para esses quatro dias de folia (domingo da septuagésima, domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval).

Algumas das moças da aldeia tinham como tarefa ir buscar água à fonte, situada ao lado do largo, onde se realizava o jogo. De propósito ou disfarçadamente, escolhiam a altura em que decorria o jogo para ir à fonte. Ora, isto despertava ainda mais a disputa do jogo. Este era o momento em que elas atravessavam o largo para encher o cântaro e os malandros dos jogadores tentavam esforçar-se por socar a bexiga com força para ver se ela ia direitinha ao cântaro, já que este era de barro e, vindo à cabeça, era alvo fácil para algum jogador, por malandrice, deitar o cântaro ao chão, onde se escaqueirava todo. Quando tal acontecia, os rapazes consideravam-se inculcados, porque a rapariga é que tinha atravessado o seu “campo” de jogo. Era a galhofa total. O que importava era o divertimento e, como era Carnaval, ninguém levava a mal.

Curiosidade: Algumas famílias tinham por hábito encher a bexiga com carne em “vinha d’alhos” para se conservar durante mais tempo. Outras enchiam-na de chouriças de bofe que só eram comidas na matança seguinte, como afirmaram alguns dos inquiridos, confirmando o que atrás se disse.

⁵⁸ José Manuel Azevedo e Silva, “O Entrudo em Tibaldinho - Pelo Carnaval nada parece mal”, separata da revista *Munda*, nº 16, novembro, 1988, p. 10.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 10.

2.3 - O jogo do cântaro ou púcaro

Era também um jogo muito divertido. Jogado por rapazes e raparigas, homens e mulheres, o jogo era feito em fila indiana e o cântaro era lançado de costas para a pessoa que estava imediatamente atrás e assim sucessivamente. Começava no Largo do Pinôco, percorria as ruas da aldeia e terminava no Largo do Redondeiro. Alguns inquiridos recordam com saudade o divertimento e as peripécias que normalmente aconteciam no decorrer deste jogo.

Quando se partia um cântaro, “era logo sinal de risada” (inquérito nº 5, de Tibaldinho) e, quem o deixasse cair, teria logo de ir à procura de outro até se gastarem todos os “cacos” de barro que havia em casa. O jogo acabava quando não se conseguia que alguém aparecesse com um cântaro ou um púcaro. Quando o jogo decorria de forma cuidadosa, o mesmo púcaro não chegava a partir, durava o jogo todo, dando a volta ao povo todo. Como atesta o Sr. Manuel Cata (inquérito nº 5, de Tibaldinho), “muitas vezes o mesmo púcaro não chegava a partir, dando a volta ao povo todo”. Refere ainda que se cantavam duas canções neste jogo, tal como atestam outros inquiridos (“Ó Entrudo, ó Entrudo” e “Anda o sol atrás da lua, a lua atrás do luar”), partituras que se encontram transcritas mais adiante, no ponto das danças do Redondeiro.

2.4 - As cegadas

A maioria das pessoas inquiridas não se lembra do que eram as cegadas (pronuncia-se com o *e* aberto). Uma ou outra lá fez um esforço de memória e lá relatou que “era um grupo que vinha pela altura do Carnaval da freguesia de Alcaface e vinham representar uma comédia da terra deles”. Era “um grupo de comediantes que vinha fazer teatro de rua” (D. Lurdes Santos, inquérito nº 4, de Tibaldinho).

A D. Sedaltina referiu-nos que “eram brincadeiras de Carnaval que apareciam sem serem esperadas” (inquérito nº 9, de Tibaldinho). Normalmente, as cegadas eram feitas por homens em grupo. Era uma forma de se manifestarem, cada um à sua maneira, e de divertirem a curiosa assistência, particularmente a pequenada.

José Manuel Azevedo e Silva⁶⁰ relata que, além de outras manifestações populares, “as cegadas, pantominas, palhaçadas, pilhérias⁶¹ e dichotes eram imaginadas e apresentadas pelos mais desinibidos e dotados de humor. Vinham grupos das povoações vizinhas, assim como os de Tibaldinho iam a essas povoações, numa espécie de intercâmbio cultural sem acordo prévio”⁶².

A propósito, convém referir um episódio interessante e delicioso. No Carnaval de um ano da década de 40 do século passado, uma cegada de Cabanões, aldeia da vizinha freguesia de São João de Lourosa, fez a sua representação em Tibalde, seguindo depois a pé para Tibaldinho, a fim de aí repetir a sua “brincadeira”. À entrada desta povoação, frente ao quintal da Casa da Bica, o ensaiador mandou parar o grupo e fez-lhe uma breve preleção de incentivo e mentalização, começando pela seguinte frase: «Eh pessoal, apurai-vos que vamos entrar na terra

⁶⁰ *Ibidem*, p. 12.

⁶¹ Piadas.

⁶² José Manuel Azevedo e Silva, *ob. cit.*, p. 12.

da ciência»⁶³. Por esta lisonjeira frase, vemos em que conta a aldeia de Tibaldinho era tida em Cabanões e, certamente, nas aldeias vizinhas.

As cegadas eram uma das manifestações carnavalescas tradicionais que, segundo informações das pessoas mais idosas, quando eu era criança, vinham dos tempos antigos. Nas décadas de 40 a 60 do século passado, António Pais do Amaral (O Teimoso)⁶⁴, homem dotado de uma fértil imaginação, todos os anos “inventava” uma cegada carnavalesca.

Convém começar por esclarecer que, das cegadas de Tibaldinho fazia geralmente parte uma carroça, enfeitada com ramos de mimosas (acácias) espetados ao alto e como que formando uma cobertura e com serpentinas de várias cores que “abraçavam” o conjunto dos ramos. Num dos anos, o “Teimoso” imaginou a seguinte cegada: da carroça saía uma borrifada ou um esguicho de água projetada por uma máquina de sulfatar que molhava os circundantes, o que provocava estrondosa galhofa e desordenado rebuliço. Cá está uma situação divertida, hilariante, inofensiva, embora muitas pessoas ficassem com a roupa molhada.

Num outro ano, foi ensaiada uma paródia mais complexa. No princípio da tarde, um homem começou a gritar desesperadamente, queixando-se de terríveis dores de barriga, acabando por se deitar no chão, encostado às guardas do Pinôco. Apareceu, de imediato, a carroça com a equipa médica: o médico-cirurgião, o médico ajudante e o enfermeiro. Os médicos apalpam a barriga anormalmente inchada, conferenciaram e chegaram à conclusão de que, para salvar a vida ao homem (que cada vez gritava mais), era preciso operá-lo imediatamente. Mandou-se chamar à pressa o anestesista. Este, munido de uma garrafa de aguardente, convenceu o doente a ir bebendo até ficar melhor. Entretanto, a equipa médica foi atando lençóis brancos ao pescoço, cosidos atrás com uma agulha e linha de sapateiro (era o que estava à mão) e assim improvisaram uma bata branca. Pouco tempo decorrido, o anestesista confirmou que o homem já estava a dormir profundamente, em coma alcoólico. Começou a operação. A equipa médica desinfetou as mãos com aguardente. A carroça serviu de marquesa, ou melhor, de bloco operatório. «Dá cá esse canivete bem desinfetado com aguardente!» - dizia o cirurgião para o enfermeiro. E, com o canivete, abriu cuidadosamente a “barriga” (uma bexiga de porco cheia de tripas de cabra, fornecidas pelo Sr. Henriques⁶⁵), tirou as tripas para fora e logo chegou à conclusão de que se tratava de uma apendicite aguda. Extraído o apêndice, coseram magistralmente a “barriga” com pêlos do rabo do burro previamente desinfetados com aguardente. A operação tinha terminado. E correu bem. O “doente” ficou aliviado, bem disposto e sentou-se num banco dentro da carroça. E lá foram todos para outra aldeia, repetir a paródia.

Claro que os gritos do paciente e o aparato médico atraíram muito povo (homens, mulheres e crianças). Até a dança do Redondeiro foi interrompida. Uns riam a bandeiras despregadas; outros manifestavam-se preocupados; outros ficavam boquiabertos, pasmados, indecisos entre a simulação e a realidade; a pequenada, curiosa, procurava furar por entre os adultos para poder aproximar-se o mais possível do “bloco operatório”. Não há dúvida de que esta cegada exigiu uma forte dose de imaginação e de organização.

⁶³ Frase ouvida pelo falecido António Pais de Azevedo, um dos sete irmãos da Casa da Bica, que a contou aos amigos e ao seu sobrinho e afilhado, António Victor Azevedo e Silva, a quem agradecemos esta informação.

⁶⁴ Maestro da Banda Filarmónica, fundador e maestro da orquestra “Os Teimosos”, ensaiador de ranchos de “tricanas” e de cegadas carnavalescas.

⁶⁵ Este senhor comprava ovelhas, cabras, cabritos e borregos, matava-os, esfolava-os e preparava-os para depois vender a carne, à peça ou ao quilo.

Ó Entrudo, ó Entrudo,
 Amigo da brincadeira,
 Eu também sou amiguinho
 Das raparigas solteiras.

Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá;
 Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá;
 Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá.⁶⁷

Tanto esta cantiga como a seguinte eram dançadas à roda e em caracol e com elas terminava no Redondeiro a dança no Domingo Gordo e na terça-feira do Carnaval. Ao mesmo tempo que se desfazia a roda, formava-se um **comprido cordão** com todos os participantes de mãos dadas e em passo de marcha, cantando ambas as cantigas alternadamente e assim percorrendo as ruas de Tibaldinho e indo mesmo às vizinhas povoações de Tibalde de Baixo e Tibalde de Cima. Nos largos, o elemento da frente conduzia o grupo em círculo e o cordão assumia a forma de caracol que, depois, deslizando em sentido inverso, se desfazia, retomando a sua forma linear.

Relativamente à segunda cantiga, chama-se a atenção para o facto de cada um dos versos ser repetido, tal como se mostra na primeira quadra, transcrita na pauta musical.

ANDA O SOL ATRÁS DA LUA (!)

(1) Bealthe & Co. Editores, Lisboa, 1910.

Figura nº 4- canção de Carnaval “Anda o Sol atrás da Lua” (partitura e letra)⁶⁸

⁶⁷ *Ibidem*, p. 13 - recolha e escrita musical de José Manuel Azevedo e Silva.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 14 - recolha e escrita musical de José Manuel Azevedo e Silva.

I

Anda o Sol atrás da Lua,
A Lua atrás do luar,
Minha alma atrás da tua,
Sem o poder alcançar.

II

O Sol anda e desanda,
Dá mil voltas sem se pôr;
Eu nem ando nem desando,
Sou leal ao meu amor.

III

O Sol julga que me engana,
Mas eu sei-lhe andar ao jeito;
Quando nasce estou na cama,
Quando se põe já me eu deito

IV

Comprei uma réstia d'alhos
Para tornar a vender;
Quem quer alhos, quem quer alhos,
Ó meninas venham ver.

V

Já lá vai o Sol abaixo,
Metido num pucarinho;
Já lá vai o brio todo
Das moças de Tibaldinho.

2.6 - O borralheiro

Segundo os inquiridos, enquanto decorriam as danças no Redondeiro, aparecia a “figura do borralheiro”. Podiam ser homens casados ou solteiros. Vestindo roupa velha e trapalhona, o borralheiro colocava uma meia na cara ou uma máscara e ia buscar a borralha a sua casa ou ao forno do povo com um balde ou um saco e seguia por ruas menos frequentadas até chegar sorrateiramente ao Redondeiro. As “vítimas” principais eram as raparigas, pois, quando este chegava, espalhava borralha na cabeça e na blusa das moças, deixando no ar uma nuvem de cinza. Estas, por sua vez, sabendo de antemão que seriam a “presa” visada, fugiam da roda aos gritos ou procuravam esconder-se nas casas mais próximas ou escondiam-se debaixo do xaile da mãe. Alguns inquiridos referem que o borralheiro deitava mais borralha às moças de quem não gostava, às outras deitava só um pouquinho. Estas riam e fugiam, mas ninguém levava a mal, pois era Carnaval.

Azevedo e Silva⁶⁹ diz que o borralheiro era uma figura típica do Carnaval de Tibaldinho. “Para não ser identificado, levava consigo para um local onde não fosse descoberto todo o material necessário. Depois, no momento certo, equipava-se e lá ia até ao Redondeiro”.

O autor refere ainda que “quem mais se divertia com o borralheiro era a pequenada que ainda não tinha



Figura 4 - O borralheiro e uma das suas “vítimas”

⁶⁹ *Ibidem*, p. 11.

idade para entrar na dança. Sempre à espreita para verem donde e quando vinha o borralheiro, os garotos acompanhavam-no ao Redondeiro e iam atrás dele em cortejo vitorioso quando se ia embora”.

2.7 - Os mascarados e os “travestidos”

Os mascarados eram tipo matrafonas de ambos os sexos. Vestiam-se com roupa velha, de cores escuras ou coloridos, roupa do avesso e rotas, muitas vezes com mantas pelas costas e de cara tapada com uma meia ou máscara, percorriam as ruas da povoação uns/umas em grupos de três ou quatro pessoas, outras vezes sozinhos(as). Sem falarem, comunicavam apenas por gestos para não os identificarem pela voz. A D. Alice confirma como eram estas matrafonas (inquérito nº 1, de Tibaldinho) “homens e mulheres que trocavam de roupa e vestiam - se ao contrário parecendo matrafonas, com roupa velha e com uma meia ou máscara na cara para não serem reconhecidos”.

Ora, segundo Zeca Guedes⁷⁰, esta época era a única ocasião em que “as mulheres e as crianças tinham autorização para se pintarem à vontade e, num esforço exagerado, tudo passava despercebido: o canto, o baile e outros divertimentos carnavalescos que compensavam o cansaço”.

Uns mais inibidos, outros menos, havia comportamentos, trajes garridos e ridiculamente aperaltados uns, pobretanas e outros maltrapilhos e ainda indumentária e máscaras do sexo oposto.



Figura 5 - Grupo de travestidos



Figura 6 - Par de matrafonas, mascaradas (os) com uma meia enfiada na cabeça

2.8 - Os casamentos

Os casamentos eram sempre realizados na noite de terça-feira de Carnaval. Os inquiridos referem que existia uma comissão que fazia a lista dos homens e das mulheres solteiras da aldeia, que passavam a ficar “casados”, num ritual em que dois homens (ou mais que se iam revezando) dialogavam, através de um funil do vinho (dos tonéis), de uma janela ou varanda para outra, de modo a que se vissem um ao outro, referindo o nome da família e do filho que tinha para “casar” e para arranjar uma moça para o dito rapaz (ver anexo nº 6).

Pelas nove horas da noite, começando pelo Casal, então a parte mais alta da povoação que hoje subiu, estrada acima, em direcção ao Cruzeiro da Lama ou ao Toladoiro, onde hoje começa

⁷⁰ Zeca Guedes, *Canções soltas das Beiras, Viseu*, Eden Gráfico S. A, 1996, p. 42.

a aldeia, a população juntava-se entre o Largo do Redondeiro e o Largo do Pinôco. Algumas raparigas, para manterem alguma discricção, ficavam em casa a ouvir o pregão dos mordomos.

Uns de um lado, outros do outro, lá se posicionavam os elementos da comissão para dar início aos casamentos de Entrudo de cada ano. Os porta-vozes de cada grupo tratavam-se por “companheiros”. Cada grupo instalava-se em casas distintas, à distância de cerca de cem metros, de modo a que os “companheiros” se ouvissem bem um ao outro, como se disse por meio de um grande funil de adega de vinho que servia de megafone e começava o “pregão matrimonial”:⁷¹

Posto 1- “Ó... Ó... Ó... companhe..... e.....i.....ro!!!

Posto 2- “Olá....á...á...!!!”

Posto 1- Vamos dar início aos casamentos deste ano.

Conheces tu? Conheces tu, a menina Albina, filha do senhor Manuel Azeve...e...e...do???

Posto 2 - Conhe...e...e...ço!!!

Posto 1 - Arranja lá um rapaz p’ra ela, se não arranjo-lho e... e... eu....!!!

Posto 2 - Se pretendia ser ele a fazer o casamento, dizia: - eu cá me encarrego di...i...i...sso!!! (e, neste caso, invertiam-se as posições e as funções dos postos 1 e 2, até voltarem à situação anterior, e isto de forma alternada); se preferia que fosse o companheiro a «consumar» o casamento, dizia apenas: estou p’ra ver as tuas habilida...a...a...des!!! (nesta exemplificação, partimos do princípio que estamos perante a segunda alternativa e vamos continuar).

Posto 1- “Ó... Ó... Ó... companhe.....i.....ro!!!

Posto 2- “Olá....á...á...!!!”

Posto1- Conheces tu? Conheces tu, o Fernando, filho do senhor Alexandre Rodri...i...i...gues???

Posto 2 - Conhe...e...e...ço!!!

Posto 1 - Vamos casá-lo com a Albina? Achas que fica be...e...e... em???

Posto 2 - Fica bem, fi...i...i...ca!!!

Estava apregoado o primeiro casamento e assim se continuava, um após outro, até chegar à última casa que tivesse um filho ou uma filha solteiros. O ritual terminava por volta da meia - noite.

Normalmente, os mordomos dos casamentos, como tinham de apregoar todos os rapazes e raparigas solteiros da terra, iam bebendo aguardente, anis ou outras bebidas para “amaciarem” a voz.

No Largo do Pinôco, nas ruas ou em casa, toda a gente ficava com atenção para saber quem seria a sua “mulher” ou o seu “marido”. Se, por acaso, o “casamento” agradasse, os rapazes “manifestavam a sua satisfação, deitando foguetes” (que tinham de comprar a bom preço aos mordomos, sendo esta a única fonte de receita para cobrir as pequenas despesas).

⁷¹ *Ibidem*, p. 15.

Terminados os casamentos desse ano, eram nomeados os mordomos para o ano seguinte. Parafrazeando Azevedo e Silva⁷², “no final deste ritual, todos os rapazes e todas as raparigas da aldeia ficavam “casados”, o que queria dizer que todos os solteiros de Tibaldinho podiam casar na sua terra, isto é, não precisavam de ir casar em terra alheia.

Bom, todos os pares de solteiros ficavam casados durante toda a Quaresma. Chegado o dia de Páscoa, o rapaz ia levar as amêndoas à sua “esposa”, como está assinalado em alguns dos inquéritos.

Alguns inquiridos, como é o caso da D. Maria da Luz (inquérito nº 8, de Tibaldinho) refere que hoje ainda se faz este tipo de manifestação carnavalesca, mas afirma que, antigamente, havia mais respeito, pois muitos já eram namorados e muitos davam mesmo em casamento”. Foi o caso de um dos nossos inquiridos, o Ti Manel Cata, como é conhecido, que casou com a D. Palmira, começando a namorar a partir do seu casamento de Carnaval, como o próprio nos refere (inquérito nº 5, de Tibaldinho). Este senhor confirma ainda que, “quando o par agradava, o rapaz ia buscar bombas, foguetes e rabuscapés” que eram lançados para festejar o casamento.

Como afirma José Manuel Azevedo e Silva⁷³, “os mordomos esforçavam-se por «acasalar» os jovens o mais ajustadamente possível”. Alguns destes “casamentos”, como referimos atrás, acabavam mesmo consagrados na igreja.

Uma das diferenças que existe hoje é que a comissão já inclui raparigas e, naquele tempo, eram mesmo só rapazes.

2.9 - O “enterro do Entrudo”

Os rituais carnavalescos terminavam com o enterro do Entrudo, realizado na terça-feira de Carnaval, à meia-noite, após terem terminado os “casamentos”.

Alguns inquiridos referem que era só assistido por homens, pois, a essa hora, as moças tinham de estar recolhidas em casa.

Faziam um boneco de palha que vestiam com roupas velhas, colocado numa carroça ou padiola, percorrendo as ruas da povoação (ver anexo nº 7) com as pessoas a gritar, chorando e rezando e, dizendo algumas frases como, por exemplo, “ó comilão que me deixaste empenhado! Agora quem é que me paga as dividas?” (D. Lurdes, inquérito nº 4, de Tibaldinho). Outro exemplo: “comilão comeste a carne toda, mas não comes mais, foste um malandro. Vai pró inferno...” (D. Sedaltina, inquérito nº 9, de Tibaldinho). Paravam em certos sítios para rezar como se se tratasse de um funeral. O “Enterro” era feito no Largo do Pinôco, onde era queimado o boneco (Entrudo).

Segundo Azevedo e Silva⁷⁴, “deitado sobre uma carroça ou padiola e envolto num lençol, um dos rapazes era conduzido e acompanhado pelos restantes, pelas ruas da aldeia Personificava-se, assim, o Entrudo que ia a “enterrar”, no meio de rezas e de choros que faziam arrepiar as almas do Céu e aqueles que, em suas casas, tentavam dormir.

⁷² *Ibidem*, p. 15.

⁷³ *Ibidem*, p. 16.

⁷⁴ *Ibidem*.

Mais recentemente, na aldeia existia um cangalheiro (Toninho Lopes, como era conhecido) que emprestava uma urna, a qual era utilizada para o enterro do Entrudo. Lá dentro, ia o nosso coveiro. A urna ia em cima de uma carroça, pertencente ao próprio coveiro. Normalmente com um “padre” vestido a “rigor” (lençol branco), com a sua bíblia (lista telefónica) e com os seus acólitos, assim começava o enterro (ver anexo nº 7 c).

Entre rezas e choros, o cortejo percorria as ruas principais da aldeia, saindo do Pinôco e regressando ao mesmo local para ser queimado. Aí chegado, era queimado um boneco de palha, em representação do Entrudo. (ver anexo nº 7 e).

Assim terminavam as brincadeiras carnavalescas em Tibaldinho, à meia-noite de terça-feira, com o enterro do Entrudo.

É curioso, como nos refere o Sr. Manuel Cata, como é conhecido na aldeia (inquérito nº 5, de Tibaldinho), que “a feira de Mangualde era ao domingo e os que lá iam compravam um penico de barro novinho e davam a volta ao povo, onde comiam as sopas de cavalo cansado⁷⁵. Terminava no Pinôco com todos a comerem. É engraçado porque este senhor já tem 90 anos e o meu pai com menos de 60 ainda se lembra desta tradição.

Em suma, por tudo aquilo que se disse, vê-se que a aldeia de Tibaldinho era um “poço” de cultura e de tradições. Hoje, as coisas já não se vivem com o mesmo espírito de alegria. Como nos confirma a D. Encarnação (inquérito nº 6, de Tibaldinho), “era tudo tão lindo, tudo alegre... Cantar e dançar na rua, havia muita alegria e amizade e agora tudo acabou”.

3. O Entrudo nas restantes povoações da freguesia de Alcafache

Comparando sempre que possível com Tibaldinho, vamos agora abordar as manifestações carnavalescas nas restantes povoações da freguesia.

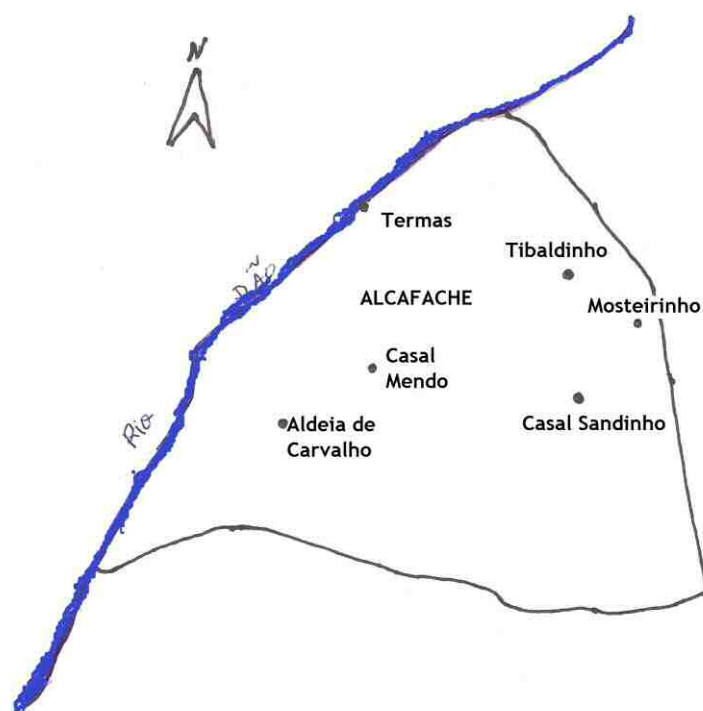
3.1 - Aldeia de Carvalho

Em Aldeia de Carvalho, apenas foi inquirida uma pessoa, pois mais ninguém se dispôs a preencher o inquérito, muitos por não terem a idade pedida (mais de 65 anos), outros porque alegaram já não se lembrarem muito bem.

A matança do porco era feita, tal como em Tibaldinho, para consumo próprio, mas, como afirma o Sr. João (inquérito nº 1, de Alcafache), “na época de carnaval, festejavam a matança em comunidade”.

No que se refere ao jogo da bexiga, o inquirido diz que era jogado como basquetebol (pretendia, certamente, dizer voleibol) até rebentar.

⁷⁵ Pão com vinho e ovos.



Mapa 2 - Freguesia de Alcafache

Quanto ao jogo do cântaro ou púcaro era igual ao que se realizava na aldeia de Tibaldinho. No que respeita às cegadas, o inquirido conta-nos que era um conjunto de pessoas que se vestiam de trajes disfarçados em que diziam palavras muito engraçadas e o povo se divertia.

Referindo-se às danças e cantares, o Sr. João afirma que rapazes e raparigas faziam uma roda e cantavam as canções da época, sendo tudo muito divertido. Tal como em Tibaldinho, as danças de roda estavam presentes, mas as danças e cantares eram quase todas diferentes. A figura do borralheiro não existia em Aldeia de Carvalho.

Relatando o caso dos mascarados e dos travestidos, diz que as pessoas mascaravam-se com as suas palhaçadas, fazendo rir o povo. Era tudo muito engraçado.

Quanto aos casamentos, o Sr. João revela-nos que já muito dentro da noite, os rapazes pegavam num funil e, através dele, “casavam” os rapazes e as raparigas, dos quais alguns se tornaram realidade. Só não obtivemos a informação de como eram apregoados, para podermos fazer, neste aspeto, a comparação com a aldeia em estudo.

Relativamente ao “enterro do entrudo”, o inquirido em causa afirma que acontecia no final da quadra carnavalesca, sendo feito já de noite, cantando, brincando e chorando. O Sr. João remata o inquérito, dizendo que esta era uma quadra em que se diziam coisas e se faziam outras que durante o ano não havia coragem para se dizerem, mas como era Carnaval ninguém levava a mal.

Muita coisa se compara a Tibaldinho, mas a informação obtida não foi suficiente para estabelecermos uma analogia mais aprofundada.

3.2 - Casal Mendo

Nesta povoação foram feitos dois inquéritos.

No que respeita à **matança do porco**, o Sr. Elísio (inquérito nº 3, de Alcafache) conta-nos que se reuniam várias pessoas, compravam um porco, matavam-no e comiam-no todos juntos. “Os particulares matavam para consumo de casa”. A D. Ângela refere que era para consumo de casa e as fêveras eram oferecidas aos grupos que andavam a brincar ao Entrudo (inquérito nº 2, de Alcafache).

Quanto ao **jogo da bexiga**, o Sr. Elísio diz que “era formado por um grupo de pessoas em linha e o primeiro jogava-a para trás das costas e iam seguindo a rua”. A D. Ângela, por sua vez, afirma “que enchiam-na com urina e depois colocavam-se em fila e era mandada para trás sem vermos”. Cá está uma das diferenças em relação a Tibaldinho. Enquanto aqui se jogava ao punho e formando uma roda, em Casal Mendo era jogada em fila e para trás das costas e, ao que parece, alguns malandros usavam urina misturada com água.

No **jogo do cântaro**, as pessoas colocavam-se em fila nas ruas principais e atiravam para a pessoa que estava atrás, quem o deixasse partir saía do jogo e assim sucessivamente. “Quando não havia cântaros acabava o jogo”, diz a D. Ângela. O Sr. Elísio confirma que era feita em fila, mas diz “que dava vontade de rir quando se partia e tinha dentro urina”. Decorria este jogo na rua principal. Uma das semelhanças a Tibaldinho é o facto de ser jogado em fila de costas para trás. E o contraste flagrante é que, em Tibaldinho, o cântaro estava seco, sem água e sem urina. Nenhum dos inquiridos referiu se era cantada alguma canção ou não como em Tibaldinho. Uma das diferenças é que aqui só percorriam a rua principal e, em Tibaldinho, faziam-no pelo povo todo até acabarem os “cacos”.

Relativamente às **cegadas**, o Sr. Elísio confirma que era “teatro de rua em que se diziam pieguices e anedotas para fazer rir”. A D. Ângela refere praticamente o mesmo: “era feito um teatro na rua em que se dizia anedotas, rimas e algumas piadas para nos rirmos uns dos outros”.

As **danças e cantares**, como diz o Sr. Elísio, eram em grupo (à roda) e havia a canção do “ladrão que ia um ao meio da roda e saía para roubar um par” (esta canção era parecida à de Tibaldinho - “o ladrãozinho”). Já a D. Ângela refere que “em tempos antigos tínhamos ensaios de uma marcha para os dias de Carnaval, em que saíamos pelas ruas e dançávamos em roda”. Também nesta aldeia não existia a figura do bortalheiro.

No que concerne aos **mascarados e travestidos**, a D. Ângela refere serem “homens que se vestiam tipo matrafonas e usavam máscaras de velhas”. O Sr. Elísio diz serem “pessoas que se vestiam do sexo oposto e com máscaras de modo que não fossem reconhecidos”.

Quanto aos **casamentos**, eram “transmitidos com um funil nos arredores da povoação e eram publicados nomes de alguns conhecimentos sexuais e geralmente com mocidade zangada”. Acrescenta o Sr. Elísio que, “durante o ano aconteciam coisas entre namorados e na noite de carnaval era dito em público”. A D. Ângela conta-nos que “eram feitos de noite, colocavam-se em cima das árvores e com um funil grande, um de um lado outro de outro descobriam quem namorava com quem”. Como vemos, os casamentos nesta aldeia eram um pouco mais para a

coscuvilhice do que para outra coisa, eram maldosos, só queriam pôr a nu a vida dos outros. Ao contrário, em Tibaldinho existia mesmo o significado de ficar “casado” até à Páscoa e as coisas eram feitas com seriedade e com muito respeito.

Terminando com o **Enterro do Entrudo**, o Sr. Elísio refere que “era um homem vestido de velho e era julgado e morto depois punham-no num caixão as pessoas de bem choravam e as de mal riam”. Acrescenta que “o Entrudo era um boneco que era queimado no fim”. Esta história parece-nos um pouco confusa e, em Tibaldinho, o enterro do Entrudo tem outro sentido. A grande diferença em Casal Mendo era haver um juiz. Por sua vez, a D. Ângela refere que “juntavam-se todos no largo, ao pé da capela, em que havia um juiz que julgava o homem e era morto, em que as pessoas do bem choravam e as do mal riam-se. No fim, queimava-se um boneco”.

Esta senhora desabafa que hoje na aldeia já “não existe nada, só Nelas, Canas de Senhorim é que existem carros alegóricos, ou seja, mais parecido com o Brasil”. E o Sr. Elísio tem idêntica opinião, ao afirmar que “o carnaval de hoje é alegórico, desfilam os carros com vários temas de política e outras variações em várias localidades como em Nelas, Canas e Cabanas”.

3.3 - Casal Sandinho

Nesta povoação foram feitos dois inquéritos.

No que diz respeito à **matança do porco**, o Sr. Delfim (inquérito nº 4, de Alcafache) diz-nos que “era feita entre o Natal e o Carnaval para consumo de casa. A D. Maria da Luz (inquérito nº 5, de Alcafache) faz a mesma referência, mas acrescenta que a família reunia-se e “era uma festa nesse dia”.

Quanto ao **jogo da bexiga**, ambos os inquiridos são da mesma opinião. A bexiga do porco era guardada, cheia de ar e ficava a secar para o jogo no Carnaval. A D. Maria da Luz acrescenta que os jovens “juntavam-se todos a jogar, era uma alegria”. Nenhum dos inquiridos nos faz referência de como era jogado para podermos comparar com Tibaldinho e com outras povoações.

No que toca ao **jogo do cântaro ou púcaro**, o Sr. Delfim confirma que “o jogo começava no largo da aldeia até se juntar o pessoal. Aí formava-se uma fila atirando o cântaro de costas para trás e o que o deixasse ir ao chão e partir era corrido com os cacós atrás dele”. A D. Maria da Luz acrescenta que “quem o partisse tinha de ir arranjar outro e as aldeias uniam-se todas à festa”. E conclui que “é o que hoje faz falta”.

Relativamente às **cegadas**, os inquiridos afirmam que não existiam nesta aldeia.

No que respeita às **danças e cantares**, “eram feitas no largo da capela, à roda, com pessoas de todas as idades”, refere o Sr. Delfim. A D. Maria da Luz acrescenta que se dançava muito e “cantávamos até às tantas da madrugada, velhos e novos”. A figura do **borralheiro** “era uma pessoa mascarada que espalhava por brincadeira borralha contra as pessoas”, segundo diz no inquérito o Sr. Delfim. A D. Maria da Luz acrescenta “que também era tradicional, vestiam-se diferentes, ou seja, desconhecidos e passavam por nós e toca a emborrallar-nos”.

Quanto aos **mascarados e travestidos**, D. Maria da Luz diz que “também era tradição mascararem-se com meias na cara e os homens vestiam-se de mulher e as mulheres de homem,

com as roupas mais velhas que tinham”. O Sr. Delfim acrescenta que “eram homens que se vestiam de mulher ou vice-versa usando roupa velha e máscara de farrapos só a verem-se os olhos”.

No que diz respeito aos **casamentos**, a nossa inquirida refere “que também era hábito todos os anos e era bonito, até se realizavam namoros a sério, mas aqui tudo acabou”. O Sr. Delfim informa que os casamentos “eram deitados à alta da noite com um grupo de um lado da povoação para o outro lado a anunciar os casais da noite”.

No que concerne ao **enterro do Entrudo**, os nossos inquiridos dizem que não existia em Casal Sandinho, “não era tradição”.

Tanto um como o outro refere que hoje já nada disto existe. Mesmo assim, a D. Maria da Luz diz que “o Entrudo era muito mais alegre duque (sic) agora, sinto muitas saudades desse tempo, agora tudo acabou, temos que nos deslucrar (sic) a outros sítios”.

3.4 - Termas de Alcafache

Nesta povoação foi apenas feito um inquérito. É uma povoação que tem pouca população e, com a idade que se pretende, só foi encontrada uma senhora.

Quanto à **matança do porco**, a D. Cidália, das Termas (inquérito nº 6, de Alcafache) refere que era feito por cada família para consumo próprio.

O jogo da bexiga, bem como as cegadas, as danças e cantares, o borralheiro e o enterro do Entrudo não existiam nesta aldeia.

Relativamente ao **jogo do cântaro**, “era formada uma única fila e depois lançado de costas para trás. Começava do lado de Mangualde atravessando a ponte até ao concelho de Viseu, acabando na última casa e vice-versa, começando do lado de cá até à capela”. Convém esclarecer que o Rio Dão divide esta povoação entre a freguesia de Alcafache (Mangualde) e a de S. João de Lourosa (Viseu).

Quanto aos **mascarados e travestidos**, a D. Cidália afirma que “vinham pessoas em carros de bois ornamentados com mimosas, vestindo-se de homens ou mulheres e vice-versa, com roupa velha para não serem reconhecidos, trazendo também máscaras, fantasiados de animais”. Cá está o carro de bois enfeitado de mimosas, idêntico ao que se fazia em Tibaldinho.

No que toca aos **casamentos**, refere-nos que “eram feitos chegava ao escurecer aparecendo um homem e uma mulher (os noivos) e (o padre), o casamento era feito com o padre a benzer as alianças feitas de madeira, onde vinham num prato velho. Existia uma panela velha de ferro que transportava a água benta que tinha como função benzer as alianças e os noivos. Depois do casamento era o baile”. Atente-se nesta forma diferente e interessante de fazer os casamentos ou, neste caso, o casamento, onde existiam mesmo alianças (ainda que fossem de madeira) para estar presente a simbologia. Bem diferente era o que se passava e continua a passar em Tibaldinho, onde os casamentos de Entrudo, como vimos no devido lugar, consistem no apregoar o casamento de todos os rapazes e de todas as raparigas solteiras, através do funil.

De tudo o que se disse neste ponto e no anterior, verifica-se que havia aspetos comuns entre as restantes aldeias de Alcafache e outros diferentes. E, comparando com o que se passava

nessas aldeias e em Tibaldinho, constata-se que havia manifestações idênticas, outras bem diferentes e muitas inexistências naquelas em relação a esta.

Capítulo Segundo

COMPARAÇÃO DO ENTRUDO EM TIBALDINHO COM O DAS FREGUESIA LIMÍTROFES

1. Fornos de Maceira Dão

Esta freguesia é formada pelas seguintes localidades: Fornos de Maceira Dão, Fagilde, Tabosa, Vila Garcia, Tibalde de Baixo, Tibalde de Cima e Pedreles.

Quanto à **matança do porco**, a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos de Maceira Dão), refere que “matava-se o porco, apanhava-se o sangue para as morcelas. Estonava-se com palha de centeio e era lavado, ao outro dia era desmanchado e a carne ia para a salgadeira e de alguma carne faziam-se as chouriças para sustento da família para o ano”.

A D. Lucrecia, de Fagilde (inquérito nº 2, de Fornos) conta que “fazia-se a matança do porco e toda a população comia”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos), descreve-nos a matança do porco ao pormenor. Conta que “o matador ia a casa do dono do porco, levava a faca. O dono do porco dava a palha para a estona do porco. Ao fim de estonado era lavado e depois o sangrador pendurava o porco e abria-o. Tirava-lhe a fressura e pendurava-a para escorrer. O porco aberto enxugava. Passado 24 horas era desmanchado em peças destinadas pela governanta da casa. Havia as partes para as chouriças que depois de feitas eram conservadas em azeite, as peças para serem consumidas mais depressa e as peças presuntos que iam para a salgadeira para serem comidos mais tarde. Tudo o que fosse gorduras, eram derretidas em pingue (banha) para vários temperos e para conservar os lombos de porco”.



Mapa 3 - Alcafache e freguesias limítrofes

A D. Maria Augusta (inquérito nº 4, de Fornos) refere-nos que a matança “era feita em casa por um sangrador que vinha de fora. Depois de morto, o porco era estonado com palha de centeio. Depois de estonado era lavado, depois era pendurado para escorrer. Depois ao outro dia era desmanchado. Normalmente, o porco era para consumo próprio. Faziam-se as morcelas, as farinheiras e as chouriças, depois de passarem pelo fumeiro nas lareiras da cozinha, as chouriças e as farinheiras punham-se em azeite para se conservarem. A restante carne era colocada nas salgadeiras com o sal e era aí que se conservava”.

O Sr. António Lopes Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), refere que, na matança do porco “vinha o matador matar o porco. Passados dois dias vinha fazer a desmancha. A carne era metida na salgadeira para consumo da família”.

A D. Cassilda, de Tabosa (inquérito nº 6, de Fornos), diz que “vinha o matador a casa matar o porco. Era para sustento da família e o presunto e a outra carne ia para a salgadeira, assim como a banha (para deitar no caldo verde)”. Acrescenta que a bexiga era cheia no próprio dia e ficava a secar até ao Carnaval”. Estranho é afirmar que “não existia” em Tabosa o jogo da mesma.

O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), refere que “era uma maneira de se juntarem alguns familiares mais chegados. Um senhor espetava a faca no porco enquanto outros o seguravam”. Após ser morto, era estonado “com palha de centeio e bem lavado. Depois de pronto, era dependurado e aberto. Tiravam-se as tripas e fressura. Faziam-se uns torresmos e todos comião e bebião (sic). Era uma grande alegria, era um dia bem passado. Fazião-se as morcelas do sangue do porco e pão junto. Dias depois, o porco era desmanxado (sic) e salgado”.

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos), corrobora o que já foi dito pelos anteriores inquiridos.

O Sr. Manuel Peixoto Amaral, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos) conta-nos que “juntavam a família para fazer a matança, abria-se o porco e tiravam a chaveira (carne ensanguentada) depois de espetar a faca para comer enquanto faziam a abertura do animal. As tripas eram lavadas no rio para fazer os enchidos. Ao outro dia era desmanchado. Faziam-se uns pratos para dar à família e alguma carne ia para a salgadeira, para ir comer durante o ano”.

Quanto ao **jogo da bexiga** a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos), diz-nos que “era cheia antes de jugarem (sic) a bola com ela, duns para os outros em roda”. A D. Lucrecia, da mesma localidade (inquérito nº 2, de Fornos), acrescenta que, depois do jogo, “toda a gente cantava e dansava (sic)”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos de Maceira Dão) refere que “era cheia de ar para jogarem o jogo da bexiga. Os rapazes alternavam numa roda com as raparigas e lançavam a bola uns aos outros que a defendiam com as palmas das mãos atirando-a para outro, até rebentar a bexiga”.

A D. Maria Augusta (inquérito nº 4, de Fornos de Maceira Dão) afirma que “da matança do porco guardava-se a bexiga que se enchia de ar para se jogar este jogo. Formava-se uma roda, rapazes e raparigas iam passando a bola uns aos outros até rebentar”. Como vemos, a diferença com Tibaldinho é que, ali, a bexiga era jogada por rapazes e por raparigas.

O Sr. António Rodrigues e a D. Cassilda, ambos de Tabosa, afirmam que não existia, nesta aldeia, o jogo da bexiga (inquéritos n.ºs 5 e 6, de Fornos)

O Sr. José de Amaral, de Pedreles, atesta que “a bexiga do porco era guardada desde a matança do porco, para que nos três dias que se festejava o carnaval, ser uma brincadeira pelas ruas da aldeia atirando de uns para os outros, enquanto outros se metiam ao meio para tentar agarrá-la” (ver inquérito nº 7, de Fornos).

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos) diz que “enchiam a bexiga de ar, ficava a secar. As pessoas punham-se em roda, atirávamos uns para os outros ao ar”.

A D. Rosa, de Tibalde de Baixo (inquérito nº 8, de Fornos), diz que era feito no largo, quem estragasse tinha que ir buscar outra bexiga.” Pena que a inquirida não nos explicou como era jogado.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos) refere que “a bexiga era cheia de ar, com uma bomba de bicicleta. Jogavam à bola tipo campo de futebol jogado ao pé. Muitas vezes também se jogava à mão atirando de uns para os outros”.

Relativamente ao **jogo do cântaro** ou púcaro a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos), refere que “era jugado (sic) em roda, uns para os outros e aquele que o deixasse cair ia buscar outro, e o jogo continuava”.

A D. Lucrecia, de Fagilde (inquérito nº 2, de Fornos) refere que “também fazíamos uma grande roda e toda a gente atirávamos com o cântaro até o partirmos”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos de Maceira Dão) diz que no jogo do cântaro ou panelinha “os rapazes e as raparigas lançavam de braços caídos um cântaro uns aos outros até que caísse no chão e partisse”. Acrescenta que, nesta aldeia, também tinham outra versão do jogo do cântaro ou corrida. “As mulheres com uma rodilha na cabeça carregavam um cântaro

meio de água e tinham que percorrer uma determinada distância com o cântaro em equilíbrio, sem o deixar cair. Ganhava quem chegasse primeiro e com o cântaro à cabeça”. Esclarece ainda que o jogo da panelinha era jogado como o jogo do cântaro “mas em vez do cântaro ser lançado de braços caídos, era atirado para o ar, para o rapaz ou rapariga seguinte até cair e partir”.

A D. Maria Augusta (inquérito nº 4, de Fornos de Maceira Dão) atesta que o jogo do cântaro era feito “por rapazes e raparigas em roda atiravam o cântaro de barro uns aos outros até o cântaro partir”. Refere ainda que tinha também como nome o jogo da panelinha. “Outro jogo do cântaro era as mulheres com os cântaros à cabeça cheios de água faziam corridas, quem terminasse a corrida sem deixar cair o cântaro ganhava”. Como sabemos, em Tibaldinho isto era diferente, não existia o jogo do cântaro com corrida e equilíbrio. Quanto ao jogo do cântaro, também não era jogado assim, era em fila indiana e atirando o cântaro de costas para quem estava imediatamente atrás. O jogo da panelinha não existia em Tibaldinho. Aqui, em Fornos, parece ser uma versão diferente do jogo do cântaro.

O Sr. António Rodrigues, de Tabosa, diz que, na sua aldeia, também era chamado de “jogo da panelinha, era jogado em fila, de costas para trás” (inquérito nº 5, de Fornos). A D. Cassilda, da mesma aldeia, diz que aqui era chamado o “jogo da panelinha, era jogado em fila de costas para trás. Quem deixasse cair teria de ir arranjar outro” (inquérito nº 6, de Fornos).

O nosso inquirido Sr. José de Amaral afirma que “era um jogo quasi igual ao da bexiga, só que neste jogo quem deixa-se (sic) cair o cântaro ou o púcaro e se parti-se (sic) teria que sair do jogo e ir a procura de outro cântaro ou outro púcaro, enquanto as outras pessoas se continuavam a divertir” (inquérito nº 7, de Fornos).

A D. Cidália de Tibalde de Cima, afirma que “era feita uma fila e o cântaro era atirado para o parceiro de trás. Quando era partido íamos buscar outro, quando não houvesse mais cântaros acabava o jogo, mas percorria-se a povoação de cima e de baixo” (inquérito nº 8, de Fornos).

A D. Rosa de Tibalde de Baixo, afirma que “era feito em fila e o cântaro lançado de costas para trás, como se fazia em Tibaldinho” (inquérito nº 9, de Fornos).

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia, diz que por cá “era chamado de jogo da panelinha, era feito um cordão humano em que a panelinha era atirada de cotas para trás, percorrendo toda a aldeia. Quando partia aparecia logo outro, estando o pessoal prevenido” (inquérito nº 10, de Fornos).

Quanto às **cegadas**, parece-nos que algumas pessoas falam das cegadas como do jogo da cabra-cega. A D. Lucrecia, de Fagilde lembra que “bendavamos os olhos a um amigo até que ele descobrisse” (inquérito nº 2, de Fornos). O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), diz-nos que “as cegadas eram feitas por mascarados que fazendo-se de cegos andavam pelas ruas e pelos campos... as pessoas que andavam a trabalhar no campo eram obrigadas a vir para a rua e mascarados de várias maneiras, o carvão era a arma principal”.

Já o Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos de Maceira Dão) afirma que “rapazes e raparigas vestidos de carnaval andavam pelas ruas, pedindo e fazendo distúrbios e trapalhadas”.

Do mesmo modo, o Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), atesta que “eram brincadeiras que se faziam em grupos para se divertirem. Às vezes vinham grupos de

peessoas doutras localidades vizinhas”. A D. Cassilda, da mesma localidade de Tabosa), declara que “faziam brincadeiras uns aos outros, para se divertirem” (inquérito nº 6, de Fornos).

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, Fornos) e a D. Rosa, de Tibalde de Baixo (inquérito nº 9, de Fornos), dizem que não se lembram de, nestas aldeias, terem sido feitas cegadas.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos), afirma que “eram brincadeiras que se faziam, vindo grupos de outras aldeias”.

Como vemos, nesta freguesia, os inquiridos não distinguiram, de forma clara, as cegadas carnavalescas.

No que diz respeito às **danças e cantares**, a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos), afirma que “eram dançadas em roda, acompanhadas por gaita de boca e concertinas no largo da capela”. A D. Lucrecia, da mesma aldeia (inquérito nº 2, de Fornos) declara que “cantávamos todos em roda e dansavamos (sic) até terça”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos de Maceira Dão) refere que “homens e mulheres formavam uma roda, dançavam e cantando cantigas de roda antigas. Em certas aldeias havia o despique entre dois grupos o que formava a roda maior ou o que [supostamente cantava] as melhores canções”. É pena este inquirido não dar exemplos das danças ou cantigas para podermos comparar com as de Tibaldinho. A D. Maria Augusta da mesma aldeia (inquérito nº 4, de Fornos) afirma que “em Fornos há uma divisão do povo: a eira e o cruzeiro. Em cada um dos lados formavam-se danças e cantares de roda, no largo da eira e no largo do cruzeiro. Havia um despique entre os dois lados para ver quem maior roda formava e mais canções cantava”.

O Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos) diz que “eram danças de roda que se dançavam no largo junto à capela, até ao anoitecer”. A D. Cassilda, igualmente de Tabosa (inquérito nº 6, de Fornos) refere que “eram feitas no largo da capela onde se juntava o povo, dançadas em roda até junto à noite, pois as moças teriam de se recolher mais cedo”.

O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), argumenta que “as danças eram a principal origem do carnaval. Faziam-se grandes rodas de pessoas, velhos e novos, cantando e dançando numa alegria infernal. De mãos dadas em tipo de cordão se dava a volta ao pouvo (sic) cantando com alegria. Regressava-se ao largo da capela e as danças e cantares continuavam até altas horas da madrugada”. A dança em forma de cordão tem semelhanças com o que se passava em Tibaldinho.

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos) afirma que “dançava-se e cantava-se à roda ao toque de realejo ou harmónio, até à hora de jantar”. A D. Rosa, de Tibalde de Baixo (inquérito nº 9, de Fornos) declara que “eram feitas no largo do chafariz, dançadas à roda. O povo de Tibalde de cima juntava-se com o povo de Tibalde de baixo”.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos) informa que “dançavam em roda no largo da capela, até ao entardecer, as moças teriam de ir para casa mais cedo”.

O **borralheiro**, segundo a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos), atesta que “era uma pessoa que vinha vestido diferente dos outros e trazia borralha e a espalhava por cima das meninas, das que eles gostavam mais, deitavam menos, nas outras deitavam mais”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos) declara que “era um homem mascarado que trazia uma vasilha com urina e borrarha. Quando via as pessoas aspergi-as⁷⁶ com urina e borrarha”. Como vimos no primeiro capítulo, em Tibaldinho o borrarheiro lançava a borrarha às moças que andavam a dançar na roda, mas nunca utilizava urina.

A D. Maria Augusta (inquérito nº 4, de Fornos) diz que “pessoas da aldeia mascaravam-se de forma a não serem reconhecidos e deitavam borrarha e urina a quem lhes aparecesse à frente”.

Para o Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), “era um homem disfarçado, que lançava farinha, ou borrarha pelas pessoas que ali passavam”. A D. Cassilda, também de Tabosa (inquérito nº 6, de Fornos), é da mesma opinião do Sr. António.

O que diz o Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), nada tem a ver com a figura do borrarheiro.

Por seu lado, a D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos), refere que “era uma pessoa mascarada que trazia borrarha consigo vindo da povoação vizinha e atirava borrarha às pessoas”. A D. Rosa, de Tibalde de Baixo (inquérito nº 9, de Fornos,) declara que “era um mascarado que ia buscar cinza às lareiras ou às fogueiras feitas no largo e ia lançando às pessoas que por ali estavam”.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos) afirma que “era uma pessoa vestida com roupas sujas e velhas que atirava borrarha para cima das pessoas que passavam”.

No que concerne aos **mascarados e aos travestidos**, a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos) assegura que “eram homens que se vestiam de mulheres e as mulheres de homens, vestiam trapos velhos e capotes do abeço (sic) e usavam máscaras de meias e também punham mantas às costas, onde se apalpavam uns aos outros e depois o que era o caso serio” - diz com um sorriso malandro.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos) informa que “homens mascaravam-se de mulheres e as mulheres vestiam-se com roupa de homem.” É pena este inquirido não dizer que tipo de roupas ou máscaras eram utilizadas. A D. Maria Augusta, da mesma aldeia (inquérito nº 4, de Fornos), “afirma que em Fornos também se mascaravam. Os homens vestiam-se com roupa das mulheres e as mulheres com as roupas de homens. Tapavam o rosto e andavam pela aldeia fora até alguém os reconhecer.

O Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), diz que “os homens vestiam-se de mulher e vice-versa. Vestiam-se de roupa velha, por vezes com mantas pelas costas e uma máscara”. A D. Cassilda, também de Tabosa (inquérito nº 6, de Fornos), confirma-nos que “vestiam-se de homens e mulheres e vice-versa. Usavam roupa velha mantas e uma máscara para não serem reconhecidos, como por exemplo as meias”.

O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), diz “que geralmente avia pessoas mais brincalhonas duque (sic) outras e eram estas que se mascaravam e se vestiam de várias maneiras para meterem medo às pessoas. Vestiam-se com roupas de padres, de ricos, de pobres, mas sempre com máscaras de várias maneiras, algumas até metiam medo. Também

⁷⁶ Borrifava ou salpicava.

alguns traziam (sic) frascos de urina mal cheirosa e aspergiam as pessoas como se fosse água benta”.

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos) atesta que “os homens vestiam-se de mulher e as mulheres de homens. Usavam roupas velhas e cara enfarruscada”. A D. Rosa, de Tibalde de Baixo (inquérito nº 9, de Fornos) diz que “usavam mantas pelas costas, usavam meias na cara para não serem reconhecidos, normalmente, e imitando velhos(as) com bengala”.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos), diz que “havia gente que se vestia de homem e outros de mulher e vice-versa. Vestiam roupa velha, capas dos pastores em palha, mantas. Usavam máscaras de papelão que eram pintadas e meias”.

Relativamente aos **casamentos**, a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos), afirma que “eram deitados com um funil de povo para povo anunciavam os compadres e as comadres e eles respondiam uns aos outros”. A D. Lucrecia, da mesma localidade (inquérito nº 2, de Fornos) lembra-se que “se juntavam um grupo de rapazes e deitavam os casamentos, alguns até casavam (sic)”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos) informa-nos que nesta aldeia os casamentos são chamados de “cabaços”. Conta que “dois grupos formados só por rapazes subiam às partes mais altas da aldeia e falavam por funis de um lado para o outro dizendo: “ó compadre vamos casar fulano com fulana?” Que era o que dava as amêndoas na Páscoa seguinte, chamados «falhões»”. A D. Maria Augusta, da mesma aldeia (inquérito nº 4, de Fornos) também diz que “em Fornos dizia-se cabaços. Os rapazes subiam aos pontos mais altos da aldeia em direções opostas. Com uns funis falavam de um lado para o outro. Á sorte casavam os rapazes e as raparigas solteiras. Na Páscoa, o rapaz teria de ir dar o foliar à rapariga”. Como vemos, nesta aldeia era tradição dos que «casavam» no Carnaval (como acontecia em Tibaldinho), o rapaz dar, pela Páscoa, as amêndoas às raparigas, a que chamavam «falhões» ou «foliar».

O Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), declara que aqui eram chamados de cabaços em vez de casamentos. “Anunciavam os compadres e comadres, através de um funil”. A D. Cassilda, da mesma localidade (inquérito nº 6, de Fornos) também diz que aqui eram chamados de “cabaços”. “Andavam de noite a buzinar com um funil dos toneis e anunciavam os compadres e as comadres. Eram deitados os falhões que as mulheres mandavam rezar, se por acaso fossem encontrados os homens primeiro eram elas a rezar. No último dia [da Quaresma] é que davam os falhões (amêndoas)”. Ora, pelo que percebemos, eram anunciados os compadres e as comadres. Quando o par de compadres se encontrava, o que avistasse primeiro o outro mandava-o rezar.

O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), informa-nos que “os casamentos eram durante a quaresma, que com funis grandes se pregoavam os compadres e as comadres e que no dia de Páscoa tinham de dar as amêndoas às comadres”.

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos), diz que os casamentos “eram os cabaços. Eram deitados com um funil grande, chamando o companheiro para fazer o casamento do rapaz e da rapariga, eram deitados um de cada lado, de uma fazenda sem se verem um ao outro e na Páscoa dão as amêndoas um ao outro”. A D. Rosa, de Tibalde de Baixo (inquérito nº 9, de Fornos) diz que “eram deitados da vinha do Sr. Arturinho com um funil, de um

lado e do outro nos Mortórios, do lado de Tibaldinho. Juntava-se o povo perto do chafariz de Tibalde, no largo. E diziam: ó companheiro... tudo igual a Tibaldinho. Quando o par agradava deitavam foguetes”.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos), afirma que aqui eram chamados de “cabaços”. “Eram feitos com um funil e iam para o monte para se ouvir. Tinham uma lista com os nomes. A lista era afixada nos cafés. Deitavam-se os falhões, ou seja, rezava o rapaz com a rapariga. O primeiro que fosse visto tinha que rezar e na páscoa eram dadas as amêndoas”.

Quanto ao **enterro do Entrudo** a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos), conta-nos que “era um palhaço vestido com roupas velas e palha, era julgado no largo da capela, era lido o testamento e depois era queimado e as pessoas choravam muito por ele”. A D. Lucrecia, também de Fagilde (inquérito nº 2, de Fornos) relata que “na terça feira à noite juntavão-se toda a população e fazião (sic) um boneco de palha e vestia-se (sic) com roupas velhas e lá fazião um sermão e lá enterravão o carnaval até ao primo (sic) [próximo] ano e assim as pessoas se adevertião muito e era muito engraçado”.

Ora o Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos) menciona que “rapazes e raparigas enchiam um fato-macaco com palha que simbolizava o entrudo. Então ia à frente o padre (um rapaz trajado de padre) a seguir ia o boneco deitado em cima de duas varas levadas por 4 homens, muito bem vestidos de fato e gravata assim como os acompanhantes que clamavam durante o trajeto até ao largo onde queimavam o entrudo e então todos gritavam”. Por seu turno, D. Maria Augusta, da mesma localidade (inquérito nº 4, de Fornos), referencia que “há (sic) meia-noite, faziam um boneco de palha e vestiam-no com roupa velha. Era colocado numa espécie de uma padiola (maca de madeira). Fazia-se o cortejo fúnebre. Há (sic) frente, alguém fazia de padre a fazer-lhe os ofícios⁷⁷ e atrás as pessoas a gritar. Ao chegarem ao largo principal era queimado”.

O Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), afirma que “era um boneco de palha levado por quatro homens numa paviola, percorrendo a povoação; parava-se em certos sítios, chorando e gritando como se fosse um funeral. Depois era queimado no largo”. A D. Cassilda, da mesma aldeia (inquérito nº 6, Fornos), confirma o que disse o seu conterrâneo, mas é mais explícita: “juntava-se uma multidão de gente e numa padiola era levado por 4 homens, percorrendo a povoação e parando em certos sítios, com o padre como se de um funeral se tratasse. Era feito de palha e queimado num largo. Tudo isto era feito na terça-feira de carnaval”.

O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquirido nº 7, de Fornos), confirma que “era feito na quarta-feira de cinza, fazia-se uma tumba⁷⁸ de madeira em que quatro homens a transportavam acompanhados por um homem que fazia de padre e uma grande multidão de pessoas que faziam uma gritaria infernal, mas a festa não acabava assim”.

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos), diz que “faziam um boneco de palha, punham-no no chão, uma pessoa vestia-se de padre, choravam bastante e faziam o enterro deitando[lhe] o fogo”.

⁷⁷ Incumbências.

⁷⁸ Caixão.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos), informa-nos que “faziam um palhaço de palha, vestiam-no com roupa de homem. Andavam pelo povo fora a chorar e dizendo «que morreu o Entrudo». Paravam em alguns lugares para rezar como se fosse mesmo um funeral. Era queimado em terreno baldio por causa da cinza”.

Quanto aos **outros aspetos**, a D. Dolores, de Fagilde (inquérito nº 1, de Fornos) diz com alguma saudade que “tudo acabou, como dantes aparece um por outro, mas nada igual”.

O Sr. José Peixoto (inquérito nº 3, de Fornos de Maceira Dão) menciona neste ponto um outro jogo. O jogo do pau. Refere que “dois rapazes cada um com um pau enfrentavam-se batendo no pau adversário. Assim que um era atingido era eliminado e vinha outro substituí-lo. Ganhava quem ficasse por último e ganhava ou 5 rebuçados ou um pirolito de bola”. Diz ainda que “num terreiro faziam um buraco no chão e aí punham uma pinha mansa fechada. Então um rapaz munido de um pau batia na pinha em direcção às canelas dos outros jogadores que tinham de se defender também com um pau rebatendo a pinha em direcção a outro. O que fosse atingido pela pinha tinha de pagar 10 tostões de rebuçados para os outros. Era a multa”.

O Sr. António Rodrigues, de Tabosa (inquérito nº 5, de Fornos), diz com alguma saudade que “hoje, por vezes, ainda se fazem, mas já não como era antigamente”. A D. Cassilda, igualmente de Tabosa (inquérito nº 6, de Fornos), refere que “hoje apenas restam algumas brincadeiras só para lembrar o carnaval”.

O Sr. José de Amaral, de Pedreles (inquérito nº 7, de Fornos), refere que “após o enterro do entrudo juntavam-se toudas (sic) as pessoas junto de uma grande fogueira onde em grandes panelões de ferro se cosiam uma grande quantidade de grelos de nabos, chouriços, carne salgada com garrações de vinho. Toudos se regalavam comendo e bebendo numa grande alegria e assim terminava a festa de carnaval, pedindo a Deus para que no próximo carnaval cá esteja-mos (sic) toudos”.

A D. Cidália, de Tibalde de Cima (inquérito nº 8, de Fornos), refere com alguma saudade que “hoje em dia o carnaval já não tem graça, as tradições antigas vão acabando”.

O Sr. Manuel Peixoto, de Vila Garcia (inquérito nº 10, de Fornos), afirma que “aqui já não existe nada. Parece um dia normal da semana”.

2 . Lobelhe do Mato

Lobelhe do Mato é a única povoação desta freguesia.

Quanto à **matança do porco**, a D. Antónia (inquérito nº 1, de Lobelhe do Mato) refere que “matavam o porco, estonava-se com palha, lava[va]-se depois era pendurado. Ó outro dia era desmanchado e juntavam a família para comer os torresmos”.

O Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe) acrescenta que “o porco era morto num banco de madeira e no fim estonado com um feixe de palha. Colocavam-no no espeto (pressupõe-se que seja o chamberil) e no dia seguinte partiam-no”.

A D. Dorinda (inquérito nº 4, de Lobelhe) diz que “matavam o porco, lavavão (sic) as tripas do porco nos rios da aldeia, faziam as morcelas. O outro dia, desmanchavam o porco, comião-se as febras e os torresmos e davam-se os pratos com carne à família”.

Já a D. Maria Cristalina (inquérito nº 5, de Lobelhe), acrescenta que “colocava-se o em cima de um banco de madeira comprido, espetava-se com uma faca para aproveitar o sangue e por fim queimava-se a pele com palha. O resto fazia-se o que se faz hoje em dia na matança, é igual”.

A D. Maria Isabel (inquérito nº 6, de Lobelhe) adita que “por altura do Entrudo as famílias realizavam a matança do porco, faziam-se as morcelas, as chouriças e farinheiras e a restante carne era salgada, par servir de provisão para o resto do ano”.

Os restantes inquiridos desta localidade referem-se à matança do porco de forma semelhante aos anteriores.

Relativamente ao **jogo da bexiga**, a D. Antónia (inquérito nº 1, de Lobelhe) afirma que “guardavam a bexiga do porco e secavam-na. Pelo Carnaval enchiam-na de ar e mandavam umas para as outras, quando rebentava era uma festa, tudo se ria”.

Já o Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe) acrescenta que “usavam a bexiga do porco cheia de ar para jogarem à bola com ela”.

Estes e os restantes inquiridos referem que enchiam a bexiga como em Tibaldinho se fazia e dizem que jogavam à bola com ela atirando uns para os outros, mas não fazem referência se era feita em roda ou se havia alguma regra, mas ficamos a saber que era jogada com as mãos pelas mulheres e com os pés pelos homens.

Relativamente ao **jogo do cântaro** ou púcaro, a D. Antónia (inquérito nº 1, de Lobelhe) conta que “faziam uma fila de raparigas e deitavam o cântaro de umas para as outras até partir, depois a rapariga que o deixava cair tinha de ir arranjar outro”.

Já o Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe) refere que “o cântaro era lançado ao ar numa fila de pessoas. A que ficava na frente lançava o cântaro para trás. Quem o deixasse cair perdia”.

A D. Maria Cristalina (inquérito nº 5, de Lobelhe) diz que “colocavam-se em fila indiana os jogadores e colocavam o cântaro na cabeça da primeira pessoa da fila, em seguida esta lançava-o para trás para a pessoa que estivesse a seguir a ela na fila. Quem deixasse cair o cântaro saía da fila e perdia o jogo”.

Outra inquirida, a D. Olívia (inquérito nº 7, de Lobelhe) atesta o mesmo que os anteriores, mas é mais explícita: “as pessoas colocavam-se em fila indiana e a primeira da fila tinha que lançar o cântaro de barro ou púcaro de costas para trás, na direção da pessoa que estava a seguir na fila. Quem não agarrar o cântaro deixando-o cair sai imediatamente da fila (perde o jogo) ”.

Como se constata, o jogo do cântaro era jogado de forma semelhante ao que se passava em Tibaldinho, a única coisa que os inquiridos não referem é se cantavam alguma canção e não fica claro se era jogado por todas as pessoas, só por homens ou só por mulheres.

No que toca às **cegadas**, os inquiridos desta povoação/freguesia ou nada dizem ou confundem-nas com o jogo da cabra-cega (ver inquéritos de Lobelhe do Mato).

Relativamente às **danças e cantares**, a D. Antónia (inquérito nº 1, de Lobelhe) diz “que faziam rodas de dança, dançavam o picadinho, tocavam gaitas de boca, começavam ao cimo do povo até ao fim do povo”.

O Sr. António Couto (inquérito nº 2, de Lobelhe) afirma que “saião (sic) pelas ruas a cantar as canções mais antigas e também dançavam”.

O Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe) conta que “dançavam numa roda e cantavam”.

A D. Dorinda (inquérito nº 4, de Lobelhe) afirma que “dançavam à roda, tocavam concertinas, vinham também ranchos de aldeias vizinhas e tudo dançava”.

A D. Rosa (inquérito nº 8, de Lobelhe) conta que “formavam rodas na rua, umas cantavam, outras tocavam arcódio [acordeão] e concertinas e tudo dançava”.

A D. Maria Rosete (inquérito nº 9, de Lobelhe) refere que “começavam as danças no Domingo Magro até ao dia de Carnaval. Formavam rodas, havia quem dançasse e quem tocava concertinas e gaitas de boca”.

A maioria dos inquiridos de Lobelhe do Mato refere que eram dançadas em roda e que percorriam as ruas da aldeia. Há aqui uma diferença fulcral, relativamente aos instrumentos utilizados e os inquiridos dizem que cantavam canções de antigamente, mas não referem nenhum exemplo. Comparativamente a Tibaldinho, as danças eram feitas em roda ou em cordão comprido quando se dava a volta ao povo todo ou quando se ia às aldeias vizinhas.

No que concerne ao **borralheiro**, parece-nos que a figura «borralheiro» não aparecia por aqui. Muitas pessoas não sabem o que é. Apenas D. Maria Isabel (inquérito nº 6, de Lobelhe) refere que “os mascarados traziam sacos com borralha «cinza da lareira» e atiravam às pessoas que encontravam”.

No que toca aos **mascarados e os travestidos**, D. Antónia Nunes (inquérito nº 1, de Lobelhe) diz que “as pessoas vestiam roupas velhas e trapos velhos que tinham em casa, pediam máscaras e andavam a pôr medo às crianças”.

O Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe) refere que “no dia de entrudo as pessoas vestiam-se e mascaravam-se de entrudo”.

A D. Dorinda (inquérito nº 3, de Lobelhe) diz que “os homens vestiam-se de mulheres e as mulheres vestiam-se de homens.”

A D. Maria Cristalina (inquérito nº 5, de Lobelhe) declara que “pelo carnaval as pessoas vestiam-se de entrudo e mascaravam-se indo pelo povo fora”.

A D. Maria Isabel (inquérito nº 6, de Lobelhe) menciona que “normalmente as mulheres vestiam-se de homens e estes de mulheres, usavam roupas velhas, disfarçavam a cara com meias, usavam lenços e chapéus”. Esta parece ser a referência mais parecida com o que se passava em Tibaldinho.

A D. Rosa (inquérito nº 8, de Lobelhe) acrescenta que “as pessoas vestiam-se com roupas velhas e metiam uma máscara para ninguém os reconhecer”.

A D. Maria Rosete (inquérito nº 9, de Lobelhe) acrescenta que “as pessoas vestiam roupas velhas e metiam máscaras para assustar as crianças, corriam a aldeia de cima a baixo”.

Quanto aos **casamentos** nesta aldeia, eram chamados de cabaços ou casamentos.

A D. Antónia (inquérito nº 1, de Lobelhe) diz que “andavam os rapazes de noite, com um funil na boca a deitarem os cabaços, depois os rapazes tinham que dar as amêndoas pela Páscoa às raparigas a quem lhe calhasse. Muitos depois até se acabavam mesmo por casar”.

O Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe) declara que “fazia-se os casamentos entre os solteiros e as solteiras da aldeia à sorte e sem corresponder à verdade”.

A D. Maria Cristalina (inquérito nº 5, de Lobelhe do Mato) diz que “os cabaços” eram deitados “durante a noite, buzinavam por um funil e «casavam» os solteiros com as solteiras à sorte”.

A D. Maria Isabel (inquérito nº 6, de Lobelhe) afirma que “os rapazes solteiros juntavam-se à noite, numa zona afastada da aldeia e anunciavam com um funil os «casais» de namorados e depois eram afixados numa lista na porta do forno comunitário”.

A D. Maria Rosete (inquérito nº 9, de Lobelhe) diz que “os rapazes andavam de noite com um funil na boca, a buzinarem, arranjam os casamentos. Muitos depois chegavam mesmo a casar”.

Os casamentos ou cabaços em Lobelhe do Mato têm como semelhança com Tibaldinho o serem apregoados com um funil. Os inquiridos só não nos disseram é como eram apregoados, se tinham algum ritual ou não. Por outro lado, não eram adequadamente preparados, eram “tirados à sorte”.

O enterro do Entrudo era parecido quase em todo o lado. A D. Antónia (inquérito nº 1, de Lobelhe) diz que “vestiam um palhaço, deitavam-no numa carroça e corriam o povo todo, à noite, num largo deitavam-lhe o fogo e tudo chorava pelo entrudo”.

O Sr. Américo (inquérito nº 3, de Lobelhe do Mato) diz que “usava-se um espantalho como entrudo e fazia-se-lhe o enterro como se fosse uma pessoa que tivesse morrido. No final da procissão queimava-se o entrudo (espantalho) ”.

A D. Dorinda (inquérito nº 4, de Lobelhe) afirma que “arranjavam uma carroça, com uma urna velha, deitavam lá um palhaço e à noite deitavam-lhe o fogo. Era uma gritaria no povo, tal e qual como se fosse um funeral”.

A D. Maria Cristalina (inquérito nº 5, de Lobelhe) declara que “fazia-se uma procissão a lembrar o funeral no dia do entrudo, com um espantalho dentro de uma urna de madeira em cima de uma carroça e levava os acompanhantes atrás. No final da procissão queimava-se o entrudo”.

A D. Maria Isabel (inquérito nº 6, de Lobelhe) afirma que “arranjava-se uma carroça velha faziam um palhaço que era colocado na carroça, depois alguém se mascarava de padre e fazia-se o funeral e por fim incendia-se (sic) o palhaço, que era o «santo Entrudo» ”.

A D. Rosa (inquérito nº 8, de Lobelhe) acrescenta que “no dia de carnaval à meia-noite, vestiam um palhaço, metiam-no numa carroça e percorria as ruas da aldeia, depois num largo queimavam-no e tudo chorava pelo entrudo”. Esta parece-me a afirmação mais parecida com o entrudo em Tibaldinho. Há respostas diferentes, mas não há antagonismos ou contradições. Cada um dos inquiridos vai enriquecendo a informação, acrescentando um ou outro pormenor.

Apenas dois inquiridos disseram algo sobre a pergunta aberta, outros aspetos, e o que expressaram não se reveste de qualquer interesse.

3 . Vilar Seco

Vilar Seco é a única povoação da freguesia.

Quanto à **matança do porco**, o Sr. António Borges (inquérito nº 1, de Vilar Seco) conta-nos que “matavam o porco e queimavam o pêlo com palha. Lavavam o porco e abriam-no. Era pendurado no chambaril, para escorrer o sangue”.

O Sr. Arnaldo (inquérito nº 2, de Vilar Seco) afirma que “convidavam um senhor especialista para matar o porco. No próprio dia da matança fazia-se um almoço entre a família. No outro dia desmanchava-se o porco e punham-no na salgadeira, onde era guardado para comer todo o ano”. A D. Ascensão (inquérito nº 3, de Vilar Seco) acrescenta que (...) “o resto era utilizado para fazer enchidos”.

O Sr. Berardo (inquérito nº 4, de Vilar Seco) conta-nos que “a matança do porco era uma festa familiar. Toda a família assistia à matança. Do porco aproveitava-se tudo, carne ia para a salgadeira para dar para todo o ano. O resto para enxido”. Acrescenta que, do “sangue com as gorduras das tripas faziam-se as murcelas (sic), da carne mais sangue fazia-se as bocheiras. Com outra carne e depois de estar a cortir (sic) em vinho fazia-se as choriças. Com carne gorda e galinha faziam-se as farinheiras”.

A D. Clementina (inquérito nº 5, de Vilar Seco) diz que era “actividade realizada no Natal, onde se juntava a família toda. Matava-se o porco e pendurava-se a escorrer para o dia seguinte (...) cortava-se aos pedaços, salgando a maior parte da carne. A restante era embebida em vinho para fazer enchidos”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 6, de Vilar Seco) confirma que “vinha um matador, matava o porco entre dezembro e o carnaval. No dia seguinte desmanchava-o, era para a salgadeira, que servia de sustento para toda a família”.

A D. Maria Gracinda (inquérito nº 3, de Vilar Seco) diz que “convidava-se toda a família e aquela carne iria ser o sustento da família para todo o ano”.

A D. Maria do Patrocínio (inquérito nº 8, de Vilar Seco) afirma que a matança do porco era uma alegria da família em particular a parte mais jovem quando havia uma mancha no porco”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) refere que “era bem festejado pela família e amigos, com a sangria fazia-se as morcelas e os torresmos regados com a boa água-pé”.

A D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) confere que “o matador vinha a casa da pessoa matar o porco, a desmancha era ao outro dia que ficava na salgadeira para comer durante o ano”.

Relativamente ao **jogo da bexiga**, o Sr. António Borges (inquérito nº 1, de Vilar Seco) refere que “enchiam a bexiga do porco e jogavam à bola com ela”.

Já o Sr. Arnaldo (inquérito nº 2, de Vilar Seco) é da mesma opinião, mas acrescenta que “servia também para dar cristeis aos animais”.

O Sr. Berardo (inquérito nº 4, de Vilar Seco) refere que “a bochiga do porco servia para (enquanto dura-se) jogar à bola. Também havia quem a guarda-se (sic) para depois de seca servia para dar cristeres, quando as tripas do nosso corpo não funcionavam bem”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 6, de Vilar Seco) diz que “na matança enchia-se a bexiga do porco que ficava a secar até ao carnaval. Jogava-se em roda com o punho até ela rebentar”.

A D. Maria do Patrocínio (inquérito nº 8, de Vilar Seco) afirma que “era uma bola do tempo que não havia nada e jogava-se até rebentar”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) também afirma que “a bexiga era cheia e seca para ser jogada por novos e velhos, em roda e ao punho”.

A D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) lembra que “guardavam a bexiga que era anteriormente cheia e seca. Jogava-se em roda (rapazes e raparigas, novos e velhos). Era atirada ao punho. Quem deixasse cair saía do jogo”.

Este jogo era quase igual ao que se passava em Tibaldinho, mas em Vilar Seco era jogado por homens e mulheres, novos e velhos.

No que respeita ao **jogo do cântaro**, o Sr. António Borges (inquérito nº 1, de Vilar Seco) declara que “punham-se todos em fila e de costas, passavam o púcaro para a pessoa de trás”.

O Sr. Arnaldo (inquérito nº 2, de Vilar Seco) relembra que rapazes e raparigas colocavam-se em fila e jogavam o cântaro para trás. Quando partia, havia sempre um de reserva. Quando não havia cântaro, o jogo terminava”.

O Sr. Berardo (inquérito nº 4, de Vilar Seco) afirma que “o jogo do cântaro aparecia no antepenúltimo domingo de carnaval. Todo o cântaro que durante o ano ficava inutilizado para ir à fonte, ficava guardado, para jogar (sic) o cantarinho e naquela tarde, enquanto havia cântaros, durava a brincadeira, porque era um jogo de marcha-atraz, se a da frente não joga-se (sic) o cântaro bem, a que estava de traz não o agarrava e lá se ia o cântaro para o chão. Enquanto isto as pessoas cantavam «Ora dizem mal dos caçadores» ”.

A D. Ascensão (inquérito nº 3, de Vilar Seco) refere que “as pessoas andavam em fila e, sem olharem para trás, atiravam o púcaro para a pessoa que estivesse atrás dela”.

A D. Clementina (inquérito nº 5, de Vilar Seco) refere “que as pessoas andavam em fila pelo povo e mandavam o púcaro para a pessoa que estivesse atrás delas”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 6, de Vilar Seco) diz que “juntavam-se grupos de rapazes e raparigas com um cântaro de barro formavam fila. Era lançado de costas para trás. Quando se partia, iam arranjar outro, se não houvesse terminava o jogo”.

A D. Maria Gracinda (inquérito nº 7, de Vilar Seco) conta que “enchiam o púcaro com alguma coisa e andavam pela aldeia a mandar o púcaro para a pessoa atrás de si. Quem não o partisse ficava com ele”.

A D. Maria do Patrocínio (inquérito nº 8, de Vilar Seco) diz que era “mais conhecido por a panelinha, que se jugava (sic) dois domingos antes do carnaval”. Cantava-se “o limão verde”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) refere que se formava “uma grande fila indiana com o cântaro de barro a ser jogado para o elemento que vinha à retaguarda”.

A D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) afirma que “o grupo juntava-se onde houvesse mais gente e formavam uma fila, onde a panelinha era lançada de costas para trás. Quando partia iam buscar outra. O jogo acabava pelo entardecer”.

Relativamente às **cegadas**, os inquiridos parece não saberem o que é. A maior parte não responde. Como em Lobelhe do Mato e em algumas localidades de outras freguesias, alguns confundem-nas com o jogo da cabra-cega, como mostram os dois testemunhos que se seguem: A

D. Maria Gracinda (inquérito nº 7, de Vilar Seco) conta que “punham um lenço nos olhos e com um pau tinham que partir um púcaro que estava no chão”. Por seu lado, a D. Maria do Patrocínio (inquérito nº 8, de Vilar Seco) diz que “era um que tinha os olhos vendados que tinha um guarda que tinha que agarrar outro”.

No que às **danças e cantares** diz respeito, o Sr. Arnaldo (inquérito nº 2, de Vilar Seco) comenta que “rapazes e raparigas faziam pares, dançando em roda; cantavam e dançavam músicas próprias como por exemplo “ó Rita arredonda a saia”.

A D. Ascensão (inquérito nº 3, de Vilar Seco) conta que “as pessoas dançavam em roda e descalças, para não gastarem as chinelas”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 6, de Vilar Seco) refere que “rapazes e raparigas juntavam-se nos largos, dançavam em roda, cantavam canções próprias como por exemplo: o ladrão da malva roxa”.

A D. Maria do Patrocínio (inquérito nº 8, de Vilar Seco) conta que era “no lugar da Laja da Preguiça, ou seja o lugar do Cristo Rei que dançavam à roda como na época”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) refere que “juntavam-se grupos que percorriam as ruas, dançavam nos largos da aldeia em rodas, dançavam contradanças e jugava-se (sic) o jogo do lencinho”.

A D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) conta que “juntavam-se grupos pelas ruas e nos largos paravam para dançar danças de roda e folclóricas”.

Com diferenças ou parecenças de maior ou menor significado, era isto que se passava um pouco por todas as aldeias da região objeto deste estudo.

Quanto ao **borralheiro**, não aparece como figura típica, mas a D. Maria do Patrocínio (inquérito nº 8, de Vilar Seco) afirma que “era uma pessoa que vestia uma veste que espalhava borralha de vez em quando para as pessoas”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) diz que “para mim o jogo da borralha era um jogo de mau gosto porque quando a pessoa se virava mandavam - lhe com ela para os olhos”.

D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) confirma que vinha “um mascarado com borralho no bolso que atirava para as pessoas. Estas para descobrirem quem era iam atrás dele e este para não ser reconhecido atirava borralha”.

No que respeita aos **mascarados e travestidos** quase que se pode afirmar que se passava o mesmo que na maior parte das outras aldeias.

O Sr. Arnaldo (inquérito nº 2, de Vilar Seco) conta que “o homem veste de mulher e vice-versa. Eram roupas velhas e rotas; a máscara fazia-se de papelão, deixando só os olhos e a boca aberto; alguns colocavam um bigode de ráfia”.

O Sr. Berardo (inquérito nº 4, de Vilar Seco) conta-nos que “no domingo magro as pessoas vestiam roupas mais velhas que tinham todas farrapadas, com brasas queimadas pintavam a cara e davam a volta ó povo cantando cantigas, que lhe viessem à memória e acabava sempre com a dança de roda. No domingo gordo já se vestiam com as melhores roupas que tinham e pintavam-se com b́aton era uma oportunidade de se poderem pintar que naquele tempo não era fácil e toda esta brincadeira acabava com dança de roda. No dia de entrudo, já arranjavam brincadeiras que pensavam em fazer exibiam-se no lugar onde estivessem mais pessoas. Terminava sempre com uma grande dança da roda. Mais tarde ali por os anos 50, começaram por arranjar uma

contra-dança com cantigas e danças que pensavam fazer cada um à sua maneira. Foi assim durante muitos anos, até, duma contra-dança sair um rancho folclórico”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 6, de Vilar Seco) “os homens vestiam-se de mulher e vice-versa; usavam máscara de papelão ou uma meia para não serem reconhecidos; vestiam roupa das velhas, usavam mantas, lençóis e colchas, etc.”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) disse que “não havia dinheiro para comprar as máscaras, cobríamos a cara com um pano de renda e com um lenço por cima, vestindo roupa velha. Os homens vestiam-se de mulheres e vice-versa”.

A D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) declara que “as mulheres vestiam-se de homens e vice-versa, usavam roupas de noivos, roupa velha, com mantas por cima, usando máscaras de papel ou meias”.

No que toca aos **casamentos**, segundo os inquiridos, parece não existirem em Vilar Seco pelo Carnaval, sendo feito ritual semelhante pelo S. Martinho.

Quanto ao **enterro do Entrudo**, o Sr. António Borges (inquérito nº 1, de Vilar Seco) refere que “fazem um boneco, levam-no num caixão feito de madeira e as pessoas vão atrás dele a chorar. As pessoas vestem-se de branco e queimam o boneco”.

O Sr. Arnaldo (inquérito nº 2, de Vilar Seco) declara que “arranjavam um palhaço, colocavam-no numa padiola e davam a volta ao povo. As pessoas choravam e gritavam até ao local onde era feito o enterro, no Lage da Preguiça”.

O Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) confirma que se juntava “um grupo de alguns elementos vestidos de branco a chorar atrás de um boneco de palha que no final era queimado, depois de terem percorrido as ruas da aldeia, fazendo pequenas paragens, como se fosse mesmo um funeral”.

A D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) atesta que “era feito na 4ª feira de cinzas, à noite pelas 10 horas. iam com lençóis brancos, cada um com uma vela, outro fazia de padre. O entrudo era feito de palha e vestido de roupa velha, levado num carro, dando a volta ao povo, paravam em determinados sítios como se de um funeral se tratasse. Choravam e tratavam-no mal. Depois era queimado junto ao Cristo Rei”. Tudo era parecido ao que se passava em Tibaldinho, excepto no facto deste ritual ser feito na quarta-feira de cinzas. No resto, entre choros e rezas, só não iam vestidos com lençóis brancos.

Relativamente a **outros aspetos**, a D. Maria Fernanda (inquérito nº 6, de Vilar Seco) diz que hoje as pessoas dirigem-se a Nelas e Canas para ver os cursos carnavalescos.

E o Sr. Manuel (inquérito nº 9, de Vilar Seco) diz com alguma saudade que “hoje tudo isto acabou nas aldeias. Toda a gente se desloca a outros sítios para os desfiles carnavalescos”.

Por fim, a D. Vitória (inquérito nº 10, de Vilar Seco) confirma que “hoje não se faz nada”.

4 . Santar

Esta freguesia é composta por Santar, Casal Sancho e Fontanheiras. A maioria dos inquiridos fazem parte da vila de Santar e apenas uma pessoa se mostrou disponível em Casal Sancho. Nas Fontanheiras, como é um lugarejo pouco populoso, não foram feitos inquéritos.

Quanto à **matança do porco**, o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) conta-nos que “o porco após estar bem gordo, matava-se seguro a um carro de bois, queimava-se com palha centeia, depois lavava-se com uma telha até ficar branco”.

O Sr. António Sampaio (inquérito nº 2, de Santar) afirma que “as famílias criavam o seu porco; quando estava gordo matavam-no. As pessoas seguravam-no numa banca de madeira, o sangue era aparado pelas mulheres para fazer as morcelas”.

O Sr. António Melo (inquérito nº 3, de Santar) diz-nos que “arranjava-se uma banca de madeira com uma saliência para prender o focinho do porco; picava-se com uma faca, o sangue era aproveitado para fazer as murcelas; o resto da carne, era metida numa salgadeira”.

O Sr. Celso (inquérito nº 4, de Santar) acrescenta que “só as pessoas com um nível de vida bastante razoável matavam o porco. As outras pessoas vendiam-no para angariar dinheiro. Matava-se praticamente de noite para fugir às moscas e outros insectos”.

O Sr. Hermínio (inquérito nº 5, de Santar) confirma que “amarrava-se o porco a um carro, matava-se com uma faca própria que lhe atingia o coração. Sangrava para um alguidar de barro para fazer morcelas; a tripa era lavada nas águas do rio, para fazer chouriças”.

O Sr. José (inquérito nº 7, de Santar) assegura que “quando o porco estava gordo, preparado para a matança, convidavam o matador, sendo o porco morto em cima dum carro de bois; aparavam o sangue, mexiam-no para não coalhar e faziam morcelas. Tudo isto era para consumo do casal”.

A D. Maria Cândida (inquérito nº 10, de Casal Sancho) garante que “após alguns tempos em casa para engordar, arranjavam-se os preparativos para a matança. Era amarrado num carro de bois, seguro por várias pessoas. O sangue servia para fazer morcelas, o resto era para alimento da própria casa”.

Se tentarmos um exercício comparativo, verificamos que, de uma maneira ou de outra, com um ou outro pormenor, a matança do porco era feita de modo idêntico em todas as freguesias em estudo.

Quanto ao **jogo da bexiga**, o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) atesta que “a bexiga do porco era cheia depois de seca, enchia-se de ar e brincava-se com ela pelo ar, tornando-se numa brincadeira engraçada”.

O Sr. António Sampaio (inquérito nº 2, de Santar) transmite-nos que este jogo “era feito com a bexiga do porco, enchia-se, jogava-se ao ar e numa animada brincadeira, organizava-se um perfeito jogo de voleibol”.

O Sr. António Melo (inquérito nº 3, de Santar) informa-nos que “enchia-se a bexiga do porco e servia de bola para jogarem; quando rebentava, guardava-se para encebar as botas. Este jogo era mais apropriado para os rapazes”.

Um outro inquirido refere que “enchia-se a bexiga do porco, jogava-se voleibol com ela, fazendo um jogo; caso não rebentasse servia para encher de vinho”, uma novidade que o Sr. Hermínio (inquérito nº 5, de Santar) nos confirmou.

O Sr. João (inquérito nº 6, de Santar) assegura que “o matador tirava a bexiga do porco, enchia-se de ar. Jogavam com ela. Este jogo era mais frequentado pelos rapazes. Quando rebentava a bexiga, terminava o jogo”.

A D. Maria Ester (inquérito nº 8, de Santar) remata dizendo que “enchiam a bexiga do porco, jogavam com ela pelo povo fora; rapazes e raparigas alegravam-se com este jogo; quando rebentava a bexiga, o jogo terminava”. Cá estão duas diferenças em relação a Tibaldinho: o ser jogado pelo “povo fora” e por rapazes e raparigas.

No que concerne ao jogo do **cântaro ou púcaro**, nesta aldeia era chamado de jogo da panelinha. O Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) conta-nos que “um elemento pegava na panelinha, jogava-a para trás, o que estava aqui agarrava e mandava para outro; por vezes existiam simulações para que ela partisse”.

O Sr. António Sampaio (inquérito nº 2, de Santar) diz-nos que “arranjavam um cântaro de barro que as mulheres guardavam. O cântaro era jogado para trás e quem o deixasse cair teria que arranjar outro. Cantava-se uma canção própria para este jogo: (ver anexo nº 8)

Ó Elvas, ó Elvas	Ó Elvas, ó Elvas
Ó penas, ó penas	Ó Penamacor
Numas são maiores	Em Castelo Branco
Outras mais pequenas.	Está o meu amor.

O Sr. António Melo (inquérito nº 3, de Santar) acrescenta que “arranjava-se um cântaro de barro, formava-se uma fila e mandavam o cântaro para trás. Quando partia, arranjavam outro em casa dos pais; também se jogava com um cântaro de lata”. Retenha-se que, em Tibaldinho e nas povoações que vimos até agora, nunca se usou um cântaro de lata, assim nunca se partia e a intenção era que ele se partisse para provocar a risada geral.

O Sr. José de Oliveira (inquérito nº 7, de Santar) diz que “formava-se uma fila de rapazes e raparias, jogavam o cântaro para trás; quando partia, havia sempre um cântaro suplente; quando partia o último terminava o jogo”.

A D. Maria Ester (inquérito nº 8, de Santar) refere que “rapazes e raparigas colocavam-se em fila e jogavam o cântaro para trás; quando partia o cântaro, iam arranjar outro, andavam pelas diversas ruas de Santar, quando não havia cântaro, terminava o jogo”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 9, de Santar) refere que “este jogo iniciava o carnaval. Juntavam-se em fila, mais raparigas do que rapazes, atirava-se o cântaro para trás e assim sucessivamente. Quando partia, havia um rapaz já preparado com um cântaro suplente e o jogo nunca parava”.

A D. Maria Cândida, de Casal Sancho (inquérito nº 10, de Santar) acrescenta que “um grupo de pessoas dispunham-se em fila jogavam o cântaro para trás de uns para os outros. Quem o deixasse cair era penalizado, pois tinha que ir a casa trazer outro”.

Quanto às **cegadas**, aqui, como em Lobelhe e em Vilar Seco, eram entendidas como o jogo da cabra-cega. Como refere o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) “era mais conhecido pelo jogo da cabra-cega. Tapava-se os olhos a um elemento e este tentava agarrar quem o bateu”.

O Sr. António Sampaio (inquérito nº 2, de Santar) é de outra opinião: informa-nos que “eram consideradas as contradanças. Eram grupos de rapazes e raparigas ensaiavam umas cantigas, faziam uns vestidos de chita de Alcobaça e um lenço chinês. Paus, arcos de vimes enfeitados com flores de papel e fitas de galão”.

O Sr. Hermínio (inquérito nº 5, de Santar) é da opinião do Sr. António. Refere que “chamava-se o jogo da cabra-cega, tapava-se os olhos com uma fita a uma pessoa andava em volta à procura de agarrar alguém, este é que seguia o jogo”.

O Sr. José (inquérito nº 7, de Santar) remata dizendo que “os rapazes juntavam-se, arranjavam canções próprias para criticar as raparigas. Era tipo duma serenata, onde por vezes havia resposta por parte das raparigas”.

Esta parece-nos ser a declaração mais parecida do que é uma cegada. Apresentamos em (anexo nº9) algumas das canções das cegadas (contradanças) como são chamadas aqui.

Relativamente às **danças e cantares** o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) menciona que “homens e mulheres divididos em pares dançavam à roda e cantavam músicas muito próprias como por exemplo: «a lenha da macieira, eleio que te eleaste», etc”.

O Sr. António Melo (inquérito nº 3, de Santar) alude que “rapazes e raparigas com roupas compradas para aquela época, vestiam todos iguais (rapazes umas, raparigas outras). Cantavam canções próprias como por exemplo, o vira ligeiro”.

O Sr. João (inquérito nº 6, de Santar) indica que “as raparigas trajavam melhor que os rapazes: dançavam à roda nos largos adequados; cantavam em conjunto batendo palmas, as músicas eram próprias, feitas pelas raparigas do rancho...”.

O Sr. José (inquérito nº 7, de Santar) menciona que “dançavam à roda em grupo colocando um «ladrão» no meio que servia para roubar um par: cantavam por exemplo “ó ladrão, rouba, rouba, rouba; já ca vai roubada já cá vai na mão, já cá vai roubada no meu coração”. Esta letra já é mais parecida com a que se cantava em Tibaldinho.

A D. Maria Ester (inquérito nº 8, de Santar) refere que “as danças eram em roda, aos pares. Os rapazes metiam-se na roda e roubavam os pares às raparigas. Cantavam canções próprias como por exemplo: ladrão rouba, rouba e torna a roubar, rouba-me a menina e vai pr’ó teu lugar”. Esta era uma canção que também fazia parte do rol das de Tibaldinho, mas com letra diferente era “o ladrãozinho” (ver anexo nº 5). A maioria das canções são parecidas com aquilo que se cantava em Tibaldinho, mas podem ter é letras diferentes. Eram sempre dançadas em roda e aos pares e nos largos da povoação.

A figura do **borralheiro** parece não existir por aqui, pois a maioria dos inquiridos faz referência a coisas que nada têm a ver com o que se passava em Tibaldinho. Apenas referem que “colocavam lenha na lareira até fazer o borralho; abria-se com uma tenaz para o calor da borralha aquecer os pés. Servia também para assar batatas pequenas ou castanhas”, como diz o Sr. José (inquérito nº 7, de Santar), aquele que melhor define o que se passava por lá.

No que respeita aos **maskarados e travestidos** o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) refere que “usavam máscaras enfarruscadas, com roupas trocadas, fantasiados, andavam pelo povo fora para amedrontar as pessoas”.

O Sr. António Sampaio (inquérito nº 2, de Santar) informa-nos que “as pessoas vestiam-se de farrapos velhos, tapavam a cara com máscara de papelão, andavam pelo povo, metiam-se com as pessoas e diziam coisas disparatadas”.

O Sr. Celso (inquérito nº 4, de Santar) conta que “usavam várias peças de roupa velha, a tapar a cara, levavam um pau para intimidar as pessoas. Os homens vestiam-se de mulher e estas vestiam-se de homens”.

O Sr. Hermínio (inquérito nº 5, de Santar) conta que “as pessoas mascaravam-se, pintavam-se com carvão, vestiam uma roupa a mais velha possível; era um disfarce para não serem conhecidos”.

O Sr. João (inquérito nº 6, de Santar) refere que “era feito mais pelos rapazes; enfarruscavam-se com carvão, tapavam a cara com roupas velhas, batiam à porta das pessoas, estas abriam, ficavam assustadas, mas tudo corria bem”.

Comparando com a aldeia em estudo, parece ser tudo muito parecido, à exceção das máscaras. Em Tibaldinho, a máscara era uma meia ou um trapo só com os buracos dos olhos e boca e alguns enfarruscados. Aqui, a máscara mais utilizada era de papelão e os tradicionais enfarruscados com carvão.

Quanto aos **casamentos**, os inquiridos dizem não ser tradição, como afirma o Sr. José (inquérito nº 7, de Santar). A maioria diz que “as noivas vestiam de branco e as cerimónias eram como as de hoje “a mulher de boa reputação, vestia de branco, quem estivesse infamada vestia de outra cor. As cerimónias religiosas eram iguais às de hoje” - conta-nos o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar). Ou seja, como não havia casamentos de Carnaval, referem-se aos casamentos religiosos normais. Só a D. Maria Ester (inquérito nº 8, de Santar) afirma que “esta tradição organizava-se pelo S. Martinho”, mas não explica a forma como tais casamentos eram feitos. A ritualização era idêntica à do Carnaval ou era diferente?

Relativamente ao **enterro do Entrudo**, em Santar era chamado de enterro do bacalhau, como vamos ver pelos testemunhos dos inquiridos.

Conta-nos o Sr. António (inquérito nº 1, de Santar) que “era mais conhecido pelo «enterro do bacalhau». Andavam com um bacalhau pendurado num pau, dançavam, cantavam e no final era comido entre todos com batatas e couves”.

O Sr. António Sampaio (inquérito nº 2, de Santar) diz que “era conhecido na nossa freguesia como o enterro do bacalhau; os rapazes compravam um bacalhau, penduravam-no num pau e cantando davam a volta ao povo com animada alegria; no final comia-se o bacalhau e bebia-se o bom vinho”.

O Sr. António Melo (inquérito nº 3, de Santar) informa-nos que “era feito em quarta-feira de cinzas. Comprava-se um bacalhau, penduravam-no num pau, faziam uma reza própria e depois era cozido com batatas e hortaliça”.

A D. Maria Ester (inquérito nº 8, de Santar) acrescenta que “diziam frases alusivas como, por exemplo: «já lá vai, já morreu, até para o ano»”.

A D. Maria Fernanda (inquérito nº 9, de Santar) diz ainda que “penduravam o bacalhau num pau, ou numa padiola coberto com um lençol branco, cantando canções próprias”.

O enterro do Entrudo pouco tem a ver com o que se realizava em Tibaldinho e arredores. Por um lado, tinha o nome de enterro do bacalhau, o qual era comido com batatas e hortaliça, enquanto nas outras localidades era feito como se fosse mesmo um funeral, com rezas e gritos, dando a volta ao povo, sendo (o boneco) queimado no final.

Relativamente a **outros aspetos** há alguns inquiridos que contam que “havia carroças enfeitadas com mimosas, com duas crianças a fazer de filhos dando a volta ao povo. Contavam anedotas, etc...” refere o Sr. José (inquérito nº 7, de Santar).

Outro inquirido diz que “na segunda-feira de carnaval as raparigas não podiam sair à rua, os rapazes arranjavam farinha para enfarinhar as raparigas”, conta a D. Maria Ester (inquirido nº 8, de Santar).

5 . S. João de Lourosa

S. João de Lourosa é uma das maiores freguesias limítrofes de Alcafache. Dela fazem parte as seguintes povoações: Cabanões, Coimbrões, Cumieira, Lourosa de Baixo, Lourosa de Cima, Oliveira de Barreiros, Póvoa de Moscoso, Rebordinho, S. João de Lourosa, Teivas, Vilela, Gândara, Baiuca, Alcafache Termas (Parte) e Quinta dos Frades.

Apesar de todos os meus esforços nesse sentido, foi a única freguesia onde não consegui obter o preenchimento de qualquer inquirido. Felizmente existe um livro⁷⁹, no qual me vou basear, da autoria Carlos Figueiredo Lopes, que o Presidente da Junta, Sr. Fonseca, amavelmente me ofereceu.

Quanto à **matança do porco**, é realizada quase como em todas as aldeias para sustento das famílias. Carlos Figueiredo Lopes refere que “quase todas as casas da aldeia tinham currais destinados à criação de animais, nomeadamente o porco que era alimentado com restos da cozinha....”⁸⁰. Quando o porco estava farto, era preparada a matança que, como refere o mesmo autor, era geralmente no mês de dezembro “por ser o tempo mais frio para conservar as carnes que eram o «governo» da casa do lavrador”. Tudo era preparado com a devida antecedência, até a escolha da lua que teria de ser o quarto crescente para que a carne pudesse «crescer» na panela, confirma o autor.

Ora, era preparado o carro de bois ou do burro, ou então um banco para deitar o animal. Eram convidados vizinhos e familiares para segurarem o «bicho». Depois de morto, segundo as palavras de Carlos Figueiredo Lopes⁸¹, “o sangue jorra às golfadas para um alguidar de barro vidrado, que contém sal e vinagre e vai sendo mexido com uma colher de pau” para não coalhar.

O autor supracitado refere uma fala de uma pessoa com muita experiencia: “*vá, rapariga, mexe-me bem esse sangue para não coalhar, pois precisamos dele para fazer as morcelas*”.

Como vemos, a matança do porco era semelhante em todas as freguesias. Neste livro, a explicação encontra-se mais desenvolvida, porque as pessoas nos inquiridos não estiveram com muitos pormenores e escreveram só o essencial.

Depois do «último suspiro do animal», este era estonado com palha de centeio, para queimar o pêlo. Novos e velhos raspavam o couro usando uma sachola, facas, pedaços de telha.

Como vemos esta operação de limpar o porco era idêntica nas sete freguesias por nós estudadas, podia apenas mudar o utensílio para a raspagem do porco. Em seguida, era lavado com água quente até o couro ficar bem limpo. Acabada esta tarefa, diziam os presentes com fino humor: «*parece mesmo um porco limpo*». Depois disto, era colocado no chamberil⁸² e ficava pendurado num sítio fresco (loja ou adegas). Era aberto e retirado as tripas que depois eram

⁷⁹ Carlos Figueiredo Lopes, *S. João de Lourosa (Viseu) - Terra e Gentes da Beira*, Viseu, Edição do autor, 2004.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 165.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² Gancho de ferro.

separadas uma a uma e lavadas em água corrente do rio ou ribeiro ou mesmo de um regato. Depois de lavadas, iam servir para fazer os enchidos (chouriças, morcelas, farinheiras).

No dia seguinte, era feita a desmancha e toda a carne cuidadosamente separada, metendo-se a maior parte na salgadeira.

Como acontecia na maioria das aldeias, a matança do porco era sinal de festa, alegria, convívio, entreaajuda e da esmerada «feição da matança». Nesta aldeia, o sarrabulho era feito entre familiares e amigos, assumindo um sentido comunitário, relata Carlos Figueiredo Lopes.

Relativamente ao **jogo da bexiga**, era a parte mais divertida da criançada. Estas acompanhavam todas estas tarefas da matança do porco e a sua maior alegria era quando o matador lhes dava a bexiga do porco. Em seguida, enchiam-na de ar e amarravam-na com um fio, ficando a secar no fumeiro para jogarem, como uma bola no Carnaval⁸³. Como se vê, ao contrário de Tibaldinho, nesta freguesia a bexiga era jogada no Carnaval pelas crianças e não pelos rapazes e adultos.

O **jogo do cântaro** ou do púcaro, as **cegadas** e o **borracheiro** não são referidos no dito livro, o que demonstra a sua inexistência naquela freguesia.

Relativamente aos **mascarados e travestidos**, Carlos Figueiredo Lopes⁸⁴ refere no seu livro que “novos e velhos se disfarçavam, com máscaras e cómicas roupas velhas e enfarruscavam a cara com carvão”. Afirma o autor que eram conhecidos como «os caretas».

Quanto às **danças e cantares** do Carnaval tradicional parece não terem ali existido. Esta ideia é confirmada pelo autor do livro, ao dizer que uma curiosidade que só hoje se faz são os bailes de carnaval ou bailes de máscaras. Segundo o autor supracitado, “nesta quadra juntam-se grupos de rapazes e raparigas e organizam bailes de máscaras, geralmente em casas particulares, e o entusiasmo é grande, sem excluir as mães que acompanham as suas filhas e assistem a estes divertimentos. Dantes, eram utilizados os gramofones e a grafonola,” para a reprodução da música. Como se vê, não há qualquer referência a danças de roda no terreiro.

Alguns dos foliões cantavam quadras populares, como as que se seguem:

Ó entrudo, ó entrudo,	Ó entrudo, ó entrudo,
Ó entrudo chocalheiro.	A festa da brincadeira.
Não deixes estar sentadas,	Hei-de cantar e bailar,
As moças ao soalheiro.	E comer boa orelheira.

Também é referido que alguns dos foliões costumavam «fumar» o rabo do porco que guardavam no canto da salgadeira como se fosse um charuto. Em Tibaldinho, embora fosse pouco frequente, isso também acontecia. Apesar de as pessoas não o referirem, eu lembro - me de, em criança, ver o Ti Fernando, por alcunha “O 23”, como era conhecido, a fumar o rabo do porco.

Quanto aos **casamentos**, aqui o costume era “botar os compadres”. Isto era feito praticamente de forma igual em todas as freguesias, muda é o nome, mas o ritual e o significado é o mesmo. Feitos na terça-feira de Carnaval “botavam os compadres”. A “altas horas da noite, dois rapazes colocavam-se cada um em seu extremo da aldeia, empunhando grandes funis de folha de zinco, utilizados nas adegas para «deitar» o vinho nos tonéis”.

⁸³ *Ibidem*, pp. 166-167.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 302.

Falavam através dos funis e a sua voz ecoava pela calada da noite, arranjando casamento para as raparigas da povoação”, tal como acontecia em Tibaldinho.

Começavam então a ser apregoados:

- *Ó compadre!... - Ó compadre!...*
- *O que é lá?*
- *Com quem vai ficar a menina Maria, filha de F...?*
- *Ficará bem com o Manel, filho de F...?*
- *Fica ... fica ...compadre, ficam muito bem... São feitos um p'ró outro.*
- *E o que lhe vamos dar de dote, compadre? ...*
- *Olha, compadre, a ela, como é costureira, damos-lhe uma agulha e um dedal, para dar uns pontos na roupa!... E a ele, como trabalha nas terras, damos-lhe uma sachola para sachar o milho na Ribeira!...*
- *Muito bem, compadre!... Muito bem!...Ah! ... Ah!... Ah!...*⁸⁵

No dia seguinte, a lista era afixada na taberna ou em outro local visível.

A grande diferença entre esta freguesia e Tibaldinho é que, aqui, não havia o «dote», mas tanto numa como na outra os compadres ou os “maridos” teriam como obrigação oferecer à sua comadre ou à sua “mulher” as amêndoas no dia de Páscoa. Em Tibaldinho isto ainda hoje acontece.

Relativamente ao “**enterro do Entrudo**”, é tradição “a rapaziada realizar o «funeral» do Entrudo. Vestem um boneco de palha que é metido dentro de uma caixa de madeira, que faz de caixão, e é transportado numa carroça de burro, percorrendo as ruas da aldeia. Um rapaz faz de padre e faz os responsos, outros levam a caldeirinha com água e lampiões de petróleo acesos. No cortejo fúnebre junta-se muita gente “que tocam chocalhos e campainhas, fazendo grande algazarra. As «carpideiras» choram e fazem lamúrias ao «morto», lamentando a sua partida. No final, um dos presentes lê o «testamento» do Entrudo de caráter jocoso⁸⁶, distribuindo, com piada, os seus haveres por alguns habitantes da povoação e despedem-se do Entrudo até ao ano que vem”.

A rematar esta manifestação tradicional, as “efígies” do Carnaval são queimadas ou enterradas, procedendo-se à legação dos bens:

Deixo à menina Alice,	O que havemos de deixar,
Que está morta por casar.	Ao Manel sapateiro?
Um colchão feito de tojos,	Damos-lhe uma bolsa,
Para nele se deitar.	Para guardar o dinheiro.

A grande diferença entre S. João de Lourosa e Tibaldinho no enterro do Entrudo é que, aqui, não há testamento nem os haveres são distribuídos pela povoação. As efígies também não são feitas.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 303.

⁸⁶ Alegre.

6 . Fragosela

A freguesia de Fragosela tem as seguintes povoações: Espadanal, Fragosela de Baixo, Fragosela de Cima, Prime, Sernadinha, Quinta do Sobral, Casal do Meio, Casal Derradeiro, Quinta da Arrifana e Quinta do Verigo. As quintas não foram contempladas para os inquéritos por terem pouca população, assim como aldeias menos representativas. Foram considerados nove inquéritos de Fragosela e encontramos apenas uma senhora disponível na aldeia do Espadanal.

Relativamente à **matança do porco**, os inquiridos referem que era feito na altura do carnaval por “por ser frio, faziam-se os chouriços, as murcelas (sic) e os torresmos e depois salgava-se o resto” - diz-nos a D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela).

A D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela) refere que “nesse dia era bom pelo convívio e comiam-se as primeiras febras e tratava-se das morcelas e carne para os enchidos, era trabalhoso, mas agradável”.

O Sr. Diogo (inquérito nº 3, de Fragosela) refere que “era feita pelo carnaval, onde se juntavam as famílias festejando este dia com partes do porco”. Ou seja, isto passava-se em todas as freguesias. Havia partilha, confraternização e entre-ajuda.

A D. Emília, do Espadanal (inquérito nº 5, de Fragosela) afirma que “para mim começava muito triste com pena do animal, mas depois era uma festa, a família toda junta para saborear as febras com batata cozida. Sabiam muito bem, mas para mim o que eu mais gosto era o convívio e as nossas brincadeiras dos mais novos uns com os outros”.

A D. Maria de Lurdes (inquérito nº 10, de Fragosela), acrescenta que “depois de morto abre-se tira-se as tripas, lavão-se (sic), servem para as chouriças as mais finas, as mais groças (sic) para as morcelas, das carnes gordas fazia-se torresmos e a manteiga (banha), salgava-se os presuntos e as outras carnes, não havia arcas era o sal”.

Com mais ou menos pormenores isto acontecia em quase todas as aldeias.

Quanto ao **jogo da bexiga**, os inquiridos dizem que era cheia de ar e seca para jogar pelo Carnaval. A D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela) diz que “era também muito engraçado depois de seca, fazíamos um balão e os mais novos divertiam-se com ela”.

“Depois de seca, enchia-se de ar como uma bola para depois fazermos as nossas brincadeiras”, afirma o Sr. Diogo (inquérito nº 3, de Fragosela).

A D. Emília, do Espadanal, (inquérito nº 5, de Fragosela), acrescenta que “o que nós fazíamos com a bexiga secávamo-la e faziam um balão, que enchíamos de água e atirávamos uns aos outros o que a rebentasse perdia o jogo”.

Todos os inquiridos referem que faziam brincadeiras com a bexiga, mas nenhum refere o tipo de jogo que era feito, apenas afirmam que era como uma bola ou balão, mas nenhum diz como o era jogado, daí não se poder fazer a comparação com Tibaldinho.

No respeitante ao **jogo do cântaro** ou púcaro, os inquiridos fazem referência a duas versões: por exemplo, a D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela) conta “que os rapazes e as raparigas juntavam-se e iam pelas ruas atirando uns aos outros de costas voltadas”. Já a D.

Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela) diz que “era um jogo também para os mais novos pendurávamos num sítio alto e com uma bara (sic) saltávamos até o partir”.

O Sr. Diogo (inquérito nº 3, de Fragosela) transmite que “o púcaro era pendurado e com varas saltavam até que alguém o consegui-se (sic) partir”. Por outro lado, também nos dá a versão de que “o cântaro era passado de pessoa em pessoa atirando-o e agarrando o mesmo até que o deixa-se (sic) cair e partir”. Aqui podemos fazer a comparação com Tibaldinho onde o cântaro era atirado de pessoa em pessoa de costas para trás e em fila. Aqui dizem que é atirado de uns para os outros, mas sem sabermos se é em fila ou em roda.

Mas, continuando, a D. Deolinda (inquérito nº 4, de Fragosela) conta que “o jogo do púcaro joga-se de mão em mão pela aldeia fora, não se pode deixar cair”.

A D. Emília, do Espadanal (inquérito nº 5, de Fragosela) diz que “também era engraçado, pendurávamos numa corda, amarrada a duas árvores um bocado alta e nós saltávamos com uma bara (sic) até o conseguir partir o que o partisse era quem ganhava o jogo”.

A D. Felisbela (inquérito nº 6, de Fragosela) afirma que “o cântaro era de barro e as pessoas punham-se umas atrás das outras e atiravam-no para trás uma das outras, quando o cântaro caía ao chão e partia-se, acabava o jogo”.

No que respeita às **cegadas**, parece-me que aqui as pessoas entendem as cegadas tipo jogo da cabra-cega, como vamos ver pelo que dizem três inquiridas. A D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela), “com os olhos vendados faziam rodas no largo da aldeia e a pessoa que tinha os olhos vendados ia para o centro ver se conseguia apanhar alguém”.

Idêntica versão é dada pela D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela), ao afirmar que “punhamos uma vendana a tapar os olhos duma pessoa e ela sem ver tinha que apanhar um colega e o primeiro a ser apanhado ia para o lugar do outro da vendana”.

No lugar do Espadanal, a D. Emília (inquérito nº 5, de Fragosela) conta que “era uma brincadeira engraçada, um de nós andava com uma venda de pano com os olhos tapados e tinha que agarrar um de nós e o que fosse apanhado era quem era bendado a seguir e assi se continuava a brincadeira”. Recapitulando, em Lobelhe, em Vilar Seco e aqui em Fragosela confundiam as cegadas com o jogo da cabra-cega.

Quanto às **danças e cantares**, a D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela) diz com alguma saudade que “cantávamos músicas da época carnavalesca e dançávamos ao toque de instrumentos tradicionais”.

A D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela) acrescenta que “juntavam-se rapazes e raparigas a cantar e a dançar a roda, não tínhamos instrumentos musicais nós é que fazíamos a festa a cantar e a dançar uns com os outros”.

O Sr. Diogo (inquérito nº 3, de Fragosela) conta que “eram danças e cantigas típicas da época, cantadas e acompanhadas pela harmónica ou (gaita de beijos) nas ruas da nossa aldeia”.

A D. Emília, do Espadanal (inquérito nº 5, de Fragosela) conta-nos que “isto era o meu favorito, juntavam-se rapazes e raparigas no terreiro da aldeia andávamos à roda a cantar e a dançar uns com os outros, era muito divertido”.

A D. Felisbela (inquérito nº 6, de Fragosela) afirma que “ao domingo à tarde as pessoas juntavam-se no largo da aldeia onde havia um homem que tocava concertina e as pessoas dançavam e cantavam ao toque da concertina”.

De todos os testemunhos dos inquiridos, uns dizem que dançavam ao toque de instrumentos, outros afirmam que não, isto é, cantavam e dançavam. Alguns referem que dançavam em roda, tal como em Tibaldinho, no terreiro ou no largo da aldeia, mas não fazem referência a nenhuma canção em especial, dizem ser só canções da época, enquanto Tibaldinho tinha canções próprias, que só aí se cantavam.

Relativamente ao **borralheiro**, a figura em si não existia como em Tibaldinho e em outras localidades. A maior parte dos inquiridos confundem o borralheiro com outra situação. A D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela) diz que “com carvão ou mesmo nas panelas de ferro enfarruscavam a cara com cinza tudo misturado”.

A D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela), conta que “íamos às lareiras pintávamos os olhos e o bigode com carvão e cinza e brincávamos todos, era engraçado”.

O Sr. Diogo (inquérito nº 3, de Fragosela) conta que “na época do carnaval, as pessoas vestiam-se diferentes para esses dias e com cinza chamada «borralha» atiravam às pessoas, tudo em forma de brincadeira”. Só este inquirido relata uma atitude parecida com o borralheiro de Tibaldinho.

Referindo-se aos **mascarados e travestidos** a D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela) diz que, “com roupas velhas e grandes, os homens vestiam-se de mulher e elas de homens, cobriam a cara e assim se andava pelas ruas da aldeia”.

A D. Emília, do Espadanal (inquérito nº 5, de Fragosela), diz - nos que “esta parte era a que eu menos gostava, porque eu nunca sabia quem era o mascarado e confesso que tinha medo, mas era divertido”.

A D. Felisbela (inquérito nº 6, de Fragosela) refere que “era hábito os rapazes vestirem-se de mulher e as raparigas de homem e punham uma meia de mousse na cara e uns buracos nos olhos e na boca para não serem reconhecidos”.

A D. Lurdes (inquérito nº 10, de Fragosela) relata que “vestião-se os homens de mulher e as mulheres de homem, as máscaras era o enfarruscar com carvão”.

Ora, pelo que os inquiridos referem, era idêntico ao que se passava em Tibaldinho, roupas velhas, vestiam-se de homem e mulheres e vice-versa. A máscara era uma meia com buracos nos olhos ou então enfarruscavam-se para não serem reconhecidos.

Quanto aos **casamentos**, existia a quinta-feira de compadres e comadres. A D. Conceição conta que “os homens nas quintas-feiras de comadres e compadres iam para cima das árvores de noite e nomeavam os casamentos”.

A D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela) afirma que “faziam na quinta-feira antes do dia do entrudo, escolhiam um rapaz e uma rapariga e no dia de entrudo faziam o casamento, vestidos de noivos como se fosse verdadeiro”.

O Sr. Diogo (inquérito nº 3, de Fragosela) refere que “na quinta-feira de compadres e na de comadres, os homens subiam de noite às oliveiras onde faziam a nomeação dos namorados, isto em voz que todas as pessoas tinham conhecimento”.

A D. Emília, do Espadanal (inquérito nº 5, de Fragosela), afirma que “deste eu já gostava pois havia o noivo e a noiva faziam o casamento a fingir e havia uma festa como se fosse uma realidade”.

Já D. Felisbela diz que “faziam-se na quinta-feira dos compadres, os rapazes à noite com um funil punha-se um em cada esquina e perguntavam “ó compadre achas que fica bem o Zé das iscas com a Maria bexiguda, ai, á, á”. Como vimos, há respostas muito diferentes nesta freguesia de Fragosela. Esta, da D. Felisbela, é a declaração mais parecida com o que acontecia em Tibaldinho.

A D. Maria (inquérito nº 9, de Fragosela) diz que “deitavam os namorados e namoradas que muitas vezes acabavam mesmo por casar”. Cá está mais uma semelhança com Tibaldinho.

No que concerne ao **enterro do entrudo**, a D. Conceição (inquérito nº 1, de Fragosela), conta que “para terminar tínhamos um boneco cheio de palha que depois de darmos a volta à aldeia em festa, queimava-se”.

A D. Custódia (inquérito nº 2, de Fragosela) afirma que “fazíamos um boneco de palha e punham uma bomba no meio, era vestido como um homem, dávamos a volta à aldeia como se fosse um funeral e à meia-noite queimava-se quando a bomba rebentava era o fim do entrudo”.

A D. Emília, do Espadanal (inquérito nº 5, de Fragosela) conta que “aqui fazia-se um boneco do tamanho de um homem com palha e vestia-se e punham-lhe uma bomba ao meio, punha-se em duas tábuas e dávamos a volta à aldeia a fazer que chorávamos e à meia-noite queima-se e quando a bomba rebentava, acabava o carnaval”.

A D. Lurdes (inquérito nº 10, de Fragosela) diz que “fazia-se uma cruz com dois paus revestia-se com palha, vestia-se com roupa fazia-se a cama pegava-se 4 pessoas e o resto chorava atrás dava-se a volta depois deitava-se o fogo ... assim terminava o carnaval”.

Com um ou outro adereço ou pormenor diferentes, o enterro do Entrudo era parecido ao de Tibaldinho.

Se tentarmos um sumário exercício comparativo, constatamos que, nas seis freguesias limítrofes à de Alcaface, havia uma coisa em comum - em todas elas existiam manifestações tradicionais carnavalescas. No entanto, comparando concretamente com Tibaldinho, é evidente que existiam alguns aspetos iguais ou semelhantes, outros diferentes e outros inexistentes.

Capítulo Terceiro

COMPARAÇÃO COM OUTRAS LOCALIDADES DO DISTRITO DE VISEU E DO PAÍS

I - Distrito de Viseu

1 . Cabanas de Viriato - dança dos cúis ou dança grande

É um desfile tradicional de Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal. Começa no Largo do Lagarto, dando a volta ao povo e voltando ao mesmo largo.

Esta dança é muito original, ou seja, é um desfile constituído por duas filas de mascarados alinhados, ao som da valsa em contradança feita para este efeito e tocada pela Banda Filarmónica da terra. No refrão, deslocam-se dois a dois ao centro e batem com os cúis, volta tudo ao normal até às repetições do refrão e a consequente dança dos cúis. O desfile dura várias horas, num percurso de mais de 3 quilómetros.

O seu verdadeiro nome é "Dança Grande", mas os forasteiros mudaram-lhe o nome, porque, com as variações de ritmo, as pessoas vão ao centro e chocam de traseiro. Esta tradição sobrevive desde 1865 e é muito divertida.

O Domingo de Carnaval é reservado para as crianças, contando com a participação de todas as escolas do concelho. Na Segunda e Terça-feira, todos quantos queiram podem participar na famosa Dança dos Cúis: ao som da Valsa de Carnaval, tocada pela Banda Filarmónica, os foliões vão dançando pelas ruas da aldeia, batendo com os traseiros nos dos vizinhos do lado, quando há uma variação do ritmo. A sua forma tão espontânea e natural, onde todos podem participar livremente, é de fato fascinante.

As "Zabumbadas" são uma sonora designação para barulhentas sessões de bombos, fortemente percutidos durante a noite e que começam a percorrer a localidade e a anunciar o Carnaval com 15 dias de antecedência.

De domingo a terça-feira, nas horas deixadas livres pela dança dos cúis, ouvem-se as "entrudadas", ou seja, sessões de declamação de quadras populares, ditas ao ritmo dos bombos, denunciando segredos da população de Cabanas. "Ouve-se então o que toda a gente já sabe, mas que algumas pessoas queriam manter em segredo".



Figura 7 - Dança dos cúis - Cabanas de Viriato

2 . Lajeosa do Dão, concelho de Tondela⁸⁷

2.1 - Domingo Gordo e dia de Carnaval

Nestes dias, muitas pessoas mascaravam-se, disfarçavam-se e divertiam-se, cantando e dançando nos principais largos das povoações da freguesia.

Os ranchos carnavalescos são uma tradição de Lajeosa do Dão. Algumas semanas antes do Carnaval, começam os ensaios, com pessoas entre os 6 e os 60 anos. No Domingo Gordo e na terça-feira de Carnaval, atuam nas terras das redondezas. As pessoas que assistem lançam, por norma, uma moeda na bandeira de cada grupo, como ajuda para custear as despesas.

2.2 - A queima do Entrudo

É tradição em Lajeosa do Dão, na noite de terça-feira de Carnaval, pelas 24 horas, fazer a queima do Entrudo. Consiste em queimar um boneco de palha (que simboliza o entrudo) feito manualmente. O entrudo (boneco) é colocado nos largos das povoações algumas horas antes do ritual, é nomeado um padre-juiz que dirige a cerimónia, ouve as testemunhas de defesa e de acusação, faz o julgamento e profere a já esperada sentença. Segue-se o cortejo pelas ruas, tocam os bombos, há choros e lamentações pelo fim do tempo festivo e, chegado ao largo principal da aldeia, o entrudo (boneco) é queimado. Assim se assina a despedida do Carnaval e a entrada na Quaresma.

⁸⁷ Com adaptação sumária do texto e correção do português - <http://lajeosadodao.pt>, em 3 de novembro de 2011.

3. Lazarim - Lamego

Lazarim é uma pacata aldeia da freguesia e do concelho de Lamego, distrito de Viseu. O Entrudo nesta aldeia tem um particular relevo, abrangendo dois ciclos. O primeiro diz respeito aos três dias que decorrem entre o domingo gordo e a terça-feira gorda e o segundo é respeitante, concretamente, à terça-feira de Entrudo.

Segundo Alberto Correia, a primeira parte do ciclo desenvolve-se num crescendo de manifestações, levando a um universo de drama participado por toda a comunidade. O ciclo das festividades carnavalescas começa nesta região no quinto domingo que antecede o domingo gordo. Este é o domingo que demarca as fases deste ciclo, distribuindo-se ao longo das cinco semanas e primeiro dia de cada uma, recebendo o nome específico referente à mesma em que se esclarece os conteúdos próprios das manifestações a realizar.

Caraterístico das manifestações carnavalescas da aldeia de Lazarim é a “semana dos amigos e a semana das amigas”. O primeiro domingo diz respeito ao “domingo dos amigos”, o segundo domingo que precede a septuagésima e dá início à semana dos amigos. Este domingo é como que o anunciar de uma série de manifestações carnavalescas. Aparecem os primeiros mascarados (ver anexo nº 10) ou caretos, percorrendo a povoação. Começa, então, o abuso da carne de porco servido ao longo deste ciclo. É aqui que se dá o primeiro exercício de domínio da mulher sobre o homem, mostrando-se a nível alimentar: - “O homem é castigado com a apresentação de alimentos de fraca valia, um caldo de farinha de milho com moira (enchido de porco com sangue) ”.

Existindo uma semana dos amigos, terá de existir uma semana das amigas, cada uma delas abrange conteúdos próprios, mas ambas traduzem uma oposição de grupos estabelecida em função dos sexos, como nos diz Alberto Correia⁸⁸. Também aqui o primeiro dia é o domingo. A mulher serve a si própria “iguarias mais delicadas, a chouriça” que, comparada com a semana dos amigos, “desafia a magreza da moira”.

3.1 - Semanas dos compadres e das comadres

Segundo Alberto Correia⁸⁹, as duas semanas que se seguem são dedicadas aos compadres e às comadres, designando-se assim por semana dos compadres e semana das comadres. Continua a haver a “luta” entre os sexos opostos a nível alimentar. Para os compadres são servidas as moiras, tendo por contrapartida o salpicão servido às comadres.

É nestas duas semanas que rapazes e raparigas se começam a organizar para recolherem dinheiro para mandar preparar “o compadre” e “a comadre”⁹⁰ que se tornarão as figuras principais do auto⁹¹ da terça-feira de Carnaval.

⁸⁸ Alberto Correia, “Máscaras de Carnaval”, in Revista *Beira Alta*, nº XLV, fascículos 1 e 2, Viseu, Assembleia Distrital de Viseu, 1986, pp. 37-68.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ Bonecos (manequins de paródia que dramaticamente serão sacrificados pelo fogo, no fim da tarde de terça-feira).

⁹¹ Auto, onde se vai comentando os defeitos mútuos nas deixadas do testamento, normalmente construído secretamente.

Durante a semana, os homens preparam as máscaras ou caretos e idealizam as vestimentas em que se hão-de embrulhar. Tanto eles como elas continuam durante a semana a angariar fundos para pagar a execução dos trajes do compadre e da comadre e lá vão elaborando de forma definitiva os testamentos.

No domingo magro deambulam os caretos pelas ruas, são realizados os leilões de Nosso Senhor e de Santo António, é feita a redação dos testamentos e é eleito o respectivo leitor. Come-se suã e rabo de porco.

No domingo gordo continuam as manifestações públicas: passeios de caretos, repetição dos leilões de Nosso Senhor e de Santo António, a elaboração dos testamentos e a construção do compadre e da comadre no maior sigilo. A tradição manda que se coma tromba e pés de porco.

A segunda-feira é um dia normal, mas a terça-feira é o dia grande do ciclo. É o Entrudo propriamente dito. A festa começa. Os caretos reinam na rua. São apresentados o compadre e a comadre, representando os dois grupos: homens e mulheres.

Pelas três horas da tarde, os caretos ou mascarados saem à rua, chegando daqui e dali, em grupos ou isolados para melhor guardarem o seu disfarce.

3.2 - Caretos e senhorinhas

Segundo Alberto Correia⁹², o careto “é a designação que recebe a figura disfarçada por detrás de uma careta ou máscara”, este é o elemento fundamental do disfarce, porque outros usam uma vestimenta específica com adereços de esquisita invenção que se associam para confundirem uma identidade. Este termo de careto é atribuído a qualquer tipo de mascarado, como refere o autor supra citado. Por outro lado, há um termo diferente que se lhe associa: a senhorinha⁹³. Esta, segundo o referido autor, traduz uma nova realidade do disfarce e transmite uma nova identidade ao mascarado. Normalmente, o careto e a senhorinha são geralmente homens. O careto distingue-se pela indumentária de feição masculina e a careta condizente. A careta normalmente é elaborada por quem a vai usar ou por encomenda a um artesão habilidoso. A imaginação toma conta da caricatura e da imitação de certas situações. O autor refere ⁹⁴“o corcunda, o bêbado, o pastor, o velho” como principais personagens dos traços do disfarce.

A senhorinha tem padrões mais simples. A careta ou máscara é de madeira ou renda, ou seja, uma caricatura algo mais feminina. O resto da vestimenta são elementos mais estreitos e representativos sobre “uma saia e blusa, um xaile e um lenço na cabeça, umas velhas luvas ou meias escondendo as mãos e as pernas para não serem reconhecidos. A senhorinha transporta sempre uma cestinha de verga⁹⁵ e nela carregavam cinza ou farelo de milho, que podiam atirar de mãos cheias sobre os atrevidos” que se tentavam aproximar.

Tanto o careto como a senhorinha apresentam-se com intenção lúdica total e é essa ludicidade que faz com que o público participe nesta diversão.

Enquanto a senhorinha mantém o segredo do seu disfarce, o careto assume uma posição mais dinâmica, pois a provocação é maior, principalmente por parte das crianças que os

⁹² Alberto Correia, *ob. cit.*, pp. 37-68.

⁹³ Careto feminino.

⁹⁴ Alberto Correia, *ob. cit.*, pp. 37-68.

⁹⁵ Antigamente uma breza de palha e silva.

acompanham. É por isso que o careto se faz acompanhar de uma bengala ou moca. Alberto Correia refere ainda que, sobre a roupa, “os caretos despejavam ovos e cinzas e nas máscaras ou nas dobras das véstias dependuravam bichos nojentos, sardões e lagartixas que apanhavam para o efeito”.

Aqui a máscara é uma valiosa peça de arte popular, tendo como principal função o carácter lúdico, sendo pensadas por quem as utiliza ou aproveitando a ideia de um artesão⁹⁶. O material utilizado é normalmente o amieiro, abundante nas margens do rio, sendo esta madeira mais mole para o talhe. Utiliza-se também o castanho e a nogueira, sendo esta raramente utilizada hoje em dia.

No fim da terça-feira e depois da morte do compadre e da comadre, os caretos e as senhorinhas despedem-se da sua máscara.

3.3 - Os testamentos da comadre e do compadre

A leitura dos testamentos da comadre e do compadre são um ato organizado e integrante das cerimónias da terça-feira de Carnaval. No dizer de Alberto Correia,⁹⁷ “comadre e compadre significam determinado quadro de relações de parentesco que, no ciclo do Entrudo, fazem apelo para um determinado tipo de relacionamento que foge aos parâmetros habituais e aponta para um certo jogo de aproximação amorosa entre os grupos sexuais distintos”. Assim sendo, o compadre e a comadre, à volta dos quais se desenrolam os testamentos, são um rapaz e uma rapariga, ambos solteiros, como é referenciado no final do testamento. Compadre e comadre são também os dois bonecos (manequins) homem e mulher preparados para cada leitura do testamento, em cada ciclo carnavalesco. Ora, o compadre será construído pelas raparigas e a comadre pelos rapazes. É chegada a apresentação dos mesmos a público para ser feita a leitura do testamento. “Rapazes e raparigas aparecem na praça ostentando o compadre e a comadre que pela primeira vez aparece em público. Cada grupo faz guarda ao seu patrono que sempre um rapaz carrega mesmo no caso do compadre”.

Antigamente estes manequins eram feitos de palha e vestidos como um espantalho. Hoje, são feitos por uma pessoa especializada, “com conhecimentos de pirotecnia, que realiza uma boneca e a enfeita de materiais leves e coloridos facilmente combustíveis, preenchendo-lhe o corpo e a cabeça de bombas que ocasionarão a morte simbólica do carnaval”.

No que diz respeito à leitura do testamento⁹⁸, pelas quatro horas da tarde o povo começa a reunir-se numa das praças da povoação (Largo do Padrão). A leitura é, tradicionalmente, feita em três lugares⁹⁹. A primeira leitura tem lugar no Largo Padrão (onde existiu o pelourinho), sendo hoje o centro cívico da povoação; a segunda é feita na vila (no sítio do Caldeirão¹⁰⁰) e a terceira é feita no povo de Valverde (sítio da Cruzinha)¹⁰¹.

Os rapazes que seguram o compadre e a comadre assim como os principais figurantes e os que lêem o testamento sobem para uma plataforma. No caso dos compadres, é um deles que lê o

⁹⁶ Normalmente um mestre carpinteiro.

⁹⁷ Alberto Correia, *ob. cit.*, pp. 37-68.

⁹⁸ Alberto Correia, *ob. cit.*, pp. 37-68.

⁹⁹ São os núcleos centrais da organização urbana da aldeia.

¹⁰⁰ Centro histórico com a casa da câmara e uma vida social hoje apagada.

¹⁰¹ É aqui que acontece o drama final com a morte do compadre e da comadre.

testamento das comadres. No caso das comadres, estas escolhem previamente um homem casado para ler o testamento do compadre que elas elaboraram. A leitura inicia-se com o testamento do compadre. Ora, segundo o autor referido¹⁰², “as culpas de uma e outra parte serão expostas”. Quando terminam as leituras, feitas com ar dramático, as pessoas mudam de lugar, até chegarem ao último sítio para a última leitura. Terminada esta, rapazes e raparigas tentam apoderar-se do testamento do outro grupo para melhor refletirem sobre os conteúdos enunciados. Cada texto apresenta três partes distintas: o princípio¹⁰³, as deixadas¹⁰⁴ e o fim¹⁰⁵.

Os testamentos, em verso, eram longos: em 1986, o dos compadres era constituído por 101 e o das comadres por 100 quadras que consta em (anexo nºs 11 e 12).

4 - S. Pedro do Sul

Há cerca de 50 anos, segundo Benjamim Pereira¹⁰⁶, as celebrações carnavalescas começavam no domingo magro, com uma “mascarada em que intervinham a mãe do entrudo, a parteira, o médico, as ajudantes, etc, desfilando no largo da ladeia, onde havia festa e música. Os figurantes eram todos homens, envergando alguns deles trajes femininos, e a mãe, parodiando a gravidez, trazia sobre a barriga um grande painel de barro.

No domingo gordo a mascarada repetia-se, mas dentro do painel vinha um boneco, um cachorro ou mais frequentemente um gato, a quem a mãe puxava, de quando em quando, pelo rabo, fazendo-o miar e bufar. No momento oportuno, a mãe começava a berrar, a parteira acorria e metia as mãos, como que a assistir uma parturiente, a mãe que era escolhida por essa especialidade, emitia um ruído sonoro; a parteira fugia, berrando que se tinha «escaldado», acorria o médico, as ajudantes, acorria toda a gente, até que entre gracejos e chufas, que dependiam do espírito com que se respondia às situações que iam surgindo. Esgotadas as capacidades da mãe, o painel era finalmente escacado e saltava para fora o boneco ou o bicho, que se esgueirava: era o entrudo que acabava de nascer”.

Este episódio podia muito bem ser uma cegada representada na aldeia de Tibaldinho.

II. Outras regiões do País

1 . Caretos de Podence - Trás -os-Montes¹⁰⁷

Os caretos fazem parte de uma tradição portuguesa muito antiga, e os mais conhecidos são os de Podence e de Ousilhão (Trás-os-Montes), mas também existem noutras regiões, como em Lazarim, na Beira Alta.

¹⁰² Alberto Correia, *ob. cit.*, pp. 37-68.

¹⁰³ É verdadeiramente um proémio (introdução).

¹⁰⁴ Constituem a 2ª parte, são o cerne do testamento.

¹⁰⁵ É uma despedida.

¹⁰⁶ *Ibidem*, pp. 126-130.

¹⁰⁷ <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3952>, consultado em 10 de novembro de 2012.

Os homens de Podence também se mascaram, mas a diferença é que se mascaram de caretos¹⁰⁸, ou seja, de uma espécie de criaturas de outro mundo que fazem muito barulho e perseguem as raparigas solteiras. Os caretos andam em grandes grupos, com máscaras de couro ou de madeira, muito feias. Vestem velhas colchas de lã transformadas em fatos de cores fortes como o verde, azul, preto, vermelho e amarelo (tudo às riscas). Para chamar a atenção e fazer todo o barulho que lhes é característico, os caretos usam grandes chocalhos pendurados na cintura e guizos nos tornozelos.

Nos dias em que os caretos saem à rua, as raparigas solteiras ficam em casa a vê-los pela janela, pois estas são as presas mais fáceis. Por isso, eles trepam pelas varandas acima, para ir ter com elas e fazer muito barulho, mexendo a cintura para lhes bater com os chocalhos.

Outras das vítimas dos caretos são os donos das adegas. Quando estes são apanhados, pegam-lhes ao colo e obrigam-nos a abrir as pipas de vinho para os caretos beberem.

Para os ajudar nas suas correrias e saltos por toda a povoação, os caretos usam também um pau ou uma moca, que lhes serve de apoio (e também lhes dá um ar mais assustador).



Figura 8 - Caretos de Podence

Diz-se que o homem, ao vestir aquele fato, torna-se misterioso e o seu comportamento muda completamente, ficando possuído por uma energia que não se sabe de onde vem. Nas crenças das pessoas de Trás-os-Montes e da Beira Alta, existe qualquer coisa de mágico em todo o ritual da festa que permite aos caretos fazerem coisas que os outros não podem.

Há alguns anos, as pessoas, nestes dias, trancavam as portas, com medo dos abusos dos caretos. Claro que hoje em dia eles são mais moderados, mas as suas correrias, o seu barulho e os seus gritos ainda surpreendem os mais desprevenidos.

Só os homens se podem vestir de caretos, pois as vítimas são as raparigas solteiras.

Em Podence os mascarados aparecem pelo carnaval, no domingo e terça-feira. “Nas pantominas participa um «juiz», de longas barbas e óculos de cortiça, e dois guardas, fardados, que andam pela aldeia a aplicar «pena» e receber dinheiro. No domingo magro os mascarados dão a volta à povoação, brincando com as raparigas. No domingo gordo de manha e á tarde continua esta brincadeira e à noite fazem os casamentos ou «contra casamento»¹⁰⁹:

¹⁰⁸ Um careto é um homem disfarçado que anda pelas ruas de algumas povoações e aldeias do Norte de Portugal (especialmente em Trás-os-Montes) com uma máscara que serve para meter medo, fazendo de diabo à solta. Podem aparecer tanto no Carnaval como no Natal.

¹⁰⁹ Benjamim Pereira, *Máscaras Portuguesas*, Lisboa, Junta de investigações do Ultramar - Museu de Etnologia do Ultramar, 1973, pp.124-126

“Palhas alhas lev’as o vento aqui vamos fazer um casamento
Quem é que nós hemos de casar? (fulana de tal)
Agora que lhemos de dar de dote?
Tu o dirás
A F. uma terra ao Souto
Que não saia de cima do outro”.

Segundo Benjamim Pereira, estes casamentos exploram sempre aspetos ridículos e certas situações incôngruas, pois os dotes também são de caráter caricatural.

O «juiz» é que faz o discurso e atribuiu o «tributo» (imposto) a pagar aos homens pelas mulheres. As raparigas mais esquivas que se recusavam a cumprir as determinações do «juiz» e fugiam aos caretos eram agarradas à força pelos «guardas».

Na quarta-feira de cinzas, segundo o mesmo autor, recebem os «tributos»: “cada rapariga «casada» na noite anterior dá uma importância, que depois é aplicada na compra do vinho para os homens e rebuçados para as raparigas”¹¹⁰.

2 . Dia dos Diabos - Vinhais¹¹¹



Figura 9 - Figuração da morte e do diabo

Na quarta-feira de cinzas, saem à rua os diabólicos mascarados, chamados Diabos e a terrível personagem da Morte. Logo após a meia-noite de Terça-feira, os Diabos efetuam a primeira investida contra os foliões que saem dos diversos locais de diversão.

Já durante o dia, dezenas de personagens diabólicas saem às ruas da vila, atormentando a população, principalmente as raparigas, e fustigando-a sob as vergastadas incisivas dos seus cinturões. A personagem da Morte, que é única, só sai no próprio dia de 4ª feira de Cinzas. Anda sempre acompanhada por um séquito¹¹² de Diabos e executa rituais que lhe são exclusivos, nos quais recorre a alguns requintes de crueldade na imposição de sacrifícios e penitências às suas vítimas. O povo acompanha toda a movimentação destas personagens e vai-se divertindo com as

¹¹⁰ Benjamim Pereira, *ob. cit.*, p. 126.

¹¹¹ http://museudamascara.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_Paginald=27759 consultado a 16 de novembro de 2012.

¹¹² Comitiva.

artimanhas a que, por vezes, eles têm de deitar mão para alcançarem os objetivos a que a tradição lhes exige.

Benjamim Pereira refere que se “pode dizer que a figura da morte tem feito da 4ª feira de cinzas... o quarto dia de carnaval”¹¹³.

3 . Outras localidades

3.1 - Castelo Branco

Segundo António Salvado¹¹⁴, em Castelo Branco os folguedos e as brincadeiras de Carnaval, os bailes de mascarados e as caqueiradas eram comuns.

O autor salienta os entrudos que, segundo ele, consistiam “na troca de vestuário: homens vestiam de mulheres /mulheres vestiam de homem e de cara pintada ou coberta por máscara. A referência que o autor faz tem semelhança com os mascarados e os travestidos existentes em Tibaldinho.

António Salvado refere ainda que havia quatro manifestações interessantes e originais pelo Carnaval. Trata-se do jogo das panelas e das três contradanças.

Quanto ao jogo das panelas, informa que “um grupo de mulheres colocava-se em fila única de cara destapada. A da frente ia atirando para trás um recipiente de barro, e a fila movimentava-se. E quando a panela (ou outro recipiente de barro) caía ao chão, quebrando-se, a algazarra era enorme! Ora este jogo apesar de ter nome diferente como jogo das panelas era idêntico ao jogo do cântaro ou do púcaro realizado em Tibaldinho.

Existiam três **contradanças**:

A **contradança dos pauzinhos** era dançada e cantada por albicastrenses (homens) ou por indivíduos que vinham de fora. O vestuário era a preceito: bota, calça apertada com cinta e camisa. Dançavam em duas filas, batendo com os pauzinhos quando cruzavam e cantavam quadras (certamente de teor satírico). Acrescenta o autor que tinham o rosto revestido de máscara¹¹⁵.

A **contradança das cabaças**, o vestuário era similar à anterior. O rosto cobria-se de máscara. Contradança também masculina. Os participantes traziam ao ombro cabaças e, dançando, entoavam quadras. Tomamos esta como exemplo do autor:

Acabou-se a contradança,
Não há mais nada p’ra ver;
Acabou-se agora a dança,
Vamos todos a beber.

Na **contradança das trancas**, a vestimenta também parece ser a mesma. “Os paus (as trancas) eram agora grossos, emitindo um forte som quando cruzavam e batiam”¹¹⁶.

¹¹³ *Ibidem*, p.132

¹¹⁴ António Salvado, *O Carnaval na Beira Baixa*, Castelo Branco, 1993, p.11.

¹¹⁵ *Ibidem*, p.12.

¹¹⁶ António Salvado, *ob. cit.*, p. 13.

3.2 - Alcains¹¹⁷

a) - Chorar o Entrudo

“Pela noite ouviam-se gritos em voz disfarçada... O seu tom era tão elevado que os visitantes de ocasião ficavam surpreendidos!”

É pena o autor não explicar como era feito todo este ritual.

b) - As caqueiradas

Tem pareanças com outras localidades, mas com uma “achega original: pelos buracos das portas das casas introduziam-se latas com brasas acesas e pimentos; tudo isto originava uma grande fumarada”, o que obrigava a acordar toda a gente.

c) - Outros costumes

Segundo António Salvado “parece que nesta época de carnaval se gastavam taleigas e taleigas de farinha de milho e centeio”. Este material era utilizado pelos rapazes para aformosearem (enfeitarem) as raparigas.

3.3 - Oleiros e Sertã

a) - A divisão do burro

Segundo António Salvado, um grupo de rapazes “sobe a um cabeça, transportando o burro que não existe”. Munidos de latas velhas, tambores, chocalhos e outros instrumentos de percussão, certamente destinados à barulheira que pretendiam fazer, “lá se ouve a voz falando por um cabaço partido em forma de funil, procedendo à divisão das várias partes do burro por pessoas que se pretende que sejam visadas.” O autor dá um exemplo:¹¹⁸

Um pedaço de burro
É p’ra Maria Padeira
Quéla precisa é de pele
Pra fazer uma peneira.

b) - As cegadas

Segundo o autor, eram “grupos de rapazes e raparigas, de indumentária trocada”, atravessavam as ruas da povoação a cantar e a dançar no meio de enorme algazarra.

c) - Enterro do Entrudo

Segundo o autor, existiam duas fases: a morte do Entrudo e o enterro do Entrudo.

O ritual da **morte do Entrudo** era feito na terça-feira à noite, ouvindo-se bombas e tiros - dizendo que o Entrudo foi morto.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 18.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 13.

Quanto ao **enterro do Entrudo** era feito na quarta-feira de cinzas. Numa rude padiola transportavam um boneco de palha ou de cortiça, sendo conduzida pelas ruas da povoação. Depois, enterra-se o boneco.

3.4 - Monsanto

Em Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova, era hábito jogar o Entrudo. Em roda, os jogadores atiravam uns aos outros uma cesta cheia de palha e na qual ardia uma brasa. O jogo durava até a cesta arder completamente.

Panelas ou púcaros de barro eram atirados de mão em mão até tombarem e quebrar-se no chão. Este jogo é parecido ao jogo do cântaro ou do púcaro que era jogado em Tibaldinho.

Também era hábito cantarem as janeiras do Entrudo, mas como em todo o trabalho não existe referência a esta atividade não lhe vou dar grande importância.

Existia ainda “o fazer pouco delas”, ou seja, “gente moça procura a casa de pessoas idosas para fazer pouco delas. Munidas com um rabo do porco roubado antecipadamente aquando da matança, chegam a uma porta e dizem:

- Então, deixaste roubar o rabo do porco? E por aí fora...

As **cacadas** eram uma maldade. Quem tivesse a porta aberta, levava com cacadas (pedras, cacos, etc) atiradas pelos mais pequenos.

3.5 - Idanha-a-Velha

Em Idanha-a-Velha uma das manifestações tradicionais carnavalescas eram “os palhaços”. Estes eram indivíduos que envergavam trapos e panos velhos e, com o rosto pintado com carvão ou com farinha, faziam lembrar os mascarados de Tibaldinho.

Outro dos costumes era sujar as pessoas com pó de carvão, com farinha ou cinza. Note-se a semelhança com o borrarheiro de Tibaldinho.

As pessoas cantavam canções do cancioneiro da localidade de teor malicioso e irónico. O autor dá-nos alguns exemplos:

Ó verde, verde lorêro
Lorêro assim sim,
Engansati uma donzela,
Casa com ela, ó Joaquim!

Alto pinhêro redondo
No cimo de duas pinhas,
Quem me dera ser pastor
Daquelas duas meninas.

Capítulo Quarto

UMA VISÃO DE CONJUNTO SOBRE O COMUM E O DIFERENTE NAS LOCALIDADES OBJETO DE ESTUDO

No decurso dos três primeiros capítulos, fomos fazendo já comparações pontuais entre as diferentes manifestações tradicionais carnavalescas realizadas nas localidades objeto de estudo. Neste último capítulo, vamos procurar, numa visão de conjunto, ver o que ocorria de comum (com as suas particularidades)) nessas localidades até à década de sessenta do século passado (em alguns casos, até aos nossos dias), relativamente a cada uma das nove questões constantes dos inquéritos, bem como à informação recolhida na bibliografia consultada, tomando Tibaldinho como referência.

Começámos por elaborar um quadro, no qual enumerámos, de forma sumária, as nove categorias de manifestações carnavalescas de cada localidade. Após a apresentação do quadro, vamos explicitar, de forma mais detalhada, cada uma dessas manifestações, procurando estabelecer comparações de conjunto entre si e, particularmente, com Tibaldinho.

Quadro I - Quadro comparativo das manifestações Carnavalescas das localidades estudadas

Manifestações Carnavalescas									
Localidade	Matança do porco	Jogo da bexiga	Jogo do cântaro ou púcaro	Cegadas	Danças e cantares	Borrallheiro	Mascarados/ Travestidos	Casamentos	Enterro do entrudo
Tibaldinho	Ver ponto 2.1	Ver ponto 2.2	Ver ponto 2.3	Ver ponto 2.4	Ver ponto 2.5	Ver ponto 2.6	Ver ponto 2.7	Ver ponto 2.8	Ver ponto 2.9
Aldeia de Carvalho	Igual a Tibaldinho, com uma diferença, era festejado em comunidade	Igual a Tibaldinho	Igual a Tibaldinho	Conjunto de pessoas que se vestiam de trajes disfarçados em que diziam palavras muito engraçadas e o povo se divertia	Rapazes e raparigas faziam uma roda e cantavam as canções da época, sendo tudo muito divertido. As danças e cantares eram quase todas diferentes	Esta figura não existia	Mascaravam-se com as suas palhaçadas, fazendo rir o povo	Já muito dentro da noite, os rapazes pegavam num funil e, através dele, “casavam” os rapazes e as raparigas, dos quais alguns se tornaram realidade	Feito já de noite, cantando, brincando e chorando. Esta era uma quadra em que se diziam coisas e se faziam outras que durante o ano não havia coragem para se dizerem
	Compravam um porco, matavam-no e comiam-no todos juntos. Os	Formado por um grupo de pessoas em linha e o primeiro	As pessoas colocavam-se em fila nas ruas principais e atiravam para a que	Teatro de rua em que se diziam pilhérias e anedotas para fazer rir	Em grupo (à roda) e havia a canção do “ladrão que ia um ao meio da roda	Esta figura não existia, ninguém lhe faz referência	Homens que se vestiam tipo matrafonas e usavam máscaras de	Transmitidos com um funil nos arredores da povoação e sendo	Era um homem vestido de velho que era julgado e morto

Casal Mendo	particulares matavam para consumo de casa	jogava-a para trás das costas e iam seguindo a rua, por vezes enchiam-na com urina	estava atrás, e assim continuamente. Quem o deixasse partir saía do jogo		e saía para roubar um par		velha e vice-versa	publicados nomes de alguns namorados que se supunha terem relações sexuais e geralmente a mocidade zangava-se	depois punham-no num caixão. As pessoas de bem choravam e as de mal riam. O Entrudo era um boneco que era queimado no fim
Casal Sandinho	Era feita entre o Natal e o Carnaval para consumo de casa. A família reunia-se e era uma festa nesse dia.	A bexiga do porco era guardada, cheia de ar e ficava a secar para o jogo no Carnaval. Os jovens juntavam-se todos a jogar, era uma alegria	Começava no largo da aldeia até se juntar o pessoal. Aí formava-se uma fila atirando o cântaro de costas para trás e o que o deixasse ir ao chão e partir era corrido com os cacós atrás dele	Não existiam nesta aldeia	Eram feitas no largo da capela, à roda, com pessoas de todas as idades	Era uma pessoa mascarada que espalhava por brincadeira borralha contra as pessoas. Vestiam-se diferentes, ou seja, desconhecidos, e passavam por nós e toca a emborralharnos	Era tradição, mascararem-se com meias na cara e os homens vestiam-se de mulher e as mulheres de homem, com as roupas mais velhas que tinham	Eram deitados à alta da noite com um grupo de um lado da povoação para o outro lado a anunciar os casais da noite. Também era hábito todos os anos e era bonito, até se realizavam namoros a sério, mas aqui tudo acabou	Não era tradição
	Era feito por cada família para	Não existiam nesta	Era formada uma única fila e depois	Não existiam nesta aldeia	Não existiam nesta aldeia	Não existiam nesta aldeia	Vinham pessoas em carros de	Eram feitos ao escurecer aparecendo	Não é feita nenhuma referência

Termas Alcafache	consumo próprio	aldeia	lançado de costas para trás. Começava do lado de Mangualde atravessando a ponte até ao concelho de Viseu, acabando na última casa e vice-versa, começando do lado de cá até à capela				bois ornamentados com mimosas, vestindo-se de homens ou mulheres e vice-versa, com roupa velha para não serem reconhecidos, trazendo também máscaras, fantasiados de animais	um homem e uma mulher (os noivos) e (o “padre”), o casamento era feito com o “padre” a benzer as alianças feitas de madeira, onde vinham num prato velho. Existia uma panela velha de ferro que transportava a água benta que tinha como função benzer as alianças e os noivos. Depois do casamento, era o baile	
Fornos de Maceira Dão	Igual a Tibaldinho	Era cheia de ar para jogarem o jogo da bexiga. Os rapazes alternavam numa roda com as raparigas e lançavam a bola uns	Era jogado em roda numas aldeias da freguesia e noutras era como em Tibaldinho Jogo da panelinha (versão diferente do	Uns consideravam-nas como o jogo da cabra cega, outros contam que os rapazes e raparigas vestidos de carnaval andavam	Eram dançadas em roda, acompanhadas por gaita de boca e concertinas no largo da capela	Era uma pessoa que vinha vestido diferente dos outros e trazia borralha e a espalhava por cima das meninas, das que eles gostavam	Eram homens que se vestiam de mulheres e as mulheres de homens, vestiam trapos velhos e capotes do avesso e	Eram deitados com um funil de povo para povo anunciavam os compadres e as comadres e eles respondiam uns aos	Era um palhaço vestido com roupas velas e palha, era julgado no largo da capela, era lido o testamento e depois

		aos outros que a defendiam com as palmas das mãos, atirando-a para outro, até rebentar a bexiga	jogo do cântaro)	pelas ruas, pedindo e fazendo distúrbios e trapalhadas		mais, deitavam menos, nas outras deitavam mais	usavam máscaras de meias e também punham mantas às costas, onde se apalpavam uns aos outros	outros. Em Fornos, os casamentos eram chamados de cabaços. Os rapazes subiam aos pontos mais altos da aldeia em direções opostas. Com uns funis, falavam de um lado para o outro. À sorte, casavam os rapazes e as raparigas solteiras	era queimado e as pessoas choravam muito por ele
Lobelhe do Mato	Parecido a Tibaldinho	Guardavam a bexiga do porco e secavam-na. Pelo Carnaval, enchiam-na de ar e mandavam umas para as outras, quando rebentava era uma festa, tudo se ria	Faziam uma fila de raparigas e deitavam o cântaro de umas para as outras até partir, depois a rapariga que o deixava cair tinha de ir arranjar outro	Entendido como jogo da cabra cega ou não sabem o que é	Dançavam numa roda e cantavam	Não existia nesta aldeia	As pessoas vestiam roupas velhas e trapos velhos que tinham em casa, pediam máscaras e andavam a pôr medo às crianças	Chamados de cabaços. Andavam os rapazes de noite, com um funil na boca a deitarem os cabaços. Muitos depois até acabavam mesmo por casar	Vestiam um palhaço, deitavam-no numa carroça e corriam o povo todo, à noite. Num largo, deitavam-lhe o fogo e tudo chorava pelo entrudo

<p>Vilar Seco</p>	<p>Parecida com a de Tibaldinho</p>	<p>Enchiam a bexiga do porco e jogavam à bola com ela</p>	<p>Punham-se todos em fila e, de costas, passavam o púcaro para a pessoa de trás</p>	<p>Entendido como jogo da cabra cega ou não sabem o que é</p>	<p>rapazes e raparigas faziam pares, dançando em roda; cantavam e dançavam músicas próprias</p>	<p>Não aparece como figura típica, mas há quem diga que era uma pessoa que vestia uma veste que espalhava borralha de vez em quando para as pessoas</p>	<p>Quase que se pode afirmar que se passava o mesmo que na maior parte das outras aldeias.</p>	<p>Tradição feita no S. Martinho</p>	<p>Fazem um boneco, levam-no num caixão feito de madeira e as pessoas vão atrás dele a chorar. As pessoas vestem-se de branco e queimam o boneco</p>
<p>Santar</p>	<p>Parecido a Tibaldinho</p>	<p>A bexiga do porco era cheia depois de seca, enchia-se de ar e brincava-se com ela pelo ar, tornando-se numa brincadeira engraçada</p>	<p>Chamado de jogo da panelinha. Pegavam na panelinha, jogavam-na para trás, o que estava aqui agarrava e mandava para outro; por vezes existiam simulações para que ela partisse</p>	<p>Entendidas como jogo da cabra cega</p>	<p>Homens e mulheres divididos em pares dançavam à roda e cantavam músicas muito próprias</p>	<p>Parece não existir por aqui</p>	<p>Usavam máscaras enfarruscadas, com roupas trocadas, fantasiados, andavam pelo povo fora para amedrontar as pessoas. Vestiam-se de farrapos velhos, tapavam a cara com máscara de papelão, andavam pelo povo, metiam-se com as pessoas e diziam</p>	<p>Eram considerados como os casamentos de hoje</p>	<p>Enterro do bacalhau. Andavam com um bacalhau pendurado num pau, dançavam, cantavam e, no final, era comido entre todos com batatas e couves</p>

							coisas disparatadas		
S. João de Lourosa	É realizada quase como em todas as aldeias para sustento das famílias	Era a parte mais divertida da criançada. Estas acompanhavam todas estas tarefas da matança do porco e a sua maior alegria era quando o matador lhes dava a bexiga	Não é referido no livro	Não é referido no livro	Parece não terem ali existido	Não é referido no livro	Novos e velhos disfarçavam-se, com máscaras e cómicas roupas velhas e enfarruscavam a cara com carvão. Eram chamados de caretas	O costume era “botar os compadres”. Isto era feito praticamente e de forma igual em todas as freguesias, muda é o nome, mas o ritual e o significado é a mesmo.	Vestiam um boneco de palha que é metido dentro de uma caixa de madeira, que faz de caixão, e é transportado numa carroça de burro, percorrendo as ruas da aldeia. Um rapaz fazia de padre que fazia os responsos, outros levavam a caldeirinha com água e lampiões de petróleo acesos. No cortejo fúnebre juntava-se muita gente
	Parecido a Tibaldinho	Era também muito	Os rapazes e as raparigas juntavam-se e	Entendidas como jogo da cabra	Cantavam músicas da época	A figura em si não existia	Com roupas velhas e grandes, os	Existia a quinta-feira de	Tinham um boneco cheio de

Fragosela		engraçado depois de seca, faziam um balão e os mais novos divertiam-se com a bexiga. Depois de seca, faziam um balão que enchiam de água e atiravam uns aos outros e o que a rebentasse perdia o jogo	iam pelas ruas atirando uns aos outros de costas voltadas. Numa outra versão era também um jogo para os mais novos. Penduravam-no num sítio alto e, com uma vara, saltavam até o partir	cega	carnavalesca e dançavam ao toque de instrumentos tradicionais		homens vestiam-se de mulher e elas de homens, cobriam a cara e assim se andava pelas ruas da aldeia	compadres e comadres. Alguns homens, nas quintas-feiras de comadres e compadres, iam para cima das árvores de noite e nomeavam os casamentos	palha que depois de darem a volta à aldeia em festa, era queimado
-----------	--	---	---	------	---	--	---	--	---

Retomando o que no início deste capítulo se disse, vejamos agora, numa visão de conjunto, a explicitação mais detalhada das diferentes categorias das manifestações carnavalescas nas localidades objecto de estudo, donde sobressaem as analogias, as diferenças e as omissões entre as localidades objeto de estudo, procurando estabelecer as necessárias comparações entre si e, sempre que possível, com o Entrudo em Tibaldinho.

1 . Manifestações carnavalescas

A **matança do porco**, de uma maneira ou de outra, era feita de modo parecido em todas as aldeias. Vinha o matador, amarravam o «bicho» que era deitado em cima de um banco ou das chedas de um carro de bois com o toíço no chão. Depois de espetada a faca, era aproveitado o sangue para as morcelas (que eram feitas com sangue, pão e algumas gorduras). O animal era estonado com palha de centeio e depois lavado e raspado, havendo aqui alguma diferença entre os utensílios usados (telhas ou sachadeiras).

O porco era então colocado no chambaril para escorrer o resto do sangue para assim procederem à desmancha do animal no dia seguinte. O animal era aberto e eram tiradas as tripas, que seriam lavadas em água corrente (ribeiro ou rio). As tripas do intestino delgado serviam para fazer as chouriças e as farinheinhas. As do intestino grosso eram utilizadas para fazer as morcelas. Era então feita a desmancha, a carne servia para consumo próprio, indo a maior parte para a salgadeira.

A bexiga era sempre guardada e seca para as brincadeiras de Carnaval.

Ora, a matança era feita desde o mês de dezembro até ao Carnaval (tempo mais frio), pois o próprio nome Carnaval (ao terminar) significa “adeus à carne”. Por isso, no período carnavalesco havia um consumo abundante de carne, pois a seguir vinha o tempo de jejum, durante a Quaresma.

O **jogo da bexiga** existia em muitas localidades. A forma de ser jogado é que era diferente. Em Tibaldinho, era jogado só por homens, principalmente por rapazes, formando uma roda, em que a bexiga servia de bola e era atirada com o punho para o ar, tipo jogo de voleibol.

Noutras localidades, não explicam muito bem como era jogado, mas sabemos que era lançado como bola, umas vezes em roda de uns para os outros, outras vezes em fila de costas para trás.

O **jogo do cântaro ou púcaro** realizava-se em todas as aldeias, mas em muitas com o nome de panelinha. Normalmente, neste jogo predominavam as mulheres, dando a volta ao povo todo e cantando algumas canções. Isto era hábito em Tibaldinho, formavam uma fila e, de costas para trás, atiravam o cântaro para aquele que estava imediatamente atrás de si. Como nos refere Zeca Guedes¹¹⁹ “todas as pessoas entravam no jogo para percorrerem as ruas das aldeias, atirando um objecto (cântaros, panelas, púcaros, vasos...) pelo ar, por cima da cabeça e para trás das costas. E de pessoa em pessoa e de mãos em mãos, lá ia até ao fim da fila, só que a fila nunca tinha fim, porque cada elemento, assim que atirava o objecto, dava uma corrida e ia formar imediatamente à retaguarda da fila - andava tudo numa roda-viva. O jogo só acabava por cansaço dos intervenientes ou quando acabavam todos os cacos velhos”.

Quando se deixava cair, era sinal de risada e brincadeira total, pois tinham de ir arranjar outro, até se gastarem todos os “cacos “ existentes em casa. Será daí que, provavelmente, em Castelo Branco este jogo tem o nome de caqueiradas, mas era feito de

¹¹⁹ Zeca Guedes, *Canções Soltas da Beira*, Viseu, s. e., 2000, p. 41.

modo diferente. Pelos buracos das portas das casas introduziam-se latas com brasas acesas e pimentos, pelo que tudo isto originava uma grande fumarada”, o que obrigava a acordar toda a gente.

Em Tibaldinho era habitual a realização das **cegadas** de Carnaval. Na realidade, trata-se de um tipo de teatro de rua, imaginado, encenado e representado por grupos de homens de cada localidade ou de outras localidades que vinham representar uma comédia da terra deles. Eram brincadeiras de Carnaval que apareciam sem serem esperadas. Era uma forma de se manifestarem, cada um à sua maneira, e de divertirem a curiosa assistência, particularmente a pequenada. Eram feitas pelos mais desinibidos e dotados de humor. Em muitas aldeias das freguesias em que realizámos inquéritos, a maioria das pessoas não se lembra ou não faz ideia o que eram as cegadas. Por outro lado, muitas comparam-nas ao jogo da cabra-cega.

No que respeita às **danças e cantares**, Zeca Guedes ¹²⁰ afirma que “os serões eram pequenos para ensaiar danças, contradanças, acertar fardas e outros apetrechos que concorriam para alterar o visual.” Não havia aldeia nenhuma que num dos largos principais não se juntassem grupos de rapazes e raparigas a dançarem. Normalmente, danças de roda, acompanhadas em algumas localidades com gaita-de-beiços ou concertina. Muitas vezes, estas danças percorriam outras aldeias juntando-se os grupos existentes. Em Tibaldinho, dançava-se cantando (não havia instrumentos). No final da tarde, ao mesmo tempo que se desfazia a roda, formava-se um comprido cordão com todos os participantes de mãos dadas e em passo de marcha, cantando alternadamente as cantigas (“Ó Entrudo, ó Entrudo” e “Anda o Sol atrás da Lua”), percorrendo as ruas da aldeia e indo mesmo às localidades vizinhas de Tibalde de Baixo e Tibalde de Cima.

Quanto ao **borralheiro**, este era uma figura típica de Tibaldinho. Podiam ser homens casados ou solteiros. Vestindo roupa velha e trapalhona, o borralheiro colocava uma meia na cara ou uma máscara e ia buscar a borralha a sua casa ou ao forno do povo com um balde ou um saco e seguia por ruas menos frequentadas até chegar sorrateiramente ao Redondeiro. As “vítimas” principais eram as raparigas, pois, quando este chegava, espalhava borralha na cabeça e na blusa das moças, deixando no ar uma nuvem de cinza. Noutras localidades não havia uma figura específica, mas, em algumas delas, também existiam os mascarados que lançavam cinza ou borralha.

Relativamente aos **mascarados e travestidos**, existiam em todo o lado, homens e mulheres que trocavam de roupa e vestiam -se ao contrário, parecendo matrafonas, com roupa velha e “com uma meia ou máscara na cara para não serem reconhecidos”. Em quase todas as aldeias se viam estes «Entrudos», pois muitas vezes eram assim chamados.

Quanto aos **casamentos**, era tradição em muitas das aldeias, mas com significados diferentes. Em algumas localidades eram chamados também de cabaços ou compadres. Feitos na terça-feira de carnaval, em Tibaldinho, por exemplo, havia uma comissão que fazia a lista dos rapazes e das raparigas da aldeia, que passavam a ficar “casados”, num ritual em que

¹²⁰ *Ibidem*, p. 42.

dois homens ou mais se iam revezando no uso do grande funil das adegas, fazendo as vezes de megafone. Por este meio, dialogavam de uma janela ou varanda para outra, de modo a que se vissem um ao outro, referindo o nome da família e do filho que tinha para “casar” e para arranjar uma moça para o dito rapaz.

Fragosela, por exemplo, era a única aldeia onde existia a quinta-feira dos compadres e das comadres. Os homens nas quintas-feiras de comadres e compadres iam para cima das árvores de noite e nomeavam os casamentos. Escolhiam um rapaz e uma rapariga e, no dia de Entrudo, faziam o casamento, vestidos de noivos, como se fosse verdadeiro.

Em S. João de Lourosa, o costume era “botar os compadres” na terça-feira de Carnaval. A altas horas da noite, dois rapazes colocavam-se cada um em seu extremo da aldeia, empunhando grandes funis de folha de zinco, utilizados nas adegas para «deitar» o vinho nos tonéis. Falavam através dos funis e a sua voz ecoava pela calada da noite, arranjando casamento para as raparigas da povoação”, tal como acontecia em Tibaldinho.

Já em Santar os inquiridos não consideram os casamentos como tradição de Carnaval, pois os que responderam referem-se a eles como casamentos verdadeiros.

Por exemplo, em Vilar Seco, segundo os inquiridos, não existiam pelo Carnaval, sendo feito ritual semelhante pelo S. Martinho.

Em Lobelhe do Mato, eram chamados de cabaços ou casamentos. Andavam os rapazes com um funil na boca a deitarem os cabaços, durante a noite, buznavam e «casavam» os solteiros com as solteiras à sorte”. Muitas vezes acabavam mesmo por casar.

O mesmo se passava em Fornos, também chamados de cabaços, eram deitados também através de um funil, de povo para povo. Anunciavam os compadres e as comadres e respondiam uns aos outros. Os rapazes subiam aos pontos mais altos da aldeia em direções opostas. Com uns funis falavam de um lado para o outro. Á sorte, casavam todos os rapazes e raparigas.

Comparando o que se passava nas localidades estudadas, de uma maneira ou de outra, esta manifestação carnavalesca era realizada de forma idêntica em todas as freguesias. Muda o nome ou a forma de o anunciar publicamente, mas o ritual e o significado é praticamente o mesmo.

O **Enterro do Entrudo** era feito praticamente em todas as aldeias de Alcafache e das freguesias limítrofes e até em outras localidades do País. Em Tibaldinho, faziam um boneco de palha que vestiam com roupas velhas, colocado numa carroça ou padiola, percorrendo as ruas da povoação com as pessoas a gritar, chorando, rezando e dizendo algumas frases como, por exemplo, “ó comilão que me deixaste empenhado! Agora quem é que me paga as dividas?”. Outro exemplo: “comilão comeste a carne toda, mas não comes mais, foste um malandro. Vai pró inferno...”. Paravam em certos sítios para rezar como se se tratasse de um funeral. O “Enterro” era feito no Largo do Pinôco, onde era queimado o boneco (Entrudo).

Em Castelo Branco já era diferente. Existia a morte do Entrudo, era feito na terça-feira à noite, ouvindo-se bombas e tiros - dizendo que o Entrudo foi morto. Por outro lado, existia também enterro do Entrudo que era feito na quarta-feira de cinzas. Numa rude padiola,

transportavam um boneco de palha ou de cortiça, sendo conduzido pelas ruas da povoação. Depois, enterravam o boneco.

Em Santar foi onde encontrámos o enterro bastante diferente. Lá, era chamado de enterro do bacalhau. Andavam com um bacalhau pendurado num pau, dançavam, cantavam e, no final, era comido entre todos com batatas e couves.

Com um ou outro adereço ou pormenor diferentes, o enterro do Entrudo era parecido praticamente ao que se fazia em Tibaldinho.

Relativamente aos **outros aspectos** há desabafos de que hoje na aldeia já não existe nada, só Nelas, Canas de Senhorim é que existem carros alegóricos, ou seja, mais parecido com o Carnaval do Brasil”. O Carnaval de hoje é alegórico, desfilam os carros com vários temas de política e outras variações em várias localidades, como em Nelas, Canas e Cabanas. Cabanas acaba por ser o mais original com a dança dos cús.

Não podemos deixar de nos referir às localidades do distrito de Viseu e do resto do País que foram objeto de estudo.

Em Lazarim (Lamego) há a destacar a semana dos compadres e das comadres e os respetivos e longos testamentos. Interessante eram, também, as figuras dos caretos e das senhorinhas.

S. Pedro do Sul primava pela representação de cegadas, semelhantes às de Tibaldinho. E, em Cabanas de Viriato, era e continua a ser atração de muitos forasteiros a já célebre “dança dos cús”.

Os caretos eram a figura de marca do Carnaval de Podence (Trás-os-Montes). Ainda nesta província nortenha, era tradição, em Vinhais, o “Dia dos Diabos” em quarta-feira de Cinzas, representado por mascarados que saíam à rua simbolizando o Diabo e a Morte.

Também a Beira Baixa era rica de tradições carnavalescas: a divisão do burro, as cegadas e o enterro do Entrudo em Oleiros e Sertã; o chorar o Entrudo e as caqueiradas em Alcains; o jogar o Entrudo em Monsanto, através de algumas manifestações semelhantes a Tibaldinho; em Idanha-a-Velha, os palhaços, fazendo lembrar os mascarados e os travestidos de Tibaldinho.

2 . Danças e cantares (Redondeiro)

O Redondeiro é um dos mais importantes e soalheiros largos da aldeia de Tibaldinho. As canções e danças de roda do Redondeiro traduziam o estado de alma do povo. Era neste largo que, ao domingo à tarde, após as colheitas até ao Santo António (excetuando o tempo da Quaresma) eram cantadas e dançadas as canções populares e tradicionais, as quais também eram entoadas pelas bordadeiras, durante os serões¹²¹.

¹²¹ José Manuel Azevedo e Silva, “Bordados de Tibaldinho”, Separata de *Mundo da Arte*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, L.^{da}, 1983, pp. 53 e 54.

Quanto às danças, Zeca Guedes¹²² comenta ainda que “dava gosto dança-las à roda, à volta, em cadeia, ao centro, para fora, mãos aos agarrados ou desagarrados, com palmas, passe par¹²³, de mãos dadas, braço dado, em passeio (...) de costas para dentro”. O que interessava era serem danças de roda.

Margarida Fernandes¹²⁴ cita (Ribas 1977, p. 21) em que nos refere que “a herança cultural e tradicional é o que caracteriza e dá personalidade a um povo, (...) os usos e costumes, tradições espirituais e as expressões orais e artísticas de um povo (...) os trajes populares; instrumentos musicais trazem um simbolismo entre as danças. As danças reproduzem-se numa dimensão de espectáculo, recreação e preservação de um património cultural, tendo uma vertente lúdica, social, recreativa e cultural e também educativa”.

A dança transmite sensações, sentimentos e desejos através do corpo. Esta traduz manifestações de alegria e meio de exprimir sentimentos. As danças são simbólicas e expressivas, assumem vários tipos e formas, associados ao canto popular.

Margarida Fernandes, cita (Duarte, 1977, p. 59)¹²⁵ e refere que a dança tradicional pode existir em qualquer localidade, mas “se o texto (...) fala ao coração do povo (...), este tem autoridade para adoptar o texto, fixar a forma e o ritmo mais condizentes com a sua cultura”¹²⁶. “O povo purifica, omite, substitui, acrescenta e modifica tudo aquilo que lhe aparece (...) e quem manda é o ouvido”. É por isso que encontramos muitas versões, quer de letras, quer de melodias das canções do Redondeiro.

Muitas das danças já não existem ou caíram em desuso ou simplesmente foram modificadas ou na melodia ou na execução e até mesmo na letra. Várias pessoas referem que já não se lembram de muitas coisas, por vezes dizem a letra de uma canção noutra melodia diferente, mas, lá no fundo, encaixam sempre umas nas outras, ficando sempre bem mesmo que não pertençam lá.

3 . Explicação de algumas das danças de Tibaldinho

3.1 - O sapatinho me aperta

A dança começa em roda, virados cada par para o seu e de braços no ar, trocando de pares. Quando começa “meu coração...”, rodam agarrados de mão dada e rodam ao contrário.

¹²² Zeca Guedes, *Canções Soltas da Beira*, Viseu, s. e., 2000, p. 43.

¹²³ Passagem de um par para o outro até chegar ao seu par.

¹²⁴ Margarida Fernandes, *Sistematização da Dança Tradicional Portuguesa*, Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de doutor em Motricidade humana na especialidade da dança, Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, 2000.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 14.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 60.

Quando na letra começa “suspira” A mulher anda de costas para trás e de braços no ar e depois para a frente, o par acompanha.

3.2 - O sol se esconde

Os pares colocam-se como habitualmente em roda. Esta é uma dança de roda, em compasso ternário, andando para a frente e para trás e depois ao contrário.

No refrão, juntam-se todos ao meio e vêm para trás 4 vezes e vão as mesmas vezes ao centro. Acabam por rodar os pares com os braços dados, virando para um lado e voltando para o outro.

3.3 - O ladrão ou ladrãozinho

Em roda, cada par vira para o seu parceiro, andando um “ladrão” no meio da roda. A certa altura, o “ladrão” rouba uma menina, passando o seu par a ir para o meio e passa este a ser o “ladrão”. A dança termina, quando o último não consegue roubar e a roda vira toda para o meio, cantando “é burro, é burro, é burro 3 vezes, Deixou-se enganar mais do que uma vez”. A roda canta esta quadra batendo palmas.

3.4 - Encadeia meu encadeado

Em roda, cada par dá a mão ao que está virado para si, mas com a mão contrária, parecendo um cadeado. A dança termina quando chegar ao seu par.

3.5 - A lenha da macieira

É dançada em roda. Cada par (o homem abraça a mulher pelo ombro e a mulher pela cintura) vai trocando os homens, passando por todas as mulheres até encontrarem o seu par. Quando o encontram, batem palmas no refrão “não era assim ora assim e que não era, não era assim que a menina bate o pé”. Rodam com o par de mãos dadas e assim sucessivamente.

3.6 - As rendas e os calções

Dança de roda, em que os pares começam por andar à roda num passo saltitado, virando. Quando dizem “mostremos as nossas rendas e a nossa fina meia” vão as mulheres ao centro. Quando a letra é “também os nossos calções e os nossos pés delicados” vão os homens ao centro. Rodam os pares para um lado e para o outro quando dizem “nosso corpinho bem feito d’alguém será desejado”.

CONCLUSÃO

As tradições populares, apoiadas por uma promoção qualificada que zele pela qualidade, genuinidade e tradição podem desempenhar um papel importante no desenvolvimento de uma região.

Na verdade, ao nascer, todos nós recebemos a cultura como herança. Enquanto crianças, começamos por receber uma série de influências do grupo em que nascemos, principalmente dos nossos ascendentes, através do modo de nos alimentarmos, o vestuário, a língua falada, a identificação de um pai e de uma mãe, etc. À medida que o ser humano recebe hábitos e costumes, vai ampliando os seus horizontes, passando a ter novos contatos com grupos diferentes em hábitos, em costumes, em modos de vida, em tradições.

O papel da cultura é o de estimular e motivar o cidadão a desenvolver a sua cidadania e a participar ativamente na dinâmica artística e cultural da sua “cidade”. Este âmbito da sociedade não deverá ser visto como um conjunto de ações ou programas desarticulados e com objectivos isolados, mas sim como elemento fundamental da vida em comunidade, no seu desenvolvimento social, cultural e da qualidade de vida daqueles que a integram.

A dimensão cultural e artística é essencial à pessoa, não podendo existir verdadeiro desenvolvimento nem melhoria da qualidade de vida sem desenvolvimento cultural. É urgente promover o desenvolvimento integrado das pessoas através das artes, condição indispensável para o exercício pleno e responsável pela sua cidadania. Sendo produto e responsabilidade de toda a comunidade, a arte tem de ser fruída, sentida e vivida por todos, pois esta faz parte da cultura da sociedade. Como o desconhecimento é o primeiro passo para a desvalorização, e porque é importante preservar a nossa história e a nossa identidade, decidiu-se recuperar o que de melhor havia em todas as tradições de Carnaval na aldeia de Tibaldinho, nos anos 50/60, fazendo a comparação com as freguesias limítrofes de Fornos de Maceira Dão, Lobelhe do Mato, Vilar Seco, Santar, S. João de Lourosa, Fragosela, assim como com localidades do distrito de Viseu e do resto do país.

Este trabalho apoiou-se na comparação de inquéritos com nove pontos, em que nos baseámos no que, no decurso do tempo, se passou na aldeia em estudo - Tibaldinho, freguesia de Alcafache e freguesias limítrofes, abordando ainda algumas localidades do distrito de Viseu e do País. Acrescentaremos apenas que o método comparativo permitiu captar as diferenças, as semelhanças, as inexistências de determinadas manifestações tradicionais carnavalescas entre Tibaldinho, as aldeias da freguesia de Alcafache, as das freguesias limítrofes, através de inquéritos aplicados a pessoas com mais de 65 anos de idade, cruzando estes dados com a

escassa documentação escrita sobre esta matéria. Investigámos ainda, pelos meios de que foi possível lançar mão, algumas aldeias do distrito de Viseu e do País.

Convém sublinhar que, por falta de termos de comparação, não havia a noção da verdadeira importância do Entrudo em Tibaldinho. Agora, com este estudo, podemos afirmar que, nesta aldeia, as manifestações tradicionais carnavalescas assumiam uma posição de relevo em relação aos restantes que também foram objeto de estudo.

Em suma, para que tudo o que é bom não se perca, não se desvalorize e se prolongue ao longo de novas gerações, será importante mostrar aos jovens e aos vindouros as potencialidades da realidade existente, para que construam os seus projetos de vida na localidade e para que digam “não” ao abandono da terra e sim que sejam eles próprios a intervir na comunidade. A finalizar, esclarecemos que este estudo se constituiu como a base do Projeto de Animação intitulado “Reavivar as Tradições Carnavalescas em Tibaldinho” que apresentamos a seguir.

1. Projeto de Animação: “Reavivar as Tradições Carnavalescas em Tibaldinho”

Depois de uma breve análise da realidade da aldeia, de um melhor conhecimento da mesma, decidimos conceber um projeto tendente a reavivar as tradições de Carnaval que, como atrás se viu, este povo gerou e viveu de forma bem vincada até há cerca de quatro décadas e que hoje apenas são lembradas pelas pessoas mais idosas.

1.1 - Enquadramento da aldeia de Tibaldinho nos dias de hoje



Figura nº 11 - Localização de Tibaldinho

O povo de Tibaldinho está inserido num meio rural, pertencendo à Freguesia de Alcaldal, concelho de Mangualde e Distrito de Viseu, a cerca de sete quilómetros da sede do concelho e cerca de treze da cidade de Viseu.

Tibaldinho localiza-se a uma altitude de 230 metros, numa zona de relevo pouco acidentado, solos férteis e clima moderado. A sua proximidade das bem conhecidas Termas de Alcafache dá-lhe ainda mais beleza. A aldeia é servida por transportes públicos e dispõe de razoáveis vias de comunicação. Tem bem perto a estação de Moimenta/Alcafache (linha da Beira Alta), A 25, A24, IP3 e IC12.

Esta povoação é a mais importante da freguesia e também a mais povoada, com cerca de 600 habitantes. Nela nasceram os famosos Bordados de Tibaldinho, que fazem parte do artesanato da aldeia, assim como existe outro tipo de artesanato: os tapetes de Arraiolos que davam a maioria de ocupação às mulheres da terra. Além dos conhecidos bordados de Tibaldinho, a atividade da população reparte-se pela agricultura com extensões de vinha, de pomares e de pequena cultura de subsistência - batata, feijão, cenoura, hortaliça e através do pastoreio de pequenos rebanhos de ovinos.

Das atividades económicas fazem parte a agricultura, a vinha (Região Demarcada do Vinho do Dão), a construção civil, a indústria metalo-mecânica e a serralharia civil.

Quanto à gastronomia, pode saborear-se o cabrito assado no forno, os torresmos à moda da Beira com batata cozida, cozido à portuguesa, peixe do rio Dão com molho de escabeche, arroz de cabidela de coelho ou galinha caseira, arroz doce e queijo da serra.

Relativamente à fauna, além dos animais domésticos vulgares, temos, entre a silvestre, o coelho, a lebre o javali, a perdiz e outra passerada.

A flora existente passa pelo pinheiro, o eucalipto, a acácia, as giestas, o tojo, o mato rasteiro, etc.

No que diz respeito ao Património Cultural Tibaldinho, sempre foi um povo ligado à cultura e às tradições, conta com diversas associações para preservar e divulgar as tradições, assim como os costumes locais: Sociedade Filarmónica de Tibaldinho, Centro Cultural Social e Desportivo de Tibaldinho, Alcatuna e o Grupo de Cantares “As tricanas de Tibaldinho”.

Na aldeia persistem ainda hoje as tradições dos casamentos e do enterro do Entrudo. Embora com algumas alterações, pois são feitas pelos mais jovens.

1.2 - Finalidade e desenvolvimento do projeto de Animação

Este projeto tem por base uma pesquisa etnográfica. Marie-Fabienne Fortin¹²⁷ vê a etnografia como “o estudo descritivo das culturas, das comunidades, dos meios, permitindo identificar e classificar por categorias certas variáveis ou certos fenómenos, a fim de elaborar uma teoria”. A sua metodologia, essencialmente qualitativa e interpretativa, apoia-se em registos etnográficos.

A principal finalidade do projeto de animação será o reavivar das manifestações tradicionais carnavalescas nos espaços onde antigamente ocorriam, proceder à sua gravação em audiovisual para que a tradição não caia no esquecimento e fique na memória de todos,

¹²⁷ Marie-Fabienne Fortin, Ph.D., *O processo de investigação - da concepção à realização*, s. l., Lusociência, 1999.

mesmo dos mais jovens. É nossa intenção, ainda, que a recolha destas tradições fique registada em livro.

O objetivo geral do projeto é identificar, descrever e implementar todas as tradições carnavalescas existentes, sendo os seus objetivos específicos os seguintes:

- Recuperar práticas e tradições culturais, particularmente as do Entrudo;
- Recolher e divulgar informação sobre essas tradições;
- Valorizar a cultura local;
- Registrar, as tradições culturais, com destaque para as manifestações carnavalescas em audiovisual e registo em livro;
- Sensibilizar os mais jovens para a sua participação no projeto;
- Motivar as instituições/ associações da aldeia para o projeto.

A planificação de um projeto deverá prever quem são os intervenientes, como se organizam, as estratégias de ação a desenvolver, os recursos necessários, bem como as atividades que o permitam concretizar.

Depois desta reflexão, elaborámos um projeto de atividades a realizar num futuro próximo em Tibaldinho, com o calendário das atividades. Identificámos os intervenientes e os recursos a utilizar, no sentido de toda a comunidade participar e pôr em prática as tradicionais manifestações culturais desta aldeia, de modo particular, as do Carnaval.

Serão realizadas sessões de formação para os mais novos, de modo a inteirarem-se das tradições culturais da aldeia, realizando-se uma tertúlia intitulada “Entre Avós e Netos”, que poderá ser feita com a colaboração da escola do 1º ciclo, convidando o avô ou a avó mais idosa dos alunos e posteriormente aberta à comunidade com a participação dos mais velhos a contarem as histórias a todos os que as queiram ouvir e participarem na conversa, fazendo perguntas aos próprios e aí poderá ser criado um conjunto de regras entre todos a cumprir durante esses dias de folia.

Além da utilização dos mesmos espaços, como atrás se disse, as manifestações carnavalescas serão distribuídas pelos três dias do Entrudo (domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval), às mesmas horas (em termos aproximados) de antigamente, como mostra o quadro que se segue.

Estas atividades e manifestações culturais deverão ser divulgadas através dos meios de comunicação locais: Jornal *Renascimento*, Jornal *Notícias da Beira*, *Daotv*, página do *Mangualdeonline*, *Rádio Voz de Mangualde* e *Página Oficial da Câmara Municipal de Mangualde*. Poderá também ser difundida através das redes sociais: *Facebook*, *cartazes*, *flyers*.

Quadro II - Projeto de Recuperação das Tradições Carnavalescas em Tibaldinho

Dia	Horário	Atividades
Domingo Magro	10.00	Jogo da bexiga
	14.00	Jogo do cântaro / púcaro; Mascarados/as
	Momentos da tarde	Mascarados e partidas de Carnaval
	15.00	Danças e cantares no Redondeiro/Borrallheiro
Domingo Gordo	10.00	Jogo da bexiga
	14.00	Jogo do cântaro / púcaro; Mascarados/as
	Momentos da tarde	Mascarados, cegadas e partidas de Carnaval
	15.00	Danças e cantares no Redondeiro/Borrallheiro
	18.00	Desfile de mãos dadas, pelas ruas, cantando as duas canções de Carnaval
21.00	Baile de Carnaval (Conjunto “Os Teimosos”)	
Terça - feira de Carnaval	10.00	Jogo bexiga
	14.00	Jogo do cântaro / púcaro
	Momentos da tarde	Mascarados, cegadas e partidas de Carnaval
	15.00	Danças e cantares no Redondeiro/Borrallheiro
	18.00	Desfile de mãos dadas, pelas ruas, cantando as duas canções de Carnaval
	21.00	Casamentos
	24.00	Enterro do Entrudo

Bosch, in Trilla¹²⁸ diz-nos que “*os recursos são os meios para ter êxito numa iniciativa*”, sendo necessário que tudo seja bem planificado e programado, de modo a que se atinjam os objetivos programados e pretendidos.

Quanto aos recursos humanos, serão mobilizadas equipas, de modo a serem realizadas as ações constantes do quadro II, nos locais e nas horas fixadas. Para a explicação dos jogos aos mais novos, será importante a sua formação, convidando-os a participarem conjuntamente com os mais velhos. A tertúlia intitulada “avós e netos”, atrás referida, terá a função de uma preparação prévia. Será importante o empenhamento dos membros diretivos e

¹²⁸ *Ibidem*, p. 161.

o envolvimento dos elementos das coletividades existentes: a Sociedade Filarmónica de Tibaldinho, a Alcatuna (núcleo cultural e recreativo de Alcafache), o “Grupo de Danças e Cantares “As Tricanas”, um fotógrafo, um repórter de imagem. Quanto aos recursos materiais, será necessário o aluguer das instalações do Centro Cultural, Social e Desportivo de Tibaldinho (CCSDT); tratores, tintas, MDF, mimosas, serras de corte, e outros apetrechos (cegadas), cântaros de barro e/ou púcaros (jogo); bexiga (jogo); funis e bebidas (casamentos); urna e carroça (enterro do Entrudo), equipamento audiovisual (gravação do DVD), serpentinas, “confetes”, bombas de Carnaval, “rabusca-pés” ou bichas de rabiari, seringas, máscaras, tições de carvão (brincadeiras e partidas de Carnaval).

Quanto às fontes de financiamento, serão pedidos apoios à Junta de Freguesia de Alcafache, Câmara Municipal de Mangualde, Inatel, as próprias associações da aldeia. Esperamos também pelo patrocínio de empresas privadas, restauração, artesanato local, maquinaria agrícola e a colaboração de artesãos ou de diferentes profissionais de diferentes sectores da zona.

Contamos com as parcerias da Sociedade Filarmónica de Tibaldinho e da Alcatuna (acompanhamento musical das atividades), do Centro Cultural, Social e Desportivo de Tibaldinho, do Grupo de Danças e Cantares “As Tricanas” (danças e cantares do Redondeiro), assim como da Escola de Música e Artes do Espectáculo, Palco de Encantos (escrita e edição de partituras) e Escola Profissional Mariana Seixas - Viseu (Gravação do DVD), pois existem vários jovens que estudaram nessa instituição, frequentando cursos como audiovisuais, multimédia e fotografia.

Hoje em dia, muitas das tradições carnavalescas já caíram em desuso. Mantêm-se apenas os casamentos e o enterro do Entrudo. Estas tradições não são difíceis de transportar para o presente, à excepção das danças do Redondeiro. Uma das dificuldades encontradas é que as pessoas lembram-se perfeitamente das músicas, mas as letras saem muitas vezes misturadas umas nas outras, contudo, fazem sentido em algumas das músicas. Outra das dificuldades será juntar uma certa quantidade de pares para a dança das mesmas. Para isso e para começar, contaremos com a participação do Grupo de Danças e Cantares “As Tricanas”, procurando assim “arrastar” e aliciar as pessoas (solteiras e casadas, como antigamente) a decidirem e a acostumarem-se a entrar na dança.

Todas as pessoas contactadas se mostraram receptivas ao projeto da recuperação das tradições de Carnaval e outras, incentivando a investigar todas as que se faziam anualmente para que o povo volte a ter a atividade que tinha a nível cultural.

Quando contactámos as coletividades, estas foram receptivas e foram de opinião que é necessário unirem-se e colaborarem umas com as outras para manter vivas as tradições e incentivarem os jovens a participar, quer no projeto, quer nas próprias actividades culturais.

Quanto às entidades locais, o vice-presidente da Câmara Municipal de Mangualde gostou do projeto e incentivou-nos a continuar. A Junta de Freguesia disponibilizou-se para fornecer toda a informação sobre a freguesia.

O facto de eu fazer parte de duas das coletividades da aldeia será também um factor e um elo de ligação entre as outras associações, podendo assim atraí-las para o projeto.

Em suma, para que estas tradições não se percam, não se desvalorizem e se transmitam às gerações futuras será importante mostrar aos jovens desta aldeia as potencialidades da mesma, para que construam os seus projetos de vida na localidade e para que digam “não” ao abandono da terra e sim que sejam eles próprios a intervir na própria comunidade.

Bibliografia

- ANDER EGG, E. - *Metodología y práctica de la Animación Sociocultural*, Madrid, Editorial CCS, 2000.
- CORREIA, Alberto - “Máscaras de Carnaval”, in revista *Beira Alta*, nº XLV, fascículos 1 e 2, Viseu, Assembleia Distrital de Viseu, 1986, pp. 37-68.
- COSTA, Américo - *Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular*, com Prefácio de Joaquim Nunes, 12 vols., Porto, Tipografia e Encadernação Domingos d’Oliveira - Livraria Civilização, 1929-1949, vol. VIII, pp. 991 e 992.
- DIAS, Jorge (Nota Preliminar de Orlando Ribeiro) - *Vilarinho da Furna. Uma aldeia comunitária*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa - Verbo, vol. I, p. 1093.
- FERNANDES, Margarida - *Sistematização da Dança Tradicional Portuguesa*, Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de doutor em Motricidade Humana, na especialidade da dança, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, 2000.
- FOCUS - *Enciclopédia Internacional*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1966, vol. II, p. 511. Cf. J. Leite de Vasconcelos, 3 vols., *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, vol. I, pp. 1-7.
- FRAGOSO, António, “Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: um ensaio baseado em experiências investigativas”, *Revista Lusófona de Educação*, nº 5, 2005, p. 71.
- GIACOMETTI, Michel - *Cancioneiro Popular Português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981.
- GÓMEZ José António C., Orlando M. P. Freitas e Callejas - *Educação e desenvolvimento comunitário*, s. l., Profedições, 2008.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa /Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia. L.^{da}., 1987, vol.5, pp.960 e 961.
- GUEDES, Zeca - *Canções Soltas das Beiras*, Eden Gráfico S. A, Viseu, 1996.
- HASSEN, Maria de Nazareth Agra - “Metodologia. Etnografia: Noções que ajudam o diálogo entre Antropologia e Educação”, s/d.
- JACOB, Luís - *Animação de Idosos*, Coleção Idade do Saber, nº 6, Ambar, 3ª edição, 2007.
- LEITÃO, Madalena - Apontamentos da unidade curricular de Seminário, no ano letivo 2011-2012.
- LOPES, Carlos Figueiredo - *S. João de Lourosa (Viseu) - Terra e Gentes da Beira*, Viseu, Edição do autor, 2004.
- MARTINS, Ernesto Candeias, “Fundamentos de animação sociocultural no “território ou comunidade”, *Ler Educação* nº 16, Janeiro/Abril - ESE Beja, 1995, pp. 88-92.
- MELO, Victor Andrade de - Resenha do livro *A animação cultural: conceitos e propostas*, Porto Alegre, Movimento, v.15, nº 3, p. 357-371, julho/setembro de 2009.
- Métodos de pesquisa etnográfica* [Fonte: www.faberludens.com.br].

- MOURA, Abel - *Música Popular Portuguesa - de Alcaface a Macau*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1987.
- PEREIRA, Benjamim - *Máscaras Portuguesas*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar - Museu de Etnologia do Ultramar, 1973.
- PERES, Américo Nunes e LOPES, Marcelino Sousa (coord.), *Animação Sociocultural - novos desafios*, s. l., APAP, 2007.
- NUNES VIVEIROS e Albino Luís - “O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios, “em <http://quadernsanimacio.net>; nº 8; JULIO de 2008; ISSN 1698-4044, p. 8).
- PIEL, Joseph M. - *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1937.
- PINHO, Flávio - *O Cancioneiro Musical de Penha Garcia*, Coimbra, Palimage, 2011.
- S/A, “PROJETO DE ETNOGRAFIA”, Título: Letramento no Ensino Fundamental, Sigla: LEF, p. 15.
- SALVADO, António - *O Carnaval na Beira Baixa*, Castelo Branco, s.e., 1993.
- SERRANO, in Jaume Trilla - *Animação Sociocultural - teorias e práticas, programas e âmbitos*, Lisboa, Instituto Piaget, 2004.
- SILVA, Ana da - Projeto “solidariedade cidadã, uma experiência partilhada”, Associação in Loco, Junho de 2009.
- SILVA, José Manuel Azevedo e - “Bordados de Tibaldinho”, Separata de *Mundo da Arte*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, L.^{da}, 1983, pp. 45-60.
- SILVA, José Manuel Azevedo e - “O Entrudo em Tibaldinho - pelo Carnaval nada parece mal!”, Separata da Revista *Munda*, nº 16, novembro, 1988, pp. 9-16.
- SILVA, José Manuel Azevedo e - *Bordados de Tibaldinho. Artesanato Regional Beiraltino*, Mangualde, Câmara Municipal de Mangualde, 2003.
- SILVA, José Manuel Azevedo e - *Notícias e Memórias Paroquiais de Mangualde*, Coimbra, Palimage - C.H.S.C., 2009.
- SILVA, José Manuel Azevedo e - *Etnografia do Planalto Beirão* (a aguardar publicação).
- SILVA, Valentim da - *Concelho de Mangualde (Antigo Concelho de Azurara da Beira)*, 2ª edição, Viseu, Éden Gráfico, L.^{da}, 1978.
- SOARES, M.P (coord.) - “Formação para o desenvolvimento formação/inserção profissional territorizada”, Associação IN LOCO, Faro, 2001, pp. 15-18.
- TRILLA, Jaume, (coord.) - *Animação sociocultural - teorias e práticas, programas e âmbitos*, Lisboa, Instituto Piaget, 2004.
- UNESCO, *Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, de 15 de Novembro de 1989.
- VENTOSA, Víctor J. - *Perspectivas actuais de la animación sociocultural*, Madrid, CCS, 2006.
- <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3952>, consultado em 10 de novembro de 2012.
- http://museudamascara.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WCMCM_Paginald=27759, em 16 de novembro de 2012.
- <http://lajeosadodao.pt>, com adaptação sumária do texto e correção do português, consultado em 3 de novembro de 2011.
- <http://www.custojusto.pt/Porto/Moveis-Decoracao/mascaras+artesanais+de+lazarim+caretos+-6152717.htm>, consultado a 21 de novembro de 2012

ANEXOS

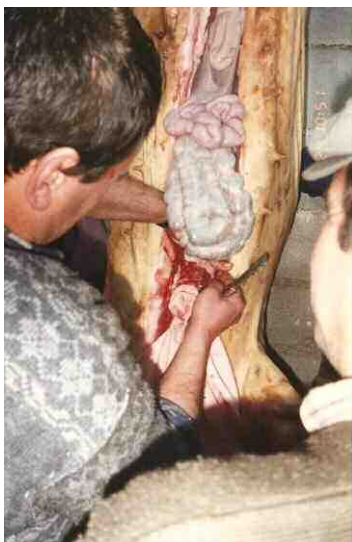
Anexo nº 1

a) Largo do Pinôco onde se passava a maioria das brincadeiras



Anexo nº2

b) A desmancha do porco



Anexo nº3

c) Variante do jogo da bexiga Parque da União



Anexo nº4

Algumas das danças e cantares (Redondeiro)¹²⁹

a) O Ladrãozinho

lá M

Este ladrãozinho

Mi lá M

Que agora entrou - bis

Mi

Deixai-o roubar

lá M

Qu'índa não roubou. - bis

lá M

Rouba, rouba, rouba,

Mi lá M

Já que és ladrão - bis

Rouba uma menina

Do meu coração - bis

Refrão

Lá M

Já cá vai roubada,

Mi M Lá M

já cá vai na mão, - bis

Mi M

já cá vai ao lado

Lá M

do meu coração - bis

Uma vez ladrão,

A todos diz bem - bis

E àquele senhor

Que é mais que ninguém. - bis

É burro é burro,

É burro três vezes, - bis

Deixou-se enganar

mais do que uma vez. - bis

b) As rendas e os calções

Sol Ré

Rapazes e raparigas,

Sol

Moçoilas da nossa aldeia. - bis

Ré

Mostremos as nossas rendas

Sol

E a nossa fina meia. - bis

Ré

Também os nossos calções

Sol

E os nossos pés delicados. -bis

Ré

Nosso corpinho bem feito

Sol

D'alguém será desejado. - bis

Viremos todos ao norte

Rapazes da nossa aldeia. - bis

Mostremos as nossas rendas

E a nossa fina meia. -bis

Também os nossos calções

E os nossos pés delicados, - bis

Nosso corpinho bem feito

D'alguém será desejado. - bis

¹²⁹ Recolha e registo por José Manuel Azevedo e Silva, na década

c) A lenha da macieira

I
 A lenha da macieira
 Racha toda aos cavaquinhos!
 Acudam aos namorados
 Que se matam com beijinhos!

Que se matam com beijinhos,
 Que se matam com abraços,
 A lenha da macieira
 Racha toda aos pedaços.

Refrão

Não era assim,
 Ora assim é que não é
 Não era assim
 Que a menina bate o pé.

bis

III

Os pratos da cantareira
 Estão sempre telintintim,
 Assim era o meu amor,
 Quando estava ao pé de mim

IV

Quando está ao pé de mim,
 Ande lá, faça favor,
 Os pratos da cantareira
 Estão chamando o meu amor.

A lenha da macieira

♩=180

1 A le - nha da ma - ci - ei - ra, Ra - cha to - da aos ca - va - qui - nhos, A - cu - dam aos na - mo - ra - dos, que
 A le - nha da ma - ci - ei - ra, Ra - cha to - da aos ca - va - cos, A - cu - dam aos na - mo - ra - dos, que

8 se ma - tam aos bei - ji - nhos. A le - nha da ma - ci - ei - ra, Ra - cha to - da aos ca - va - qui - nhos, A - cu - dam aos na - mo -
 se ma - tam aos a - bra - ços. A le - nha da ma - ci - ei - ra, Ra - cha to - da aos ca - va - cos, A - cu - dam aos na - mo -

15 ra - dos, Que se ma - tam aos bei - ji - nhos. Não e - ra as - sim, Ai as - sim é que não e - ra Não e - ra as -
 ra - dos, Que se ma - tam aos a - bra - ços.

20 sim Que a me - ni - na ba - te o pé. Não e - ra as - sim, Ai as - sim é que não e - ra Não e - ra as - sim Que a me - ni - na ba - te o pé.

d) O sol se esconde

I

Lá m
A lua vai amarela
MI M
Vai doente e tem maleitas
Maninas de Tibaldinho
Lá m
São jeitosas e bem-feitas

III

Subi ao céu assentei-me
Duma nuvem fiz encosto
Dei um beijo numa estrel
Julgando que era o teu rosto. - bis

II

Já lá vai o sol abaixo,
Lá M ré m
Deixa-lo ir eu não choro
MI M
Ainda cá fica pra cima
Lá m
Outro sol a quem adoro

IV

Já lá vai o sol abaixo,
Metido num pucarinho,
Já lá vai o brio todo,
Das moças de Tibaldinho.

Refrão

V

O sol julga que engana,
Mas eu sei andar-lhe ao jeito,
Quando nasce estou na cama
Quando se põe já me eu deito.

Refrão

O sol se esconde brilha o luar,
MI M
Olha a barquinha que anda no mar,
Lá m
Ré m
A noite é bela, só p'ra te amar
Lá m MI Lá m
Olha a barquinha que anda no mar.

VI

Ninguém se fie nos homens
Enquanto estão a dormir
Eles fazem que rressonam
Os malvados estão se a rir

Refrão

e) Encadeia

I

Eu passei por uma terra estranha, } bis
 Pedi esmola, ninguém ma deu.
 Eu hei-de deixar escrito } bis
 Que à fome ninguém morreu.

Refrão

Encadeia, meu encadeado, } bis
 Não me aperte a mão, que me estala o braço
 Em cadeia, dá-me um beijinho, } bis
 Em cadeia, dá-me um abraço.

II

Ao entrar nesta roda viva } bis
 Olhei para o lado e que foi que eu vi?
 Vi uns olhos que não largavam } bis
 Os meus olhos e eu sorri.

III

Desta roda não quero perder } bis
 A primeira mão que me apertou,
 Dei a volta, cheguei ao fim, } bis
 Encontrou-me, não me largou.

$\text{♩} = 120$

Eu pas - sei por u - ma ter - ra es - tra - nha pe - di es -
 mo - la nin - guêm ma deu --, Eu pas - deu --, Eu hei - de dei - xar es -
 cri - to que ã fo - me nin - guêm mor - reu --. Eu reu ---.

f) O Sapatinho me aperta

I

FA
O sapatinho me aperta
Dó FA
E a meia me faz calor - bis
Lá # FA
Meu coração me arrebenta
Dó FA
Se não me falas de amor - bis

Refrão

FA
Suspirando dando ais
Dó FA
Anda o amor pela rua - bis
Lá # FA
Suspira quando quiseres
Dó FA
Que eu por ora não sou tua. - bis

II

Se não me falas amor
Se não me falas rapaz - bis
O sapatinho me aperta
E a meia calor me faz - bis

III

Anda lá para diante
Ou te tiras do caminho - bis
Quem vai para amar a outro
Não vai tão devagarinho - bis

Refrão

g) Hino de Tibaldinho e da orquestra¹³⁰

I

Ó povo de Tibaldinho,
Ninguém te paga a dinheiro
Vais mostrando o teu valor
Através do mundo inteiro.
Terra de gente famosa,
Que em tempos idos deu brado,
Quando alta noite a guitarra,
Chorando trinava o fado.
Santa Bárbara padroeira...
Oh que santinha adorada!
Que nos livra dos perigos
Em tempos de trovoada.
Na margem do Rio Dão
Lindos campos, sem igual
São motivos p'ra que sejas
Coração de Portugal.

Refrão

Aldeia da beira alta
Teu vira exalta o meu coração;
Terra de rara beleza
Tu és portuguesa
De alta geração,
Passarinhos gorjeando
que sempre cantando
te dão mais carinho;
tudo parece dizer
Sempre até morrer,
Sou de Tibaldinho!...

¹³⁰ Poema e música de José Manuel Azevedo e Silva (Tibaldinho, Agosto de 1956). Este poema traduz o que é o povo de Tibaldinho.

II

Lindas vistas deslumbrantes
Vinhedos e olivais
E no verão as andorinhas
Fazem ninho nos beirais.
Quando em noites de luar,
Com as tuas serenatas
És a Severa a cantar.
Tuas belas camponesas,
Alegres vão p'ra seus prados;
Tuas lindas bordadeiras
Fazem seus ricos bordados.
Alegra-te Tibaldinho
Com teus encantos famosos,
Tens o teu nome gravado
Na orquestra "Os Teimosos".

HINO DE TIBALDINHO

The musical score is written on ten staves. The first staff is in treble clef with a 3/4 time signature. The melody consists of eighth and quarter notes. The second staff continues the melody. The third staff continues the melody. The fourth staff continues the melody. The fifth staff continues the melody. The sixth staff is labeled 'REFRÃO' and continues the melody. The seventh staff continues the melody. The eighth staff continues the melody. The ninth staff continues the melody. The tenth staff is a double line with the handwritten text 'Escrita musical de José Manuel Azeredo e Silva'.

Centro Composit. Lis. 109. 37
2400 LERIA
Telf. 3-41 83

Preço 8 em Maio, 28
3000 COIMBRA
Telf. 2-3449

TUDO PARA MÚSICA

Olímpio Medina

Escrita musical de José Manuel Azeredo e Silva

h) Marcha de Tibaldinho

I

Venham ver o lindo rancho

Ouvir suas lindas canções

Que cantam com toda a alma

Para alegrar os corações.

Refrão

Rancho tão lindo, de Tibaldinho

Tem tanta graça, tanto carinho

Não há igual, p'la vida fora

É tão lindinho, em Portugal.

II

Cantando sempre cantando

Neste rancho d'alegria

Cantando a noite inteira

Até ao romper do dia.

Marcha de Tibaldinho

Ran-cho tão lin-do de Ti-bal-di-nho, tem tan-ta gra-ça tan-to ca-ri-nho. Não há i-gual
p'la vi-da fora, é tão lin-di-nho em Por-tu-gal. Ve-nham ver o lin-do ran-cho.
Ou-vir su-ãs lin-das can-ções. Que can-tam com to-d'a al-ma, P'ra-le-grar os co-ra-ções.
can-tan-do sem-pre can-tan-do, nes-te ran-cho d'a-le-gria, can-tan-do noi-te in-tei-ra
a-té ao rom-per do dia. Lai lai lai lai.

Copyright © 2010 Lídia Rodrigues.
All Rights Reserved

Anexo nº5

Exemplo de uma dança no Largo do Redondeiro



Anexo nº6

Os postos dos casamentos em Tibaldinho



Anexo nº7

Enterro do Entrudo em Tibaldinho



a) Início do enterro



b) Procissão com os respostas



c) O Padre

b) A encomendação do corpo



c) Enterro do entrudo propriamente dito



Anexo nº 8

Canção do jogo da panelinha em Santar

I

Eu hei-de ir a Elvas
Três vezes ao dia
Só p'ra ver as tropa
De cavalaria.

II

Eu cuidava qu'Elvas
Era uma aldeia
E praça fechada
De cal e areia

III

Eu hei-de ir a Elvas
Eu hei-de ir se for
Jurar a verdade
Pelo meu amor.

IV

À entrada de Elvas
Letrinhas achei
Que queriam dizer
Viva o novo rei

V

À entrada de Elvas
Achei um anel
Que tinha escrito
Viva o D. Miguel.

VI

À entrada de Elvas
Achei um dedal
Que tinha escrito
Viva Portugal.

Anexo nº9

As cegadas (contradanças) - Santar¹³¹

I

O teu pai fez muito mal
Não te meter num convento
Uma menina como tu és
Mal empregada andar ao vento.

II

Havia um homem na minha terra
Várias vezes assucedida
Ele plantava-se a chorar
Quando a mulher o batia.

¹³¹ Esta tradição mantinha-se no domingo magro, domingo gordo e entrudo. As canções mudavam todos os anos

III

De joelhos e mãos postas
Eu te pedi meu irmão
Ai tu não sejas assassino
Rouba sim, não mates não.

IV

Caçador não vai à caça
Que os coelhos por pirraça
Fizeram greve geral
Ai com três notas de Quinhentos
Ó i ó ai do Banco de Portugal.

V

Oiçam, cantam os rapazes
Porque são da freguesia de Santar
O rancho da cruz Vermelha
Todos devem respeitar.

VI

Viva este novo rancho
Limpinho e escarolado
Viva também o do pipo
Que anda sempre ao nosso lado.

Anexo nº10

Máscaras de Lazarim¹³²



¹³² [http://www.custojusto.pt/Porto/Moveis-](http://www.custojusto.pt/Porto/Moveis-Decoracao/mascaras+artesanais+de+lazarim+caretos+6152717.htm)

[Decoracao/mascaras+artesanais+de+lazarim+caretos+6152717.htm](http://www.custojusto.pt/Porto/Moveis-Decoracao/mascaras+artesanais+de+lazarim+caretos+6152717.htm), consultado a 21 de novembro de 2012

Anexo nº11

Exemplo de um testamento dos compadres¹³³

Logo apenas que nasci
Ouvi minha mãe dizer
Ó que triste sorte a minha
Que pelém me foi nascer.

Nasci mesmo no borralho
A calçar uma panela
Foi um gato que quis comer-me
Pensando que era *bitela*

Nasci no dia de amigos
Tudo me cheirava a esturro
Pelo trato que me deram
So merecem comer burro

Mas veio o dia das amigas
Ó que barriga tão chei
Comi com tanta fartura
Que até me deu diarreia

Seguem-se então os compadres
Ó que semana maldita
Já não tinham que me dar
Deram-me tripas de pita

Mas veio a das comadres
Foi semana abençoada
Comi cabrito peru e cordeiro
Porco e *bitela* assada

Passei fartura e fome
Que quase tinha morrido
Porque galinhas e coelhos
Já vós as tinheis comido

Comeis carne a toda a hora
Vejo que são uns *golosos*
Por serdes tão lambareiros
Cada vez estais mais ranhosos

Para comerdes quereis bons petiscos
Para beberdes não há pai
Fazei disso um exagero
Que até a barba vos cai

Sou um pobre desgraçado
Que nem vejo a luz do sol
Porque os amigos que tenho
Não valem um caracol

Vou chamar os meus rapazes
Vou dividir o meu dinheiro

Dividi também o burro
Não vá alguém come-lo inteiro

Vou começar no Padrão
Escotai o que vos digo
Há lá tanto solteiro
Que até parece castigo

Ó rapazes do Padrão
Não estejais com mais medidas
Com o tempo que *esperastens*
Ficastens sem raparigas

Terminando isto tudo
De vós levo paixão
Vamos agora nomear
O testamento do Padrão

O testamenteiro do Padrão
Vai ser uma verdade
É o menino Leonel
Que é o mais velho da mocidade

E tu menino Leonel
Que do Padrão és o primeiro
Tens medo das mulheres
Vais ficar sempre solteiro

Por seres o testamenteiro
Que te havemos de deixar
Vão ser as pernas do burro
Para nas tuas *imendar*

O defeito que tu tens
É essas tuas cantigas
Ligas mais aos rapazes
Do que às raparigas

Agora para te deixar
Só uma coisa te quero dizer
A idade está a aumentar
Elas contigo não vão ter

Muita pena de ti tenho
Esto eu tenho pensado
Cada vez mingas mais
Deves é de andar ougado

Para ti já tens que chegue
Porque o burro a teu cargo está
Vamos para o teu irmão
Que tem a nomeada mais má

Olá menino *Hirminio*
Que te vamos nós deixar
Deixamos-te a voz do burro
Para na bola poderes roncar

¹³³ Estes testamentos (o dos compadres e das comadres foram aqueles que foram lidos no Carnaval de 1985, Revista Beira Alta, fascículo 1 e 2, 1986, pp.59-63

O defeito que tu tens
É de seres repentino
Tens abarriga grande
Anda mal do intestino

Deixemos este rapaz
Vamos falar com o vizinho
Senão fosse a moto
Que seria dele coitadinho

E tu menino Nelinho
Tens hábito de *gosar* e de rir
Já foi constado em Lazarim
Que com as vacas vais dormir.

O que te deixa a burra
Nós to vamos dividir
Ficas com os cascos dela
Para a moto conduzir

O defeito que tu tens
Assim mesmo é que é
Se te acabar a massa
Tens que andar a pé

Indo para o menino Marcelino
Nós lho vamos dizer
Fica com a dentuça do burro
Que a dele pode apodrecer

O defeito que tu tens
Não preciso que mo digas
Gostas muito de pagar
Gelados às raparigas

Esquecendo este menino
Caminhamos para perto
Agora vamos falar
Do menino Norberto

Então menino Norberto
Carinha de sim se não
Não tens jeito para as mulheres
Só tens para coser o pão

Deixamos a este menino
Por não termos mais que lhe deixar
A borboleta do burro
Que ele bem deve gostar

O defeito que tu tens
Parece de uma velhota
Quando marcas um golo
Dás logo uma cambalhota

Tens de dar a cambalhota
Isso te vamos dizer
Só te sabes amar
Com aquilo que não sabe

E tu menino João
Espero que ninguém te
Pareces tao pacato
Mas és o deslinço da loiça

A ti menino João
O que te vamos deixar
Ficam-te as mamas da burra
Para a boca te calar

O defeito que tu tens
É de te levatares cedo
Tens a mania que és mau
Mas a mim não metes medo

E tu menino Paulo
Que também nos ias a esquecer
Deixamos-te as costelas do burro
Para o casaco encher

O defeito que tu tens
Nós tu vamos dirigir
Ainda consegues ser *mais grande*
Que a burra que estamos a dividir

Com o menino Albino
No Padrão vamos acabar
Deixamos-lhe a cabeça do burro
Para se poder enfeitar

Esse andar de senhorinha
Meus olhos vêm passar
Quando vais ter com ela
Até te vais a babar

O defeito que tu tens
Está mesmo a calhar
Logo que arranjaste namorada
À mocidade *deixas - te* de ligar

Terminando o Padrão
Onde toda a gente nos refila
Agora vamos parar
À mocidade da Vila

Chegamos então à Vila
Que é lugar que nos conforta
É a terra onde os rapazes
Nos olham de meia porta

E para continuar
Com a conversa dos solteiros
Na vila não há rapazes
Com capacidade de serem testamenteiros

Como não há testamenteiros
Falamos às descaradas
Só há um casamenteiro
Que não pode haver mais nada.

Não é preciso mais nada
Isso é mesmo assim
O casamenteiro da vila
Vai ser o Serafim

Ola manino Serafim
Como nasceste em Meijinhos
Ficas com o freio do burro
Para não morderes os vizinhos

O defeito que tu tens
É de seres muito descarado
Tu tens *vastante* paleio
Mas deve ser reformado

E al menino Anselmo
O que lhe vamo deixar
Deixamos-lhe a albarda da burra
Para a erva *acartar*

O defeito que tu tens
É seres muito caladinho
Embora tenhas *bontade*
Ainda tens que comer muito calminho

E tu menino Paulinho
O que te vamos deixar
Deixamos-te os calmantes da burra
Para o s nervos acalmar

O defeito que tu tens
É seres um pouco nervoso
Já tens boa idade
Mas ainda és ranhoso

E tu ó menino Carlos
O que te vamos deixar
Deixamos te o *serro* da burra
Para os livros te levar

O defeito que tu tens
Com esse mesmo é que ficas
És muito bom rapaz
Mas debes ser maricas

Então manino Joaquim
És uma coisa tão pacata
Ficas com a memória do burro
Porque a tua já está fraca

O defeito que tu tens
Calem-se lá por escola
O *acordeom* nas mãos dele
Parece mesmo uma grafonola

Anda cá manino Aníbal
Que da vila és o melhor
Com a tua cantiga
Sabes a música de cor

Tens um pequeno defeito
Porque és um bom rapaz
Tens medo de alguma coisa
Porque andas sempre a olhar para *tráz*

E tu menino Russo
O que é que vais herdar
Herdas a língua do burro
Para melhor poderes falar

O defeito que tu tens
Não deve haver igual
Tens corpo de homem
Mas tens pensar de animal

Só com isto não debes ficar
Porque penso que ainda é pouco
Não arranjas mulher
Porque te armas em louco

Adeus rapaziada da vila
De vós me vou despedir
Dou dois peidos na retranca
Para que se fiquem a rir

Agora vou para Valverde
Onde se *acavam meus gosos*
Não há la rapaz nenhum
Só dois ou três *fuleirosos*

Ó rapazes de Valverde
De vós vou ter paixão
Mas digamos com franqueza
Que não valeis um tostão

Aqui vou falar
Com o menino crendeiro
Vai ser o Manuel
Que é o mais feiticeiro

Ólá menino Manuel
Em ti é que isto não acaba
Se mais depressa te casares
Mais depressa tens um chapéu de palha

O defeito que tu tens
Isso é uma verdade
Tu coxeias é malandrice
Ou então é tua vaidade

Mas ainda vais levar mais!
Porque tu *vem* o podes
Não sei o que as tolas te acham
Porque tens tromba de bode

E tu menino Silvestre
Já te estás a afligir
Ficas com os olhos da burra
Para os teus poderes abrir

O defeito que tu tens
Só eu é que to escolho
Tens tantas saudades déla
Que andas sempre com a lágrima no olho

Para ti menino Angelo
És rapaz da minha alma
Ficas com a paciência do burro
Para ver se tens mais calma

O defeito que tu tens
Nós to vamos explicar
Engoliste alguma *cassete*
Para andares sempre a cantar

E tú menino André
Que estas prestes a casar
Fica-te o sabão do burro
Para o surro te tirar

Também tens um defeito
Está mesmo a calhar
Não casaste em Lazarim
Por não saberes namorar

E tú menino Arménio
Sabes que quem manda pode
Ficam-te os pelos da burra
Para *pelantares* no bigode

O defeito que tu tens
Vou-to dizer de verdade
Vais morrer inteirinho
Por voto de castidade

Deixo este rapaz
Que não me interessa a mim
Vamos para a Vingada
E deixamos Lazarim

Quando cheguei à Vingada
Lá ao cimo foi parar
Para ver em qual deles
Eu iria começar

Começo pelo Manuel
Que estás no meio dos pinhais
Tu que não gostavas de vinho
Agora és o que bebes mais

Para ti ainda Manuel
Deixamos-te o que estás a pedir
Ficam-te as orelhas da burra
Para as *moscas sacodires*

O defeito que tu tens
És muito envergonhadinho
Se não tiveres imenda
Vais dar em rabichinho

E tu menino Albino
O que vais tu herdar
Herdas as lunetas da burra
Para a mota poderes guiar

O defeito que tu tens
Não é preciso mais nada
Às vezes bebes demais
Que não consegues ver a estrada

Chegamos ao Jecundino
Que já estava a esquecer
Ficas com os oleos da burra
Para a barba fazer

Deixamos a vingada
Ao Pinheiro vamos parar
Encontramos o menino José
Com um bocado da burra vai ficar

Tu menino José
Já nos estavas a esquecer
Mas como da burra sobra sempre um bocado
O resto vais tu roer

Para o menino José
O estomago te vou entregar
Com o que tens sofrido
Dele deves precisar

O que tu tens sofrido
Pelas moças é causado
Quando com elas vais ter
Ficas muito desenganado

O defeito que tu tens
Só eu to posso notar
Vieste de Lisboa
Para cabras guardar

A todos vos digo adeus
Dizei-me vós adeus a mim
Também digo adeus
Aos pelicas de Lazarim

O que todos eles têm
Todos nós podemos vêlo
Mesmo que digam que não
É grande a dor de cotovelo

Essa dor se pode curar
Penso eu bem que sim
Não gostam nada de ver
Rapazes de fora cá em Lazarim

Tendes que vos contentar
Para as de cá não tendes cabedal
Por isso ao *velas* passar
Roncais como um animal

Reparti a burra toda
Não fiquei com meio quilo
Agora se quereis mais carne
Ide comer o do grilo

Terminei minhas deixadas
Já fiz meu testamento
A hora esta a chegar
Valei-me senão rebento

Adeus rapazes todos
Escotai o meu conselho
Não é preciso ir ao monte
Para se comer coelho

Não fiquéis aborrecidos
Isto são palavras minhas
Não vos demoro mais tempo
Tendes que olhar as galinhas

Fazei-me um bom funeral
Enterraime com jeitinho
Na hora da despedida
Dai-me um beijo no focinho

Sabeis que o meu cemitério
É no largo da cruzinha
Se não tendes ferramenta
Abri a cova com a minha

De nada vale ter pena
De nada vale sofrer
Se não me valeis à morte
Ide-vos todos cozer

Acabou

Exemplo de um testamento das comadres¹³⁴

Como é hábito em Lazarim
Deixamo-nos de cantigas
E vamos começar
Na semana das amigas

Na semana das amigas
Fartei-me de trabalhar
Trabalhei para passar fome
Com isso me queriam matar

Queriam matar-me com trabalho
Isso me fez afligir
Na semana dos amigos
Foi só comer e dormir

Foi só comer e dormir
Ainda pensem que não
A comida era tanta
Que passei fome de cão

Passei fome de cão
Esperei que isso *passa-se*
Já estava desejoso
Que a semana dos compadres *chega-se*

A semana dos compadres chegou
Ó que grande loucura
A fome acabou
Para mim só foi fartura

Comi tanto nessa semana
Era mesmo uma fartura
Fiquei com a barriga cheia
Pensei que ia para a sepultura

Com a fome e a fartura
Foram semanas sem igual
O sofrimento que ali passei
Para chegar ao carnaval

Terminando isto tudo
E deixando esta conversa
Agora vamos falar
Naquilo que nos interessa

Aquilo que nos interessa
Isto é mesmo assim
Vamos então falar
Nas comadres de Lazarim

Falamos em Valverde
Respondeu uma reguila

Passamos pelo Padrão
Fomos começar na Vila

Vimos começar na vila
Meninas lari-ló-lela
Quando vedes alguém de fora
Vindes todas à janela

Vindes todas à janela
Está bem dito e bem falado
istais sempre a ver quem passa
Com o olhar de lado

Resumindo isto tudo
Cuidado com as solteiras
Vamos escolher
As nossas testamenteiras

Olá menina Judite
Por este ano seres a primeira
Escolhemos entre todos
Seres tu a testamenteira

Para ti menina
Que te havemos de deixar
Ficas com a memória do burro
Para pensares com quem *hasde* casar

Dos defeitos que tu tens
Alguns te vamos dizer
Tanto escolhes tanto escolhes
Que ao mais ruí vais bater

Ainda tens outro defeito
Mais algum vou numerar
Todos os rapazes dizem
Que tu nem sequer sabes namorar

Quando vais a caminhar
Parece que vais sempre com *preguissa*
Já ouvi para aí dizer
Que não vais para o da Suíça

E no fundo disto tudo
Te *desculpa-mos* por seres assim
És de todas as raparigas
A mais feia de Lazarim

És a mais feia de Lazarim
E em tudo és a primeira
Andas farta de andar no campo
Já queres ir para cabeleireira

E tu menina Anunciação
Pois em ti vamos continuar
Armas-te em convencida
Já pensas que vais casar

¹³⁴ *Ibidem* pp.64-68

Nós vamos te deixar
Uma coisa que não é fingir
Deixamos-te os dentes do burro
Para melhor te poderes rir

O defeito que tu téns
Eu to vou *expelicar*
Por não saberes falar para ele
Passas a vida a chorar

Deixamos esta menina
Que é uma coisa arranjadinha
E vamos falar
Da menina Tininha

E tu menina Tininha
Que me viéste ao pensamento
Ficas com a enxerga da burra
Para a noite do casamento

O defeito que tu téns
Nós to vamos *expelicar*
Mesmo que não *oussas* música
Andas sempre a dançar

E tu menina Marília
Mulher dos meus pecados
Ficas com os olhos do burro
Porque os que tens andam fechados

O defeito que tu téns
É seres um pouco rasteira
Em nova eras tão reguila
Agora és tão meiga

Deixando esta menina
Onde irei eu parar
Vou falar com a Ana Maria
Que mora no segundo andar

E tu menina Ana Maria
Que te havemos de deixar
Ficas com a cabeça do burro
Para com , ela poderes pensar

O defeito que tu téns
É seres um pouco *estabalhuáda*
Com respeito a namorados
Ficas a *ruer a palhada*

E tu menina Fernanda
O que te vai calhar
Calha-te o pente do burro
Para o cabelo pentear

O defeito que tu téns
Espero que ninguém tu veja
Em casa não téns tempo
Vais-te pentear para a igreja

Olá menina Olga
Que é que vais herdar
Ficas com as pérnas do burro
Para o carro poderes travar

O defeito que tu téns
Este não te fica mal
Não precisas de máscara
Para jogar o carnaval

Deixando estas meninas
Em frente damos um passo
Vamos falar um pouco
Da Etelvina do Travasso

Olá querida menina
Já me estavas a fugir
Ficas com as ferraduras do burro
Para a encosta poderes subir

O defeito que tu téns
Nós to vamos explicar
Deves ter trave na língua
Para não poderes falar

Deixando esta menina
A Valverde vamos parar
Fiquemos à entrada
Para com a feiticeira falar

E tu menina Lurdes
Viéste mesmo à maneira
Resolvemos que fosses em Valverde
A rainha feiticeira

Depois de muito pensar
Já me estavas a esquecer
Ficas com as beixas do burro
Para os dentes te não ver

O defeito que tu téns
É mesmo à maneira
Por seres funcionária da Camara
Já te armas em engenheira

E tu menina Manuela
Estás mesmo a calhar
Ficas com a voz do burro
Para o tropa poderes falar

defeito que tu téns
Isto para nós é um mistério
Andavas muito amarela
Por estares junto ao *semitério*

E tu menina Otília
Que te vamos oferecer
Oferecemos-te a pele do burro
Para o enxoval poderes fazer

O defeito que tu téns
Como ele não há igual
Quando vais a andar
Saltas que nem um pardal

E tu menina Fátima
Por este ano estares no rol
Ficas com as *calinas*
Para fazeres um *cáscol*

O defeito que tu téns
Estoume mesmo agora a lembrar
Tens a cabeça pequenina
Para ao *brasil* ires parar

E tu menina Candida
Que te havemos de deixar
Deixamos-te o freio do burro
Para não poderes refilar

O defeito que tu téns
Ainda te deu para bem
Foste servir para Lamego
Já te julgavas alguém

Deixando esta menina
Como ela não á igual
Vamos falar com a Elena
Que morava no passal

Deixamos a esta menina
Uma coisa sem destino
Fica com os guisos do burro
Para substituir o violino

O defeito que ela tem
Eu o vou explicar
Os rapazes não te ligam
Porque não sabes falar

Despedindo-me destas meninas
Digo-lhes adeus sem dó
Vamos falar com a Fátima
Que é a única da Mó

E tu menina Fátima
Que és das mais rebeteiras
Também vais ficar
no rol das crendeiras

Deixamos a menina Fátima
Que nos estava a fugir
Fica com o rabo do burro
Para a mosca sacudir

O defeito que tu téns
São coisas muito chatas
Foste enrolada
Com o dono do quatro latas

Deixando a Mó
Que com elas não queremos nada
Vamos andando em frente
Até chegar-mos á Vingada

Olá menina Marília
O que é que vais herdar
Vais-lhe herdade a *alvarda*
Para a mercearia acarretar

O defeito que tu téns
Só tu é que o sabes
Correste tantos e tão poucos
Para ires parar a Mazes

E tu menina Angela
O que será que vais levar
Herdas a cilhha do barro
Para a madeira apertar

O defeito que tu téns
Eu to vou explicar
Ainda usas fraldas
E já queres namorar

E tu menina Silvina
Contigo não queremos nada
Ficas com o coração
Por andares apaixonada

O defeito que tu téns
É muito bom de notar
Deixas-te uma rola
Para num cuco ires parar

E tu menina Luísa
Que será que te vai calhar
Calha-te os óleos do burro
Para te poderes olear

O defeito que tu téns
É seres um pouco morena
Téns idade para namorar
Além de seres muito pequena

Óla menina Fátima
Que te havemos de oferecer
Ficas com os intestinos
Para a barriga poderes encher

O defeito que tu téns
Mesmo agora me está a lembrar
Tens os olhos tão grandes
Mal podes enxergar

Vou deixar a Vingada
Com dor no coração
Para continuar
Na mocidade do Padrão

E tu menina Eduarda
Que de todas és a primeira
Vais ficar para tia
Ou então casamenteira

O defeito que tu téns
Só eu to posso notar
Vestes roupas muito caras
Mas nunca chegas a casar

E tu menina Lurdes
É a ti que vou deixar
Ficas com o sabonete do burro
Para a cara lavar

O defeito que tu téns
É teres muita vaidade
Andas sempre com a boca fechada
Para não te verem a idade

E tu menina Ilda
Já estavas a ficar para trás
Ficas com as ferraduras
Para dares patadas ao rapaz

O defeito que tu téns
Vai ser dito de uma vez
Armas -te em vaidosa
Por namorar o luxemburguês

E tu menina Manuela
Já me ias a escapar
Ficas com as rédeas do burro
Para os nervos acalmar

O defeito que tu téns
A mim não me enganas
Já andas a namorar
E ainda não téns mamas

E tu menina Lúcia
Que irás tu herdar
Fica com o estribo do burro
Para o namorado beijar

O defeito que tu téns
É uma coisa eterna
Para beijares o namorado
Téns que emendar a perna

Ainda téns outro defeito
É seres toda ternura
Se o *grandaia* te deixar
Vais direitinha à sepultura

E tu menina Fernanda
Nós te vamos dizer
Ficas com a barriga do burro
Para as calças encher

O defeito que tu téns
Veio-me agora ao pensamento
Não arranjas namorado
Mas a família *faste* o casamento

E tu menina Fátima
Que irás tu herdar
Herdas a carroça do burro
Para a madeira acarretar

O defeito que tu téns
É seres muito coradinha
Não sei se é da pessoa
Ou se é da pinguinha

E tu menina Nanda
Estás mesmo a calhar
Ficas com as orelhas do burro
Para ao lume abanar

O defeito que tu téns
Eu mesmo to vou dizer
Riste muito para os rapazes
Mas não os consegues convencer

E tu menina Lena
Que te irá ficar a ti
Ficas com o estomago do burro
Para poderes engordar

O defeito que tu téns
Eu to vou explicar
Quando avaria o violino
Ficas logo a chorar

E tu menina Francisca
Estás mesmo a calhar
Ficas com o cu do burro
Por não ter mais que te deixar

O defeito que tu téns
A ti ninguém tu faz
Quando vens longe
Todos dizem que és rapaz

E tu menina Fernanda
Ficas a ser a segunda
Vais ficar com os ossos
Por ver se te minga a bunda

O defeito que tu téns
Olha bem o que eu te digo
Se o burro não estivesse *devedido*
Havia de casar contigo

Deixamos isto tuso
Não à mais a dividir
Pedimos as nossas desculpas
Só nos quisemos divertir

Nós quisemo-nos divertir
Isto é uma grande verdade
Digo adeus a todos vós
Mesmo agora vou rebentar

Agora vou rebentar
Isto é mesmo assim
Acabei de *numerar*
As comadres de Lazarim

Ela vai rebentar
Istá tudo condenado
Coitada da comadre
Que anda farta de bater o fado

Anda farta de bater o fado
Esto é mesmo assim
Mais fado têm batido
As testamenteiras de Lazarim

Assim elas batem fado
Batem-no de toda a maneira
Assim fazem o mesmo
As bruxas e feiticeiras

Despeço -me desta terra
A terra que eu tanto amo
Despeço-me de todos vós
Até para o próximo ano...

Anexo nº13

Malpica do Tejo¹³⁵

LÁ EM BAIXO VEM O ENTRUDO *Canção carnavalesca*

A. A. Joyce
Malpica do Tejo/Castelo Branco
1938

Vivace

34 Lá em bai - xo vem o En - tru - do, lá em
que co - meu um bur - ro ru - ço, que co -
bai - xo vem o En - tru - do, de gor - do não
- meu um bur - ro ru - ço, en - tre o al - mo - ço e
po - de an - dar, de gor - do não po - de an - dar,
o jan - tar, en - tre o al - mo - ço e o jan - tar.

2

Ó Entrudo, ó Entrudo, (*bis*)
ó Entrudo chocalheiro, (*bis*)
tu não deixas assentar (*bis*)
as meninas ao solheiro. (*bis*)



¹³⁵ Michel Giacometti, *Cancioneiro Popular Português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, p. 60.

Anexo nº 14

Canção de Entrudo em Penha Garcia

Entrudo¹³⁶

[FP-VI-36]:

Adufes

Bai-xo vai o En - tru - do Car - ri - ga - do di ça - bo - las

P'la fo - mi no ca - mi - nho E_o bru - to co - meu - as to - das

* = 2 e 3: 3/8

** = 2: 6/8

- | | |
|---|---|
| <p>1</p> <p><i>Baixo vai o Entrudo</i></p> <p><i>Carrigado di çabolas</i> } BIS</p> <p><i>P'la fomi no caminho</i></p> <p><i>E o bruto comeu-as todas</i> } BIS</p> | <p>2</p> <p><i>Baixo vai o Entrudo</i></p> <p><i>Carrigado di toucinho</i> } BIS</p> <p><i>Pedind'um guardanapo</i></p> <p><i>Para limpar o focinho</i> } BIS</p> |
| <p>3</p> <p><i>Baixo vai o Entrudo</i></p> <p><i>Tão gordo não pod' andari</i> } BIS</p> <p><i>El' é bruto comeu tudo</i></p> <p><i>O almoço co jantari</i> } BIS</p> | |

¹³⁶ Flávio Pinho, *O Cancioneiro Musical de Penha Garcia*, Coimbra, Palimage, p.299.

Anexo nº15

O Tempo de Entrudo - Granja de Mourão - Évora¹³⁷

35. O TEMPO DO ENTRUDO**

Moda do Carnaval

M. Giacometti
 Granja de Mourão/Mourão, Évora
 1963
 F. Lopes-Graça

♩ = 126

Ponto

35

(E) o tem - po do En - tru - do é um
 (E) al - gum di - a eu. e - ra, a - go -

tem - po já lou - co, faz tu sa - ir as
 - ra ná - o, da tu a ro -

ve - lhas fo - ra dos a - tou - cos.
 - sei - ra o me - lhor bo - tâ - o.

Alto

(E) não sei se é por ser as vol - tas do

En - tru - do,

{ a - cho o meu a - mo - re

Coro

{ de - mu - da - do em tu - do: de - mu -

{ - da - do em tu - do, de - mu - da - do em

¹³⁷ Michel Giacometti, *Cancioneiro Popular Português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981. p 61.

Anexo nº16

INQUÉRITOS

Ordem dos grupos de inquéritos

Apresentamos um exemplar do inquérito realizado em Tibaldinho, na freguesia de Alcafache e nas freguesias limítrofes.



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Luísa Reis.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Localidade

Nome

Idade

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco

.....
.....

2. O jogo da bexiga

.....
.....

3. O jogo do cântaro ou púcaro

.....
.....

V.S.F.F

4. As cegadas.....

.....
.....

5. As danças e cantares

.....
.....

6. O borrarheiro

.....
.....

7. Os mascarados e os “travestidos”

.....
.....

8. Os casamentos

.....
.....

9. O “Enterro do Entrudo”

.....
.....

10. Outros aspetos

.....
.....

Assinatura:

TIBALDINHO



Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ①

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Mamel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Lúcio*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Alcafache*
Localidade *Tibaldinho*
Nome *Alice Pais Albuquerque*
Idade *80*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *cada família mata o seu porco e a carne que não ia para a salga deiza era para os enchidos*

2. O jogo da bexiga *a bexiga enchia-se de ar e ficava a secar até ao entrudo. Quando rebentava iam buscar outra, nem que fosse de outra família. Só homens casados e solteiros lançavam os punhos para ver qual a atirava mais alta.*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *começava nos primeiros e dava a volta ao povo. Atirado de costas para trás em feta. Cantando "o entrudo..." e "quem puser alhos" quando era partido iam buscar outro ou iam comprar à tia Hermínia do Lopes.*

V.S.F.F

4. As ceiaças era um ajuntamento de homens (paródia).

5. As danças e cantares todos os domingos se juntavam no largo do Redondeiro e dançavam à roda.

6. O borrarheiro era um homem disfarçado. Normalmente um vinho por um lado e outro por outro, não se sabendo quem é. iam buscar ao forno do povo a borrarheira com um balde e iam direito ao Redondeiro e atiravam para a cara das moças.

7. Os mascarados e os "travestidos" homens e mulheres que trocavam de roupa e vestiam-se ao contrário parecendo matrefonas, com roupa velha e com uma meia ou máscara na cara para não ser reconhecido.

8. Os casamentos eram feitos com muito respeito. havia uma comissão que fazia os "casamentos" e à noite eram anunciados por um fútil dos toneis. Se o pagagadesse eram lances dos foguetes, bombas e tabuscepões.

9. O "Enterro do Entrudo" era feito com um boneco de palha deitado numa padiola ou carroça, davam a volta ao povo por entre gritos e rezas, parando em certos sítios como se de um funeral se tratasse, mas todo vestido a rigor. Chegado ao Piñoco era queimado.

10. Outros aspetos

Assinatura:



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ②

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Alcafache.....

Localidade Tibaldinho.....

Nome Clarisse Carmo.....

Idade 74.....

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco. O matador, n'uma casa das pessoas matar o porco. Era queimada com pelle de centeio o pelo do animal. Raspava-se com uma felle e água. Desmanchava-se o "bicho", tiravam-se as tripas e cauda.
2. O jogo da bexiga. Depois de matar o porco enchia-se a bexiga e ficava a secar. Neste jogo há um hábito em cheirar com carne em n'uma de alhos. Quando bicho o animal, juntavam-se os homens e mulheres.
3. O jogo do cântaro ou púcaro. Juntavam-se no púcaro os homens e mulheres, formando uma fila e atirando-o de costas para trás. umas vezes iam à procura de outro. Quando não havia outro acabava o jogo.

V.S.F.F

4. As cegadas

5. As danças e cantares Eram feitas no Redondeiro, em rode, até ao entardecer. Como por exemplo, "A lenda do clareira", "Pendas e calças" e o "O sol se esconde".

6. O borrarheiro Era sempre um homem, vestido com roupa velha para não ser reconhecido. Ia ao forno do povo buscar o bomalhe e deitava-a quando menos se esperava nas cabeças de quem andava a dançar.

7. Os mascarados e os "travestidos" Eram tipos masculinos, uns vestidos de homens outros de mulher, usavam roupa velha, com máscara (meia ou máscara) e davam a volta ao povo.

8. Os casamentos juntavam-se 2 grupos de rapazes e com um fútil dos foneis anunciavam os ditos casamentos que comersam no casal até ao fundo de rua ou vice versa.

Quando o pai agradava, deitava a seu fogueiro. Era tradição o rapaz levar as amêndoas pela páscoa ^{2 dias} _{mulher}

9. O "Enterro do Entrudo" Menus podiam-se metido um boneco com palha que dava a volta ao povo e parando em certos sítios como se fosse de um funeral. As mulheres gritavam como se de um morto se tratasse.

10. Outros aspetos formava-se um cordão humano e davam a volta ao povo com um cabo de alho ao pé do peito e cantando "Quem quer alho quem quer alho". Eritavam-las tabeas a pliguntar quem quer e a festa de alho.

Assinatura: Clarisse Larino Mendes

① * eram lavadas no rio, para fazer as morceiras.
A carne era metida numa salga dura, sendo a carne
toda coberta de sal. Ia-se comendo dali, para sustento
da família.

② * no pinhão, e em todo jogavam as várias beirigas
~~de~~ suas até entã. O jogo acabava quando a
beiriga rebentava, pois ele se lança em punho.



Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

3

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Douhona Madalene Leitão*

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia ... *ALCAFACHE*
Localidade ... *TIBALDINHO*
Nome ... *LUÍS FILIPE L. L. ESTEVES*
Idade ... *68 anos*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... *fazia-se normalmente na época do carnaval por ser um período frio*

2. O jogo da bexiga ... *era uma prática do tipo do "volei" com a bexiga de tencal seco e cheio de ar, em que se pedia quem não caísse ao chão*

3. O jogo do cântaro ou púcaro ... *A pessoa que tinha o cântaro lançava-o para trás das costas onde estava uma fila de varias pessoas p/ o apauhar. Por vezes o cântaro batia no chão e partia-se*

V.S.F.F

4. As cegadas... Não me recordo das cegadas.

5. As danças e cantares... Dançava-se à roda, cantavam-se canções alusivas ao Carnaval e também tradições da zona.

6. O borralheiro... Quando se estava a dançar à roda aparecia um homem e a cada tapada e com um saco de borralha (cinza), e enfiava-se a cara das raparigas, e tentavam fugir.

7. Os mascarados e os "travestidos"... Era hábito os homens vestirem-se de mulher e por vezes estas de homens.

8. Os casamentos... Uma comissão fazia listas dos homens e mulheres solteiros da aldeia, que eram casados numa ritual em que dois homens dialogavam referindo as pessoas pelo nome e família finalizando pelo casamento. Até à Páscoa o que se encontrava junto dizia "REZA". No dia da Páscoa o que mandava a reza no primeiro lugar, ganhava as amendoas.

9. O Enterro do Entrudo

Não participei neste evento.

10. Outros aspetos... Os bailes do "CLUBE" com a orquestra os "Teimoses", em que vinham bastantes rapazes de fora, para namorearem as lindas raparigas de Tibaldinho.

Assinatura:





Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

4

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Alfaiache

Localidade Tibaldinho

Nome Lurdes Santos

Idade 78

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco era feita por um homem que se chamava "Teimoso", o porco era morto por um facão; a seguir punham o porco sobre a palha de centeio espalhando esse mesmo em cima do porco, depois deitavam fogo à palha para estorvar o porco.*
2. O jogo da bexiga era jogado só por homens. A bexiga era cheia de ar com uma cana estreitinha, ao fim de cheia era atada com uma gutta e era pendurada para secar; no fim de seca a bexiga era jogada no campo.
3. O jogo do cântaro ou púcaro era jogado por homens e mulheres, por jovens e velhos. As pessoas faziam uma fila, a primeira pessoa da fila jogava o cântaro ou púcaro para trás e assim sucessivamente ao fim de mandarem o cântaro " " iam para trás fazendo outra fila, quando o cântaro se partia os jogadores iam à procura do mais cântaros, quando não encontravam os cântaros acabava o jogo.

V.S.F.F

4. As cegadas. Era um grupo que vinha pelo ^{Alameda} Carmo da freguesia de Alcabache, e vinham representar uma comédia na terra delas, eram o Alcaide de Corvalho, Casal Santinho e Casal novo. Eram um grupo de comediantes que vinha fazer "teatro de rua".

5. As danças e cantares. Era feita por homens e mulheres. Era feita uma lida no Pindo e no Reboreiro cantavam e dançavam "O Sol atrás da lua" "Entrudo" e das músicas eram cantadas à loba. A música "cuca, qui, alhos" era cantada e dançada ao estanco, e dançavam e dançava do Tibalo, pelas tabernas e cantares.

6. O borrarheiro. Era um homem solteiro, já de idade, que andava com um balde de borrarheira atrás das raparigas que andavam a dançar. Parte das borrarheiras só deixavam a borrarheira às raparigas e quem não gostavam. As raparigas que queriam elas gostavam só deixavam um bucatinho de borrarheira; as que elas menos gostavam deixavam mãos cheias de borrarheira.

7. Os mascarados e os "travestidos"

Eram rapazes e raparigas que se vestiam com roupas velhas e cores pretas, roupas de avesso e roupas novas. Os rapazes e as raparigas pintam máscaras na cabeça e pinças na cabeça para não serem reconhecidos.

8. Os casamentos. Eram feitos ao fim das danças. Os homens deixavam as casadas, mas numa casa "taberna de Manuel Banteira" e outros em outra casa "Casa de Zeferino".

9. O "Enterro do Entrudo". Era só feito e assistido só por homens, porque as mulheres já não podiam assistir devido ao facto de já serem casadas. Faziam um boneco de palha e vestiam o boneco com roupas velhas, o boneco era posto numa carruagem e tinham uma volta pela povoação do Pindo ao Reboreiro do Reboreiro para o caso. O enterro era feito no largo do Pindo, o boneco era queimado e os rapazes gritavam por o boneco nas brincadeiras.

10. Outros aspetos

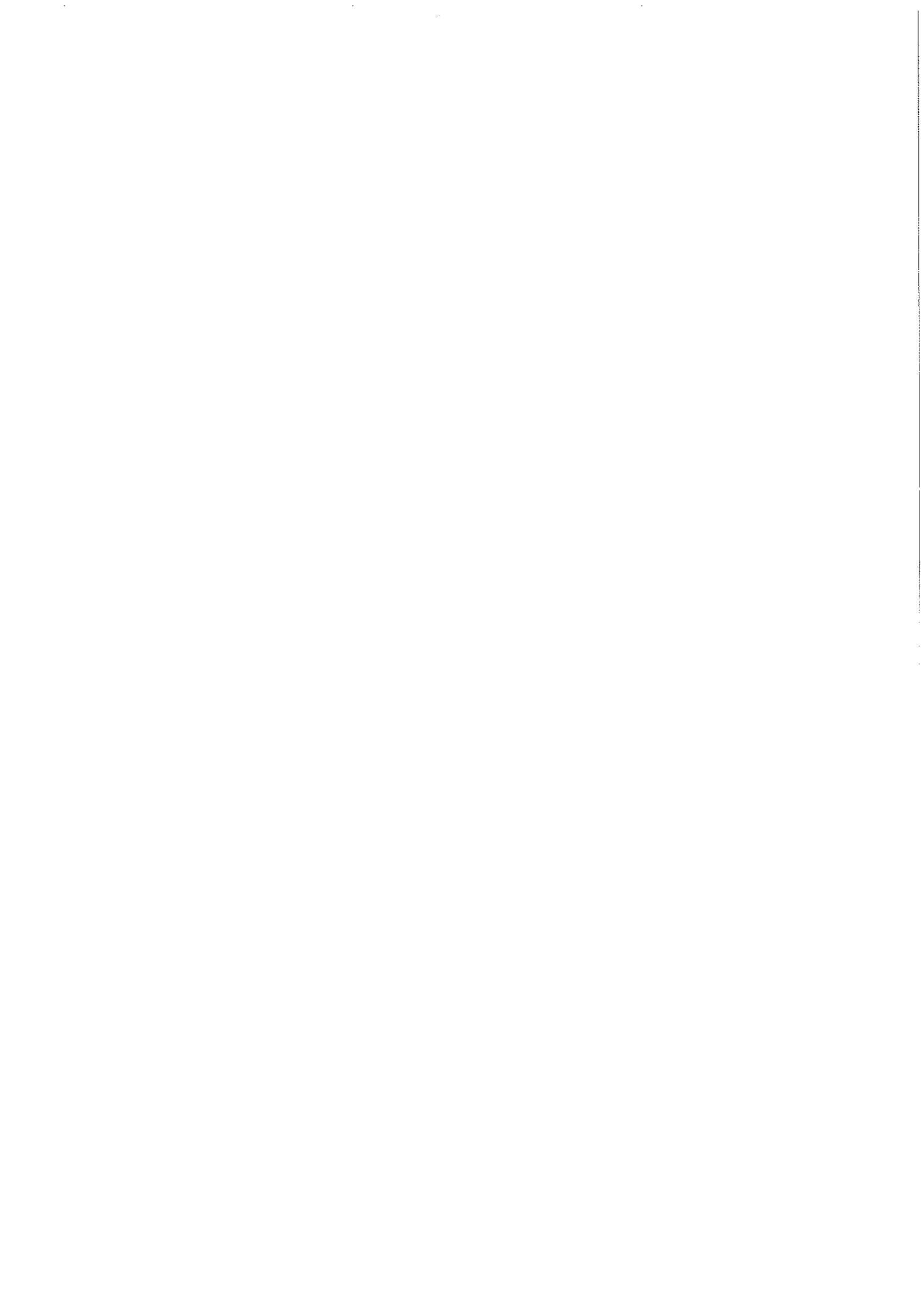
Assinatura: Maria de Lurdes Santos Pereira

1. * A seguir os homens raspavam o couro do porco com sacoleiras; ao fim de raspar o porco, era lavado com umas escovas e água para o couro ficar limpo.

O porco era pendurado num gancho de ferro, os matadores punham um pedaço de baixo da cabeça do porco para o sangue do mesmo escorrer para o matado, esse sangue servia para fazer as mercedes, mas antes do sangue começar a escorrer o matador deitava pela gale a baixo do porco uma garrafa de vinho tinto.

O porco era desmanchado e cortado aos pedacos e depois era salgado ~~em~~ em uma salgateira. No fim as mulheres faziam as mercedes, as chouricos e as farinheiras. A carne do porco era para o consumo de casa, durante o Inverno.

9. * Os rapazes gritavam "ó comilão que me deixaste ampenhado!";
'Agora quem é que me paga as dividas!'





Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

5

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Alcafache

Localidade Tibaldinho

Nome Manuel Rodrigues Pais

Idade 90 7-2-1922

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco é de um matara para a família.
Cada família tinha a sua salgaadeira para
conservar a carne.

2. O jogo da bexiga é feito no Pinão, quem matava o porco, enchia
a bexiga e guardava a sacar para depois jogar no entrudo.
É jogado ao punho, em toda, por homens casados
ou solteiros.

3. O jogo do cântaro ou púcaro é feito à tarde, dava-se a volta
ao povo, de costas para trás para o poder apertar,
no caso de partir era sinal de ruçada e teriam de
ir buscar outro. Muitas vezes o mesmo púcaro não chega
a partir, dando a volta ao povo todo. V.S.F.F

Cantava-se "comprou uma restia de a/lhos para tornar a vender,
quem quem allhos quem quem allhos, quem quem allhos ¹
rei". e "anda o sol atrás da lua e a lua atrás do luar",

4. As cegadas. Já não me lembro

5. As danças e cantares. Toda a gente dançava, as músicas eram cantadas ao domingo em roda.

6. O borralheiro casado ou solteiro, iam as fêmeas buscar a borralha num balde ou sacco, distanciam-se indo um cada um por seu lado, direitos ao Redondeiro e aí se deitava a borralha em cima da cabeça conforme caíam. As pessoas riam-se e fugiam.

7. Os mascarados e os "travestidos" uns vestiam-se de homens e outros de mulher, com cara tapada com meia ou máscara usando roupa velha ou mesmo mantas.

8. Os casamentos tinham que se ver de uma casa para a outra e eram ditados com o funil do vinho "o companheiro". O primeiro lançava o nome do rapaz e depois o da rapariga. Quando o pai agradava, o rapaz ia buscar bombas, foguetes, rabuscapiés, e eram lançados. Tal como aconteceu comigo que acabei por casar com um casamento de Carnaval.

9. O "Enterro do Entrudo" à meia noite depois dos casamentos, vinha a canoa do "Manel do meu quintal", que ia dentro de uma urva, ela dava a volta ao povo, e havia um boneco que era queimado no pinho com um feixo de palha de centro.

10. Outros aspetos. A feira de Mangualde era ao domingo e iam comprar um perico de bano novinha e davam a volta ao povo com sopas de canalo cozido. Tinha nave no pinho todos a comerem.

* Com a minha Palmira.

Assinatura: não sabe assinar



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 6

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Lúcio.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Alcafache*
Localidade *Tibaldinho*
Nome *Maria da Encarnação Ramalho Loureiro Lopes*
Idade *66*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *matança de porco para a grelhada da casa faz-se de as mactelas, chaurças de carne e de base, salgadas as carnes, e os presuntos*
2. O jogo da bexiga *é quem joga com a minha mãe usava a bexiga e fim de semana de chaurças de base no dia de outra matança é que se comia*
3. O jogo do cântaro ou púcaro *só havia cantaras de barro homens e mulheres pombas se atay dos outros em cima deitaram o cantaro da frente para trás*

V.S.F.F

4. As cegadas.....

5. As danças e cantares Os dançadores eram os velhinhos e as cantoras as meninas e as mulheres da comunidade. A dança da macieira, a dança do samba e o samba também era muito comum.

6. O bortalheiro Quando andavam as crianças e dançavam elas rapazes e meninas eram os seus pais, mães e avós. Cada uma buscava banqueta e fazia de pose e as candidatas deitar-se a quem andava a dança.

7. Os mascarados e os "travestidos" Os mascarados costumavam ser as mulheres e as meninas vestiam-se de homens. Os rapazes eram das mães ou dos avós.

8. Os casamentos Eram deite das duas panelas, a casa de 4 a 6 metros de altura, panelas de cada lado. Eram rapazes e as raparigas, os rapazes tinham jaquetas e davam as amendoas no dia do casamento.

9. O "Enterro do Entrudo" É fim das casamentos, faziam a enterrada com rapazes deitada numa caixa com a virgula e com a cabeça e os pés e com o testamento que o morto deixava.

10. Outros aspetos Era tudo tão lindo, tudo alegre e agora tudo se acabou. As cantoras e dançadoras não havia muito alegria e amizade.

Assinatura: Maria Encarnação Ramos J. Lopes



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

7

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Leitão*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Alcafache*

Localidade *Tibaldinho*

Nome *Maria Fernanda Ferreira*

Idade *77*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *nunca existiu, só em família*

2. O jogo da bexiga *era jogado com bexiga de porco, juntava-se um grupo num largo e servia de bola.*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *era jogado em fila indiana, andando pelos ruas da aldeia e o púcaro/cântaro era lançado de costas para trás.*

V.S.F.F

4. As cegadas... nas me. Recordo.....

5. As danças e cantares em tempos antigos, um grupo de pessoas de mãos dadas percorriam a aldeia, cantando no final do dia. Mais recentemente, um grupo de pessoas dançavam à roda, ~~em~~ cantando num largo do aldeia.

6. O bortalheiro era um mascarado com um saco com cinza que andava atrás das pessoas lançando-lhe cinza até fugirem.

7. Os mascarados e os "travestidos" apareciam pelas ruas.....

8. Os casamentos uma comissão organizava uma lista de pares (homem / mulher). À noite, 2 homens de pontos diferentes da aldeia nomeavam os pares. Antigamente, o homem lançava foguetes se lhe agradasse a mulher que lhe colhou.

9. O "Enterro do Entrudo" ~~era~~ num carro de madeira com um boneco de palha (dentro de uma urna, mais recentemente) percorriam a aldeia com gritos de dor. No final, juntavam-se num largo e queimavam o boneco.

10. Outros aspetos

Assinatura:

Maria Fernanda Ferreira



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 8

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leite.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia ... Alcafache
Localidade ... Tibaldinho
Nome ... Maria da Luz Ramos de Coureiro
Idade ... 73

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco era quando se juntava toda a família e se ajudavam uns aos outros e comiam e bebiam. Era um convívio e uma alegria.
2. O jogo da bexiga era quando se enchia a bexiga do porco com ar, seca e os homens jogavam com ela pelo carnaval.
3. O jogo do cântaro ou púcaro acontecia pelo carnaval e era logo a seguir ao almoço, onde os jovens se juntavam e davam a volta ao povo e jogavam canção comessa-va até à noite.

V.S.F.F

4. As cegadas... nesse tempo era os homens que as faziam pois nesse tempo as raparigas não andavam de noite.

5. As danças e cantares acontecia todos os domingos no fogue da geita de boca ou, concertina ou mesmo só a cantar.

6. O borrarheiro era os homens que se mascaravam para deitar boralha às raparigas enquanto estas estavam a dançar.

7. Os mascarados e os "travestidos" era onde os homens se desfarrsavam de mulheres e as mulheres de homens, para brincarem.

8. Os casamentos, ainda hoje se fazem mas antigamente havia mais respeito pois muitos já eram namurados e alguns dos outros davam mesmo em casamento.

9. O "Enterro do Entrudo" era a seguir aos casamentos e eram os homens a darem a volta ao povo com o Entrudo, chutando e pegando e no fim queimavam-no.

10. Outros aspetos e a partir disto tudo, começava a Coaresma com muito respeito.

Estes eventos aconteciam pelo Carnaval, menos a Coaresma.

Assinatura: Maria da Luz Ramos Loureiro



INQUÉRITO (9)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leite.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Acafache*

Localidade *Tibaldinho - 3530 Mangualde*

Nome *Sedaltina Jesus Rebelo*

Idade *81 Anos*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Na altura do carnaval, era era quando quase todas as famílias matavam o porco que era criado durante o ano para consumo da casa.*

2. O jogo da bexiga *Era um dos divertimentos no carnaval quando punham a bexiga no ar tudo fazia para mão a vez no chão era divertido.*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *Destes dois era sempre complicado se houvesse uma destracão caia no chão e era uma chatise se não houvesse se não poderia ser o fim do jogo.*

V.S.F.F

4. As cegadas. Eram brincadeiras de Carnaval que apareciam sem serem esperadas (Ranchos - Fatos bonitos etc.)

5. As danças e cantares Faziam-se na massa aldeia e paróquias vizinhas. Quim quer alhos quer alhos ó meminas vemham vez tenho lá um restito d'alhos para tornar a vender Ronda o sol atrás da lua o sol atrás do luar a minha alma atrás da tua

6. O borralheiro A burralha era levada num pequeno balde aí iam deitando na cabeça de quem apanhavam mas ninguém levava a mal pois era carnaval

7. Os mascarados e os "travestidos" Muitos trocavam as mascaras quando pensavam em enganar a quem davam abraços e beijinhos e depois quando davam conta podia ser homem ou mulher.

8. Os casamentos Sempre foi tradição ainda hoje continua na noite de carnaval há uma selecção das idades depois com um fúmil grande num espaço de 50m vão dois rapazes falando um pelos rapazes outro pelas raparigas as amendoas só na Pascoa.

9. O "Enterro do Entrudo" No final dos casamentos a maior parte dos moços juntam-se e com apoio de alguns mais velhos com uma facha de palha e um boneco feito da mesma madeira queimado e depois deitam: Cumilão cumeste a carne toda mas não comes mais. foste um matandro. Vai pro inferno

10. Outros aspetos Durante muitos anos esta tradição foisse mantendo agora nem tanto mas ainda mais fraco fa-se o que se pode.

Assinatura: Sedaltima Jesus Rebelo

Alcachafe



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ①

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Alcajate*

Localidade *Aldeia de Carnalho*

Nome *João Soares Ferreira*

Idade *78*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Matam-se a farsa farsa e o murrinho farsa farsa
em casa na época de carnear, festejam a
matança em comunidade*

2. O jogo da bexiga *É um órgão do Porco, que se usa
ao calor do lenço, e se enchê de ar e se joga
como bexiga até reventar*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *costa farsa farsa farsa farsa
na farsa, em fila a farsa farsa farsa farsa
até farsa*

V.S.F.F

4. As cegadas. Um grupo de pessoas, que se vestem de trajes esfarrapados e em geral dizem palavras muito engraçadas e o jogo se diz assim.

5. As danças e cantares. As raparigas e os rapazes fazem uma roda e cantam as canções da época tudo muito divertido.

6. O borralheiro

7. Os mascarados e os "travestidos". Pessoas que se mascaravam e com as suas falhaçadas fazem sair o povo todo muito engraçado.

8. Os casamentos. Já muito dentro da noite os rapazes fazem um simulacro e através dele casam os rapazes e as raparigas, do qual alguns se tornam realidade.

9. O "Enterro do Entrudo". Consiste-se no final da festa carnavalesca, faz parte da tradição já de muito tempo a enterrar, cantando brincadeiras e outras

10. Outros aspetos. O casamento é uma festa em que se dizem coisas e se fazem outras coisas que decoram a ocasião. A corajaria para realizarem, mas como é casamento não se fazem coisas ruins.

Assinatura:





Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Castelo Branco

INQUÉRITO ⁽²⁾

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Alcafache

Localidade

Basal Mendonça

Nome

Ángela Maria Santana Vieira

Idade

66

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco

Matavam o porco para casa e as febras afeciam para os guijos que andavam a brincar ao entrudo.

2. O jogo da bexiga

enchiam-na e curima e depois colocavam-se em fila e era mandada para trás sem vermos

3. O jogo do cântaro ou púcaro

era-mos colocados em fila nas ruas principais e mandava-mos para a pessoa que estava a trás se o deixa-se partir essa pessoa saía e era assim sucessiva-mente quando mad' havi' cantaros acabava o jogo

V.S.F.F

4. As begadas

era feito um teatro na rua em que se dizia anedotas, rimas e algumas piadas para nos rirmos, uns dos outros.

5. As danças e cantares

em tempos antigos tinha mos ensaids de uma marcha para os dias de carnaval em que saí mos pelas ruas e dançava mos em rodas.

6. O borralheiro

↳ Não conheço não deve ter existido.

7. Os mascarados e os "travestidos"

São os homens que se vestiam tipo mulheres e usavam máscaras de velhas.

8. Os casamentos

eram feito de noite colocavam-se um cima das outras com um fuzil grande. Um de um lado outro de outro e descobriam quem namorava com quem.

9. O "Enterro do Entrudo"

eram feitas - nos todos no largo ao fe' da capela ^{em} havia um fuzil que fulgava e homem ^{era} morto e as pessoas de bem choravam e as do mal riã m-se. No fim queimava-se um boneco (que era o morto).

10. Outros aspetos

Nesta época aqui na aldeia não existe nada. Só em Nelas e Banas de Serhorim e que existem carros alle goicos. Ou seja mais parecido com o Brasil.

Assinatura:

Angela Maria Santana Vieira



INQUÉRITO

③

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Aloafache
Localidade casal-Mendo
Nome Elisio Tavares Pereira
Idade 65 Anos

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Sim Reunião-se várias
pessoas compravam um porco
e matavam-no e comia-se no fim
Os particulares matavam para consumo
2. O jogo da bexiga Sim de casa?
A bexiga era formada por um grupo
de pessoas em linha e o primeiro jogava-a
para trás das costas e iam seguindo a sua
3. O jogo do cântaro ou púcaro Sim é igual em fila
e dava vontade de rir quando se partia
e que tinha dentro um
corria-se na rua principal

V.S.F.F

4. As cegadas..... Sim é teatro de rua em que se dizia fieguições e anedotas para fazer risos

5. As danças e cantares..... Sim era um grupo à roda e ao labrão que ia um ao meio da roda e saía para roubar um par

6. O borrarheiro

7. Os mascarados e os "travestidos"..... Sim são pessoas que se vestiam de sexo oposto e com máscaras de modo que não fossem conhecidos

8. Os casamentos..... Sim os casamentos eram transmitidos com um fúmil nos arredores da povoação e eram publicados no mes de alguns conhecimentos sexuais e gerdiment com mocidade Zaijada

9. O "Enterro do Entrudo"..... Sim era um homem vestido de velho e era fulgado e morto depois punha no ndem caixão e as pessoas de velu choravam e as de real riatur

10. Outros aspetos..... O carnaval de hoje é alegórico desfilam eortes com Vários temas de política e outras Variações em Vária flocadidade como Nelas / canase cabana Elzio Tavares Pereira

Assinatura:

8 durante o ano aconteciam coisas
entre namorados e na noite de carnaval
era dito em público

9 Então era um boneco que
era queimado no fim.



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO (4)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Alcajache
Localidade basal Tibaldinho
Nome Delgim Pais Loureiro Santos
Idade 74

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco era feita entre o Natal e o Carnaval
para consumo de casa

2. O jogo da bexiga a bexiga do porco era guardada
cheia de ar a secar para o jogo do Carnaval

3. O jogo do cântaro ou púcaro o jogo começava no largo
da aldeia até se juntar o pessoal aí formava
se uma fila atirando o cântaro de costas para trás
e o que se deixava ir ao chão e partir era corrido com os cacos
atrás dele

V.S.F.F

4. As cegadas não havia

5. As danças e cantares eram feitas no largo da capela à roda com pessoas de todas as idades

6. O borrarheiro era uma pessoa mascarada que espalhava por brincadeira borralha contra as pessoas

7. Os mascarados e os "travestidos" eram homens que se vestiam de mulher ou vice-versa usando roupa velha e máscara de fanapos só a verem-se os olhos

8. Os casamentos eram feitos à alta da noite com um grupo de um lado da povoação para o outro lado anunciar os casais da noite

9. O "Enterro do Entrudo" nesta povoação não era tradição

10. Outros aspetos hoje estas coisas não acontecem

Assinatura: *Belgim Pais Loureiro Santos*



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

5

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Alefarede*
Localidade *Casal - Sandinho*
Nome *Maria da Luz Evangelista Pais Ferreira*
Idade *68*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Aqui matava-se o porco para casa e família que se reunia era uma festa nesse dia*

2. O jogo da bexiga *sim aqui jogava-se no carnaval os jovens juntavam-se todos a jogar e era uma alegria*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *também se jogava em fila até se partir e quem o parti se tinha que ir arranjar outro e as aldeias uniam-se todos a festa é o que hoje faz falta*

V.S.F.F

4. As cegadas aqui mãe Isaura

5. As danças e cantares sim dançava de muito e cantava muito era até as lantanas da madrugada era velhos e novos

6. O borralheiro também era tradicional vestiam-se diferentes ou seja faziam suco e passavam por nós e tocas a emborralhados

7. Os mascarados e os "travestidos" aqui também era tradição mascararem-se com máscaras e os homens vestiam-se de mulher e as mulheres de homem com as roupas mais velhas que tinham

8. Os casamentos também era muito bonitos os anos e era bonito até se realizavam menores a sério mas aqui tudo a calção

9. O "Enterro do Entrudo" aqui mãe Isaura

10. Outros aspetos O Entrudo era muito mais alegre do que agora sinto muitas saudades desse tempo agora tudo acabou temos que nos deslocar a outros sítios

Assinatura: Maria do Luz Evangelista Pais Fonseca



INQUÉRITO

6

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Leites*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Alcafache

Localidade

Fermeas de Alcafache

Nome

Leidália dos Santos

Idade

74

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *era feita por cada família para consumo próprio*

2. O jogo da bexiga *não existia*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *era formado numa linha feita e depois lançado de costas para trás começava do lado de trás e atravessando a porta até ao conselho de Visu acabando na última casa e vice-versa começando do lado de cá até* V.S.F.F
a capela

4. As cegadas ² não existia

5. As danças e cantares não existia^c

6. O borralheiro não existia

7. Os mascarados e os "travestidos" ² não passear em carro de bois ornamentados com um mascas vestindo-se de homens ou mulheres com roupa velha para não serem reconhecidos, trazendo também mascaradas fantasiadas de animais

8. Os casamentos eram festas ^{quando} chegavam de escuras aparecendo um homem e uma mulher (o pai e a mãe) e o casamento era festa com o padre a benzer as crianças festas de madrinha e de vizinhos num

9. O "Enterro do Entrudo" ^e não existia

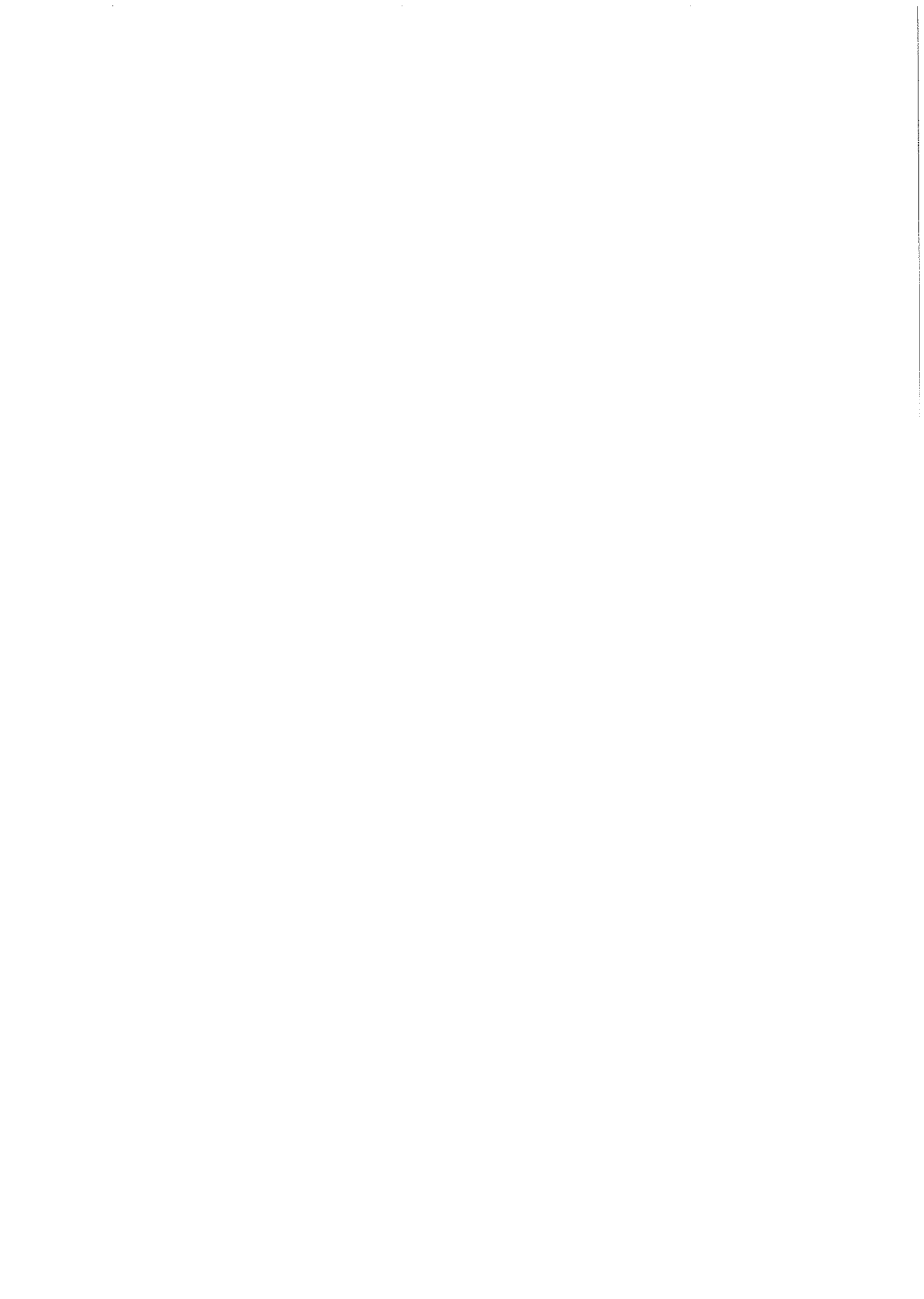
10. Outros aspetos atualmente o carnaval acabou

Assinatura: Leidália dos Santos

B) (cont),
prato velho,

existia uma panela velha de ferro que transportava a
água quente que tinha como função aquecer as crianças
e os noivos:

Depois do casamento era o leite



Fornos de Maceira Dão



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

1

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Fornos de Maceira Dão

Localidade Fagilde

Nome Dolores Cordos

Idade 79

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco matava-se o porco apanha-se e a ramalha para as morceas. Estava na se com polbo de centeis e era lavado, ao outro dia era desmanchado e a carne ia para a salgadeira e de alguma carne fazia-se os chourchos para sustentaria da familia neste ano

2. O jogo da bexiga era cheia antes e jogavamos a bola com elay dums para os outros em roda

3. O jogo do cântaro ou púcaro era jogado em roda uns para os outros aquele que o deixasse cair ia buscar outro e o jogo continuava!

V.S.F.F

4. As cegadas.....

5. As danças e cantares eram dançadas em roda, acompanhadas por gaito de boca e concertinos nos largos da capela.....

6. O borrarheiro era uma pessoa que usava vestido diferente do outros e trazia borrarha e a espelhaça por cima da meeminha, das que eles gostavam mais, detavam menos mas outros detavam mais.

7. Os mascarados e os "travestidos" eram homens que se vestiam de mulheres, e as mulheres de homens, vestiam trapos velhos e capotes do alheio, e usavam máscaras de meias e também punham mantos às costas, onde se apalhovam uns aos outros e depois a que era o caso sério?

8. Os casamentos eram detado com um fúmil de pouco por pouco anunciavam os compadres, e as comadres e eles respondiam uns aos outros,

9. O "Enterro do Entrudo" era um fachoço vestido com roupas velhas e palha, era fulgado ao longo da capela era lido o testamento e depois era queimado e as pessoas choravam muito por ele.

10. Outros aspetos tudo a caber, como dantes aparece um por outro mas nada igual

Assinatura:

Dolores Cardoso



INQUÉRITO (2)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Fornos de Maceira Dão
Localidade Fragosela
Nome Maria Inês Jesus Santos
Idade 68

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Faziam-se a matança do porco e toda a população ia com a carne
2. O jogo da bexiga e depois toda a gente cantava e dançava
3. O jogo do cântaro ou púcaro Também fazíamos uma grande roda e toda a gente utlizava as mãos com o cântaro até o partirmos

V.S.F.F

4. As cegadas..... bndana nas os olhos
um amigo até que
ele descobri

5. As danças e cantares..... cantam mas
todas em moda e
dansa namas até terça

6. O borralheiro..... feita de carnaval
começa na no domingo
maço até dia de carnaval

7. Os mascarados e os "travestidos"..... Enquanto as
andam a dar a actas
sem darem conta da se
mascar

8. Os casamentos..... sim. Junta-se um
grupo de Mapas e desta
os casamentos de Pains até ao

9. O "Enterro do Entrudo"..... na terça-feira
a noite junta-se
toda a população e foge
um boneco de palha e vertice
com raras velas e lá foge
10. Outros aspetos..... bem mais e lá
o carnaval até ao próximo
ano e assim as pessoas se
ade vertice muito e
era muito engraçado

Assinatura: Maria Juvénia Jesus Santos



Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora *Kadaluna Leito*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fornos de Maceira Dão*

Localidade *“*

Nome *José Peixoto*

Idade *78 anos*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... *O matador ia a casa do dono do porco, levava a faca. O dono do porco dava a pálica para a estona do porco. Ao fim de estonado era lavado e depois o sangrador pendurava o porco e abria-o.* *Se que
muita
feliz*
2. O jogo da bexiga ... *A bexiga do porco era cheia de ar para se fazerem a jogo da bexiga. Os rapazes alternavam numa rede com as raparigas e lançavam a bola uns aos outros que a defendiam.* *segue*
3. O jogo do cântaro ou ~~picão~~ ... *Os rapazes e raparigas lançavam de braços caídos um cantaro uns aos outros até que caísse no chão e partisse*

Panelinha : *mesmo jogo que do cantaro S.F.F mas em vez do cantaro ser lançado de braços caídos, era atirado para o ar para o rapaz ou rapariga seguinte*

4. As cegadas. Rapazes e raparigas vestidos de carnaval andavam pelas ruas pedindo e fazendo distúrbios e trapalhadas.

5. As danças e cantares. Homens e mulheres formavam uma roda dançavam e cantando cantigas de roda antigas. Em certas aldeias havia o despique entre dois grupos. O que formava a roda maior segue →

6. O borrarheiro. Era um homem mascarado que trazia uma vagilha c/ urina e borrarha. Quando via as pessoas aspergi-as c/ urina e borrarha.

7. Os mascarados e os "travestidos". Os homens mascaravam-se de mulheres e as mulheres vestiam-se com a roupa dos homens.

8. Os casamentos / cabacos. Dois grupos formados só por rapazes subiam às partes mais altas da aldeia e falavam por funis de um lado segue →

9. O "Enterro do Entrudo". Rapazes e raparigas enchiam-se um feto macaco com palha que simbolizava o Entrudo. Então ia à frente o padre (um rapaz trajado de padre) a seguir segue →

10. Outros aspetos ~~Jogo do cacha~~
jogo do pau: Dois rapazes cada um com um pau enfrentavam-se batendo no pau do adversário. Aquilo que um era atingido era iluminado e vinha outro substituí-lo ganhava quem ficasse por última e ganhava os 5 rubrudos ou 1 pirolito de bolo.

Assinatura:

Joni Teixeira

1. tirava-lhe a pressura e pendurava-a para exornar o porco aberto exugava. Passado 24h. era desmanchado, em peças destinadas pela governante da casa. Havia as partes para as chouriças que depois de feitas eram conservadas em azule as peças para serem consumidas mais depressa e as peças presuntos que iam para a salgadeira para serem comidos mais tarde. tudo o que fosse gorduras eram dentidas em pingue para vários temperos e para conservar os lombos de porco.

2. com as palmas das mãos atirando-a para outro, até rebentar a bexiga.

jogo do cantaro ou corrida: As mulheres com uma rodilha na cabeça carregavam um cantaro meio de água e tinham que percorrer uma determinada distancia com o cantaro em equilibrio sem o desear e ai ganhava quem chegasse primeiro e com o cantaro a cabeça.

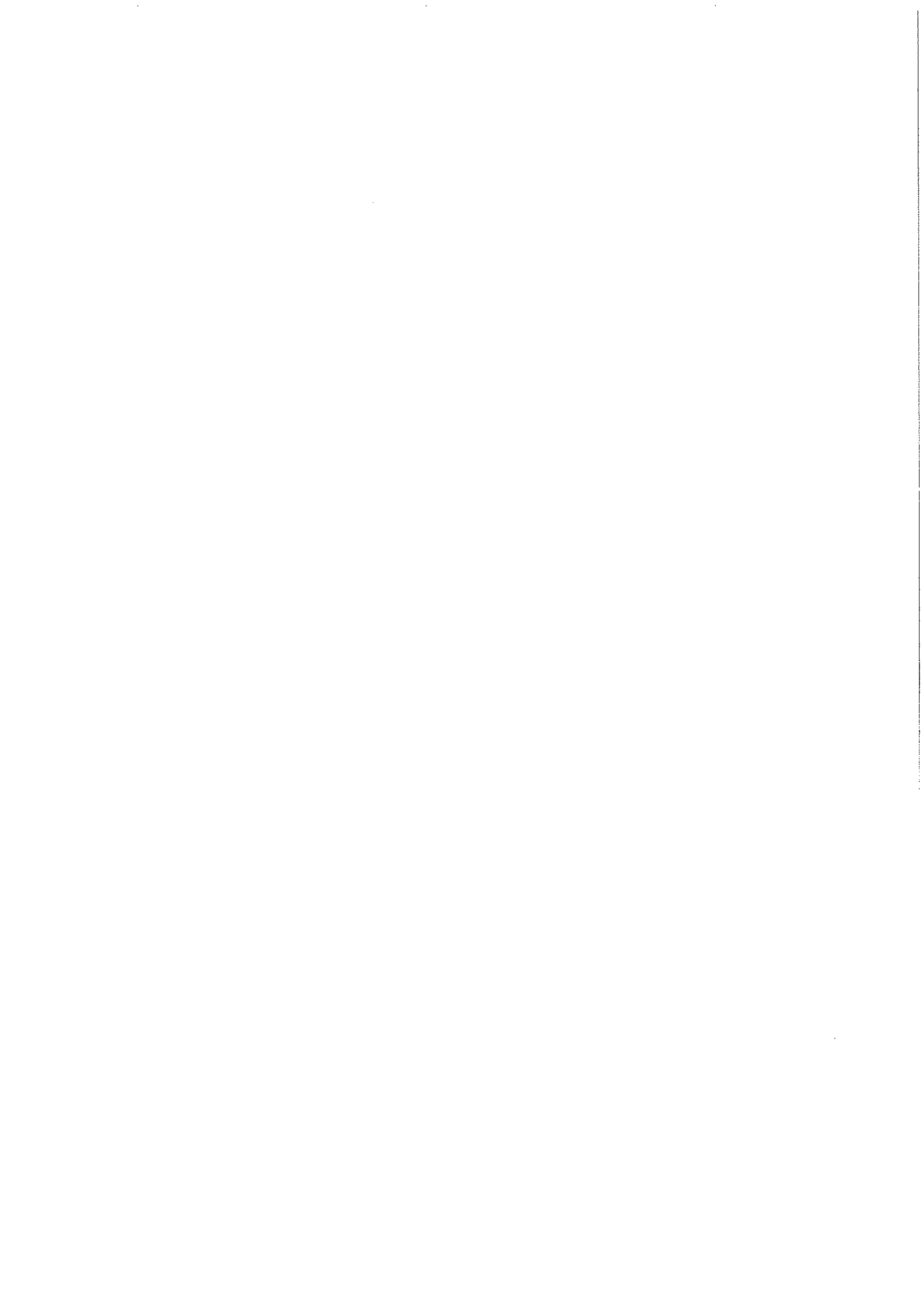
5. ou as melhores canções

8. para o outro dizendo: "O compadre vamos casar fulano com fulana." Que era o que dava as amendoas na Pascoa seguinte chamados "felhões"

9. ia o boneco deitado em cima de duas varas levados por 4 homens, muito bem vestidos de fato e gravata assim como os acompanhantes que clamavam durante o trajeto até ao largo onde queimavam o entrudo e então todos gritavam.

10. Num terreiro faziam um furaco no chão e ai punham uma pinha mansa fechada. Então um rapaz munido de um pau batia na pinha em direcção as canelas dos outros jogadores que tinham de se defender também com um pau abatendo a pinha em direcção a outro. O que fosse atingido pela pinha tinha de pagar 10 tostões de rebugados para os outros. Era a multa.

Jogo da choca





Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

4

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora *Madalena Leitão*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *De Fornos de Maceira Dão*

Localidade *Fornos de Maceira Dão*

Nome *Maria Augusta Ramos d. Oliveira*

Idade *66*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *era feita em casa por um sangrador que vinha de fora. Depois de morto, o porco era estarnado com palha de centeio*

2. O jogo da bexiga *Da matança do porco guardava-se a bexiga que se enchia de ar para se jogar este jogo. Formava-se uma roda rapazes e*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *tra rapazes e raparigas em roda atiravam o cântaro do barro uns aos outros até o cântaro partir*

V.S.F.F

4. As cegadas.....

5. As danças e cantares Em Fornos há uma diversão do povo: a eira e o erugeiro em cada um dos lados formavam-se danças e

6. O borrarheiro Pessoas da aldeia mascaravam-se de forma a não serem reconhecidos e deitavam borrarra e urina a quem

7. Os mascarados e os "travestidos" Em Fornos também se mascaravam. Os homens vestiam-se com roupa das mulheres e as mulheres com as

8. Os casamentos Em Fornos dizia-se: eabaços. Os rapazes subiam aos pontos mais altos da aldeia em direcções opostas. Com os funis

9. O "Enterro do Entrudo" Há meio-noite, faziam um boneco de palha e vestiam-no com roupa velha. Era colocado numa espécie de uma

10. Outros aspetos

Assinatura: Rario Augusto Ramo d, Oliveira

① Depois do estumado era lavado, depois era pendurado para escorrer. Depois ao outro dia era desmanchado. Normalmente, o porco era para consumo próprio. Faziam-se as moelas, as farinheiras e as chouriças depois de passarem pelo fumo nas lareiras da cozinha as chouriças e as farinheiras punham-se em azeite para se conservarem.

A restante carne era colocada nas salgadeiras com o sal e era aí que se conservava

② raparigas e iam passando a bola uns aos outros até rebentar.

③ Este jogo era também como o jogo do panelinha. Outro jogo do cantaro era as mulheres com os cantaros e cabeça cheios de água faziam corridas, quem terminasse a corrida sem deixar cair o cantaro ganhava

④ cantares de roda, no largo do eiro e ~~do~~ largo do cruzeiro. Havia um despique entre os dois lados para ver quem maior roda formava e mais canções cantava

⑤ lhes aparecesse à frente.

⑦ roupas dos homens tapavam o rosto e andavam pelo aldeio fora até alguém os reconhecer.

⑧ falavam de um lado para o outro. Há sorte casavam os rapazes e as raparigas solteiras.

“ P’ra se saber tinha de falar a rapariga

⑨ de uma padole (mace de madeira) Fazia-se o cortejo fúnebre. Na frente alguém fazia de padre a fazer-lhe os ofícios, e a traz as pessoas a girar. Ao chegarem ao largo principal era queimado.



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 5

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora *Cláudia Leite*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fornos de Maceira Dão*
Localidade *TABOÇA MANGUALDE*
Nome *António Leopoldo Rodrigues*
Idade *69*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *fiuha o matador, mata o porco passado dois dias, tinha fazer a Desmancha: a carne em metida na salgadeira para consumo da família;*

2. O jogo da bexiga *C*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *foi o da Suelinha; era jogado em fila, de costa para TRÁS.*

V.S.F.F

4. As cegadas. Era Brincadeira, que se fazia em grupos para se divertirem. As vezes tinha grupos de pessoas das outras localidades vindos.

5. As danças e cantares: Era danças de Roda: que se dançavam ao lado junto à capela até ao Noitecer.

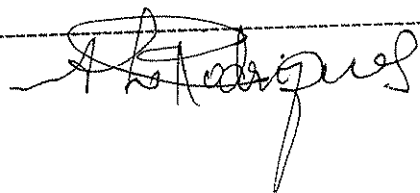
6. O borrarheiro: Era um homem esfomeado, que fazia uma farrinha, ou burreta, para as pessoas que ali passavam.

7. Os mascarados e os "travestidos" Os Homens vestiam-se de mulher e vice-versa. Vestiam-se de roupa velha; por vezes com MANTAS de lã e com uma máscara.

8. Os casamentos; CABACOS: ANUNCIAM os casamentos e COMADRES; ATRAVÉS de um jornal.

9. O "Enterro do Entrudo" Era um Boneco de palha, levado por quatro homens: numa faviola, percorrendo a povoação: parava-se em certos sítios: chorando e gritando como se fosse um funeral; depois era queimado no Largo.

10. Outros aspetos: Hoje em vez: ainda se fazem, mas já não como era antigamente.



Assinatura:



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

6

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Fornos de Maceira Dão

Localidade Talozze

Nome Cassido Rodrigues

Idade 69

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco vimha o matador a casa matar
a porco era para sustento de famílias

e o presunto e outra carne ia para a salgação
assim como a banha (para dizer no caldo verde)

A bexiga era cheia no mesmo dia e ficava a secar até
ao carnaval.

O jogo da bexiga
mas existia

3. O jogo do cântaro ou púcaro jogo de panelinha era

feito de duas filas de costas para trás

quem deixasse cair tinha de ir arranjar

outro.

V.S.F.F

4. As cegadas faziam-se grupos brincadeiras uns aos outros, para se divertirem

5. As danças e cantares eram feitos no largo de capela onde se juntava o povo. Dançava-se em roda até junto à noite, pois as moças tinham de recolher mais cedo.

6. O bortalheiro era um homem disfarçado que atirava fadilha e bonella para cima das pessoas que passavam por eles.

7. Os mascarados e os "travestidos" vestiam-se de homem e mulheres e vice-versa. Roupa velha usavam, mantas e usavam máscaras para não ser reconhecidos. Como por exemplo os venias.

8. (Os casamentos) Cabanos, ajudavam de noite a buzinar com o fútil dos bonecos e anunciavam os compadres e as comadres. Eram deitados os felhões que as mulheres mandavam rezar, se por acaso fossem encontrados os homens ^{que} era eles a rezar. No último dia é que davam os felhões (amêndoas).

9. O "Enterro do Entrudo" juntavam-se uma multidão de gente e uma padivela era levada por 4 homens, percorrendo a povoação e passando em certos sítios com o padu como se de um funeral se tratasse. Era feito de palha e queimado num largo. Tudo isto se feito no dia seguinte de carnaval.

10. Outros aspetos

Hoje apenas restam algumas brincadeiras só para lembrar o carnaval.

Assinatura:

Lassilda Rodrigues



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

(7)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Fornos de Maceira Dão
Localidade Pedreles
Nome José de Azevedo
Idade 80

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco era uma maneira de se juntarem alguns familiares mais chegados. Um senhor espetava a faca no porco enquanto outros o reguravam
2. O jogo da bexiga a bexiga do porco era guardada desde a matança do porco, para que nos três dias que se festejava o carnaval, ser uma brincadeira pelas
3. O jogo do cântaro ou púcaro era um jogo quase igual ao da bexiga, só que neste jogo quem deixa-se cair o cântaro ou o púcaro e se parti-se teria que sair

V.S.F.F

4. As cegadas... Des... a cegadas eram feitas por maraca-
dos... que fazendo-se de cegos andavam pelas ruas
e pelos campos e levadas as pedras que andavam...
5. As danças e cantares... As danças era a principal... origem
do carnaval... Faziam-se grandes rodas de pessoas...
velhas e novas, cantando e dançando numa...
6. O bortalheiro... quando avia feio fazia-se numa
grande fogueira, em que os mais velhos e
já tinha passado a época deles para as danças e...
7. Os mascarados e os "travestidos" geralmente avia pessoas
mais brincalhonas... duque outros... e eram estas
que se mascaravam e se vestiam de varias...
8. Os casamentos... Des... os casamentos... era durante a quarta
ma... que... com... uns fumis grandes se preguavam os
compadres e comadres... e que no dia de pascoa tinham
de dar as amendoas os comadres.
9. O "Enterro do Entrudo" era feito... na quarta feira de cinzas,
fazia-se... uma tumba de madeira... em que quatro homens
a transportavam... a companhia dos por um homem que fazia
10. Outros aspetos... Após o enterro de entrada... juntavam-se
todas as pessoas... junto de uma grande fogueira...
onde uns grandes painéis de ferro se coriam... numa...

Assinatura: José de Azevedo

Nº 1

Depois de morto era estocado com palha de centeio e bem lavado. Depois de pronto era deperdurado e aberto. Tiravam-se as tripas e fressura. Faziam-se um torresmos e los dos comião e belião: era uma grande alegria, era um dia bem passado. Faziam-se as moelas do sangue do porco e pão junto. Dias depois o porco era desmanxado e salgado.

Nº 2
pelas ruas da aldeia atirando de uns para os outros, enquanto outros se metiam ao meio para tentar agarrala.

Nº 3
do jogo e ir a procura de outros cantaro o outro picaro enquanto as outras pessoas se continuavam a divertir.

Nº 4
a trabalhar no campo eram obrigados a vir para a rua e mascaralos de varias maneiras, o carvão era a arma principal.

Nº 5
alegria infernal, De mãos dadas em tipo de cordão se dava a volta ao pouca cantando com alegria. Regressava-se ao largo da capela e as danças e cantares continuavam até altas horas da madrugada.

Nº 6
e cantares se aqueciam e contavam a anadotas uns aos outros e se riam as gargalhados divertindo-se da mesma maneira.

Nº 7
maneiras para meterem medo as pessoas. Vestiam-se com roupas de padres, de ricos, de pobres, mas sempre com mascaradas de varias maneira, algumas até metiam medo. Tambem alguns traziam frascos de urina mal cheirosa e aspergavam as pessoas como se fosse água benta.

dia
de padre e uma grande multidão de pessoas que faziam
uma gritaria infernal, mas a festa não acabava assim.

Nº 10
grande quantidade de fechos de nabos, chouricos carne
salgada com garrafoes de vinho, todos se regalavam
comendo e bebendo muita grande alegria e assim terminava
a festa do carnaval, pedindo a Deus para que no proximo
carnaval cá estejamos todos



INQUÉRITO

8

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora D. Aurora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fornos de Maceira Dão*
Localidade *Tibal de de cima*
Nome *Maria Cidália Santos Costa*
Idade *79*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Matador a casa, está made com palha de centeio, raspava-se com uma telha desmancha-se ao outro dia e a carne numa para enchidos e resto para a salgadeira*
2. O jogo da bexiga *enchiam a bexiga de ar, ficava a recer as pessoas punham-se em roda atirava-mos uns para os outros ao ar.*
3. O jogo do cântaro ou púcaro *era feita uma fila e o cântaro era atirado para o primeiro de fraz. Quando era partido iam buscar outros, quando não trouvesse mais cântaros acabava o jogo, mas percorria-se a povoação de cima a Baixo.*

V.S.F.F

4. As cegadas... não eram feitas

5. As danças e cantares dançava-se e cantava-se à volta do fogão de madeira ou arromóio, até à hora do jantar

6. O borrarheiro Era uma pessoa mascarada que trazia borralha consigo vindo da povoação vizinha e atirava borralha às pessoas

7. Os mascarados e os "travestidos" Os homens vestiam-se de mulheres e as mulheres de homens. Usavam roupas velhas e cara enfiada

8. Os casamentos Eram os cabacos, eram ditados com fuzil grande, chamando o companheiro para fazer o casamento do rapaz e a noiva eram ditados de cada lado de uma fazenda sem se verem um ao outro e na fase de dão as amendoas um ao outro

9. O "Enterro do Entrudo" fazia-se um boneco de palha punham-no no chão, uma pessoa vestia-se de padre e tocava bastante e fazia o enterro deitando o fogo

10. Outros aspetos Hoje em dia o carnaval já não tem graça, as tradições antigas vão acabando.

Assinatura: Maria Lidália Santos Costa



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 9

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora doutora *Madalena Leites*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fornos de Maceira Dão*

Localidade *Tibalde de Baixo*

Nome *Rosa Moreira*

Idade *73*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco

.....

.....

2. O jogo da bexiga *era feito no lago, quem estava-se tinha que ir buscar outra bexiga.*

.....

3. O jogo do cântaro ou púcaro *era feito em fila e o cântaro era lançado de costas para trás como se fazia em Tibaldinho.*

V.S.F.F

4. As cegadas... hã me lembro

5. As danças e cantares eram feitas no largo do chafariz da casa de todo o povo de Tibalde de cima juntava-se com o povo de Tibalde de baixo

6. O borrarheiro era um mascarado que ia buscar limpa às lazeiras ou à fogueira feita no largo e ia lazeando às pessoas que por ali estavam.

7. Os mascarados e os "travestidos" usavam mantas pelas costas, usavam meias na cara para não serem reconhecidos, normalmente imitando velhos(as) com bengala.

8. Os casamentos eram ditados de cima do Sr. Arturinho com um funil, de um lado o outro nos Mortórios, do lado de Tibaldinho juntava-se o povo perto do chafariz de Tibalde no largo, e diziam "O Companheiro" tudo igual a Tibaldinho. Quando o par agradava ditavam foguetes

9. O "Enterro do Entrudo" metiam numa urna um bocado de palha e davam a volta ao povo, era queimado no largo.

10. Outros aspetos

Assinatura: não sabe assinar



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO



Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Lúcia.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Fornos de Maceira Dão

Localidade Vila Garcia

Nome Manuel Pereira Amaral

Idade 51

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco junta-se a família para fazer a matança

abui-se o porco e tiravam a espinha (carne ensanguenta) e depois de abui-se a pele para comer enquanto se faziam os enchidos do animal. As tripas eram lavadas no rio para fazer os enchidos. Ao outro dia era demanchado, faziam-se uns pratos para dar à família e alguma coisa de

2. O jogo da bexiga A bexiga era cheia de ar, com uma bomba de bicicleta jogavam à bola tipo campo de futebol jogado ao pé! Às vezes também se jogava à mão atirando de uns para os outros.

3. O jogo do cântaro ou púcaro jogo dos panelinhos, era feito um cordão humano em que a panelinha era atirada de costas para trás procurando toda a aldeia.

Quando partia aparecia logo atrás, estando o pessoal a ser levado

V.S.F.F

x ia para a salgadeira, para ir comer durante o ano.

4. As cegadas... eram... brimadeiras... que se faziam vindo grupos de outras aldeias...

5. As danças e cantares dançavam em roda no bazo da espelha, até ao entardecer, as moças tinham de ir para casa mais cedo...

6. O borralheiro... era... uma pessoa vestida com roupa simples e velha... que atirava borralho para cima das pessoas que passavam...

7. Os mascarados e os "travestidos" havia gente que se vestia de homem e outros de mulher e vice-versa. Usavam roupa velha, sapatos dos pais, em palha, muitas usavam umas cuecas de papéis que eram pintadas e meias.

8. Os casamentos... eram feitos com muita família e rumo para o monte... para a igreja tinham uma lista com os nomes. A lista era afixada no café. Deitavam-se os filhos ou seja levavam o rapaz com a rapariga o primeiro que fosse visto tinha que levar a

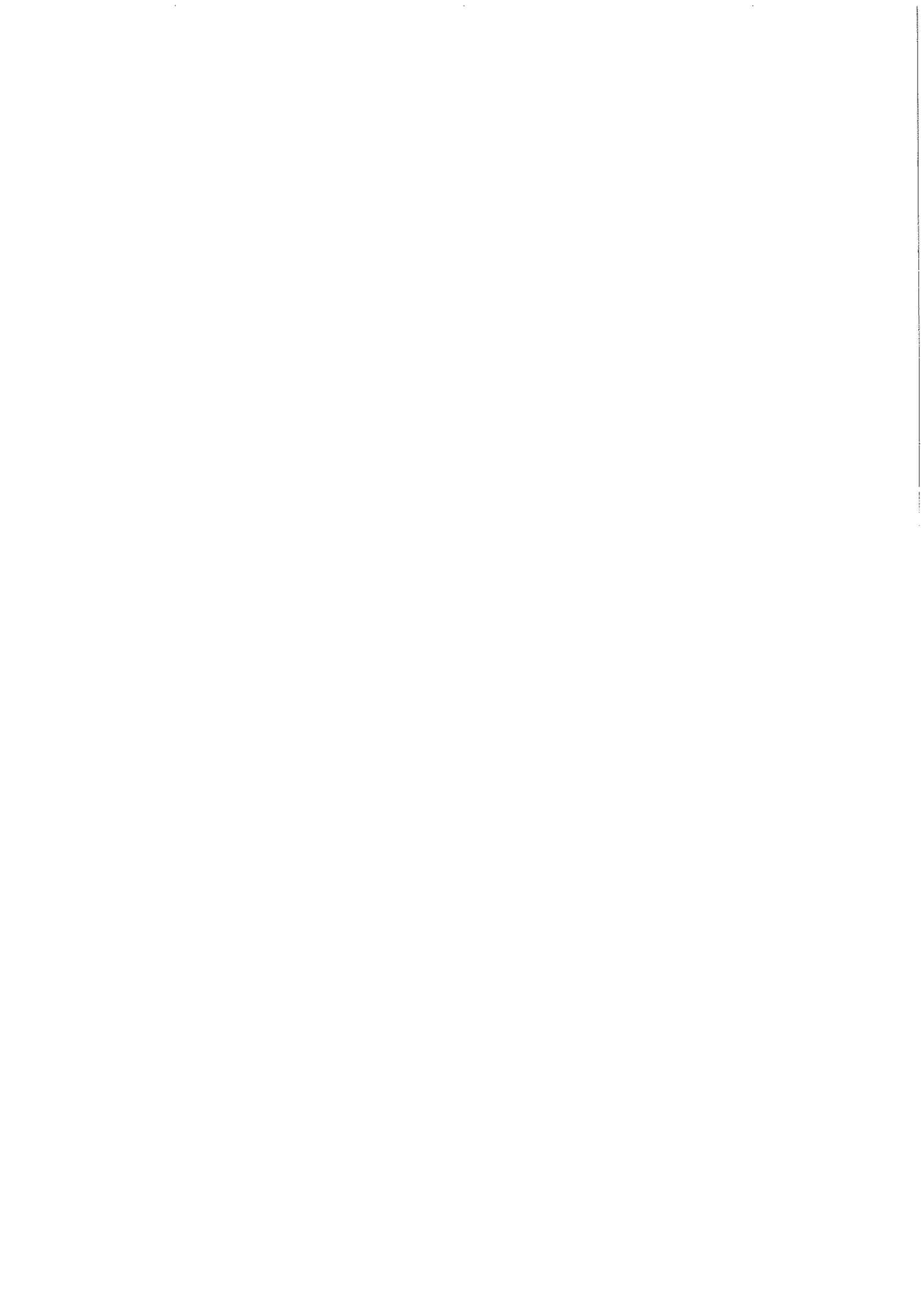
9. O "Enterro do Entrudo" fazia-se num palhaço de palha, vestiam-no com roupa de homem. Andavam pelo povo fora a chorar e dizendo "que morreu o entrudo". Passavam em alguns lugares para rezar como se fosse mesmo um funeral. Era punhado em terreno baldio por causa da cinza.

10. Outros aspetos

Aqui já não existe nada. Parece um dia normal de semana.

Assinatura: Manuel Perxoto Amaral

* e na Páscoa ele desce as amealhas.



Lobelhe do Mato



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ①

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Lobelhe do Mato
Localidade Lobelhe do Mato
Nome Antónia Nunes
Idade 76

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Matavam o porco, estava-se com palha, lava-se depois e a pendurado. O outro dia era desmanchado e juntavam a família para comer os terrees mos.

2. O jogo da bexiga Guardavam a bexiga do porco e secavam-na pelo carnaval enchiam-na de ar e mandavam umas para as outras, quando rebentava era uma festa, tudo se era.

3. O jogo do cântaro ou púcaro Fiziam uma fila de raparigas e deitavam o cântaro de umas para as outras até partir, depois a rapariga que o deitava cair tinha de ir arranjar outro.

V.S.F.F

4. As cegadas.....

.....

5. As danças e cantares Faziam rodas de dança, dançavam o picadinho, tocavam gaitas de boca, começavam ao limo do povo até ao fim do povo.

6. O borralheiro.....

.....

7. Os mascarados e os "travestidos" As pessoas vestiam roupas velhas e trajes velhos que tinham em casa, pintavam máscaras e andavam a pôr medo as crianças.

8. Os casamentos Andavam os rapazes de noite, com um funil na boca a deitarem os cabalos, depois os rapazes tinham que dar as amêndoas pela boca as raparigas a quem lhe catinhasse, muitos depois até se acabavam mesmo por casar.

9. O "Enterro do Entrudo" Vestiam um palhaço, deitavam-no numa carroça e corriam o povo todo, à noite, num largo deitavam-lhe o fogo e tudo chorava pelo entrudo.

10. Outros aspetos.....

.....

.....

Assinatura: António Nunes



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ②

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Uzeda.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Lobelhe do Mato
Localidade Lobelhe do Mato
Nome António Pereira do Couto
Idade 72

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Mata-se o porco e queimava-se
com palha de centeio lava-se e
desmanchava-se.

2. O jogo da bexiga Enche a bexiga da pua-lança
do porco para depois ardecer numa
de três para os outros.

3. O jogo do cântaro ou púcaro Faziam o jogo do cântaro
a mandava-se o cântaro para três das
costas e a pessoa de três mas o podia
deitar cair.

V.S.F.F

4. As cegadas. Era por um pano preto nos olhos e andava-se com um pau a trás das pernas.

5. As danças e cantares Saíam pelas ruas a cantar as canções mais antigas, e também dançavam.

6. O borralheiro

7. Os mascarados e os "travestidos" Havia muitas mascarados de muitos feitios.

8. Os casamentos Um mês antes do Carnaval começavam os casamentos e as casadas

9. O "Enterro do Entrudo" Fazia-se no final do dia de Carnaval o enterro funeral.

10. Outros aspetos

Assinatura: António Pessina do Paço



INQUÉRITO (3)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Lobelhe do Mato*
Localidade *Lobelhe do Mato*
Nome *Américo da Costa*
Idade *79*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *O porco era morto num banco de madeira e no fim estendido com um feixe de palha colocavam-no no espeto e na dita seguinte partiam-no.*
2. O jogo da bexiga *Usavam a bexiga do porco cheia de ar para jogarem e bola com ele.*
3. O jogo do cântaro ou púcaro *O cântaro era lançado ao ar num a file de pessoas. A que ficava na frente lançava o cântaro para trás. Quem o deixasse cair perdia.*

V.S.F.F

4. As cegadas. Às pessoas escolhidas era colocada uma venda nos olhos, davam-lhe uma série de voltas para ela ficar tonta. Quando fosse a procura dos restantes, tinha de os «palpar» e conseguir identificar alguém.

5. As danças e cantares... Dançavam numa roda e cantavam.

6. O borralheiro... Sentavam-se à volta do lareira e cantavam borralho.

7. Os mascarados e os "travestidos"... No dia de entrudo as pessoas vestiam-se e mascaravam-se de entrudo.

8. Os casamentos... Faziam-se os "casamentos" entre os solteiros e as solteiras da aldeia à sorte e sem corresponder à verdade.

9. O "Enterro do Entrudo"... Usava-se um espantalho como entrudo e fazia-se-lhe o enterro como se fosse uma pessoa que tivesse morrido. No final da procissão queimava-se o entrudo (espantalho).

10. Outros aspetos... jogavam jogos de bairra e jogos de pedrinha.

Assinatura:

Américo Cortes



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO (4)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Lobelhe do Mato

Localidade Lobelhe do Mato

Nome Dorinda Henriques

Idade 81

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Matavam o porco, lavavam as tripas do porco nos rios da aldeia, faziam as moçelas o outro dia desmanchavam o porco, comiam-se as febras e os tomesmos e davam-se os pratos com carne à família.
2. O jogo da bexiga Guardavam a bexiga do porco, secavam-na e enchiam-na de ar para brincar no Carnaval.

3. O jogo do cântaro ou púcaro Faziam-se filas de raparigas e deitavam o cântaro de umas para as outras quando o cântaro partia a que o deixou cair tinha de ir arranjar outro.

V.S.F.F

4. As cegadas Jogavam á cabeça cega, vendavam-nos os olhos e andavam a correr uns atrás das outras.

5. As danças e cantares Dançavam á roda, tocavam concertinas, vinham também ranchos de aldeias vizinhas e tudo dançava.

6. O borralheiro O borralheiro era o enteado.

7. Os mascarados e os "travestidos" Os homens vestiam-se de mulheres e as mulheres vestiam-se de homens.

8. Os casamentos Andavam os rapazes de noite com um funil abuzinar e deitavam os compadres e as comadres. Pela porta davam as amêndoas.

9. O "Enterro do Entrudo" Arranjavam uma carroça, com uma uena velha, deitavam lá um palhaço e á noite deitavam-lhe o fogo. Era uma gritaria no povo, tal igual como se fosse um funeral.

10. Outros aspetos

Assinatura: Dorinda Henriques



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ⑤

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Lúcio.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Lobelhe do Mato
Localidade Lobelhe do Mato
Nome Maria Cristalina Jesus Faria
Idade 74

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Colocava-se o em cima de um banco de madeira com pai de, espetava-se com uma faca para aproveitar o sangue e por fim queimava-se a pele com palha. O resto fazia-se o que se faz hoje em dia na matança, e igual.
2. O jogo da bexiga Enchiam a bexiga do porco com ur. Ur. pravam-lhe b. para dentro e fazavam o lala com ela.
3. O jogo do cântaro ou púcaro Colocavam-se em fila indiana os jogadores e colocavam o cântaro na cabeça de primeira pessoa da fila em seguida esta lançava o para trás para a pessoa que estivesse a seguir e ele na fila. Quem deixasse cair o cântaro saía da fila e perdia o jogo.

V.S.F.F

4. As cegadas... Colocavam um lenço nos olhos de uma pessoa e esta tinha de andar à procura das restantes... Quando...
...encontrava alguém tinha de apalpar esta pessoa até a conseguir identificar. Se não conseguisse devia de ir outra vez e procurar até conseguir acertar.

5. As danças e cantares... Havia danças e cantares... quando era realizado algum trabalho no campo (ex... che che, vindime; a casia de milho).

6. O borralheiro

7. Os mascarados e os "travestidos" Pelo carnaval... as pessoas...
...vestiam-se de entrudo e mascaravam-se...
...indo pelo povo fora.

8. Os casamentos (os labacos) Durante a noite luzimavam por um funeral... e "casavam" os solteiros com as solteiras
...é sorte.

9. O "Enterro do Entrudo" Fazia-se uma procissão... e levavam
...a funeral no dia do entrudo, com um espantalho dentro
de uma urna de madeira em cima de uma carroça e levava os
acompanhantes atrás. No final de procissão queimava-se o
entrudo.

10. Outros aspetos jogava-se o jogo de saltar com
...uma peça de cerpilheira nas pernas.

Assinatura: Maria Cristalina Jesus Faria



Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 6

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora *Madalena Leites*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Lobelhe do Mato*
Localidade *Lobelhe do Mato*
Nome *Maria Isabel AMARAL*
Idade *66*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Por altura de Entrudo as famílias realizavam a matança do porco, faziam-se as morciles, as chouricas e farinheiras e a restante carne era silgada, para servir de provisões para o restante ano.*
2. O jogo da bexiga
A lexiga de porco era cheia de ar e pendurava-se para secar para depois servir de "bola" para fazer um jogo no qual as pessoas estavam em fila e em sucessão para trás com as duas mãos.
3. O jogo do cântaro ou púcaro
Consistia em atirar um cântaro de barro, onde os jogadores estavam em fila e atiravam o cântaro para trás com as mãos.

V.S.F.F

4. As cegadas

O jogo de "cabra cega", um jogador de olhos tapados tinha que adivinhar pelo tato a pessoa que estava tocar.

5. As danças e cantares As pessoas juntavam-se no largo da aldeia e faziam danças de roda e cantavam.

6. O borrarheiro Os mascarados traziam sacos com berralha "cinga da loreira" e atiravam às pessoas que encontravam.

7. Os mascarados e os "travestidos" Normalmente as mulheres vestiam-se de homens e estes de mulheres, usavam roupas velhas, disfarçavam a cara com meias, usavam lenços e diápias.

8. Os casamentos Os rapazes solteiros juntavam-se à noite, numa zona afastada da aldeia, e anunciavam com um fúnel os "casais" de namorados e depois eram afixados numa lista na porta do fone comunitário.

9. O "Enterro do Entrudo" Arrafava-se uma carroça velha faziam um "palhaço" que era colocado na carroça, depois alguém se mascarava de padre e fazia-se o funeral e por fim incendiava-se o "palhaço", que era o "santo entrudo".

10. Outros aspetos

Assinatura:

Maria Isabel Amaral



INQUÉRITO P

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora *Madalena Lúcio*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Lobelhe do Mato*
Localidade *Lobelhe do Mato*
Nome *Olívia de Jesus Costa*
Idade *65*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... *colocava-se o porco em cima de um tronco feito em madeira, de seguida espetava-se o porco e por fim queimava-se a pele dele com palha.*
2. O jogo da bexiga ... *Usavam a bexiga do porco para jogar à bola, esta cheia de ar (sepravam-lhe para dentro dela).*
3. O jogo do cântaro ou púcaro ... *As pessoas colocavam-se em fila indiana e a primeira da fila tinha que levar o cântaro de barro ou púcaro de costas para trás, na direção da pessoa que estava a seguir na fila, quem não aguentar o cântaro deitado - o cair sai imediatamente da fila (perde o jogo).*

V.S.F.F

4. As cegadas. Este jogo era realizado da seguinte forma: uma pessoa colocava um lenço no olhos (vende) e ia à procura dos restantes jogadores. Quando adivinhava alguém tinha de apalpar a pessoa até descobrir quem se tratava. Caso se enganasse na resposta teria de contingir a pessoa e cantar.

5. As danças e cantares. As pessoas dançavam e cantavam muito antigamente em épocas de colheita do que era semeada nas terras delas.

6. O borrarheiro

7. Os mascarados e os "travestidos". Pelo carnaval as pessoas disfarçavam-se utilizando trapos e roupas mais velhas, chamavam-lhe de se vestirem de entrudo.

8. Os casamentos. Mais conhecidos por "os cabanos" em que se juntavam dois amigos e com um funil lançavam de noite numa janela "casando" os solteiros com as solteiras. (eram feito pares).

9. O "Enterro do Entrudo". Fazia-se uma procissão a recordar o funeral no dia do entrudo, utilizando um espantalho numa cova em cima de uma carruagem que era acompanhada pelas pessoas que gostassem de ir acompanhar. No final da procissão queimava-se o entrudo.

10. Outros aspetos. Havia o jogo do saltar à corda e o de jogar à boneca.

Assinatura: Cláudia Jesus Costa



INQUÉRITO

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Leitão*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Lobelhe do Mato*
Localidade *Lobelhe do Mato*
Nome *Rosa Rita Faria*
Idade *79*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Matava o porco, era estenado com palha de centeio, lavava-se, depois abriam-no, tiravam as tripas, era depois pendurada. Juntava-se depois a família para comer os torresmos.*
2. O jogo da bexiga *Quando matavam o porco guardavam a bexiga e pelo carnaval enchiam-na de ar e atava-se depois atiravam-na umas as outras.*
3. O jogo do cântaro ou púcaro *Formavam uma fila de raparigas e mandavam o cântaro umas para as outras, quem o deixa-se cair tinha de ir arranjar outro.*

V.S.F.F

4. As cegadas.....

5. As danças e cantares Formavam rodas na rua, umas cantavam, outras tocavam acordeão e concertinas, e tudo dançava.

6. O borralheiro.....

7. Os mascarados e os "travestidos" As pessoas vestiam-se com roupas velhas e metiam uma máscara para ninguém os reconhecer.

8. Os casamentos Na época do carnaval, às quintas-feiras e aos sábados, os rapazes de noite, deitavam os cabanos

9. O "Enterro do Entrudo" No dia de carnaval à meia-noite, vestiam um palhaço, metiam-no numa canga e percorria as ruas da aldeia, depois num largo queimavam-no e tudo chorava pelo entrudo.

10. Outros aspetos.....

Assinatura: Rosa Rita Faria



INQUÉRITO 9

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Leites.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Lobelhe do Mato
Localidade Lobelhe do Mato
Nome Rosete Lopes
Idade 68

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Matavam o porco, era estenado com patra de lenteio, lavavam-no, tiravam as tripas e era pendurado, ao outro dia desmanchavam-no e juntavam a família para comer as febras e os torresmos.
2. O jogo da bexiga A bexiga do porco era guardada e secavam-na pelo carnaval enchiam-na de ar e atiravam-na uns aos outros quando rebentava era uma risada.
3. O jogo do cântaro ou púcaro As raparigas formavam uma fila e mandavam um cântaro umas para as outras até que alguma o deixasse cair, depois a que o deixa-se cair tinha de arranjar outro

V.S.F.F

4. As cegadas.....

5. As danças e cantares Começavam as danças no Domingo Negro até ao dia de Carnaval. Formavam rodas, havia quem dançasse e quem tocava concertinos e gaitas de boca.

6. O bortalheiro O bortalheiro era um palhaço vestido de entredo

7. Os mascarados e os "travestidos" As pessoas vestiam roupas velhas e metiam máscaras para assustar as crianças, corriam aldeia de cima a baixo.

8. Os casamentos Os rapazes andavam de noite com um funil na boca, abuzinzarem, arrenjarem os casamentos. Ruidos depois chegavam mesmo a casar.

9. O "Enterro do Entrudo" No dia de Carnaval, vestiam um palhaço e deitavam-no numa carroça, a noite percorriam a aldeia toda e depois juntava-se muita gente num largo e deitavam o fogo ao palhaço. Toda a gente chorava pelo "Entrudo".

10. Outros aspetos.....

Assinatura: Maria Rosete Prazeres Lopes

Vilar Seco



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO ⁽¹⁾

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Leitão*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *V. Lar. Seco*.....

Localidade *V. Lar. Seco*.....

Nome *António Loureiro Borges*.....

Idade *74*.....

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Matavam o porco e queimavam o pêlo com palha. Lavavam o ~~co~~ o porco e abriam-no. Era pendurado no ^{chamaril} ~~chamaril~~ para esorrar o sangue.*.....

2. O jogo da bexiga *Enchiam a bexiga do porco e jogavam à bola com ela.*.....

3. O jogo do cântaro ou púcaro *Punham-se todos em fila e de costas passavam o púcaro para a pessoa de trás.*.....

V.S.F.F

4. As cegadas. Ceifar o trigo, centeio e cevada.....

5. As danças e cantares. As danças eram de roda.....

6. O borralheiro. As pessoas sentavam-se à fogueira.....

7. Os mascarados e os "travestidos". As pessoas mascaravam-se e andavam pelas ruas.....

8. Os casamentos.....

9. O "Enterro do Entrudo". Fazem um boneco, levam-no num caixão feito de madeira e as pessoas vão atrás dele a chorar. As pessoas vestem-se de branco e queimam o boneco.....

10. Outros aspetos.....

Assinatura: António Loureiro Borges



INQUÉRITO (2)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Vilar Seco

Localidade Vilar Seco

Nome Arnaldo de Sampaio

Idade 84

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Convidava-se um senhor especialista para matar o porco; Na matança das matrizes fazia-se um almoço entre a família; No entro da desmanchaia-se o porco e podiam-se fazer salgadinhos ou em guardado para comer todo o ano.

2. O jogo da bexiga Fechava-se a bexiga do porco jogava-se com ela; Servia também para dar critério aos anfitriões;

3. O jogo do cântaro ou púcaro Tabuleiros e tabuleiros cobriam-se com pó e jogavam o cântaro para trap; Quando partia, havia sempre um de reserva. Quando não havia cântaro, o jogo terminava.

V.S.F.F

4. As cegadas.....

.....

5. As danças e cantares

Os rapazes e raparigas faziam puros, dançando com uma canção e dançavam músicas próprias como por exemplo: o uta acaelante a saiz...

6. O borralheiro.....

.....

7. Os mascarados e os "travestidos"

O homem vestia de mulher e vice-versa eram roupas velhas e rotas; a máscara fazia-se de papelão deixando só os olhos e a boca abertos; alguns colocavam um bigode de rês.

8. Os casamentos

esta tradição era feita pelo S. Bartolomeu.

.....

.....

9. O "Enterro do Entrudo"

Arranjavam um palhaço, colocavam-no numa cadeira e davam volta ao povo. As pessoas choravam e gritavam até ao local onde era feito o enterro por parte dos presbíteros.

10. Outros aspetos.....

.....

.....

Assinatura:

Arenalde Paupais



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 3

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Rouhona Madalena Leitão*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Vilar Seco*.....

Localidade *Vilar Seco*.....

Nome *Ascensão de Campos Ferreira Laureina Borges*.....

Idade *67*.....

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Matava-se o porco, pendurava-se a escorrec para a beira seguinte e queimava-se o péla com palha. Maior parte da carne ~~era~~ era salgada e o resto era utilizado para fazer enchidos*

2. O jogo da bexiga *Enchiam a bexiga do porco e jogavam à bola com ela*.....

3. O jogo do cântaro ou púcaro *Ao... pessoas andavam em fila e, sem alhareem para trás, atiravam o púcaro para a pessoa que estivesse atrás dela*.....

V.S.F.F

4. As cegadas. Quando as pessoas ceifavam o trigo, centeio e cevada

5. As danças e cantares. As pessoas dançavam em roda e descalças para não gastarem as chinelas.

6. O borrarheiro. Quando as pessoas se sentavam à lareira

7. Os mascarados e os "travestidos". As pessoas mascaravam-se e andavam a brincar pela aldeia.

8. Os casamentos

9. O "Enterro do Entrudo". Fazia-se um boneco, punha-se num caixão e andavam mulheres a chorar a sua morte. Depois a boneca era queimada num largo.

10. Outros aspetos

Assinatura: A. Renção de Campos Ferreira
Loureiro Borges



INQUÉRITO (4)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora *Douçosa Madalena Leite*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Vilar Seco*
Localidade *Vilar Seco*
Nome *Bernardo Pereira Cardoso*
Idade *80*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco

.....

2. O jogo da bexiga

.....

3. O jogo do cântaro ou púcaro

.....

V.S.F.F

4. As cegadas

.....
.....

5. As danças e cantares

.....
.....

6. O borralheiro

.....
.....

7. Os mascarados e os "travestidos"

.....
.....

8. Os casamentos

.....
.....

9. O "Enterro do Entrudo"

.....
.....

10. Outros aspetos

.....
.....

Assinatura:

Berardo Pereira Cardoso

Vilar porco

Matança do Porco, era uma festa Familiar, Toda a Família assistia a Matança.

Do porco aproveitava-se tudo, carne ia para a salgadeira para dar para todo o ano, o Resto para entido Sangue com as gorduras das tripas, faziam-se as Murcebas Da Carne mais sangue fazia-se as bocheiras

com outra carne e depois de estar a partir em Vinho fazia-se as Choricas,

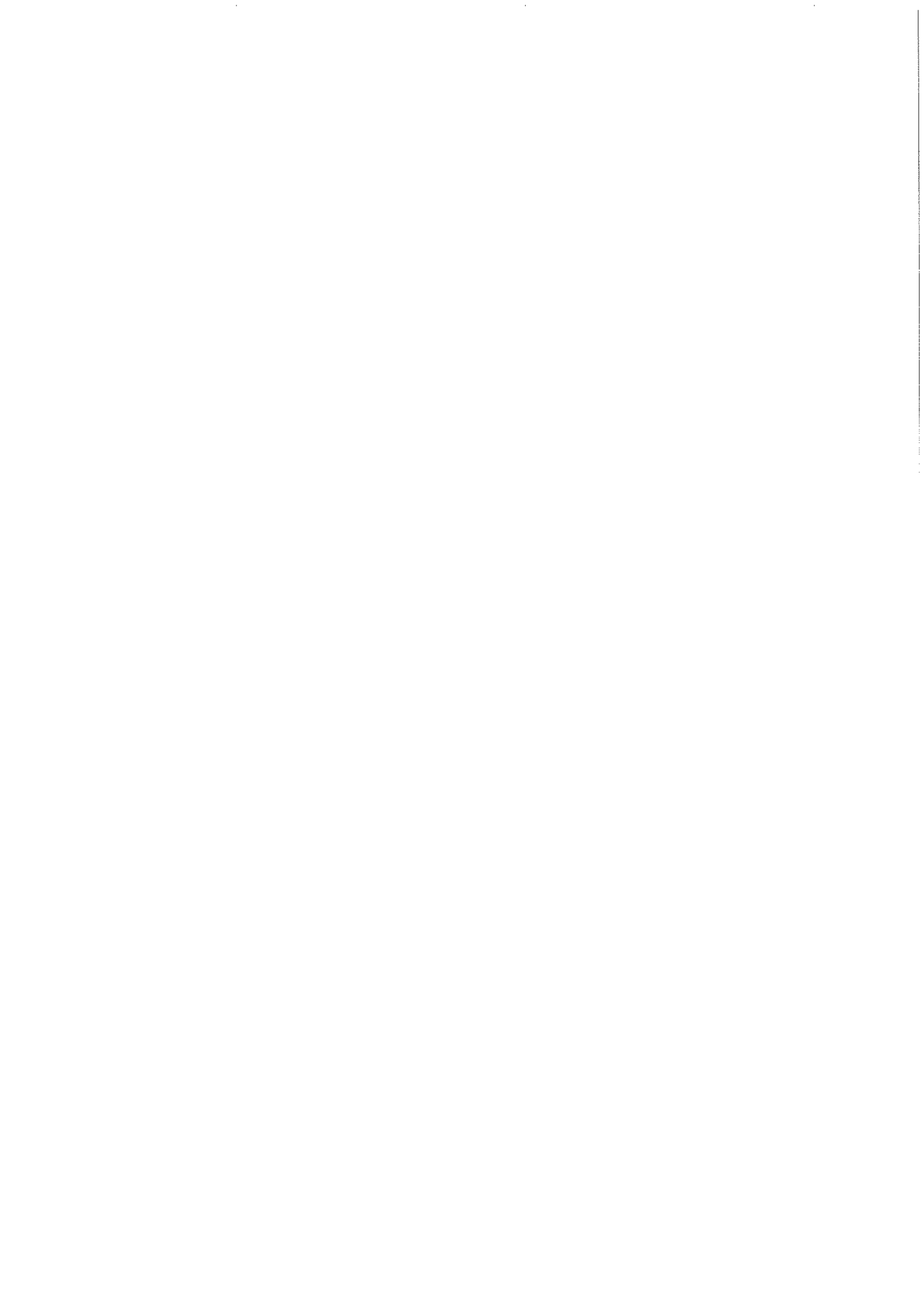
com carne gorda e galinha faziam-se as farinheiras a Bochiga do Porco servia para (enquanto dura-se) jogar a Bola.

Tambem havia quem se guarda-se, para depois de seca servia para dar Cristeres, quando as Tripas do nosso corpo não funcionavam bem.

O Yogo do Cantaro aparecia no Ante-penultimo Domingo de Carnaval.

Todo o Cantaro que durante o ano ficava inutilizado Para ir a Fonte, ficava guardado, para jogar o Cantarinho e naquela tarde enquanto havia Cantaros durava a Brincadeira. Porque era um jogo de Marcha-a-traz, Se a da Frente não joga-se o Cantaro bem, a que estava de traz não o agarrava e lá ia o Cantaro para o Chão.

enquanto isto as Pessoa Cantavam, Ora dizem mal dos Caçadores



No Domingo, Magro: as pessoas vestiam as Ropas mais velhas que tinham todas farrapadas, com Brasas Queimadas Pintavam a cara e davam a volta o Povo cantando Cantigas, que lhe viessem a Memoria, e acabava sempre com a Dança da Roda

Domingo Gordo, já se vestiam com as melhores Ropas que tinham, e Pintavam-se com Batim era uma oportunidade de se poderem Pintar que naquele tempo não era fácil.

e toda esta Brincadeira acabava com a Dança da Roda

No dia de ^{Cegados} entrada, já arranjavam Brincadeiras que pensavam em fazer e exibiam-se no lugar onde estivesse mais pessoas

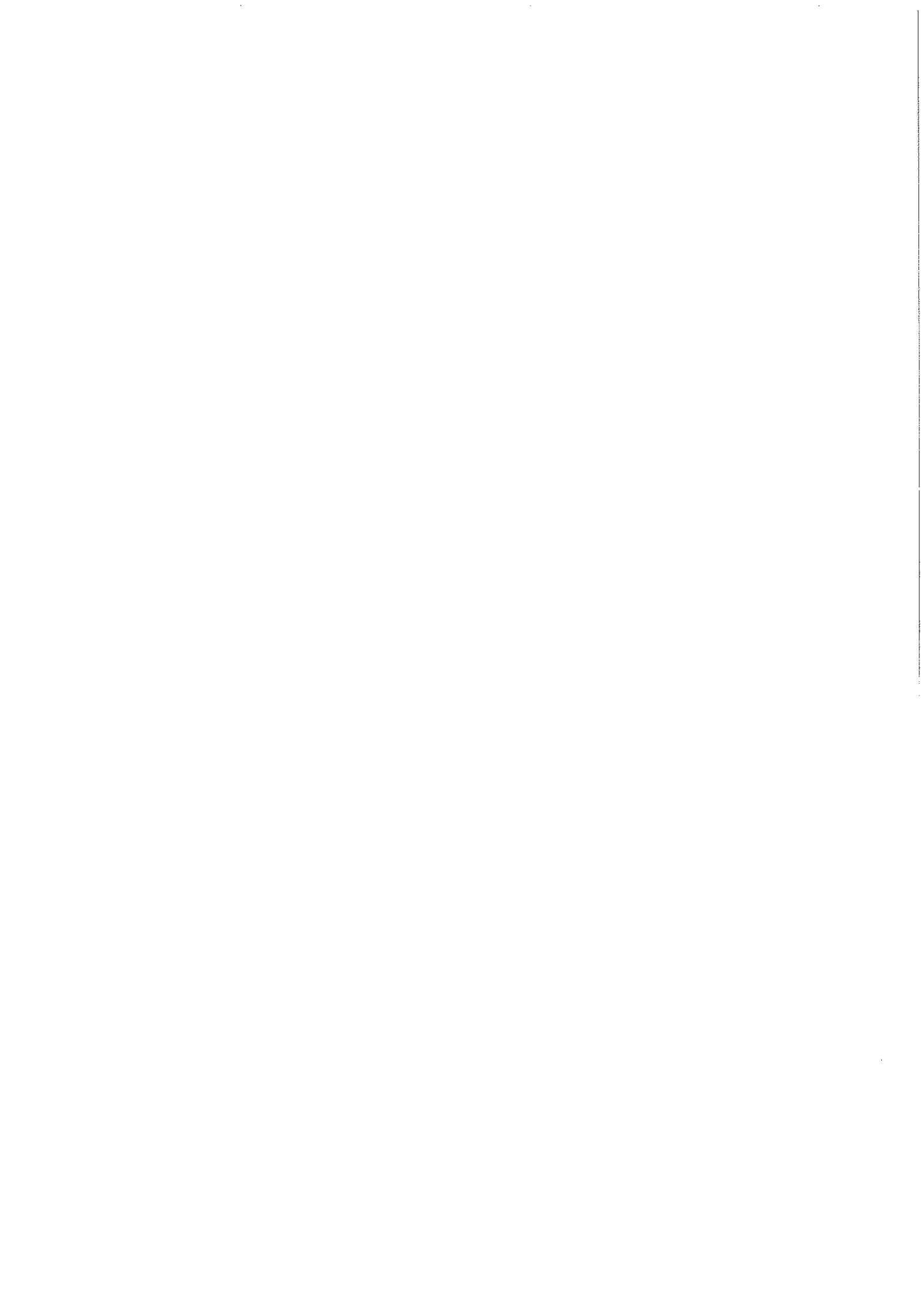
terminava, sempre com uma grande Dança da Roda

Mais tarde ali por os anos 50, começaram por arranjar uma contra-dança, com cantigas e danças que pensavam fazer cada um a sua maneira

foi assim muitos anos, até, dum Contra-Dança sair um Rancho Folclórico

As segadas, penso eu que era as vizinhos mais atrevidos

saíam de cara mascarado, e iam casa do vizinho, para lhe por medo, e não era fácil de se conhecerem, e lá iam a cara do outro vizinho até se darem a conhecer, e logo se comia e bebia, para festejar o Carnaval.





INQUÉRITO 5

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Brito*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Vilar Seco*.....

Localidade *Vilar Seco*.....

Nome *Clementina Santos*.....

Idade *84*.....

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco .. *Atividade realizada no Natal. Matava-se o porco e pendurava-se a escuras para a dia seguinte. No dia seguinte costurava-se as peles, sobrando maior parte da carne. O restante era embebido em ^{vinho} para fazer enchidos.*

2. O jogo da bexiga .. *encham a bexiga de porco de ar e utilizava-se como bola.*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *As pessoas andavam em fila pela porta e mandavam o púcaro para a pessoa que estivesse atrás delas.*

V.S.F.F

4. As cegadas

.....

5. As danças e cantares ... Eram... utilizadas gaitas de boca para fazer
música.....

.....

6. O borrarheiro ... Quando as pessoas se partavam e se sentavam
ao lume.....

.....

7. Os mascarados e os "travestidos" ... As pessoas mascaravam-se e iam
à casa das pessoas.....

.....

8. Os casamentos

.....

.....

9. O "Enterro do Entrudo" ... Na quarta-feira de cinzas quem morresse
em Janeiro e havia mulheres a chorar a morte do entretido

.....

10. Outros aspetos

.....

.....

Assinatura: Clementina Santos



INQUÉRITO 6

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Lúcia.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Vilar Seco
Localidade Vilar Seco
Nome Maria Fernanda Abrantes Crispim
Idade 71

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Realiza-se por matadouro, matando o porco entre Dezembro e o Carnaval. No dia seguinte desmancha-se o porco para a salgadeira, que servia de hoste para toda a família.
2. O jogo da bexiga Da matança, quicha-se a bexiga do porco, que fica a secar até ao Carnaval. Joga-se em fada com o mudo até ele rebentar.
3. O jogo do cântaro ou púcaro Juntam-se grupos de rapazes e raparigas com um cântaro de barro por um pé e um púcaro de cortar para trás; quando se fecha, não a trapar outro, se não houver terminada o jogo.

V.S.F.F

4. As egadas

.....
.....
.....

5. As danças e cantares

As danças e cantares juntavam-se nos lugares. Juncavam em roda, cantavam canções próprias como por ex: "O Paião da qualis Póca".

6. O borralheiro

.....
.....
.....

7. Os mascarados e os "travestidos"

Os homens vestiam-se de mulher e vice-versa; usavam máscaras de papelão ou puzes feitas para não serem reconhecidos; vestiam roupas das velhas, usavam perucas, lençóis, colchas etc.;

8. Os casamentos

.....
.....
.....

9. O "Enterro do Entrudo"

Atravessavam um galhaco, punham-no num pedaço, faziam quatro pernas, dando-lhe um pé, com lençóis brancos pela cabeça, com velas acesas tirando em determinados lugares próprios. Ditando algumas coisas menos próprias como por ex: "O Cadavro, comete-me as charricças todas e comete-me o porco todo"; O entrudo era queimado perto do Cristo-Rei.

10. Outros aspetos

As pessoas dirigem-se para a casa e casas para ver os casos carnavalescos.

Assinatura: Maria Bernarda Alarantes Cristino



INQUÉRITO 7

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora *Madalena Leites*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Vilar Seco*.....

Localidade *Vilar Seco*.....

Nome *Maria Gabriela Curcio*.....

Idade *89*.....

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Come-se a carne de todo a família e quando
termina vai-se o restante da família para fazer o chá*.....

2. O jogo da bexiga *Enchem a bexiga de pólvora de pólvora e
beiravam-na a criança para jogarem*.....

3. O jogo do cântaro ou púcaro *Enchem o cântaro com alguma
coisa e andavam pela aldeia a meter a púcaro
para a pessoa atá-lo de si. Quem não o partisse
ficava com ele*.....

V.S.F.F

4. As cegadas... Punham... um... lenço... na... olhos... e... com... um... pau... tinham... que... partir... um... picareco... que... estava... no... chão...

5. As danças e cantares... Dançava-se... à... roda...

6. O borrarheiro... As... pessoas... juntavam-se... todas... a... aparecerem-se... à... lareira...

7. Os mascarados e os "travestidos"... As... pessoas... mascaravam-se... e... andavam... a... brincar... pelas... ruas...

8. Os casamentos

9. O "Enterro do Entrudo"... Queimava-se... um... boneco... e... havia... as... mulheres... a... chorar... a... morte... do... Entrudo...

10. Outros aspetos

Assinatura:

Maria Esmeralda Barroso



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 8

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

VILAR SECO

Localidade

VILAR SECO

Nome

Maria do Patrocínio Lopes Gonçalves

Idade

78

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco

A Matança do Porco
é a minha alegria da família
em horticultura da parte mas foi
quando havia uma ^{manada} muleta no Porco

2. O jogo da bexiga

É a Bola do tempo que
não havia nada e jogava-se até
R. Bunter

3. O jogo do cântaro ou púcaro

Mais Cumbiado Por a
Pau bicho que se jogava dois
Domingos antes do Carnaval
Castava-se o Limão Verde

V.S.F.F

4. As cegadas

Era um que tinha os olhos vendados que tinha um guarda que tinha que passar outro por cima a venda

5. As danças e cantares

Avia no lugar da da fada da Papista ou seja o lugar do otiso Rei que dançava a Roda Couca na época

6. O borralheiro

Era um menino que vestia uma veste que se chama Borralheiro de vis quando o homem as pessoas

7. Os mascarados e os "travestidos"

No carnaval havia a ideia de quem eram as mulheres o homem e Modavoc as roupas para nos sim com vida

8. Os casamentos

No meio da Quaresma havia os noivos que sim ninguém sabe ja a mais a festa os casa muito grande com muita

9. O "Enterro do Entrudo"

Era uma forma de acabar com o carnaval e depois cada um clama a de sua maneira

10. Outros aspetos

Jogava o leite e avia a descasca do milho quando a hora de uma espiga feita era uma festa e mais uma festa com uma gaita de boia

Assinatura:

que faz uma festa Maria do Patrocinio Leys Joazeira?



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO (9)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia ... Martim

Localidade ... Largo da Igreja n. 10

Nome ... Manuel Jamito

Idade ... 76

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Era bem festejada pela família e amigos, com a sangria fazia-se as Marcelas e as terremas regados com a boa 'aguapé'

2. O jogo da bexiga A bexiga era seca e seca para ser jogada por velhos e velhas, em roda e asperito

3. O jogo do cântaro ou púcaro Uma grande fila indiana com o cântaro de barro a ser jogado para o elemento que vinha a retaguarda

V.S.F.F

4. As cegadas

5. As danças e cantares

Juntações de grupos que percorriam as ruas dançando nos largos da aldeia em rodas dançando contandancas e jogando-se o fado do lençinho.

6. O borrarheiro

para mim o jogo da borbatha era um jogo de mau gosto, porque quando a pessoa da comunidade mandava-lhe com ela para os olhos.

7. Os mascarados e os "travestidos"

Não havia dinheiro para comprar as máscaras, criavam-se a cara com um pano de renda e um lenço por cima, vestindo roupa velha.

8. Os casamentos

os homens vestiam-se de mulheres e vice-versa esta tradição era feita pelo S. Martinho

9. O "Enterro do Entrudo"

Um grupo de alguns elementos vestidos de branco a chodar atrás de um boneco de palha que no final era queimado, depois de terem percorrido as ruas da aldeia fazendo pequenas paragens como se fosse mesmo um funeral.

10. Outros aspetos

Hoje tudo isto acabou nas aldeias, toda a gente se desloca a outros sítios para os desfiles ~~de~~ carnavalescos.

Assinatura:

Manuel Jacinto



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

10

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Vila Seco
Localidade Vila Seco
Nome Vitória Gama Santos Pais Campos
Idade 65

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco. O matador tinha a casa de pessoa matar o porco, a desmancha era as orelhas de que ficava na salgueira para comer durante o ano.
2. O jogo da bexiga Guardavam a bexiga que era anterior medi cheia e seca jogava-se em roda (as pais e rapazes novos e velhos). Era atirada ao punho. Quem deixava cair saía do jogo.
3. O jogo do cântaro ou púcaro. O grupo juntava-se onde houvesse mais gente e formavam uma fileira onde a panelinha era lançada de costas para trás, quando partiam para buscar outro o jogo acabava pelo entendimento.

V.S.F.F

* chamava-se panelinha

4. As cegadas... em todas estavam de olhos fechados e acendavam um pelo lado de fora que cobriam um lenço atrás de seus olhos e depois abriam o olho para ver a estrela e iam atrás dela

5. As danças e cantares... juntavam-se grupos pelas ruas e em largos paravam para dançar danças de modo e folclóricos

6. O borrarheiro... vestia um mascarado com boné no bolso que atirava para as pessoas. Estas para desobediência quereria atrás dele e este para ver sua rebeldia atirava com a bala

7. Os mascarados e os "travestidos"... as mulheres vestiam-se de homens e vice-versa, usavam roupas de noivo, roupa feita com mantos por cima, usando máscaras de papel ou meias

8. Os casamentos... esta tradição era feita no S. XVIII

9. O "Enterro do Entrudo" era feito na 4ª feira de cinzas, à noite pelas 10h. Faziam com uns lenços brancos cada um com uma vela, outro feixe de pedras. O estudo era feito de palha e botões de roupa velha, levado num carro, dando a volta ao povo, paravam em determinados

10. Outros aspetos dos ritos como se de um funeral se tratasse, choravam e diziam metavam no vent depois era queimado junto ao custo rei.

Hoje não se faz nada

Assinatura: Vitorio Carapaz

Santar



INQUÉRITO ⁽¹⁾

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leite.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar

Localidade Santar

Nome António Cortes

Idade 80

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... O porco após estar bem gordo mata-se sempre a um carro de bois queimando-se com palha ceiteira, depois lava-se com umas telhas até ficar branco.

2. O jogo da bexiga ... A bexiga do porco era cheia depois de seca enchia-se de ar e brincava-se com ela pelo ar formando-se numa brincadeira engraçada.

3. O jogo do cântaro ou púcaro ... Um elemento pegava nos púcaros, jogava-a para trás, o que estava aqui agarrava e mandava para outro; por vezes existiam simulações para que ela partisse.

V.S.F.F

4. As cegadas... era muito conhecido pelo jogo da Cabra-Cega. Tapava-se os olhos a um elemento e este tentava adivinhar quem o batia.

5. As danças e cantares... Homens e mulheres divididos em pares, dançavam à volta e cantavam músicas muito próprias como por exemplo: à beira da madeira, eia que te eia etc.

6. O borralheiro

7. Os mascarados e os "travestidos" usavam máscaras enfarcadas com roupas trocadas, fantasiados; andavam pelo povo para meditar as coisas.

8. Os casamentos... A mulher de boa reputação vestia de branco; quem estivesse infame vestia outra roupa de cor. As cerimónias religiosas eram iguais às de hoje.

9. O "Enterro do Entrudo"... Era muito conhecido pelo "enterramento do bacalhão", andavam com um bacalhão fendurado num pau, atiravam com água e no final era comido entre todos com batatas e couves.

10. Outros aspetos

Assinatura:

Antonio Veiros



INQUÉRITO 2

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar

Localidade Santar

Nome António Nuno Simões

Idade 80

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco As mulheres criavam o seu porco; quando estava grande matavam-no; as pernas secavam-se no fumo das panelas e o sangue era bebido pelas mulheres para fazer as moedas.

2. O jogo da bexiga era feito com a bexiga do porco; enchia-se jogava-se ao ar e punha a animada brincar, agarrava-se um perfeito jogo de voleibol.

3. O jogo do cântaro ou púcaro Arranjavam um cântaro de barro que as mulheres guardavam; o cântaro era jogado para trás e quem o deixasse cair teria que arranjá-lo; cantava-se uma canção própria para este jogo; Em Santar, era conhecido o jogo de púcaro.

O Elvas o Elvas
 O penas! o penas
 Minhas são pequenas
 outras penas pequenas

O Elvas o Elvas
 O Penas o Penas
 Em Castelo Branco
 Está o meu amor

V.S.F.F

4. As cegadas eram consideradas as contradições; eram grupos de rapazes e raparigas, usavam muitas corchegas, faziam umas vestidas de chita de Alibonca, um lenço chinês; uns de cor de vinhas e outros com flores de papel e fitas de galão.

5. As danças e cantares era uma secção da que dance atrás; eram viras e danças de roda, dançando com fustes; existia isto no Centro de Freguesia.

6. O bortalheiro

7. Os mascarados e os "travestidos" As mulheres vestiam-se de Raparigas velhas; tapavam a cara com máscaras de papelão; cobriam pelo torso; metiam-se com as mulheres e atiravam coisas às paradas.

8. Os casamentos Uns rapazes num vestido de mulher e outro de homem, não fazem de propósito; dizem a noiva: já sete vezes fui casada já sete homens casados, ainda estou tão honrada, tal e qual como nasci; restou o noivo o mesmo o mesmo o mesmo; o mesmo que fica, ou eles eram barbeiros ou outros não tinham bico.

9. O "Enterro do Entrudo" era conhecido na nossa freguesia como o "Enterro do Bacalhão"; os rapazes compravam um bacalhão, penduravam-no numa parral e cantando dançavam a volta ao povo com muita alegria; no final comia-se o bacalhão e bebia-se o bom vinho.

10. Outros aspetos

Assinatura:

António Nuno de Sampaio



INQUÉRITO ③

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leite .

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar
 Localidade Santar
 Nome António dos Santos Neto
 Idade 73

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Arranjava-se uma banca de madeira com uma schieira para prender o porco do porco; picava-se com uma faca, o sangue era aproveitada para fazer porcelas; o resto da carne era metida numa seladoura
2. O jogo da bexiga enchia-se a bexiga do porco e servia de bola para jogar; quando se tentava, guardava-se para enchebar as botas; Este jogo era mais apropriado para os rapazes.
3. O jogo do cântaro ou púcaro Arranjava-se um cântaro de barro formava-se uma fila e mandavam o cântaro para trás; durante partida, arranjavam outros em casa dos pais; também se jogava com um cântaro de latão

V.S.F.F

4. As cegadas.....

.....

5. As danças e cantares. Danças e canções, com roupas compradas para aquela época, vestiam todos iguais (danças, músicas, canções outras) Colocavam luvas próprias como por ex: O Vira-ligeia.

6. O borralheiro.....

.....

7. Os mascarados e os "travestidos" Era muito feito pelos rapazes: enfiavam-se com carvão, os homens vestiam roupa de mulher, fazia um ruído para e ameaçavam as pessoas que encontravam.

8. Os casamentos. As cerimônias religiosas eram praticamente iguais as de actualidade. As pessoas mais abastadas vestiam de branco (bravas) Os homens vestiam um fato, as mulheres um casaco e uma saia.


9. O "Enterro do Entrudo" Era feito em Quinta-feira de cinzas. Comprava-se um bacalhão, enchurcavam-no, quita para fazer uma reza própria e depois era cozido com batatas e hortaliça.

10. Outros aspetos.....

.....

.....

Assinatura:





INQUÉRITO (4)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Santar

Localidade

Santar

Nome

Also Paixão Gardim

Idade

68

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A mataça do porco Si as pessoas com um nível de vida bastante razoável mataram o porco. As outras pessoas vendiam-no para as pessoas chaleiras. Matava-se praticamente de noite para fugir as moscas e outros insectos

2. O jogo da bexiga Enchia-se a bexiga com ar, jogava-se com ela, tomando-se numa brincadeira enfiada. Era tão resistente que por vezes feria de bola.

3. O jogo do cântaro ou púcaro jogava-se o cântaro para trás, este agarra-o e manda para outro. Quem o deixasse cair, teria que comprar um, ou ir buscar a casa.

V.S.F.F

4. As cegadas era conhecido pelo jogo de Cabas - cega. jogava-se nos lugares a puxar o vique, onde uma elemento de olhos vendados, pelo tacto tentava adivinhar as pessoas pela cabeça e cara.

5. As danças e cantares. Rapazes e raparigas dançavam à volta dos pares, efectuando vários passos de dança; cantavam-se temas tradicionais como por ex.: o entrudo, rama lúida, Sautar encosta, Sautar seduz.

6. O borrarheiro As pessoas ficam mais em casa, a fazer quando chega a esta fase, sendo que no borrarheiro se assavam batatas.

7. Os mascarados e os "travestidos" usavam várias peças de roupa velha, a tapar a cara, levavam uma pan para intimidar as pessoas. Os homens vestiam-se de mulher e estas vestiam-se de homens.

8. Os casamentos Os custos eram suportados pelos pais da noiva. A boda era feita em casa por uma Cozinheira da Terra, usando fundamentalmente os alimentos que se criavam em casa.

9. O "Enterro do Entrudo" Era conhecido pelo enterro do bacalhão. Dava-se volta à Terra com um bacalhão pendurado num pau, fazia-se uma festa própria e no final comia-se com batatas.

10. Outros aspetos

Assinatura:

Carlos Reis Juncal



INQUÉRITO ⑤

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar.....

Localidade Santar.....

Nome Hermínio Antunes Tavares.....

Idade 74.....

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Amarrava-se o porco a um carro, matava-se com uma faca suspensa que lhe atingia o coração; seguava-se para um alpendre de baixo para fazer miúcelas; a tripa era lavada nas águas do rio, para fazer cholénicas.
2. O jogo da bexiga Enfria-se a bexiga do porco, jogava-se voleibol com ela, entendendo um jogo; caso não se libertasse servia para beber de vinho.
3. O jogo do cântaro ou púcaro Montava-se um grupo de pessoas, jogavam o cântaro para trás para este o agarrar; quem deixasse cair perdia o jogo e tinha de comprar outro.

V.S.F.F

4. As cegadas Chamam-se o jogo da cobra-cega; tapam-se os olhos com uma faixa e, depois, andam em volta à procura de agarrar alguém; este é que segura o jogo

5. As danças e cantares ... As danças eram em roda, aos pares, e ao mesmo tempo cantavam músicas próprias;

6. O borrarheiro

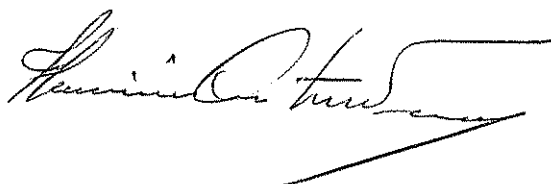
7. Os mascarados e os "travestidos" As pessoas mascaravam-se, pintavam-se com calão; vestiam uma roupa a mais velha possível; era um disfarce para não serem conhecidos...

8. Os casamentos A música faz parte do fato e a grandeza do noivo; A boda também era suportada pelos pais da noiva. Os amigos que não presenciavam a boda eram presenteados com um pedacinho de bolo de noiva.

9. O "Enterro do Entrudo" Era mais conhecido por "Enterro do Bacalhão", um bacalhão grande pendurado num pau, cortavam pela sua forma, fazia-se uma festa própria e no final comiam o bacalhão com batatas

10. Outros aspetos

Assinatura:





INQUÉRITO



Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leites.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar

Localidade Santar

Nome João Norais Costa Nogueira

Idade 92

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco O porco era seguro numa bancada de madeira. O matador espetava-o, o sangue caía para numa alquitara; a panela de lata servia para queimar o pelo e numa tacho era para o lavar bem lavado.

2. O jogo da bexiga O matador tirava a bexiga do porco, enchia-se de ar. Jogavam com ela; este jogo era mais frequentado pelos rapazes. Quando rebentava a bexiga, terminava o jogo.

3. O jogo do cântaro ou púcaro Um grupo de rapazes e raparigas colocavam-se em fila, num grupo o cântaro de barro para trás e este tinha que o agarrar; quando partia, as raparigas iam as suas casas arrastar o cântaro.

V.S.F.F

4. As cegadas

5. As danças e cantares

As raparigas dançavam melhor que os rapazes; dançavam à volta dos largos adequados; cantavam em conjunto batendo as palmas; as músicas eram próprias, feitas pelas raparigas do rancho...

6. O borrarheiro

era uma dança, onde havia bonecas, as pessoas aqueciam-se e comiam as duas refeições como por exemplo os torresmos, a moela e as feveras...

7. Os mascarados e os "travestidos"

Foi feito para os rapazes; enfarcavam-se com carne, tapavam a cara com roupas velhas; batiam à porta das pessoas, elas abriam, ficavam amustadas, mas tudo corria bem.

8. Os casamentos

As cerimónias religiosas eram praticamente iguais às actuais; as pessoas mais abastadas vestiam melhor, as mulheres iam de branco; quem suportava as despesas da boda era o pai da noiva; a boda era feita em casa e de responsabilidade de uma ou duas mulheres

9. O "Enterro do Entrudo"

Compravam um bacalhão penduravam-no num pau e percuravam as ruas da terra; esta tradição era feita em grandes fogueiras de cinzas; No final comiam o bacalhão com batatas e couves.

10. Outros aspetos

Assinatura:

João Moreira Costa



INQUÉRITO

7

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar

Localidade Santar

Nome Jose de Oliveira

Idade 82

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Quando o porco estava gordo, preparado para a matança, convidavam o matador, sendo o porco morto em cima dum carro de bois. Amarravam o sangue, mexiam-no para não coagular e faziam porcelas; Tudo isto era feito chusturas próprias do casal.

2. O jogo da bexiga mexiam a bexiga do porco e colocavam-na a Seca; depois improvisavam vários jogos com ela até rebentar.

3. O jogo do cântaro ou púcaro formava-se uma fila de rapazes e raparigas, jogavam o cântaro para trás; quando partia, havia sempre um cântaro duplente; quando partia o último, terminava o jogo.

V.S.F.F

4. As cegadas Os rapazes juntavam-se, arrastavam cadeias próprias para criticar as raparigas; Era tipo duma serenata, onde podiam ouvir respostas por parte das raparigas.

5. As danças e cantares dançavam à roda em grupo, cobrindo um "ladrao", um menino que seria para roubar um par; cantavam, por exemplo: O ladrao, ladrao, rouba, rouba, rouba; ja ca vai roubada ja ca vai pra mão; ja ca vai roubada no meu coracao.

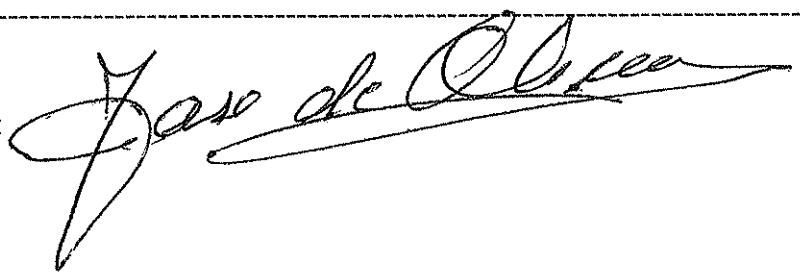
6. O borralheiro cobriam lenha pra fazer o borralho; abria-se com uma teia, para o calor da borralha, aquecer os pes; seria tambem para assar batatas pequenas ou castanhas.

7. Os mascarados e os "travestidos" As mascaras faziam-se de papelão, colocavam um disco de papel na cabeça; Vestiam roupas antigas de veludo, para ir aos bailes; outros pintavam-se com carvão, disfarçando-se e atemorizando as pessoas.

8. Os casamentos não há tradiçao em fazer neste caso

9. O "Enterro do Entrudo" era conhecido pelo enterro do bacalhao; Compravam um bacalhao, penduravam-no num pau e amparam pelas tuas; usam enxadas para esparramar tuas; no final, na adega dum amigo comiam o bacalhao e bebiam o bom vinho.

10. Outros aspetos Havia carroças enfeitadas com miúrosas, com duas crianças a fazer de filhas dando a volta ao povo. Contavam anedotas, etc.

Assinatura: 



INQUÉRITO

8

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leites.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar

Localidade Santar

Nome Maria Ester dos Reis Santos

Idade 77

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A mataça do porco Quando o porco está gordo, chamavam uma pessoa especializada para o assunto; matava-se numa banca de madeira e aproveitavam o sangue para fazer porcelas; era para consumo próprio

2. O jogo da bexiga Levavam a bexiga do porco jogavam com ela pelo povo fora; rapazes e raparigas alegravam-se com este jogo; quando acabavam a bexiga o jogo terminava

3. O jogo do cântaro ou púcaro Rapazes e raparigas colocavam-se em fila e jogavam o cântaro para trás; quando caía o cântaro, iam arrastar outro; andavam pelas diversas ruas de Santar, quando não havia cântaro, terminava o jogo.

V.S.F.F

4. As cegadas

.....
.....

5. As danças e cantares ... Os dançarinos eram em roda aos pares; os rapazes metiam-se na roda e roubavam os pares as raparigas. Cantavam canções próprias. Como por exemplo: *batata roubou-me a memória e não pôs teu lugar.*

6. O borrarheiro ... escolhiam batatas miúdas metiam-nas na brasa no meio do lume; as batatas ficavam torradas no meio da brasa comiam-se temperadas com azeite e vinagre e alho.

7. Os mascarados e os "travestidos" tapavam a cara com máscaras de papelão e pintavam a cara para não serem conhecidos; vestiam roupa comprida feita de lã e saqueavam nos largos de frequência

8. Os casamentos ... esta tradição organiza-se pelo S. Bartolomeu.

.....
.....

9. O "Enterro do Entrudo" ... Na quarta-feira de cinzas compravam um bacalhão penduravam-no num pad e davam a volta ao povo com ele. No final comiam o bacalhão com couves; diziam frases afiadas como por exemplo: *já lá vai, já morreu, até para o ano.*

10. Outros aspetos ... Na segunda-feira de Carnaval as raparigas não podiam sair à rua; os rapazes arrojavam farinha para cima das raparigas. Maria

Assinatura: Maria Ester Reis Santos.



INQUÉRITO

9

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Santar
 Localidade Santar
 Nome Maria Fernanda L. Marques Martins
 Idade 68

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Chamava-se um se queia estava habilitado neste assunto. Destacam o porco numa banc de madeira, três ou quatro homens seguravam a pele mulher aparava o sangue que era aproveitada para fazer chorcelas.
2. O jogo da bexiga era a bexiga do porco que era cheia de ar, era colocada por cima da bexiga para secar. Depois de seca os rapazes jogavam com ela pelo carnaval.
3. O jogo do cântaro ou púcaro este jogo iniciava o carnaval juntavam-se em fila mais raparigas do que rapazes pedia-se o cântaro para três e assim sucessivamente. Quando pedia, havia um rapaz já preparado com um cântaro suplente e o jogo nunca parava.

V.S.F.F

4. As cegadas.....

5. As danças e cantares. As danças eram feitas nos lugares, marchavam, cantavam, transportavam para bandeiras onde se identifica o nome do rancho. Em todos os anos, havia canções novas!


6. O borralheiro.....

7. Os mascarados e os "travestidos".....

8. Os casamentos. Vestiam-se de branco as noivas que fossem virgens; O Pai de noiva suportava as despesas da boda que era feita em casa, onde havia uma cozinha especializada. O bolo de noiva era feito por um doceiro de Santa Catarina, os noivos, os padrinhos, o resto era repartido pelas famílias que não estiveram no casamento.

9. O "Enterro do Entrudo" era conhecido pelo enterro do becalhão; Penduravam o becalhão num pau, ou numa parede coberto com um lençol branco, cantando canções próprias.

10. Outros aspetos.....

Assinatura: 



INQUÉRITO

10

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora *Madalena Leão*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Santar

Localidade

Casal - Freguesia

Nome

Maria Cândida Simões

Idade

82

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco

Antes... alguns tempos... em casa para esquecer, preparavam-se os preparativos para a matança. Era amarrado num carro de bois seguro por várias pessoas. O sangue servia para fazer morticela, o resto era para alimento da própria casa.

2. O jogo da bexiga

Tratava-se de ar a bexiga do porco, jogava-se com ela entre um grupo. Servia mesmo de bola pois a sua resistência era bastante assimilável.

3. O jogo do cântaro ou púcaro

Um grupo de pessoas desfilavam-se em fila jogavam o cântaro para trás de uns para os outros, quem o deixava cair era penalizado, mas tinha que ir à casa trazer outro.

V.S.F.F

4. As cegadas em Spantas era conhecido pelo jogo da Cebra-Cega. Um elemento de olhos vendados, tentava adivinhar pelo tacto, as pessoas pela cabeça ou pelo cara.

5. As danças e cantares As danças eram feitas em roda aos pares, realizadas vários pares de danças. Cantavam-se temas muito próprios como por ex: a lenda da mãeveira.

6. O borrarheiro

7. Os mascarados e os "travestidos" Usava-se peças de roupa velha para tapar a cara, também usavam uma máscara para a mediotar as pessoas. Com faruscas na cara, os homens vestiam-se de mulher e estas de homem.

8. Os casamentos As pessoas mais abastadas vestiam a noiva de branco. Os pais da noiva asseguravam as despesas da boda que era feita em casa por um cozinhador especializado. As cerimónias religiosas eram muito semelhantes às actuais.

9. O "Enterro do Entrudo" Era mais conhecido na zona Terra pelo "Enterro do bacalhão", Penturava um bacalhão num pano, davam volta ao povo com ele, fazia-se uma festa no povo e no final era comido com batatas.

10. Outros aspetos

Assinatura: Amário Cândido Sampuio

Fragosela de Cima



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

1

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Nadalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fragosela*

Localidade *Fragosela*

Nome *Conceição Rosa Pereira*

Idade *79*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *matava-se o porco nesta época por ser frio, faziam-se os chouricos, as murcelas, os tonosmos e depois salgava-se o resto.*

2. O jogo da bexiga *esta era seca depois enchia-se de ar e assim se jogava com ela nesta altura.*

3. O jogo do cântaro ou púcaro *os rapazes e as raparigas juntavam-se e iam pelas ruas atirando uns aos outros de costas voltadas.*

V.S.F.F

4. As cegadas... com os olhos vendados faziam...
rodas no largo da aldeia e a pessoa
que tinha os olhos vendados ia para o centro
ver se conseguia apanhar alguém.
5. As danças e cantares... cantavam músicas da
época carnavalesca e dançavam
ao toque de instrumentos tradicionais
6. O borralheiro... com carvão ou mesmo
nas panelas de ferro em farruseavam
a cara e cinza tudo misturado
7. Os mascarados e os "travestidos" com roupas velhas e
grandes os homens vestiam-se de
mulher e elas de homens cobriam a cara
e assim se andava pelas ruas da aldeia
8. Os casamentos os homens nas quintas feiras
de comadres e comadres iam para cima
das árvores de noite e nomeavam o casamento.

9. O "Enterro do Entrudo" para terminar tinhamos
um boneco cheio de palha que depois
de darmos a volta à aldeia em festa queimamos

10. Outros aspetos

Assinatura: Conceição Rosa Pereira



INQUÉRITO (2)

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co - orientação da Professora Doutora Madalena Lito.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fragosela*
 Localidade *Fragosela*
 Nome *Luís Carlos Marques Oliveira*
 Idade *72*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *nessa dia era bem pelo comúdio e comiam-se a primeira febras e tratava-se das morcela e carne para os enchidos e trabalhos nos agradant*
2. O jogo da bexiga *era também muito engracado depois de seca faziamos um balão e o b. Mais novas divertiam-se com ela*
3. O jogo do cântaro ou púcaro *era um jogo também para os mais novos penduravamos num sitio alto e com uma vara saltavamos até o partir*

V.S.F.F

4. As cegadas punhamos uma vendinha a tapar os olhos duma pessoa e ela sem ver tempo que apanshar um colega e a primeira a ser apantada ia para o lugar do ^{lugar} do ^{lugar} da vendinha

5. As danças e cantares juntavam-se rapazes e raparigas a cantar e a dançar a roda não tinhamos instrumentos musicais nós e que faziamos a festa a cantar e a dançar uns com os outros

6. O borralheiro iam os as lareiras pintavam os olhos e o bigode com carvão e cingia e brincavam os ^{teatros} era engracado

7. Os mascarados e os "travestidos" punhamos uma peça na cabeça a cobrir a cara faziamos uns bonecos nos olhos para poder ver e era assim que nos mascaravamos

8. Os casamentos faziam-se na quinta-feira antes do dia de entrudo escolhiam um rapaz e uma rapariga e no dia de entrudo faziam o casamento vestidos de noivos como se fosse verdade

9. O "Enterro do Entrudo" faziamos um boneco de palha e punham uma bomba no meio era vestido como um homem dançamos a volta aldeia como se fosse um funeral e a meia noite ~~quimava~~ ^{quimava} quando a bomba relutava era o fim do entrudo

10. Outros aspetos

Assinatura:

Burtona Marques Oliveira



INQUÉRITO

3

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Fragosela

Localidade

Fragosela

Nome

Diogo Patrício Almeida

Idade

69

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco. *Porco feita pelo carnaval, onde se juntavam as famílias festejando este dia com partes do porco.*
2. O jogo da bexiga. *Depois de seca, enchia-se de ar como numa bola, para depois fazerem as nossas brincadeiras.*
3. O jogo do cântaro ou púcaro. *O púcaro era pendurado e com varas saltavam até que alguém o conseguisse partir. O cântaro era passado de pessoa em pessoa atirando-o e agarrando o mesmo até que o deixa-se cair e partir.*

V.S.F.F

4. As cegadas. Num domingo antes do carnaval, vendavam-se os olhos a algumas pessoas e tentava o cego agarrar outra pessoa e essa passava a ser quem entrava para o lugar do cego.
5. As danças e cantares. Faziam danças e cantigas típicas da época cantadas e sempre acompanhadas pela harmonica ou (guitarra de lico) nas ruas de nossa aldeia.
6. O borralheiro. Na época do carnaval, as pessoas vestiam-se diferentes para esses dias e com uma coisa chamada "borralha" atiravam as pessoas tudo em forma de brincadeira.
7. Os mascarados e os "travestidos" Faziam as mesmas pessoas que faziam de borralheiro.
8. Os casamentos. Na quinta-feira de compadres e na de comadres, os homens subiam de noite às oliveiras onde faziam a nomação do namorado isto em voz que todas as pessoas tinham conhecimento.
9. O "Enterro do Entrudo". Para terminar a quadra carnavalesca, tudo em festa faziam num dos lugares da aldeia a queima do entrudo.

10. Outros aspetos

Assinatura:

Quente



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

4

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia ... Fragosela de Cima

Localidade ... Viseu

Nome ... Declinda Dias

Idade ... 68

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... Mata-se o porco fazem-se os ...
... morcelas, Desmacha-se o porco fazem-se ... as ...
... chourças, os presuntos comem-se as feiras ...

2. O jogo da bexiga ... A bexiga do porco é aproveitada ...
... enche-se de ar e serve de balão para se ...
... jogar no Carnaval ...

3. O jogo do cântaro ou púcaro ... O jogo do púcaro ...
... de mão em mão pela aldeia não se ...
... pode deixar cair ...

V.S.F.F

4. As cegadas... As pessoas metem panos na cara de maneira que não percebam que eram as pessoas.

5. As danças e cantares... As danças são tradicionais do Carnaval, com as canções do entredo.

6. O borralheiro... Com a borralha pintam-se os olhos e faz-se um bigode.

7. Os mascarados e os "travestidos"... Cada qual se veste à sua maneira. Desde princesas a bruchas.

8. Os casamentos... Comprometem-se os rapazes com as raparigas, para depois casarem.

9. O "Enterro do Entrudo"... O entredo faz-se de noite, a viúva chora a morte do marido, as pessoas vão-o acompanhar a rezar e a amante discute com a viúva. Faz-se o testamento e a amante também herdeira.

10. Outros aspetos... Deitam-se os compadres e as comadres.

Assinatura: (Arlinda Dias)



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

5

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação “Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho”, no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora *Doutora Madalena Leites*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *Fragosela*

Localidade *Respadmal*

Nome *Genília Ferreira da Costa*

Idade *75*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco *Para mim começava muito triste com a pena do animal, mas depois era uma festa, a família toda junta para saborear a febras com batata cozida. Sabiam muito mas para mim o que eu mais gostava era o canhão e as massas brincadeiras do mais novos uns com os outros.*

2. O jogo da bexiga

O que nós fazíamos com a bexiga decaíamos-la e faziam um balão, enchíamos de água e atirávamos uns aos outros o que a rebentasse percia o jogo

3. O jogo do cântaro ou púcaro *Também era engraçado pendurávamos numa corda amarrada duas alfornes um ligeiro alta e nós saltávamos com uma para até o conseguir partir o que o partisse era quem ganhava o jogo*

V.S.F.F

4. As cegadas era... uma brincadeira... em que cada um de nós andava com uma farda de pano com os olhos tapados e tinha que apanhar um de nós e o que fosse apanhado era quem era lançado a seguir e assim se continuava a brincadeira

5. As danças e cantares isto era o meu favorito, juntavam-se rapazes e rapariga no terreiro da aldeia andavam a roda a cantar e dançar uns com os outros era muito divertido

6. O borralheiro aqui iam os a cinza e carvão da lareira pintavam a cara toda preta e pegavam nos em cinza e atiravam uns aos outros era um pouco sujo mas engraçado

7. Os mascarados e os "travestidos" esta parte era a que eu menos gostava porque eu nunca sabia quem era o mascarado e confesso que tinha medo, mas era divertido

8. Os casamentos desta eu já gostava pois havia o noivo e a noiva faziam o casamento a fingir e havia uma festa como se fosse uma realidade

9. O "Enterro do Entrudo" aqui fazia-se um boneco de tamanho de um homem com paça e vestia-se e punham-lhe um boné no meio punha-se em duas tabuas e davam a volta a aldeia a fazer que choramamos e a meia noite queima-se e quando o boné se rebentava acabava o carnaval

10. Outros aspetos

Assinatura: Maria Emilia Ferreira da Costa



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

6

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora *Madalena Leites*.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia *fragosela de cima*
Localidade *fragosela*
Nome *Felizilda de Pascoencelas Lopes Marques*
Idade *66*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco fazis-se na altura do carnaval, como nessa altura não havia arcas frigoríficas as pessoas salgavam o porco todo e tinham que dar para o ~~cabo~~ cabo tudo...

2. O jogo da bexiga: A bexiga era estendida do porco, preparava-se e enchia-se e punha-se a secar e no carnaval as pessoas brincavam com ela.

3. O jogo do cântaro ou púcaro: O cântaro era de barro e as pessoas punham-se umas atrás das outras e esticavam no púcaro uma das outras, quando o cântaro caía co chitô e partia-se e acabava o jogo.

V.S.F.F

4. As cegadas, eram feitas de seguinte maneira: punham uma venda nos olhos de uma pessoa, e esta tinha que tentar jogar outro país, eles tinham que tentar fugir.....

5. As danças e cantares ao domingo à tarde as pessoas juntavam-se no largo da aldeia onde havia um homem que tocava concertina e as pessoas dançavam e cantavam ao toque de concertina.

6. O borralheiro etc. o borrelho de lareira onde as pessoas passavam as mãos e esfregavam-nas ao rosto e na freguesia das panelas pretas faziam os bigodes.....

7. Os mascarados e os "travestidos" etc. habitu os rapazes vestiam-se de mulheres e as raparigas de homens e punham uma meia de massa nas costas e uns bucos nos olhos e na boca para não serem reconhecidos.

8. Os casamentos faziam-se nos quintos feios dos campos de os rapazes à noite com um fútil punham-se um em cada espinha e perfuntavam o campo de seches que ficavam oze dos iscos com a Maria Mexiguda, aí é s

9. O "Enterro do Entrudo" fazia-se no dia de carnaval à noite onde colocavam um homem em cima de umas taboas e as pessoas iam atrás a gritar pelo entrudo que depois etc queimado.

10. Outros aspetos

Assinatura: Felisberto Rescuralopes e Lopes



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

7

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia

Fragsosela

Localidade

Aldeia Visconde José Pereira

Nome

Luínda Lopes Ferreira

Idade

74

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco Na época do carnaval mata-se o porco para festejar o carnaval, porque na quaresma não se comia carne.

2. O jogo da bexiga Punhamos a bexiga a secar, no fumeiro a secar com as chouricas para fazermos as rosas bincadeiras.

3. O jogo do cântaro ou púcaro Com o púcaro iam-se pelas ruas da aldeia atirando uns aos outros até que alguém o deixava se cair e assim terminava.

V.S.F.F

4. As cegadas. Faziamos uma roda e uma pessoa com olhos vendados ia para o centro da roda até este ou esta agarrasse alguém.

5. As danças e cantares Quando terminava uma brincadeira começava outra e assim as cantigas e danças duravam até tarde.

6. O borrarheiro Era feito com cinza e carvão mascaravam-se de forma que não reconhecessem as pessoas.

7. Os mascarados e os "travestidos" Homens e mulheres vestiam roupas para se disfarçarem e muitas vezes não eram mesmo reconhecidos.

8. Os casamentos Alguns homens nas duas quintas feiras antes do entrudo nomeavam rapazes e raparigas como fossem namorados e que iam casar.

9. O "Enterro do Entrudo" Para terminar as festas faziam um boneco de palha que depois era queimado e assim era o fim das festas.

10. Outros aspetos

Assinatura: Luínda Lopes Ferreira



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

8

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia ... Fragosela de Cima Nireu
Localidade ... Tibaldinho n. 15
Nome ... Maria Augusta Costa Pinto
Idade ... 66

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... pelo carnaval matava-se o porco
faziam-se as morcelas, chorizos, torresmos, e salgavam
-se os presuntos ... os restos das carnes.

2. O jogo da bexiga ... a bexiga enchia-se e recava depois
... dava-se para jogar a bola

3. O jogo do cântaro ou púcaro ... o jogo do cântaro eram
... várias pessoas de costas miradas a mandar
... o cântaro até que alguém o deixava cair

V.S.F.F

4. As cegadas... As cegadas era os olhos tapados com pano e tinhamos que agarrar as colegas da bricadeiras

5. As danças e cantares... As danças era a toque de gaita de Leiros

6. O borralheiro... o borralheiro as pessoas pegavam num corião e pitavão os olhos faziam uns bigodes

7. Os mascarados e os "travestidos"... os mascarados vestiam roupas velhas os homens vestiam roupa de mulher, as mulheres era de homem tapava a cara com com uma meia

8. Os casamentos... os casamentos eram as duas quintas feiras dos Compadres pela o entrudo que comemoravão os casamentos das raparigas da freguesia

9. O "Enterro do Entrudo"... o enterro do entrudo fazia-se um palhaço de palha e no final de tudo queimava-se e as pessoas gritavão na bricadeira

10. Outros aspetos

Assinatura: Maria Augusta Corta Pinto



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO 9

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co – orientação da Professora Doutora Hadelena Leitão,

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia Fragosela

Localidade Fragosela

Nome Maria de Jesus Almeida

Idade 67

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco umas semanas antes do ~~trabalho~~ carnaval matavam o porco nesta altura usavam mais carne e enchidos para os familiares

2. O jogo da bexiga lançavam a bexiga para fazer os jogos do carnaval.

3. O jogo do cântaro ou púcaro com o cântaro faziam uma fila de homens e mulheres depois atiravam o cântaro até cair e partir.

V.S.F.F

4. As cegadas Faziam uma roda e cobriam os olhos a uma pessoa que ia para o centro até conseguir apanhar alguém

5. As danças e cantares com as nossas danças fazíamos vários grupos e dançávamos cantávamos batíamos as palmas.

6. O borrarheiro um homem todo enfaruscado para a festa e tinha um saco com cinza e atirava as pessoas.

7. Os mascarados e os "travestidos" homens e mulheres vestiam-se elas de homem e eles de mulher e mascarados.

8. Os casamentos deixavam os namorados e namoradas que muitas vezes acabavam mesmo por casar

9. O "Enterro do Entrudo" na terça-feira do carnaval perto da meia-noite queimávamos o entrudo para terminar

10. Outros aspetos

Assinatura: Maria gomealves Almeida



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

INQUÉRITO

10

Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho

O presente instrumento enquadra-se no projeto de investigação "Manifestações Tradicionais Carnavalescas. O Entrudo em Tibaldinho", no âmbito do Mestrado em Animação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, sob orientação do Professor Doutor José Manuel Azevedo e Silva e co-orientação da Professora Doutora Madalena Leitão.

Trata-se de um estudo para recolher e comparar as manifestações carnavalescas da aldeia de Tibaldinho com as das freguesias limítrofes: Lobelhe do Mato, Santar, Vilar Seco, S. João de Lourosa, Fragosela de Cima e Fornos de Maceira Dão.

A sua participação neste estudo é importante. Pedimos-lhe que sejam o mais sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado

Freguesia ... *Fragosela de Cima*
Localidade ... *R. Cerdeirinhas N. 85*
Nome ... *Maria de Lourdes Amaral*
Idade ... *66*

Responda aos seguintes aspetos carnavalescos:

1. A matança do porco ... *depois de morto abre-se tirase as tripas, lavão-se, sempre, para as chouricas as mais finas, as mais grossas para as moxelas, das carnes são feitas torresmos e a mantiga salgada-se os presuntos e as outras carnes não havia mais era o Sal?*
2. O jogo da bexiga ... *lavava-se enchase de ar e ficava a Secar para se jogar com ela no carnaval ser via de Bola*
3. O jogo do cântaro ou púcaro ... *fazia-se uma fila de pessoas na rua passava-se o cântaro de uma para a outra sempre repetido - até partir*

V.S.F.F

4. As cegadas... fazia-se um pano nos olhos de...
um... fazia-se uma roda à volta... e... ele ou
ela... com os olhos tapados tinha que agarrar um...

5. As danças e cantares... eram feitas com uma
gaita de Beissos, ou concertina

6. O borracheiro... servia para a gente se
enfarruscar ou pintar os olhos
fazer os Bigodis com o carvão

7. Os mascarados e os "travestidos" vestiam-se...
Mulher... e as Mulheres de Homens... as...
era o enfarruscar com o carvão

8. Os casamentos... nas quintas feita antes do Carnaval
os Homens iam para os Altos das parvoações...
1 em cada canto falavam de uns para os outros com
um funil de alumínio o compadre a Maria e o Josefica
beem ou não o, o, o, o?

9. O "Enterro do Entrudo" fazia-se uma cruz com dois paus vestia-se
com palha vestia-se com roupa fazia-se a cama
pegava-se 4 pessoas e o resto chorava a trez dava-se
a volta depois deitava-se o fogo
assim terminava o Carnaval

10. Outros aspetos

Assinatura: Maria de Lúdes Amial